

CONTRA EL ANTICRISTO



C.R. Y& S

CONTRA O ANTICRISTO

CRISTO RAÚL DE YAVÉ E SÍON

Esta é a Vontade Presente de Deus: «Que todas as
igrejas se unam numa única e só»

7.-PRIMEIRO LIVRO. SÓ A FÉ. CONTRA LUTERO:

O Bobo do Diabo e o seu Pacto com os Príncipes da Nação Alemã

28.- SEGUNDO LIVRO. «SÓ A BÍBLIA» CONTRA OS DIVINOS DE WESTMINSTER

Resposta de um filho de Deus à Declaração de Guerra de Westminster contra a Unidade da Plenitude das Nações Cristãs

37.- O ARGUMENTO DO DIABO

65. — A PROVIDÊNCIA DE DEUS NA QUEDA E NA IGREJA, DE ACORDO COM A ASSEMBLEIA DOS TEÓLOGOS

75.- DEUS É O VENCEDOR

99. — A LIBERDADE DOS PREDESTINADOS À RAÇA SUPERIOR DOS ELEITOS

113.- O ESPÍRITO DA VERDADE

134.- O DIREITO DIVINO À LIBERDADE E O DEVER DE REVOLTA CONTRA A TIRANIA

151.- VADE RETRO, SATANÁS

LIVRO TERCEIRO. A INTERPRETAÇÃO ÚNICA. CONTRA ZWINGLIO

166.- O VENENO DA SERPENTE. ANÁLISE E REFUTAÇÃO DAS 67 TESES DE ULRICO ZWINGLIO

170.- «A ESPADA E A PALAVRA»

203.- A DOCTRINA DA EXCOMUNHÃO JESUCRISTÃ

206.- A SEGUNDA MORTE: INFERNO E PURGATÓRIO

210.- O CONFLITO DE AS DUAS AUTORIDADES : A CIVIL E A ECLESIASTICA

219. — A INSTITUIÇÃO DIVINA DA CEIA SAGRADA DO SENHOR

225.- A NATUREZA SAGRADA DO SACERDÓCIO A A IMAGEM E SEMELHANÇA DE CRISTO

234. — A DOCTRINA DO ANTICRISTO

242.- LIVRO IV. CONTRA CALVINO: ANÁLISE DO SÍNODO DE DORT

264.- EPÍLOGO ESPECIAL

PRÓLOGO GERAL

Ao leitor:

Aqueles a quem Deus abençoou com a leitura desta Resposta irão deparar-se com os termos «Jesucristiano» e «Jesucristianismo», que vos parecerão algo de novo, como se eu quisesse distanciar-me do *Cristianismo*. Que ninguém se confunda. Não há nada de novo. A fonte da Origem do meu Pensamento é Jesus Cristo. ELE é a fonte de todos os que n'Ele crêem. E o Seu Nome é usado por muitos para conferir aos seus pensamentos e doutrinas um Selo Divino, quando a Verdade é que a Origem das suas doutrinas e pensamentos é a sua própria mente. Eu sigo aqui à risca a Doutrina do Espírito Santo, que desde o Princípio deixa claro que Jesus Cristo é a Cabeça de todo o homem. Compreendo que a minha cabeça é Ele e, portanto, o meu Pensamento não é meu, mas sim Dele. O meu Criador é Tudo em mim; eu, Homem, sou uma manifestação da Sua Existência.

Mas, antes de continuar a esclarecer esta Unidade entre Espírito e Carne, entre o Criador e a Sua Criatura, quero estabelecer a Concepção do Espírito Santo na qual fui formado pelo meu Criador.

Deus concedeu um Corpo Visível e Eterno ao Seu Espírito. Esse Espírito desceu do Seu Ser, Pai e Filho, e transfigurou a Existência daqueles Doze Homens que foram gerados à Imagem e Semelhança de Deus, Filho Unigénito, para participarem Nele de toda a Sua Glória. É deste Espírito Santo que dizemos que é Deus. E, como participante da Glória do Filho de Deus, Ele governa e reina no Reino de Deus Pai para a salvação de toda a Criação, caída na dúvida daquela geração rebelde de filhos de Deus, que vemos chamados a participar na formação do Género Humano quando o Primogénito de Deus disse: «Façamos o Homem à nossa Imagem e à nossa Semelhança», de onde se depreende que o Homem foi criado para ser filho de Deus. Mas a Inveja conduziu ao homicídio uma parte desses filhos que preferiram arrastar a Criação para uma Guerra Universal, aprisionando o Género Humano no seu inferno e transformando a Terra no campo de batalha final, antes de se submeterem à Lei do Espírito Santo, que foi dada a todos os filhos de Deus, da Terra e dos outros mundos que, naquela altura, no Início da Criação do nosso Universo, já desfrutavam da vida eterna no Mundo de onde veio o nosso Rei e Salvador, Jesus Cristo, o Nosso Pai em Deus. A Lei do Espírito Santo era firme, todo-poderosa e incorruptível: «Não matarás», ou seja, «não farás a guerra», «Não mentarás», «NÃO invejarás», «Não darás falso testemunho», etc.

Assim, Deus quis dar um Corpo ao seu Espírito Santo, para que, permanecendo Deus connosco e entre nós, pela eternidade, o joio maligno da mentira, mãe da guerra, não encontrasse terreno fértil na Criação. Deus quis, portanto, primeiro mostrar-nos na Carne o seu Espírito, que vive no Seu Filho, e, uma vez selada a Carne com a Sua Vida, fez com que o Espírito Santo de Deus descesse sob a forma de Fogo para fazer dos seus Eleitos o seu Corpo Visível e Todo-Poderoso, que se assenta em torno do Trono do Rei Eterno e Onipotente, Jesus Cristo, para o bem de todo o seu Reino.

Nós, filhos de Deus, não reconhecemos outro Espírito Santo senão este Corpo Sagrado Apostólico, cujas Palavras são as do seu Senhor e Deus, Jesus Cristo, a quem Deus Pai colocou como Deus de toda a sua Criação, e quem não dobrar os joelhos perante este Trono de Glória declara-se em rebelião contra o seu Pai. Por isso diz o Filho: «O Pai glorificou-me antes da Criação e voltou a glorificar-me». Pois, de facto, esse Filho, nosso Rei e Pai, é a Causa Metafísica que move o Coração do Deus da Eternidade e do Infinito, sem cujo Amor o seu Ser não teria sentido de vida. E porque a inveja da Glória de Deus, o Filho Unigénito, foi a causa da rebelião, o seu Pai quis elevá-lo ao Seu Trono Divino, para que ninguém, na Eternidade, volte a atrever-se a permanecer de pé, no domínio do Poder, perante a Glória do seu Filho. Mas Deus, sendo Amor, por ser o Verdadeiro Pai, não querendo confundir a Glória do Unigénito de tal forma que a Primogenitura fosse absorvida pela Necessidade de estabelecer esta Realidade perante os olhos de todos os seus filhos, quis dar um Corpo Vivo a este Amor de Pai, para que todos saibamos que no Amor temos absolutamente tudo e que, pelo Amor, Deus se torna Homem, Amigo, Irmão, Pai. E este Espírito Santo que se fez Homem é o Corpo dos Apóstolos; por isso, quando se fala do Espírito Santo, quem não fala desta Casa dos irmãos de Jesus Cristo em Deus não fala do Espírito Santo. Enganaram-vos e continuam a enganar-vos.

Por isso, existe apenas um Evangelho, o do Espírito Santo, que eles defenderam com as suas vidas perante as gerações dos seus carrascos, Evangelho Santo herdado pela Igreja, a Esposa do Senhor, a Nossa Santa Madre Igreja Católica Apostólica, com sede em Roma, a quem, em testamento, foi deixado para que o divulgasse à plenitude das nações ao longo dos milénios, como de facto tem acontecido.

Esse Espírito Santo, Corpo Vivo, participante da Glória do Unigénito, o Primogénito de Deus, Criador do Cosmos, foi o Corpo nas cujas mãos Deus pousou as Suas para erguer um Templo à Coroa e ao Senhorio do Seu Filho: A SANTA MÃE IGREJA CATÓLICA. E nós, filhos de Deus, não reconhecemos outro Espírito Santo senão este Corpo Sagrado, nos cujos membros Deus habita, cuja Doutrina está escrita, e pela sua Palavra, que é a Palavra de Deus, sabemos e fomos ensinados que Cristo Jesus é a Cabeça Sacerdotal de todos os Bispos, e que a Igreja é o seu Corpo.

Portanto, todo o homem que fala do Espírito Santo fora desta Verdade Eterna não provém de Deus.

Dito isto, quando me refiro ao Pensamento ou à Análise *Jesucristiana*, faço-o partindo desta Realidade Divina: Cristo é Jesus, e Jesus é o Cristo. Muitos homens, ao longo dos últimos dois milénios, quiseram separar Cristo de Jesus e Jesus do Cristo, colocando um contra o outro ou desprezando um e acolhendo o outro, como se Cristo não fosse Jesus e Jesus não fosse o Cristo.

NÃO há, nem haverá outro Cristo senão Jesus. E este Jesus Cristo, no qual Deus convoca toda a Sua Criação para a Cidadania do Seu Reino, é aquele que o Espírito Santo pregou, por cujo Amor morreu, e entregando à sua Esposa o Testamento por Ele assinado e selado, cabe apenas a Ela interpretar o que a Ela e somente a Ela pertence: a Sagrada Bíblia, o Livro de Deus; porque nela, sendo o Corpo de Cristo Jesus, e sendo Jesus Cristo, Deus Filho Unigénito, a sua Cabeça, vive o seu Espírito, e por este Espírito a sua História foi, é e será para sempre governada.

O termo «*Jesucristianismo*» refere-se, portanto, à Unidade Indivisível na Natureza Divina de Jesus Cristo, contra aqueles que separam Cristo de Jesus e criam um Cristo à sua medida, de acordo com os tempos e as circunstâncias.

A Terra é um campo de batalha; a humanidade foi apanhada na guerra dos filhos de Deus, que não são deste mundo, «não desta criação», e a esperança consistiu — pela qual o Filho de Deus entregou a sua vida e o Espírito Santo ofereceu a Sua — em que o Homem alcançasse a glória da liberdade dos filhos de Deus, segundo a Imagem e Semelhança que vimos em Jesus Cristo; esperança sagrada que, devido à força da guerra em curso, teria de ser combatida pelo Anticristo, na ilusão — natural à sua demência infernal — de impedir que este Dia da Liberdade Divina chegasse, e que a Igreja, como Sara na sua maturidade, já em idade avançada, não desse à luz esta Geração nascida para participar com o seu Pai e Rei de todos os bens da Sua Liberdade.

Este Dia chegou. A Batalha Final foi iniciada. O Inimigo semeou o seu joio maligno da divisão das igrejas durante a Noite dos Bispos. Foi combatido, mas o joio cresceu e, ao preço de uma guerra civil internacional fratricida, impôs a sua lei do ódio, que, com o passar do tempo, deveria conduzir — e conduziu — as nações às Guerras Mundiais, nas quais o Anticristo esperava destruir a civilização cristã, matando a fé nas nações.

É uma ilusão infernal acreditar que uma criatura possa rebelar-se contra o seu Criador e colocá-Lo de joelhos. Deus disse no princípio: «Façamos o Homem à nossa Imagem e Semelhança», e sendo a Palavra de Deus o Verbo e o Verbo é Deus, mesmo que as condições de Formação do Homem à Imagem e Semelhança dos Seus Filhos se afundassem no abismo da guerra, a Vitória de Deus sobre essas condições só a um demente poderia ocorrer dar-lhe abrigo no seu Pensamento.

Deus é o nosso Criador. Deus é o nosso Pai. Mas a Origem desta Realidade Maravilhosa é o Amor; qualquer saída desta dimensão e abertura para uma visão de Relação com Deus, o nosso Pai Criador, na dimensão do Poder, é demência absoluta e pura. Por isso, Deus concedeu a todos nós, cidadãos do Seu Reino, um Corpo no qual o Espírito de Amor pela Criação irradia para todos os povos do Reino do Seu Filho, imunizando todo o Seu Paraíso contra uma queda no anticristianismo.

Assim, todo o homem que se afasta da Doutrina do Espírito Santo e transforma a Sua Palavra numa arma contra a Casa do Senhor Jesus Cristo, na qual vive a Sua esposa, a Igreja Católica, valendo-se da fraqueza da carne, sujeita a um mundo em guerra contra o seu Esposo, rebela-se contra o Rei, Jesus Cristo, e alia-se ao Seu inimigo, o Anticristo.

27/11/2020

PRIMEIRO LIVRO:

A FÉ POR SI SÓ

CONTRA LUTERO:

O BOFONDO DO DIABO E

O SEU PACTO COM A NAÇÃO ALEMÃ

Análise psichistórica do apelo de Martinho Lutero à Guerra Santa contra a Igreja e o Imperador Católico

Na viragem dos séculos XV e XVI, a Alemanha nascida da Queda do Sacro Império Germânico era uma multidão de principados independentes sob um corpo de príncipes eleitores ainda mais independentes; por outras palavras, a Alemanha pré-luterana era a nação mais feudal e atrasada das nações europeias. Espiritualmente e moralmente, o comportamento dos alemães do início do século XVI pouco ou nada se diferenciava do dos povos feudais dos séculos anteriores. Enquanto a França, a Espanha, a Itália e a Inglaterra tinham vivido um Renascimento das suas sociedades, específico a cada uma delas (não se deve comparar o Renascimento da Espanha sob os Reis Católicos ao da França sob a sua Coroa), a Alemanha de Maximiliano I apresentava ao mundo a imagem de uma centena de ladrões principescos, deuses sobre os seus territórios, nos quais a lei era o fogo e o ferro. A divisão em territórios daquela Alemanha pré-luterana pode ser comparada à das máfias criminosas dos nossos dias ou à dos animais de todos os tempos que marcam os seus territórios. Cada território-Estado impunha a sua lei e a lei era comum a todos: o roubo e a pilhagem de quem quer que cruzasse as suas fronteiras. Esta lei não era nova. O próprio Ricardo Coração de Leão, ao regressar das Cruzadas, foi raptado por um príncipe alemão e só foi libertado mediante um resgate pago pela coroa inglesa. Este exemplo diz tudo sobre a qualidade espiritual e moral da Alemanha pré-luterana.

Dito de forma direta, desde as suas origens, a história dos povos alemães foi uma rejeição absoluta à civilização. Povos idólatras, adoradores de árvores, só saíam das suas florestas — onde viviam como animais selvagens — quando eram pressionados por invasões vindas do Leste. A chegada da Civilização Romana foi combatida até à morte pelos povos germânicos e só quando a superioridade das armas os obrigou a ajoelhar-se é que aceitaram a existência daquela coisa amaldiçoada a que chamamos Civilização.

Como aqui não se trata da História de Roma, deixo aos historiadores as relações entre germânicos e romanos até à Queda do Império de César. Esta Queda provocou o regresso dos germânicos às suas florestas sagradas. Instalados novamente no seu mundo de liberdade selvagem, lá permaneceram isolados, rejeitando qualquer contacto com Deus e com o Homem, até que Carlos Magno decidiu trazê-los para a Civilização, à força.

De forma pacífica, essa espécie humana selvagem revelou-se intratável. Assassinararam todos os apóstolos que se atreveram a derrubar os seus ídolos. Era um povo selvagem que só podia ser tratado a partir da vitória.

Carlos Magno fez tudo o que pôde para os conquistar e São Bonifácio para os civilizar. Mas aquele povo guardava no seu íntimo o ódio à Civilização, a Cristo e ao Homem. A divisão carolíngia do seu reino em duas nações, a França e a Alemanha, não foi compreendida por ninguém. A luta entre os novos Caim e Abel, por lógica, teria de se manifestar.

Com a passagem da Coroa Imperial da França para a Alemanha, o Caim que o alemão trazia dentro de si veio à tona. Malvado por prazer, o alemão quis fazer sua a Esposa do Senhor Jesus Cristo, obrigando-O a incendiar um ramo que não se consumia: Gregório VII.

A males drásticos, medidas drásticas. O que, evidentemente, os imperadores germânicos combateram com fogo e espada, dando a sentir o seu ódio contra as cidades italianas, que devastaram sem misericórdia, uma e outra vez; Milão é minha testemunha; um mar de sangue nascido do genocídio de populações inteiras, no sangue das quais os alemães encontraram o prazer dos demónios, que já os acompanharia ao longo de todo o Segundo Milénio.

A decadência do Sacro Império Germânico foi uma libertação para a Itália e uma maldição para a Europa. Sem um Estado central que administrasse a lei entre as regiões, numa época em que se lutava até à morte para sair do feudalismo, a Alemanha transformou o feudalismo em arte e glória. Os príncipes eleitores, tanto da Cúria como da aristocracia, tornaram-se grandes proprietários de terras, entre cujas fronteiras pequenos senhores feudais tinham a bênção dos seus superiores para manter o povo à distância, saqueando, matando, violando e cometendo todos os crimes que lhes apetecesse, sem prestar contas a nada nem a ninguém.

Contra esta Lei, cujo chefe armado era o imperador, levantou-se Gregório VII. Livres do imperador, o sonho selvagem do bárbaro alemão regressou do seu túmulo para tornar a vida do camponês num verdadeiro inferno.

A Espanha, a França e a Inglaterra tinham adotado Constituições que defendiam e protegiam os seus povos. Além disso, no final da Idade Média, a Espanha dos Reis Católicos tinha empreendido uma Revolução Eclesiástica que tornou a sua Cúria independente do sistema feudal e a submeteu ao Papado exclusivamente nas questões que pertencem a Deus: «Ao César o que é do César e a Deus o que é de Deus».

A fraqueza da Inglaterra do século XV não permitiu que a sua Coroa empreendesse esta revolução eclesiástica. A França tinha feito a sua à sua maneira.

O clero alemão do início do século XVI era sacerdotal apenas no nome. Mas não porque o Papado tivesse imposto esse sistema. Por que razão o teria instalado na Alemanha e não na França e em Espanha? Foi a própria aristocracia alemã que se atribuiu a si própria aquele estatuto social pelo qual e no qual o bispo não era nem uma coisa nem outra, nem demónio nem anjo, nem pagão nem cristão; a invenção pode ser definida como um pacto entre Cristo e o Diabo.

Não que na Itália do século XV faltasse esse estatuto degenerado em que os bispos romanos e os seus sócios faziam, com as suas condutas, com que o Nome de Cristo fosse blasfemado. Negar esta realidade seria cegar-se a si próprio. A história do papado pornocrata do século XV está escrita. Onde está aquele que não conhece os feitos dos Borgias?

O caso do clero alemão traduz-se no aperfeiçoamento da imoralidade curial contra a qual toda a Europa clamava por uma Reforma, ao ponto de a elevar a um pacto entre Cristo e o Diabo, pelo qual a Cúria alemã foi abandonada nas mãos das grandes famílias aristocráticas — abandono contra o qual Gregório VII lutou, mas ao qual os bispos alemães se renderam nos séculos seguintes. O clamor pela Reforma na Cúria Católica nunca partiu da Alemanha; nunca foi uma questão da Alemanha. Foram a Itália, a Inglaterra, a França, a Checoslováquia... que, escandalizadas com a imoralidade da Cúria Pontifícia e a sua exploração fiscal dos rebanhos de Cristo, levantaram as suas vozes. Sem qualquer resultado. Ou será que sim? A Cúria alemã, propriedade dos filhos da aristocracia imperial, viveu encantada com essa imoralidade, protegida pelo escudo daquele pacto entre Cristo e o Diabo que eles próprios tinham tirado da manga.

Se os alemães queriam uma verdadeira reforma eclesiástica, por que razão os eleitores imperiais não fizeram o que os Reis Católicos fizeram em Espanha?

A resposta está na ponta dos lábios. Porque a aristocracia alemã tinha conseguido, sem o famoso Henrique IV, o que este, com toda a sua crueldade, não conseguiu: apoderar-se da Igreja. Os príncipes repartiram entre si os bispados. Os bispos alemães tornaram-se poderosos senhores feudais quando o feudalismo já estava ultrapassado e toda a Europa caminhava para o mundo moderno.

O título de Imperador era um título honorífico que os grandes proprietários de terras feudais germânicos compravam e vendiam entre si, com o objetivo de manter o equilíbrio do poder. O sonho de Maximiliano I, avô de Carlos V da Alemanha e I de Espanha, de unir toda a Alemanha e colocá-la à frente de uma Europa moderna, valeu-lhe o escárnio de todos os eleitores, ao ponto de passar à história como Maximiliano, o Sonhador.

Os eleitores, quando unidos, eram sempre superiores em poder e força ao imperador. Nas disputas entre esses senhores feudais, a importância dos pequenos senhores da guerra nos seus castelos podia fazer com que a balança se inclinasse a favor ou contra uns ou outros. Os senhores feudais eleitorais cultivavam aquele bando de criminosos como se cuidasse de uma matilha de lobos, sempre prontos a acorrer ao chamado do seu senhor.

A rebelião contra aquele sistema feudal de eleitores unidos, que servia de escudo à Cúria Alemã, na medida em que dependia daquele exército de pequenos senhores da guerra sem qualquer tipo de moral, cujo negócio era a pilhagem e o crime, nasceu morta. Entre os próprios eleitores, a inveja estava sempre presente, e só se vissem que, ao revoltarem-se, poderiam aumentar as suas riquezas é que poderiam ser ganhos para uma rebelião antieuropeia.

O que uns perdem, outros ganham.

Quebrar essa unidade de interesses entre os eleitores não seria fácil. Fazer com que os pequenos senhores da guerra se levantassem contra os seus senhores superiores só seria concebível através de um pacto de transferência de todas as propriedades dos eleitores para as suas mãos. O povo não contava:

«Por isso, devem expulsá-los, estrangulá-los, degolar-lhes o pescoço, secretamente ou publicamente, todos os que puderem (dizia Lutero aos senhores da guerra, grandes e pequenos — uma linguagem muito cristã, aliás —), e lembrar-se de que nada pode ser mais venenoso, nocivo e diabólico do que um homem rebelde, tal como quando é preciso matar um cão raivoso. Se não o matares, ele matar-te-á a ti e a todo o país contigo. Esfaqueiem-nos, matem-nos, estrangulem todos aqueles que puderem. E se, ao fazê-lo, perderes a vida, feliz serás; nunca poderás encontrar uma morte mais feliz. Pois morres obedecendo à palavra de Deus... e servindo a caridade». Palavras de Lutero, o Rebelde.

Um homem não fala assim do seu próximo de um dia para o outro. Não se vai para a cama a abençoar e acorda a amaldiçoar.

Deitou-se amaldiçoado; era natural que se levantasse amaldiçoando.

Uma rebelião contra os Eleitores Imperiais, pilares daquele sistema de corrupção degenerada que tinha feito do feudalismo alemão arte e glória, tinha de contar com a revolta destes centenas de pequenos senhores da guerra cujo meio de subsistência era o crime, a pilhagem e a violação. Esta rebelião dos pequenos senhores feudais alemães contra os grandes senhores imperiais exigia uma Guerra Santa, cujo prémio pela vitória seria a partilha de todos os bens dos grandes senhores que não se unissem à rebelião.

No entanto, esta rebelião tinha também de contar com o apoio popular. Era preciso afastar as massas da Igreja e atraí-las para uma nova religião, e esta, embora assente naquela que era demonizada, tinha de ser de carácter alienante e, acima de tudo, ter como fundamento o ódio.

Conseguir ou não isso seria outra questão. Uma coisa é inspirar-se nesta Rebelião e outra coisa é pôr mãos à obra.

Que havia motivos suficientes para proceder a uma Revolução Eclesiástica ao estilo espanhol, claro que sim. O clero alemão pré-luterano era uma ofensa total e absoluta contra a fé que diziam representar. As suas vidas eram, do ponto de vista do Espírito Cristão Sacerdotal Apostólico, uma representação miserável do discipulado. A sua expulsão da Igreja era uma necessidade. E é verdade que, quando os pastores conduzem o rebanho para o precipício, é o poder secular — que é instituído pelo próprio Deus — que deve prender os pastores e expulsá-los da propriedade do Senhor, porque, se o poder eclesiástico tem como missão sagrada o bem das almas, o poder secular tem como sua a missão do bem dos corpos. E se o primeiro atenta contra o segundo, o conflito só pode ser resolvido através da prisão dos pastores homicidas. E vice-versa, se o Poder Secular se dedica à destruição da alma, é o Poder Eclesial que deve levantar-se para defender o seu rebanho e, seguindo a doutrina de Gregório VII, incitar o povo contra aquele Governo que, violando a Lei: «Ao César, as coisas do César», se levanta contra Deus.

Voltando à Alemanha. O facto de o clero italiano, liderado pelo Papado, não estar disposto a intervir num clero nacional que lhe tinha escapado das mãos e agia fora do controlo do Chefe dos Pastores dos Rebanhos do Senhor — negar esta realidade é ir contra a História do Papado do século XV.

Ficar de braços cruzados a ver como o clero curial italiano se abstinha de exercer a sua liderança doutrinária universal e se dedicava a engrandecer a sua república, superando em maldade e astúcia os reis da época, era, na verdade, revoltante. E isso é compreensível. Mas não me cabe a mim proferir um Juízo Final, nem a favor nem contra, sobre a rebelião de Lutero e dos seus irmãos contra a Igreja, como ponte para a destruição das nações cristãs sobre as quais a Europa foi construída. Ao Espírito da Inteligência não cabe o julgamento, mas sim a defesa da Verdade. Aos seus servos indignos, já lhes caberá ao seu Senhor julgá-los.

Os gritos a pedir um «*Aggiornamento*» da relação entre as igrejas e uma adaptação da Igreja Universal à Idade Moderna tinham ressoado alto e claro. A morte de Savonarola foi o grito que anunciou a vitória do caos e das trevas numa hora em que o Diabo reunia todas as suas forças para as lançar contra o seu inimigo, a Europa cristã.

Encerrado naquele convento, para onde foi arrastado, segundo a sua versão, por um raio, numa Alemanha onde os chicotadas do firmamento são o pão de cada dia, o jovem Lutero sofreu o assalto de visões de uma Reforma Eclesiástica liderada pela sua própria pessoa e que elevaria a glória da sua Alemanha ao Papado; visões que ele rumiou lentamente, primeiro rejeitando-as como inspiradas pelo Diabo, e, finalmente, aceitando a sua impotência para vencer a tentação: ou o Papa ou o Fogo contra a Igreja; o advogado frustrado, transformado em monge por uma travessura cometida diariamente em todas as povoações — deitar-se com uma viúva alegre —, acabou por se entregar ao seu «deus oculto» com a promessa de ser adorado como um novo Jesus Cristo.

Sejamos claros: a Rebelião de Lutero não foi fruto de uma bebedeira. Foi tecida durante aqueles anos de choque entre as quatro paredes de uma prisão monástica, uma vida para a qual não tinha nascido e contra a qual foi incapaz de se rebelar assim que compreendeu a natureza da loucura que tinha cometido ao tornar-se monge em penitência pelo seu pecado. Martinho Lutero não foi o primeiro estudante daquela época, que era um viveiro de viúvas que, mal casadas, tinham de vestir o véu. Seduzir um malandro da província no auge da sua juventude, com 22 anos, que vivia debaixo do mesmo teto... quem era o corajoso que lhes resistia? Também não era para entrar num convento. O raio da culpa atingiu-o a caminho da casa dos seus pais! Ele viu os chifres do Diabo. Naqueles dias em que os conquistadores espanhóis enfrentavam um contra mil nas Américas, este corajoso alemão cagava-se todo por causa de um «mea culpa» que milhares de jovens da sua mesma idade já teriam desejado para si próprios.

Acorrentado àquelas quatro paredes do convento, privado da liberdade que amava e do futuro pelo qual viveu a sua adolescência e primeira juventude — ser advogado —, aquele Lutero serviu de bucha de canhão para o Poder Não Humano que o contratou, devolvendo-lhe, em troca, a paz à sua alma sitiada, para ser o receptáculo do Argumento Sagrado que lhe conferiria legitimidade à Guerra Santa contra o Papado.

Pretender a Reforma sonhando com o Papado — e ele sabia disso como bom teólogo e melhor advogado —, por mais inspiradora que fosse a visão, não tinha futuro. A Cúria Vaticanense não estava disposta a aturar as fantasias de um monge esquizofrénico que tinha transformado a sua culpa por um pecado venial numa revelação paulina. E que encontrou a paz com o Diabo entre as quatro paredes quando aceitou ser o seu braço executor, rendição que escondeu na sua famosa frase de ter encontrado a paz apenas na Fé. Mentira de um esquizofrénico! Encontrou a paz quando aceitou o seu Destino: atacar a Igreja Católica até à morte.

O percurso de ascensão, desde a simples tonsura até à supremacia espiritual, seria longo. Era um bom advogado. Tinha tempo. A estratégia a seguir iria desenvolvendo-se e revelando-se-lhe nos anos seguintes. A decadência moral em que o Papado se encontrava, como um porco na sua poça de lama, seria a chave para a sua transfiguração no Novo Jesus Cristo. Tinha de conquistar o povo com esta simples proclamação: «A Igreja não é necessária; uma vez consumada a sua obra de ter salvado a Bíblia de todas as tempestades e terremotos que o Diabo provocou contra o Livro de Deus, a Igreja Católica devia abandonar a sua missão e deixar que a fé fizesse o seu trabalho.» Esta doutrina seduziria o povo: pecar, pecar e pecar sem nunca ser condenado pela própria consciência nem por Deus... a Boa Nova que descia do Céu.

A Doutrina de Deus era que quem peca, peca e peca acaba por assassinar a sua própria fê. Agora, a questão era saber se Cristo é mais forte do que o Diabo. De quem é a Força, de Deus ou da Morte? Se por um pecado entrou a Morte, por quantos pecados entrarão quantas mortes?

O povo alemão não estava preparado para este tipo de devaneios filosóficos. Analfabeto, reduzido à escravidão e à miséria pelos seus bispos e senhores, a Boa Nova, a Fé por Si Só, absolve o homem de todos os seus crimes, os cometidos e os que ainda estão por cometer; não é preciso pagar um cêntimo à Igreja pela sua absolvição; isso faria saltar as dobradiças das portas da Igreja e atrairia todos para o Novo Evangelho.

Uma vez conquistado o povo — condição indispensável para o triunfo da sua rebelião —, Lutero teria de conquistar os pequenos senhores da guerra, afastando-os dos seus senhores superiores. O ladrão é tentado com ouro. Em troca da rebelião, entregaria-lhes todas as propriedades dos bispos

A pergunta que lhe fariam seria: «E tu, o que ganhas com isso?»

O pacto do filho do Diabo com o seu servo era simples: para vós, as terras; para mim, as almas.

A aparência de santidade que acreditariam encontrar nesta resposta os convenceria de que a sua Cruzada Anticatólica era a Vontade de Deus, quem, curiosamente, tinha decidido retirar à Igreja Católica os seus mil e quinhentos anos de trabalho e entregar o fruto de tanto esforço à raça superior alemã, pelo pecado de uma geração de bispos entregues à prostituição, contra a qual o Senhor se levantou e reduziu a escombros o Templo de Jerusalém.

Na sua loucura, o monge agostiniano, na sua cela, acariciou aquela imagem do Novo Jesus Cristo a expulsar os ladrões do Templo de Deus, a destruir o Templo Católico e a construir aquele Novo Templo, no qual ele seria adorado como o Novo Salvador.

Mas isto não devia ser dito, nem o Diabo lhe iria chamar «Meu filho». O Deus Oculto não iria retirar a máscara com que se apresentara e lhe inspirara aquelas visões de Guerra Santa entre as nações irmãs, visões verdadeiras, que se tornariam realidade em breve, e, ao atravessar a porta da Guerra dos Trinta Anos, semearia aquele Ódio entre a França e a Alemanha que perduraria por gerações até desembocar na Primeira Guerra Mundial.

As 95 Teses de Lutero foram a decisão final traduzida em ação. A sua luta interior contra o fruto da sua Guerra Santa tinha terminado. O Diabo tinha-o vencido. Já não haveria volta a dar. Ele sempre poderia ter-se retratado. Foi-lhe dada a oportunidade. O facto de não o ter feito demonstra que a sua Guerra Santa foi forjada nas celas daquele convento, onde o Diabo o sitiou até conquistar a sua alma.

A esperança de vitória que Lutero concebeu baseava-se no conhecimento do seu século. As guerras entre as nações e a participação do Papado na guerra entre as nações abriam-lhe a janela por onde se esgueirar, entrar e saquear a Igreja.

Ignorante da Grande Batalha que a Morte e Deus se preparavam para travar, a ascensão de ambos os Campeões — Carlos V, pelo Rei dos Céus, e Solimão, o Magnífico, pelo Príncipe do Inferno —, neste mesmo ano de 1520, não levou Lutero a refletir sobre a verdadeira identidade do seu «Deus Oculto». Não era outro senão o Diabo, como se verá na «Resposta» às grandes medidas com que chamou para o seu lado os senhores da guerra alemães.

Na apresentação deste panfleto, Lutero faz-se de engraçado e, zombando dos milhões de seres humanos que, devido à sua rebelião, seriam degolados e caçados como cães durante as guerras religiosas dos séculos XVI e XVII, diz à nobreza cristã da nação alemã, a respeito da melhoria do estado cristão, o seguinte:

Dr. Martín Lutero

«Em primeiro lugar, graça e paz de Deus, reverendo, digno e amado senhor e amigo! Passou o tempo de calar e chegou o tempo de falar, como diz o Eclesiastes: *Tudo tem o seu momento e tudo o que nasce debaixo do sol tem o seu tempo.*

De acordo com o nosso propósito, reunimos alguns excertos sobre a reforma do Estado cristão para os propor à nobreza cristã da nação alemã, caso Deus queira ajudar a sua Igreja por meio do Estado laico, uma vez que o Estado eclesiástico, a quem isso mais razoavelmente cabe, o tem negligenciado completamente. Remeto tudo a Vossa Reverência para que o julgue e, se for necessário, o corrija. Estou ciente de que não deixarão de me repreender por ser demasiado temerário, se eu, um homem desprezado e afastado do mundo, me atrever a dirigir-me a estados tão elevados e grandiosos em assuntos tão graves e importantes, como se não houvesse mais ninguém no mundo além do doutor Lutero que se preocupasse com o Estado cristão e aconselhasse pessoas tão extraordinariamente inteligentes.

Prescindo de pedir desculpa; que me repreenda quem quiser!

Talvez ainda deva uma tolice ao meu Deus e ao mundo. Agora propus-me, se o conseguir, a pagá-la devidamente e a ser também, alguma vez, um bobo da corte. Se não tiver sucesso, resta-me, pelo menos, uma vantagem: ninguém terá necessidade de me comprar um chapéu, nem de me rapar a cabeça. A questão é quem coloca os sinos no outro.

Devo cumprir o provérbio: em tudo o que o mundo faz, não deve faltar um monge, mesmo que seja necessário pintá-lo.

Várias vezes um tolo falou com sabedoria e, em muitas ocasiões, pessoas sábias comportaram-se de forma grosseiramente tola, como afirma Paulo: «Quem quiser ser sábio, torne-se tolo». Além disso, uma vez que não sou apenas tolo — mas também doutor juramentado nas Sagradas Escrituras —, fico contente por me ser dada a oportunidade de cumprir o meu juramento de forma tola.

Peço-vos que me desculpem perante os moderadamente discretos, uma vez que não sei merecer o favor e a graça dos extraordinariamente sensatos, embora tantas vezes, com grande empenho, o tenha almejado. De agora em diante, já não quero tê-lo nem apreciá-lo. Que Deus nos ajude a não procurarmos a nossa honra, mas apenas a Sua! Ámen.

Dado em Wittenberg, no convento dos agostinianos, na véspera de São João Batista do ano de 1520.»

Após esta palhaçada com a qual o Hipócrita esconde a sua visão de si próprio como o Novo Jesus Cristo, e se glorifica a si próprio menosprezando o Poder do Campeão Divino, Carlos V, a quem até ameaça, e contra quem invoca não a Graça e a Verdade, mas sim a Graça e a **Força**; ou seja, ameaça-o com a Guerra, com as seguintes palavras:

«À Sereníssima e Poderosíssima Majestade Imperial e à Nobreza Cristã da Nação Alemã

Dr. Martín Lutero

Em primeiro lugar, graça e **força** de Deus, Sereníssimos, Clementíssimos e Amados Senhores!!

Imediatamente, depois de expor a justiça que, segundo ele, avalizava a sua causa, o Bobo da Corte lança-se a expor as linhas da sua Guerra Santa contra as «três muralhas do Templo de Cristo», atrás das quais o Papado se tinha escondido e tornava impossível qualquer revolução eclesiástica na nação alemã. Grande mentira, como se vê na Revolução Eclesiástica de Espanha. O verdadeiro inimigo da Revolução Eclesiástica Alemã eram os próprios alemães.

Segundo a sua compreensão de advogado que se fazia passar por teólogo, essas três muralhas eram:

1_«: quando se pretendia obrigá-los através do poder secular, eles afirmavam e declaravam que o poder secular não tinha qualquer direito sobre eles, mas, pelo contrário, que o poder eclesiástico se situava acima do secular.

Sobre o que há que dizer que Deus criou um Templo e um Castelo. Criou a Igreja e o Estado. E deu a César o que é de César, o Poder Secular, e reservou para Si o que é de Deus, a Igreja, ou Poder Espiritual, a partir do qual a Doutrina do Conhecimento Verdadeiro da Divindade é sustentada pelo próprio Deus.

O facto de o Poder Secular pretender intrometer-se naquilo que é de Deus constitui um delito tão grave como o de um Sacerdote pretender governar o Estado Secular criado por Deus para o Governo das Nações, de acordo com as Leis da Sua Criação. O poder de perdoar o pecado cabe à Igreja, mas o poder da penitência pelo delito cabe ao Estado. O perdão pelo pecado e a pena pelo crime não se anulam nem se contradizem. O pecado-crime só é absolvido perante Deus quando a justiça tiver sido cumprida; neste período de cumprimento, a alma reconcilia-se com o seu Criador. Atribuir ambos os poderes à mesma pessoa é criar Satanás no pátio da casa. Consequentemente, no que diz respeito à Doutrina da Igreja, o poder secular comete um crime ao querer intrometer-se naquilo que Deus reservou para o seu Espírito, a Alma do Sacerdote.

Se disséssemos que esta Muralha a que o rebelde se refere diz respeito ao

O poder da Justiça do Rei para levar os seus servos a julgamento e, como Senhor, exigir responsabilidade por atos criminosos, que devem ser punidos de acordo com a lei que Deus estabeleceu para toda a sua Criação; que a Justiça Secular prevaleça sobre o homem e, caso um sacerdote se torne criminoso, cabe à justiça agir de acordo com a Lei; nada poderia ser objetado a este palhaço que se atreve a colocar o pé sobre o pescoço do Imperador. Tememos que a pretensão do rebelde não fosse esta; a sua era investir o Poder Secular com o Poder de Deus, que é o de ser o Senhor da Igreja. Um crime tremendo que só ao Diabo poderia interessar e que apenas este bobo esquizoide se atreveria a concretizar.

A Segunda Muralha, segundo este génio da teologia, era a seguinte:

2_ : *«Se alguém quisesse censurá-los com base nas Sagradas Escrituras, eles objetavam que a interpretação das Escrituras não cabia a ninguém senão ao Papa».*

A hipocrisia deste palhaço rebelde baseava-se na ignorância selvagem do povo alemão da sua época, em nada inferior à dos senhores da guerra alemães a quem, neste panfleto, convocava para a Guerra Santa. Como ladrões consumados, violadores por vocação e criminosos experientes, a profissão destes senhores da guerra fazia com que as letras lhes causassem repulsa.

Para além das suas espadas, não conheciam mais nada além da próxima barriga na qual enfiariam a ponta da lâmina.

Analfabetos de nascimento, brutos por vocação, selvagens por profissão, o único argumento que podiam compreender — e compreendiam — era o de «quanto, Martín, quanto e o que mais vou ganhar eu a lutar pela tua causa».

Se tivessem tido um nanomilímetro de inteligência, teriam compreendido a falácia absurda que lhes faziam ouvir. As Sagradas Escrituras não tinham já sido interpretadas de A a Z pelos Padres da Igreja, desde São Paulo a São Tomás, passando pelos Santos Agostinho, Ambrósio, Gregório, etc.?

O papel do Papado perante as Sagradas Escrituras não é interpretá-las, mas preservar a sua interpretação, já escrita pelo Espírito Santo, contra reinterpretações anticristãs. A história da Igreja está repleta de interpretações heréticas contra as quais se realizaram os concílios.

No domínio da interpretação, o que resta ao Papado diz respeito à sua relação, enquanto Chefe dos Pastores, com esses pastores da Doutrina. Os concílios não surgiram para destituir e nomear o Bispo de Roma. A missão dos concílios é espiritual. E, como tal, têm como objetivo a preservação dogmática da Doutrina Apostólica. Assim, quando o palhaço alemão afirma, contra essa sua terceira muralha, que:

3_ *«quando alguém os ameaçava com um concílio, inventavam que ninguém pode convocar um concílio a não ser o Papa».*

Ao dizer isto, está a proferir uma falsidade. O autor esconde o seu verdadeiro propósito. É advogado. Conhece a técnica da ambiguidade e da distorção do discurso. O que pretendia ao solicitar um concílio: derrubar o Papa ou derrubar a Doutrina da Igreja Católica?

Um Concílio Universal deve ter uma Alma e ser invocado pelo Espírito. Derrubar o Bispo de Roma não cabe a ninguém senão ao Senhor; só Ele tem o Poder de tirar a um para dar a outro.

Da mesma forma, o Senhor não pode entrar em conflito com Deus. O Senhor não pode proteger os Seus servos contra Deus. Nem os servos podem criar este conflito sem sofrer as consequências da maldade satânica que este caso representa.

Todo o servo do Senhor continua a ser um homem de Deus e, como tal, está sujeito à Lei de todos os cidadãos do Seu reino. Se se trata de perseguir o crime, onde quer que o criminoso se encontre, seja bem-vindo. É uma questão de justiça. Se se trata de derrubar uma proteção através da qual o criminoso, na qualidade de servo do Senhor, põe Deus de joelhos, para impedir este delito, recai sobre o Poder Secular a responsabilidade quando o Poder Espiritual falha.

Mas invocar um Concílio para, através da rejeição da Doutrina Católica, abolir o Papado como Autoridade Pastoral não é obra de Deus, é obra de Satanás.

A conclusão a que o rebelde Lutero chega com base nestas suas três paranóias é acolhida por brutos de inteligência limitada, de razão selvagem, de todo desprovidos de «razão clara». Pois nada justifica que o crime dos servos deva ser imputado à honra do seu Senhor. Sobretudo tendo em conta quinze séculos de História e muitas batalhas vencidas pelo seu Senhor. Sem deixar de lado os períodos de corrupção do Papado, Deus, sendo Onipotente e Todo-Poderoso para derrubar o que, como Senhor, ergueu, em vez de o fazer, protegeu a Esposa do seu Filho precisamente com essas três muralhas contra as quais os reis se levantaram para fazer da Igreja a sua concubina. Um crime imundo que só a Satanás se lhe ocorreria cometer: deitar-se com a Esposa do Senhor. Constantino não o fez, Teodósio não o fez, Carlos Magno não o fez. Mas assim que o Império passou para a Alemanha, foi a primeira coisa que ambicionou aquela raça bárbara, inimiga da Civilização, da Europa e, neste século XVI, do próprio Cristo.

A tal ponto que, para derrubar essas muralhas, nada melhor ocorreu a este palhaço da corte do Diabo do que abolir a separação entre o Estado e a Igreja que Deus criou. Segundo este Salvador Redentor alemão, todo o homem é rei e sacerdote, todo o homem é bispo e duque, todo o homem é ovelha e pastor.

É preciso ler para acreditar. Toda a Obra da Criação deve ajoelhar-se, o próprio Deus da Eternidade, Criador desta Separação entre o Estado e a Igreja, o primeiro.

Deus separou para si um grupo de homens no qual a Doutrina da Divindade tem o seu Templo Vivo, e vem este demente dizer que considera abolida esta Criação e que, doravante, todo o homem será esse Templo Vivo. Consequentemente, ninguém deve responder por nada perante ninguém, pois aquele mesmo que absolve se autoriza a absolver-se de todos os crimes que cometa na sua tragédia de arrastar por este calvário o corpo de um pecador. «Se acreditas», diz o Bobo da Corte, «mesmo que violes a Mãe de Cristo, estás livre de culpa».

O Bobo da Corte era o rei do circo.

Ao ouvirem isto — pois não é de crer que a imensa maioria daqueles senhores da guerra soubesse escrever o «O» com um cachimbo —, devem ter-se dito: «Este pateta está louco? Mas Paris vale bem uma missa. As imensas propriedades da Igreja... serão o espólio,

quem se junta a nós? Repete, repete-me aquilo da primeira muralha: »

Foi estabelecido que o Papa, os bispos, os padres e os monges sejam chamados de estado eclesiástico; e os príncipes, os senhores, os artesãos e os agricultores, de estado secular. É uma mentira subtil e um engano.

Falando da Segunda Muralha, mais uma vez, a hipocrisia do Rebelde é combatida com uma única palavra:

«Quem dizeis que eu sou?», perguntou Jesus aos seus discípulos.

E Pedro respondeu: «Tu és o Filho do Deus Vivo»

Ao que Jesus respondeu: «Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja».

Portanto, o Papado e a Igreja têm apenas uma Doutrina e nela não há lugar para interpretações: «Jesus é o Filho do Deus Vivo». Não há mais nada. Não há «mas». Aquele designado para suceder a Pedro pode ser mais ou menos, mas a sua doutrina não é sua; é a doutrina do Espírito Santo que vive no sacerdócio cristão, o seu templo vivo. Esta doutrina é eterna, imutável, imperecível, incorruptível, imarcescível, todo-poderosa e maravilhosa.

A ovelha não pode ser pastor. O pastor não é ovelha. Uns somos filhos do Senhor, outros são servos do mesmo Senhor, mas todos somos filhos de Deus. E cada filho de Deus tem o seu lugar no Seu Reino. Que o filho se deite com a sua mãe é incesto. E este crime satânico é, em última análise, aquele que a chamada Reforma pretende legitimar e legitimou: que os filhos da Igreja se deitassem com a sua própria Mãe.

Deus, porém, não quis que, na sua loucura, o filho do Diabo tocasse na Esposa do Seu Filho. E, ao expulsar os Rebeldes da Sua Presença, estes cometeram incesto com as igrejas que se entregaram umas às outras. Ocultando a sua loucura, o filho do Diabo deixou escrito:

«A segunda muralha é ainda mais frágil e inútil. Só eles querem ser mestres das Escrituras. Embora durante toda a sua vida nada aprendam nelas, atribuem a si próprios a autoridade e fazem-nos acreditar, com palavras descaradas, que o Papa não pode errar na fé, seja ele mau ou bom, para o que não conseguem apresentar nem sequer uma letra.»

Insisto: declarar guerra ao Senhor por causa dos crimes dos seus servos é como curar a dor cortando a cabeça. Segundo este advogado, pai de um filho do Inferno, a terceira muralha cairia por si só assim que as duas primeiras fossem derrubadas e, a partir daí, caberia ao poder secular pegar no martelo e demolir o que tivesse caído. O hipócrita volta a fazer de bobo da corte para ganhar aliados entre os selvagens que lhe davam ouvidos. Perde-se em frases pomposas, típicas de um advogado do Diabo que justifica a Traição, mas condena a Transgressão. Sufoca-se com um mosquito e engole um elefante rechonchudo. E as bestas alemãs ficaram de boca aberta. «É obra de Deus», repetiam entre si, «Viste aquilo? Incrível».

Expostas as três causas que o levaram a tornar-se o Inimigo da Obra de Deus e a exigir a destruição da Separação: Igreja - Estado, o Salvador Alemão lança-se diretamente ao pescoço da sua presa. Assina de sua própria mão as medidas que acredita que devem fazer todo o mundo feliz e fará chover sobre a Alemanha não maná, mas perdizes.

Como primeira medida, exige a destituição imediata do Papado. E, na sua hipocrisia, afirma que o Papa deveria, por iniciativa própria, descer da sua jumenta e entregar-lhe a mitra. Mas, como isso não vai acontecer, não demora a acusar o sucessor de São Pedro de ser o próprio Anticristo.

Ora, para nós que sabemos ler — e não só sabemos ler, como também lemos —, o Anticristo é aquele que vem para destruir a Obra de Cristo. A Igreja Católica poderia, naquele ano de 1520 d.C., contabilizar esses 1 520 anos de existência, a partir do Nascimento do seu Sumo Pontífice Universal, Primeiro Sacerdote de Deus, Jesus Cristo, em quem o Estado e a Igreja, o Rei e o Senhor, são uma mesma Pessoa, um mesmo Facto, uma mesma Realidade. Ele é Deus, o Filho Unigénito. Ao afirmar que todos somos reis e sacerdotes, este hipócrita diz que todos somos filhos unigénitos de Deus. Analisar esta loucura é uma perda de tempo.

Na sua Segunda Medida de Felicidade Eterna para a Nação dos «Selvagens Alemães», o Bobo da Corte do Diabo tira a máscara e revela que não quer apenas a destituição do Papa e um concílio para eleger um novo, possivelmente para se apresentar ele próprio ao Papado, posição a partir da qual poderia reconduzir a História da cristandade para pastos mais verdes, talvez mais acolhedores, embora nunca tanto quanto os das Guerras Mundiais, nas quais os seus descendentes tanto se divertiram a atirar para a fogueira dezenas de milhões de «cães».

O diabo de batina pedia para acabar com todos os cardeais e bispos. A sua intenção era a destruição da Igreja Católica edificada pelos Apóstolos em nome de Jesus Cristo. Mas esta não era uma obra anticristã. Destruir a obra de Cristo não faz de alguém o Anticristo. Agora, quem engolia o elefante rechonchudo eram os alemães. Enfim, tudo por causa de Paris. Uma missa, só isso, uma missa.

E para convencer os ignorantes dos seus compatriotas, o Rebelde pinta-lhes um quadro da Itália do Renascimento que mais se assemelha ao inferno de Dante do que à Itália de Miguel Ângelo, Da Vinci e colegas; aquela Itália renascentista, glória e orgulho da Europa civilizada, por cuja causa os papas da série pornocrata se tinham deixado arrastar para o paganismo... Servos indignos, certamente, que, na hora certa, responderão perante o Senhor pelos seus crimes, pela culpa de terem permitido que o Seu Nome fosse blasfemado entre as nações. Mas isso não justifica, nem poderia justificar, que, por causa de um dedo doente, todo o corpo fosse condenado à decapitação.

Na terceira medida para a felicidade da Santíssima Nação Alemã, o seu Salvador propõe a abolição de todos os impostos estabelecidos pelo papado medieval sobre as nações cristãs.

Nada de antinatural. A Espanha fez isto sem que lhe ocorresse a destruição da Igreja. A Nação Alemã era tão bruta, tão selvagem, que, incapaz de se dotar de um Corpo Social Unido, não lhe ocorria outra coisa senão acusar os estrangeiros dos males que eles próprios tinham cultivado com tanta paixão e esmero nos últimos séculos. É a resposta clássica dos fanáticos cegados pelo nacionalismo. Perfeito conhecedor da paixão pelo ouro do seu povo, lança o isco, agarra o peixe pela boca e faz-lhe babar ao imaginar o banquete de ouro que se realizará no dia seguinte à expulsão da Igreja Católica da Alemanha.

Carlos, neto de Maximiliano I, acabara de ser eleito Imperador do maior Império que a Terra alguma vez conhecera. A aposta espiritual sem o isco do ouro

não teria força. Por isso diz desde o início: Senhores, Graça e FORÇA. Era a Hora da Guerra Santa. O imperador era o rei de Espanha. E Espanha era católica. Acreditar que iriam apoderar-se das propriedades da Igreja sem enfrentar Carlos V até à morte... Quem era o tolo? Lutero não, de modo algum, mas ele próprio confessa-o:

Embora seja demasiado humilde para apresentar propostas úteis com o objetivo de corrigir um abuso tão horrível, continuarei no meu papel de bobo da corte e direi, na medida do meu entendimento, o que pode e deve ser feito por parte do poder secular ou de um concílio geral.

Logo a seguir, depois de ter esfolado a galinha dos ovos de ouro dos impostos eclesiásticos, revela o seu plano: que o Papa seja eleito pelo povo. E que o eleito seja ele? Vamos ver.

Primeiro, pede que todos os cardeais, arcebispos e bispos sejam rebaixados a simples párocos: acusa-os de serem o mal. Imediatamente, pede que as causas levadas perante o Papa não sejam trivialidades. E, recordando a Palavra «Não é justo que nós deixemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Nós persistiremos na oração e no ministério da Palavra e colocaremos outros na obra», ele propõe-se para ser o Papa eleito pela nação alemã, com a promessa de que se dedicará exclusivamente às coisas de Deus.

E, por Deus, que as coisas entre pecadores mundanos sejam resolvidas pelos poderes deste mundo. Que lhe deixem a ele as questões espirituais e fiquem eles com o ouro. O que é isso de recorrer aos tribunais eclesiásticos com disputas sobre assuntos mundanos?

No seu manual de propostas com as quais ele mudaria a religião se fosse Papa, escreve toda uma série de medidas destinadas a abolir impostos, mas logo em seguida despista toda a gente dizendo:

Devem ser revogados os juramentos graves e horríveis que o Papa obriga os bispos a prestar sem qualquer direito.

Pede a abolição do papado, exige a destituição de toda a Cúria e, de repente, diz que, se fosse Papa, aboliria o juramento de obediência ao papado por parte de todos os seus bispos. A esquizofrenia deste bobo da corte é tremenda.

No seu papel de bobo da corte com aspirações pontifícias, tenta Carlos V com a promessa de não ter de lhe beijar os pés, nem de puxar a rédea da mula, invenção do Diabo. E é que a imagem que o Papa tem de si mesmo é indigna de Cristo. Cristo não precisa de um Vigário no Céu, e na Terra deve estar submetido em todas as coisas temporais ao seu senhor, o imperador. Sendo a sua missão perdô-lo e absolvê-lo de todos os seus pecados. Ámen. O seu mais fiel servo, que, enquanto Papa, se dedicaria às coisas da oração e aos pobres. E não a sonhar com ressuscitar o Império Romano para se proclamar Imperador de Roma.

Muito engraçado, o bobo da corte.

O Papa deve deixar de se intrometer, nem pretender qualquer título sobre o reino de Nápoles e da Sicília. Tem tanto direito a ele como eu. Que pregue e reze!

Se ele fosse Papa, quantas coisas iria eliminar. Não permitiria que ninguém lhe beijasse os pés.

Nem que o transportassem em liteira ou em carruagem. Suprimiria as peregrinações a Roma. E não só a Roma, a todas. A Santiago de Compostela. A Jerusalém. Porque:

Daí vêm tantos mendigos que, aproveitando-se de tal peregrinação, cometem incontáveis vilanias e aprendem a mendigar sem necessidade, habituando-se a isso. Daí resulta a vida dissoluta e outras misérias que agora não quero enumerar.

Fora, Ditador, que aí vem o Tirano! O candidato alemão ao papado jura perante o Imperador que abolirá todas as criações de ordens, mosteiros, todas as cavernas onde habitam todo o tipo de feitiçaria e loucura. Desta última, ele sabia muito.

Deveria ser proibido ao Papa fundar ou aprovar mais ordens desse tipo. Creio que este conselho será considerado muito imprudente. Mas, por agora, isso não me importa.

O Bobo da Corte tem uma cobra dentro de si. Faz-se de louco para cuspir o seu veneno com mais força. Não só pede o fim dos mosteiros e conventos, a menos que estejam sob a tutela de um santo, como também que todos se casem, tal como fazem os padres ortodoxos.

Além disso, aconselho o seguinte: quem, daqui em diante, se ordenar para ser padre ou para outro ofício, em caso algum deve prometer ao bispo que observará a castidade, e deve objetar-lhe que este não tem autoridade para exigir tal promessa e que, se o fizer, trata-se de uma tirania diabólica.

O «Bufão Alemão» esquece-se de que quem se torna padre fá-lo livremente. Ninguém obriga ninguém a tornar-se padre. Quem não quiser, que não se meta nisso, e quem vestir a batina, se perceber que não consegue suportar o voto, é livre de a pendurar. Por isso, dizer que:

o Papa é responsável por todos os pecados cometidos contra isto; por todas as almas que se perdem por causa disso;

é afastar o Senhor e sentar-se ele próprio no trono do Juízo Final.

Muito alemão. É preciso reconhecê-lo.

Também não me esquecerei dos pobres conventos. O espírito maligno, que agora confunde todos os Estados por meio de leis humanas e torna a vida insuportável, apoderou-se também de alguns abades, abadessas e prelados que governam os seus irmãos e irmãs de tal forma que em breve irão para o inferno

A passagem pelo convento — uma vida para a qual não tinha vocação nem estava preparado, tendo sido arrastado para a cela sombria do silêncio, onde o Diabo o mantinha à sua mercê para remodelar a sua mente — pesava sobre cada recanto do seu subconsciente. Ele odiava aquela vida. Ninguém deveria passar por aquela cela. Que horror! A castidade, o celibato, a tonsura, o silêncio, a solidão do claustro, o Diabo nas paredes, o Diabo a brincar com a sua consciência. Deus não o amava, Deus tinha-o abandonado à sua sorte. Horror, aí vem o Diabo. Não és o novo Jesus Cristo? Diz-lhe simplesmente «Vade Retro». Ele não te obedece? Foge do convento.

Qual é o problema? Desprezaste Deus e amaste o Diabo, a tua Força. Ele tentou-te e tu sucumbiste. Haverá um antes e um depois de Martinho Lutero. «Heil Hitler». Estamos a ouvir-te.

Também seria necessário abolir por completo os aniversários, os funerais e as missas

de réquiem

E também a excomunhão. A Sua Majestade, o Imperador, não sofrerá o mesmo que os seus antecessores, que foram excomungados por estes servos do Diabo. O Papa Martinho Lutero será o seu mais fiel cão a serviço do trono, Majestade. O Papa Lutero abolirá o Direito Canônico. Quinze séculos na fogueira.

E senhores, Majestade, serão abolidos todos os feriados; apenas o domingo será festivo. Nos outros dias do ano, que os escravos arrastem as correntes. O que é isso de amar os santos e tê-los em pensamento? É uma ofensa a Deus ler as suas obras, recordar as suas vidas, seguir os seus exemplos, reservar-lhes um recanto nos templos. Além disso, o escravo que não trabalha adoece.

Além disso, para além desse prejuízo espiritual, o homem comum sofre um duplo prejuízo material. Descuida do trabalho e, para além disso, gasta mais do que nos outros dias. Chega mesmo a enfraquecer o seu corpo e a torná-lo incapaz, como vemos todos os dias.

E nem o Papa nem Deus têm poder para impedir que o poder secular abole todos os dias festivos.

Toda a comunidade, conselho municipal ou autoridade superior tem o poder de abolir e impedir, sem o conhecimento nem a vontade do Papa ou do bispo, aquilo que é contra Deus e prejudicial para os homens, tanto no corpo como na alma.

E quem é o Papa para impedir que um primo se case com a sua prima? Deixem-nos casar.

E os jejuns. Todos proibidos. O que é isso de liberdade?

As capelinhas nos campos. Todas para o chão. São locais de peregrinação...

que o diabo promove para fomentar a avareza, instituir crenças falsas e imaginárias, enfraquecer as igrejas paroquiais, aumentar as tabernas e a fornicção, desperdiçar dinheiro e trabalho inutilmente.

O ódio do bobo da corte contra os santos é como baba que lhe escorre dos lábios; ele quer controlá-la, mas ela supera-o.

Que espírito deu ao Papa autoridade para canonizar os santos? Quem lhe diz que são santos ou não?

Ele compara-os aos ídolos que afastaram o povo de Israel de Deus. E reduz o amor por aqueles que nos precederam e, com os seus exemplos, mantiveram viva a fé no meio de acontecimentos fatais, a um mero negócio. Para o alemão, tudo se resume a isso: negócio. Há ouro, há Deus! E depois de o Bobo das Cortes dar vazão à sua esquizofrenia selvagem contra a corrupção, pedindo que se corte a cabeça para acabar com a dor no pescoço, ele eleva o tom mais um degrau e surpreende a todos dizendo:

Uma das grandes necessidades é a de abolir toda a mendicância em toda a cristandade. Seria fácil eliminá-los a todos. Quem quer ser pobre não deve ser rico. Se quiser tornar-se abastado, tem de pegar no arado e procurá-lo ele próprio na terra.

Basta que os pobres tenham o suficiente para não morrerem de fome e de frio

E dado que os conventos eram o viveiro que, ao cuidar dos pobres, os mantinha vivos, a solução para a pobreza do seu tempo era lógica: «Suprimam os conventos e que todos morram de fome e de frio.» A mortandade causada pela confiscação e supressão dos conventos em Inglaterra por decreto do divino Henrique VIII foi ocultada por entre as revoltas que Sua Majestade satânica reprimiu sangrentamente. Lutero defendia esta medida contra os alemães. Entende-se que, se o povo soubesse ler, teria anunciado não a Reforma, mas sim a morte deste Palhaço do Diabo. Não demorariam a descobrir o Diabo por detrás das vestes do seu Palhaço. «Matem-nos, degolem-nos a todos, como cães raivosos». Tarde demais. Correram atrás do flautista do Inferno e caíram no precipício. *Requiem in pacis.*

Mais uma vez, dando um passo em frente e outro para trás: se, com uma mão, pede o genocídio contra todos os pobres, com a outra enche os bolsos dos ricos. Volta a pedir o fim de todos os impostos eclesiásticos. É a linguagem que os pequenos senhores da guerra melhor compreendiam. E, fazendo-se passar por Profeta, o Bobo da Corte satiriza a sua loucura assim:

Ó Cristo, meu Senhor, olha para baixo! Faz chegar o teu dia do juízo final e destrói o ninho do Papa em Roma! Ali está o homem de quem Paulo disse que se erguerá acima de ti e se assentará no teu templo, fazendo-se passar por Deus, o homem do pecado e filho da perdição. Se o Papa não é o anticristo, que outro me diga quem será.

Pobre Bufão! O anticristo eras tu. Vieste para destruir a Obra de Cristo. E esse é o Anticristo, aquele que destrói o que Cristo criou: a Igreja Católica. Falaste de Huss e dos seus boémios? Quem te achavas que eras para julgar os mortos? Mudas de assunto para despistar. É a tática de um bom advogado do Diabo. Atirar a pedra, gritar «Um burro a voar» e voltar ao ataque, metendo as mãos nas almas.

O amor vale mais e é mais necessário do que o papado de Roma, que carece de amor.

Do Bobo do Corte as palhaçadas. É incrível pensar que, por causa destas palhaçadas, se sacrificassem cinco milhões de mortos no campo de batalha. Aqueles alemães, como bons antepassados daqueles que, no século XX, aterrorizaram o mundo, adoravam atirar-se para a pira dos seus deuses. O ponto alto é este que vem contra as universidades.

O que são as universidades? Nelas leva-se uma vida dissoluta. Eu aconselharia a abolição total dos livros de Aristóteles. Afirmo também que seria bom extirpar radicalmente o direito canónico, desde a primeira letra até à última. As universidades deveriam formar apenas pessoas muito versadas nas Escrituras, que pudessem vir a ser bispos e párocos e servir de guias na luta contra os hereges, o diabo e todo o mundo.

Depois de se alongar sobre a sua Universidade, escrava da sua Feliz Boa Nova, o Bobo do Cortejo ignora completamente a sua infalibilidade ex cathedra em teologia e direito e assume o papel de historiador, dando uma lição até mesmo a um povo de brutos sobre o sentido da História dos últimos dois mil anos.

«Como o Papa não conseguiu subjugar, segundo o seu arbítrio, os gregos e o imperador de Constantinopla — que era imperador hereditário de Roma —, concebeu um estratagema para privá-lo do próprio reino e título, e entregá-los aos alemães, que naquela época eram guerreiros e

gozavam de muito boa reputação, para que se apoderassem do Império Romano e este se tornasse um feudo nas suas mãos. E assim também aconteceu que foi retirado ao imperador de Constantinopla, e a nós, os alemães, foi-nos transferido o nome e o título do mesmo. Com isso, tornámo-nos servos do Papa.

Embora o Papa tenha roubado de forma violenta e injusta o Império Romano — ou o nome desse império — ao imperador legítimo e o tenha conferido a nós, os alemães, não é menos verdade que, nisto, Deus utilizou a maldade do Papa para conceder tal reino à nação alemã após a queda do primeiro Império Romano, a fim de estabelecer outro, que é o que existe atualmente. Não demos motivo para a maldade dos papas, nem compreendemos as suas intenções e propósitos enganosos. No entanto, devido à perfídia e à malignidade do Papa, infelizmente pagámos muito caro por esse império, com imenso derramamento de sangue, com a supressão da nossa liberdade, com a perda e o roubo de todos os nossos bens, principalmente de igrejas e prebendas, suportando engano e ignomínia indescritíveis. Nós temos o nome do império, mas o Papa tem os nossos bens, a nossa honra, o nosso corpo, a nossa vida, a nossa alma e tudo o que possuímos. Assim, eles enganam os alemães e os iludem com trocas. Os papas tentaram ser imperadores, mas, quando não o conseguiram, elevaram-se acima deles.

Uma vez que o império nos foi dado por mandato de Deus e pela intervenção de homens maus, sem culpa nossa, não aconselharei abandoná-lo, mas sim governá-lo devidamente no temor de Deus, enquanto Lhe aprouver. Como disse, a Ele não importa de onde venha um reino. No entanto, Ele quer que seja administrado. Se os papas o tiraram ilegalmente a outros, nós não o conquistámos ilegítimamente. Conquistámo-lo de homens perversos pela vontade de Deus, que respeitamos mais do que a falsa intenção que os papas tinham ao pretenderem ser imperadores e mais do que imperadores, e que nos confundiram com esse título e zombaram de nós. Também o rei da Babilónia tinha conquistado o seu reino através do roubo e da violência. No entanto, Deus quis que fosse governado pelos santos príncipes Daniel, Ananias, Azarias e Misael. Ainda mais deseja Ele que os príncipes alemães cristãos governem este império. Não importa que o Papa o tenha roubado, arrebatado ou renovado. Tudo é ordem de Deus estabelecida antes mesmo de nós o pensarmos.

Portanto, o Papa e os seus não podem gabar-se de ter prestado um grande benefício à nação alemã, ao entregar-lhe este império romano. Em primeiro lugar: a sua intenção para conosco não foi boa, mas sim abusaram da nossa ingenuidade para reforçar a sua soberba perante o legítimo imperador romano de Constantinopla, a quem o Papa destituiu contra Deus e contra a lei, embora não tivesse autoridade para tal. Por outro lado, o Papa tentou apoderar-se do império para si próprio e não para nós, a fim de subjugar todo o nosso poder, liberdade, fortuna, corpo e alma, e, por nosso intermédio, o mundo inteiro (se Deus não o tivesse impedido), o que ele próprio manifesta claramente nas suas decretais e tentou pôr em prática com grande astúcia perversa junto de muitos imperadores alemães. Desta forma, a nós, os alemães, ensinaram-nos maravilhosamente e à maneira alemã. Enquanto acreditávamos tornar-nos senhores, acabámos por nos tornar servos dos tiranos mais astutos. Temos o nome, o título e o brasão do império, mas o Papa possui o tesouro, o poder, o direito e a liberdade do mesmo. Assim, o Papa come as nozes e nós brincamos com as cascas vazias.

Que Deus nos ajude, pois, como disse, Ele entregou-nos tal reino por meio de tiranos astutos e ordenou-nos que o governássemos, para que façamos jus ao nome, ao título e ao brasão e

salvemos a nossa liberdade. Ensinemos de uma vez por todas aos romanos o que, por meio deles, recebemos de Deus. Se se vangloriam de nos terem entregue um império, muito bem, que assim seja! Vamos administrá-lo, e que o Papa entregue a Roma e tudo o que possui do império, que liberte o nosso país dos seus impostos e extorsões intoleráveis; que nos devolva a liberdade, o poder, a fortuna, a honra, o corpo e a alma, e que deixe o império existir como lhe cabe, cumprindo as suas palavras e afirmações.

Mas, se não quer fazê-lo, por que recorre a manobras com as suas palavras falsas e mentirosas e as suas fantasmagorias? Não basta ter levado a nobre nação alemã pelo nariz de forma tão aberta durante tantos séculos e sem cessar? O facto de o Papa coroar ou instituir o imperador não significa que esteja acima dele. O profeta São Samuel ungiu e coroou os reis Saul e David por ordem divina. No entanto, ele estava sujeito a eles. E o profeta Natã ungiu o rei Salomão, mas não por isso se colocou acima dele. Da mesma forma, São Eliseu fez com que um dos seus servos ungisse o rei Jeú de Israel. No entanto, este obedecia-lhe. Nunca aconteceu em todo o mundo que aquele que institui ou coroa o rei esteja acima dele, a não ser o Papa.

Ora, ele próprio é coroado Papa por três cardeais que lhe estão subordinados e, no entanto, ele está acima deles. Por que razão se eleva acima do poder secular e do império, em contradição com o seu próprio exemplo e o de todo o mundo, bem como com o uso da doutrina e das Escrituras, pelo mero facto de o coroarem e abençoarem? Basta que ele esteja acima dele nas questões divinas, a saber, na pregação, na doutrina e na administração dos sacramentos. Neste aspeto, também todo o bispo e pároco está acima dos demais. Assim, Ambrósio estava na sua cátedra acima do imperador Teodósio, e o profeta Natã acima de David, e Samuel acima de Saul. Por conseguinte, admitam que o imperador alemão seja legítimo e livremente imperador e não permitam que o seu poder e a sua espada sejam suprimidos pelas pretensões cegas dos papas hipócritas, como se estivessem isentos da espada e fossem superiores a ela em todos os aspetos».

É curioso que nenhum dos historiadores alemães dos séculos posteriores tenha levantado a voz para perguntar: «Mas de que é que aquele tolo estava a falar?» Daí se compreende a cumplicidade das escolas germânicas com a falsificação da História e a sua aprovação à manipulação das suas mentes que acabaria por levar à ascensão do seu deus, Adolfo Hitler, de quem este palhaço foi o profeta. Tal profeta, tal deus.

Basta já de falar dos males espirituais. Indicaremos também algumas calamidades seculares.

Primeiro: seria absolutamente necessária uma ordem geral e um decreto da nação alemã contra a opulência excessiva e os gastos com vestuário, que empobrecem tantos nobres e pessoas ricas.

Seria igualmente necessário reduzir as especiarias, que são também como um dos grandes navios que levam o dinheiro para fora da Alemanha.

E tal como aquele «bufão puritano» propunha que toda a aristocracia alemã se tornasse monástica:

o maior infortúnio da nação alemã é, sem dúvida, o empréstimo a juros.

Abolindo o sistema em que se baseava o comércio mundial da época.
Porque...

Foi o diabo que o concebeu, e o Papa prejudicou toda a gente ao confirmá-lo.

O bobo da corte ataca imediatamente a gula e a embriaguez.

Um vício peculiar dos alemães.

A sua mesa de santos bêbados tornaria-se mais tarde famosa pelas suas conversas à volta da cerveja alemã. A hipocrisia do Bobo do Corte não cabia no barril que lhe servia de barriga. E, por fim, afirma que a prostituição não existia em Israel. Mas de forma alguma! O episódio da Prostituta que se entregou a Judá, famoso na Bíblia, não parece constar no Cânone da Bíblia alemã. Mais um truque retórico do Advogado do Diabo para despistar os ignorantes que ouviriam o seu panfleto. A ignorância não se combate com sabedoria; é uma mina da qual se extrai o ouro da fama e do poder. Bofão ele seria, mas de tolo nem um fio de cabelo. O seu remédio? Deixem os jovens fazerem amor, casarem-se, evitem a prostituição, deleitando-se uns com os outros. O casamento não é um sacramento divino. É apenas um remédio contra a lascívia e o pecado. Deus não abençoou a união do homem e da mulher por causa do ato procriador, através do qual a Criação e o Criador se tornam uma só coisa. NÃOOOOO. Pelo contrário, a prostituição existe porque existe o casamento. Se todos fossem livres para se entregarem livremente a todos quando todos sentissem o pecado na própria carne, não haveria pecado porque não haveria freio à tentação, e a tentação é o fruto do pecado; assim, se não há tentação, não há pecado. A culpa de todos os males do mundo é do Papa:

Esta deveria ser a principal preocupação do Papa. Compreendes bem, amada Roma, o que quero dizer?

E foi desta forma tão divertida que aquele Palhaço do Diabo encerrou a sua Declaração e Apelo à Guerra Santa contra a Igreja e o Imperador.

Muitas vezes submeti os meus escritos ao seu julgamento e análise. Mas não me serviu de nada. Também sei perfeitamente que a minha causa, se for justa, será condenada na terra e apenas justificada por Cristo no céu. Toda a Escritura ensina que a causa dos cristãos e da cristandade deve ser julgada apenas por Deus. Nunca foi justificada qualquer causa pelos homens na terra, mas sempre houve, em excesso, uma resistência grande e forte. Sempre foram a minha maior preocupação e o meu receio que a minha causa ficasse sem condenação, pois nisso perceberia, com certeza, que ainda não agrada a Deus. Por isso, que o Papa, os bispos, os padres, os monges ou os eruditos ajam com desenvoltura. São as pessoas indicadas para perseguir a verdade, como sempre fizeram.

Que Deus nos conceda a todos um entendimento cristão e, especialmente à nobreza cristã da nação alemã, uma forma de pensar reta e espiritual para fazer o melhor em benefício da pobre Igreja!

Ámen. Wittenberg, no ano de 1520.

A esquizofrenia deste Lutero era extremamente maligna. O seu complexo de deus infalível, disposto a incendiar o mundo só para fazer valer a sua reivindicação ao Pontificado, consolidou-se naqueles anos de prisão conventual. O «Calavera» Martín Lutero, estudante festivo adorado pelos seus colegas e deleite para a paixão da viúva que o acolhia na sua casa durante o dia e na sua cama à noite, saiu totalmente transformado por

aquele deus oculto que o domou até transfigurar a sua mente na de um esquizofrénico com síndrome de salvador universal nacionalista, cuja verdade estava para além do julgamento das bestas humanas. Ele e só ele detinha a verdade absoluta. A Igreja Católica devia ser destruída até aos seus alicerces e, no seu lugar, ele iria edificar uma nova, cuja fé nunca se corromperia.

Uma tarefa difícil, árdua, cuja execução seria impensável noutros tempos. Naqueles tempos, não só a sua Nova Boa Nova era exequível, como o Papado estava a colocá-lo contra as paredes. Os crimes dos Papas do final do século XV e início do século XVI eram um escândalo aos olhos de Deus e dos homens. Apenas o Saque de Roma por Carlos V fez com que todos os Cardeais e os seus servos compreendessem que tinham ultrapassado a linha vermelha entre o Céu e o Inferno. Tinham de recuar e abrir-se ao Concílio Universal que as nações vinham reclamando para a Reforma Eclesiástica da Cúria Italiana. Era aí que residia o problema. Deus tinha levantado o Seu Braço e descarregava a Sua fúria contra aquela Roma perversa, na qual o Papado se tinha refugiado para cometer todos os crimes por causa dos quais o Seu Nome era blasfemado na Terra.

Os historiadores estão errados ao interpretar o Saque de Roma por Carlos V como um ato de maldade espanhola. Um erro tremendo. Aquele golpe foi interpretado pela Igreja como um ato de Justiça Divina. Sem essa interpretação, aquele Papado e a sua Cúria doente nunca teriam consentido em celebrar o Concílio que pôs fim à perversidade do sistema iniciado na época do Cativo da Babilónia.

Em tempos de loucura, de facto, o bobo da corte é o rei.

19/06/2020

LIVRO SEGUNDO

«SÓ A BÍBLIA»

CONTRA OS DIVINOS DE WESTMINSTER

Resposta de um filho de Deus à Declaração de Guerra de Westminster contra a Unidade da Plenitude das Nações Cristãs

INTRODUÇÃO

Desde o primeiro capítulo desta Confissão dos Teólogos de Westminster, a mão sangrenta que a escreveu tira a luva e revela a metodologia que empregou para elaborar estes artigos de declaração de guerra até à morte contra a Europa Católica. A mão do lobo revelou-se sem complexos assim que terminou a Guerra Civil de Cromwell. A Igreja Anglicana rejeitou Cristo como Cabeça, elevou o rei das Ilhas Britânicas à condição divina natural de Cristo e, cansada do seu brinquedo, retirou o deus de onde colocara o rei e ergueu-se como Assembleia dos Santos investida de Autoridade Divina.

Isto, teologicamente falando. De acordo com a Teologia dos Apóstolos, da qual a Bíblia é testemunha, Cristo é a Cabeça da Igreja, de quem — sendo Cristo e Jesus a mesma Pessoa — a Igreja recebe a sua Natureza Divina. Lê-se também — e a Igreja Católica Europeia tem vindo a repeti-lo ao longo de 1600 anos — que esse Jesus é o Verdadeiro Deus, nascido do Verdadeiro Deus. Partindo desta Revelação, a dedução filosófica dos Padres da Igreja — os Ambrosios, os Agostinhos, etc. — foi simples.

Resumindo, uma vez que Cristo é Jesus e Jesus é o Verdadeiro Deus, desde o momento em que a Igreja Católica foi concebida para ser o seu Corpo, esta adquiriu a indestrutibilidade que é natural à sua Cabeça.

Este pensamento filosófico dos primeiros sábios cristãos teve de passar pelo crisol das provas ou demonstrações. Na sua doutrina, ao falar sobre a verdadeira sabedoria, o próprio Jesus deixou bem clara a necessidade desta superação quando disse: «Aquele, pois, que ouve as minhas palavras e as põe em prática, será o homem prudente, que edifica a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e bateram contra a casa; mas ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Mas aquele que me

ouve estas palavras e não as põe em prática, será semelhante ao insensato, que construiu a sua casa sobre areia. Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e bateram contra a casa; mas ela não caiu, porque estava fundada sobre rocha».

A parábola devia aplicar-se à sua própria Casa. Sabendo Jesus que a Morte lançaria o seu inferno com toda a sua potência contra os seus Discípulos e não pararia nem daria descanso à Igreja, será que a casa que o Filho de Deus estava a construir na Terra para o seu Pai resistiria ao passar dos séculos?

A Rocha sobre a qual erguer esse Edifício foi colocada por Deus. Os pedreiros foram os Apóstolos. Terminado o seu Trabalho, a Casa construída ficaria exposta à Necessidade de Demonstrar a Divindade da Rocha sobre a qual foi construída. Se esse Fundamento fosse humano, o Edifício do Novo Templo desmoronar-se-ia. Caso contrário, se, no fim dos terremotos e dilúvios que se abateriam sobre as suas paredes, essa Casa continuasse de pé, a Divindade do seu Fundador manifestar-se-ia na indestrutibilidade da sua Casa perante a plenitude das nações.

Escusado será referir as vitórias da Igreja Católica Europeia contra o Império Romano, contra os surtos anticristãos internos, contra as invasões dos bárbaros, contra os impérios islâmicos. Desde Nero a Constantino, de Constantino a Átila, de Átila a Maomé, de Maomé a Lutero, de Lutero a Lenine, a Morte não cessou de lançar as suas hordas contra o Edifício criado por Deus: a Igreja Católica. A sua invencibilidade foi, de qualquer forma, selada em 1571 na Batalha de Lepanto. Nessa batalha, a indestrutibilidade da Igreja fundada por Jesus Cristo e edificada pelos Apóstolos — conhecida como Igreja Católica Apostólica Romana para os de fora, Esposa do Senhor Jesus para os de dentro — ficou plenamente demonstrada aos olhos da História Universal. Obviamente, a Morte faz o que lhe é natural, e ninguém poderia esperar que o Apocalipse não se concretizasse e deixasse de celebrar a sua orgia de destruição no campo das guerras mundiais do século XX.

Do lado dos homens, a cegueira intelectual persistiu, apesar das grandes batalhas vencidas pelo império católico espanhol contra o ataque maciço, tanto de dentro como de fora, liderado pelo Príncipe do Inferno contra a Criação de Deus e do Seu Filho na Terra. Presas nas trevas da ignorância que levou romanos e judeus a rebelarem-se contra Cristo, as forças cegas dos séculos continuaram a sonhar em destruir a Casa cujas Muralhas já tinham demonstrado a sua indestrutibilidade ao longo de dezassete longos séculos. Ateísmo científico, materialismo dialético, comunismo, socialismo do século XXI: estas forças brutais nasceram na crença de poderem realizar o que forças infinitamente superiores não conseguiram.

As minhas culpas estão aceites. Embora, claro, a brutalidade seja natural para o bruto.

Mas, em defesa do protestantismo, sejamos misericordiosos com os ignorantes; pode dizer-se que, não tendo podido ver com os próprios olhos estas últimas vitórias modernas, pois ninguém pode ver o Futuro, o facto de terem surgido Lutero, Calvino, Henrique VIII e aquela Assembleia de Teólogos para se unirem às forças dos elementos contra a Casa daquele Sábio que colocou a Primeira Pedra, foi um ato instintivo próprio de animais

bastante irracionais. E que Deus tenha em conta esta defesa. Aqui, a mim pessoalmente, como filho de Deus a quem o seu Pai confiou uma tarefa, cabe-me reduzir a pó o saco de mentiras que, sob a aparência de santidade, vinha carregado do joio maligno da divisão das igrejas, contra o qual o Senhor advertiu todos os seus servos quando lhes disse: «O reino dos céus assemelha-se a alguém que semeou semente boa no seu campo. Mas, enquanto a sua gente dormia, veio o inimigo, semeou joio entre o trigo e foi-se embora. Quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu o joio. Os servos aproximaram-se do senhor e disseram-lhe: ‘Senhor, não semeaste semente boa no teu campo? De onde vem, então, o joio?’ E ele respondeu-lhes: ‘Isso é obra de um inimigo.’ Disseram-lhe: ‘Queres que vamos arrancá-lo?’ E ele disse-lhes: ‘Não, para que, ao tentardes arrancar o joio, não arranqueis também o trigo. Deixai que ambos cresçam até à colheita; e, na altura da colheita, direi aos ceifeiros: ‘Peguem primeiro no joio e amarrem-no em feixes para o queimar, e recolham o trigo para o guardar no celeiro’”.

Pois bem. O Senhor partiu. A Sua Sementeira deu fruto, muito e muito bom. Os Bispos adormeceram. O Diabo foi libertado, veio e semeou o seu joio. Miguel Celulario foi o peão que se tornou rainha na partida entre Bizâncio e Roma. Mas a Grande Partida, a batalha que dividiria em duas a Europa cristã e lhe abriria as portas para as guerras mundiais, estava prestes a ser disputada.

No terreno dos séculos e voando até pousar no terreno do século XVIII, nesta altura da Confissão de Westminster, no ano de 1646, com a invencibilidade da Europa católica já manifestada e consolidada de forma definitiva e para sempre na Batalha de Lepanto, a Rebelião Protestante contra a pornocracia do Vaticano do século XVI deveria ter começado a ponderar seriamente a sua posição anticristã. Mas não foi assim. O naufrágio da Armada Invencível em 1588 nas águas do Canal da Mancha cegou a Razão do Reino Unido e, confundindo uns barquinhos de madeira com o Exército de Deus na Terra, o inglês acreditou que poderia fazer o que nem o romano, nem o bárbaro, nem o muçulmano conseguiram: nada mais e nada menos do que derrubar a Casa que os Apóstolos edificaram sobre a Pedra que Deus colocou como Fundamento, o próprio Jesus Cristo. Desta forma, a Reforma Anglicana tornou-se um daqueles elementos naturais cegos sobre os quais o Filho de Deus falou no seu discurso sobre a Verdadeira Sabedoria.

A esta distância no tempo, a quatro séculos da Grande Rebelião da Europa anglo-saxónica e nórdica contra a Unidade Universal do Cristianismo na Coroa do Rei, Deus Filho, Jesus Cristo, vemos a Demonstração da Sabedoria do Fundador da Igreja Católica Europeia glorificada ainda mais, na medida em que, tendo sido concedido àquele Reino Unido o Império Britânico, Cópia Moderna do Antigo Império Romano, para destruir de uma vez por todas e para sempre o que o seu Original não conseguiu, misteriosamente aquela Igreja Católica, supostamente filha do Inferno, a Prostituta do Diabo segundo a imaginação dos seus inimigos protestantes, continua de pé, as suas Muralhas estão mais fortes do que nunca e preparam-se para se tornarem ainda mais fortes.

Como disse antes, o Senhor partiu. A colheita foi abundante e de excelente qualidade. O Diabo semeou o seu joio fraticida. E hoje chegou o tempo que tinha de chegar. O tempo de recolher o trigo nos celeiros, reunir o joio e atá-lo em feixes para o queimar.

Esta é a obra de Deus e os ceifeiros cumprem o seu trabalho.

PROLEGÓMENO

Quando esta Confissão Assembleia dos Divinos encontrou o seu lugar na História, ao abrir o livro e prepararmo-nos para ler o seu conteúdo, a primeira coisa que observamos é que o historiador oficial não nos revela as circunstâncias trágicas pelas quais o país do Confessor estava a passar. Um silêncio que poderia dar origem a uma interpretação errada sobre a natureza do ataque frontal e direto que empreendo a partir desta primeira linha de batalha.

Nos dias em que se ouviu esta trombeta de guerra total contra a Igreja Católica nas Ilhas Britânicas, deste lado do Canal, as Confissões-mãe desta Confissão Inglesa Final arrastaram a Milenar Comunidade Cristã Europeia para uma Guerra Fratricida que durou Trinta Anos, de 1618 a 1648, e que, em nome dos seus reis, chefes das igrejas nacionais — ou seja, em nome das teocracias do Norte —, ceifou o número impressionante de cerca de quatro milhões e meio de vidas humanas, segundo os cálculos oficiais.

Todos sabemos, e sabemos-o porque a História Universal nos ensinou isso, e aprendemos-o pelo velho método de «a lição aprendida com sangue», neste caso o dos nossos pais derramado pelos campos da Europa, que quando as instituições oficiais dizem 10, é preciso acrescentar 5.

A realidade é sempre inimiga do poder. Tem sido assim há milénios.

Evidentemente, aqueles que têm o hábito de tomar banho porque o suor alheio mancha a pele delicada que encobre as suas maldades, quando o Estado os chama, não têm qualquer escrúpulo em levantar-se para condenar aqueles que defendem os Factos e denunciam a Boa Vontade a partir da qual o Poder pretende, com a sua Mentira e a sua Falsidade, manter o rio de sangue sob controlo, de modo a que não nasça aquela gota que faz transbordar o copo.

Quando os dados oficiais nos falam de 4 milhões e meio de mortos em combate durante a Guerra dos Trinta Anos, em honra da Reforma dos pais de Hitler e das teocracias europeias, devemos ser muito prudentes. Os deuses coroados, nascidos do barro, são mentirosos por hábito. E, no entanto, apesar de serem deuses, sangram como qualquer mortal, como se viu no caso do rei Carlos I de Inglaterra, a quem Cromwell ajudou a separar a cabeça do pescoço «por decreto do Deus que, desde a Eternidade, já tinha

pré-estabelecido, tal como pré-estabeleceu desde antes da Eternidade que Adão caísse», que a cabeça de Carlos I rolasse pelo chão. E assim restabelecida, através do sangue, a Glória do Deus Todo-Poderoso e Oculto, de quem Lutero e Calvino foram o Moisés e o Aarão, Cromwell tornou-se o seu Josué.

Afirmando os historiadores oficiais que foram 4 milhões e meio os mortos durante a Guerra dos 30 Anos, temos de acrescentar um extra.

Pois, uma vez que «pelas obras nos reconhecemos», não é conversa fiada afirmar que os milhões de viúvas, órfãos e mutilados, sacrificados pelos Novos Apóstolos no altar da Reforma Protestante para a Glória desse Deus Oculto, foram, aos olhos daqueles Divinos Caim, incenso sagrado de aroma agradável às narinas desse Deus Oculto, cujo Dogma e Primeiro Artigo de Fé era o Ódio contra o Mundo Católico Europeu.

Não sabemos, ou devemos interpretá-lo a partir das consequências, que efeito causou no nariz do Deus de quem Cristo disse que é Amor, o fedor desses milhões de mortos e das suas respectivas viúvas, órfãos, mutilados... Deduzindo da leitura sobre a Predestinação desta Declaração de Guerra contra o Deus Amor de Cristo, a nuvem de incenso puro que os corpos sagrados dos soldados protestantes exalavam deve ter embriagado de egolatria e orgulho a Onipotência Divina desse Deus Oculto Protestante.

Segundo os seus Novos Eleitos, no final da Guerra dos Trinta Anos, esse Deus Oculto bem poderia dizer de si mesmo: «Em verdade, em verdade, o meu Poder é Infinito». Curioso, muito curioso que quem criou um Cosmos povoado por inúmeras galáxias tenha de se convencer do seu Poder Infinito, deleitando-se ao ver como as bestas humanas se devoram umas às outras.

E apesar de ser o motor, de acordo com a Confissão Protestante, das epidemias e fomes que massacraram a população da Europa em nome dos seus reis divinos, declarados em guerra perpétua contra o fenómeno — aparentemente nunca antes visto — da existência da Igreja Católica na Alemanha, Suíça, Áustria, França, Suécia, Noruega, Dinamarca, Polónia, Rússia, Espanha, Portugal, Hungria, Checoslováquia, etc., é ainda mais curioso observar o fracasso desse mesmo Deus Oculto na hora da Destruição Total e Absoluta da Igreja Católica Romana e Apostólica da face da Terra. Fenómeno incrível, tanto mais estranho quanto o facto de que, se se perdesse um punhado de nações fraticidas para o Velho Mundo, ganhava-se, do outro lado do oceano, um Novo Mundo inteiro para o seu Reino.

Que loucura, que demência! Acreditar que Deus era glorificado ao ordenar e alimentar aquelas epidemias e fomes que dizimaram a população europeia em benefício da Grande Rebelião da Reforma!

Mas, segundo a Assembleia dos Teólogos, autora desta Confissão, Deus tinha predestinado que assim fosse. E aí daquele que se atrevesse a pôr em dúvida a Infalibilidade e a Onipotência da Sabedoria Onisciente dos Teólogos de Westminster.

Independentemente da leitura desta refutação dos princípios destes artigos anticristãos, impostos não pela Lei do Amor, mas pela Lei do Terror, analisados intelectualmente à luz do Espírito do Deus Amor que estabeleceu a Transfiguração da besta humana num filho de Deus à Imagem e Semelhança do seu Filho, a declaração presbiteriana de que Deus, Pai de Jesus Cristo, o Autor Intelectual da Queda e das suas consequências universais, foi, e continua a ser, uma defesa miserável do Diabo.

Dois fenómenos deixam, então, o verdadeiro historiador perplexo. O primeiro: que tenha havido e continue a haver vida após o século XVI para o mundo católico latino. O segundo: que aquela Reforma anticatólica e a Revolução da burguesia europeia tenham entrado na História sem qualquer tipo de ligação.

É, portanto, natural que, enquanto Filho de Deus, a minha resposta a esta descendente das confissões anteriores — tanto isabelinas como luteranas e calvinistas — venha envolta no zelo pela Casa do meu Deus. E devo ainda dizer que, se as primeiras confissões traziam a esperança de dar um bom fruto — um fruto pacífico e vivificante —, uma vez provado o seu fruto de morte e desolação, que serviu a todas as nações europeias para a salvação de Lutero, Calvino e Henrique VIII, o Autor Assembleísta desta nova Confissão, em vez de se dedicar a cortar as cabeças dos bispos e de todos aqueles que se opuseram à sua política divina, deveria ter cortado as próprias mãos, sabendo já, pelos frutos vivos que a Europa estava a saborear, quais os frutos que a sua videira daria.

Sim, claro que sim, estou a falar de Oliver Cromwell.

As primeiras confissões anglicanas, financiadas pela espada do terror dos Tudor, deram os seus frutos sangrentos logo após o seu nascimento. Com a morte daquela Rainha Virgem, que tinha um nome idêntico ao da Rainha Católica, os três reinos da Ilha deram início à caça ao homem. Aproveitando o momento, aquele deus para quem Jesus Cristo era um excesso mergulhou os reinos da Escócia, Inglaterra e Irlanda numa guerra fratricida que, vencida pelo novo profeta — ao estilo de Maomé — que a Inglaterra se deu, descarregou o pior da sua fúria, como não poderia ser de outra forma, contra a Irlanda católica, cujo genocídio está registado nos livros de História e não creio que seja necessário deslocar estas linhas desta zona para aquele oceano de sangue, sob cujas águas assassinas o Herói Protetor inundou a Irlanda por aquelas datas.

Temos, portanto, que, embora esta Confissão não tenha sido selada pela coroa britânica, o seu texto não é mais do que uma reformulação dos 39 Artigos fundadores da Religião Anglicana. Parece que não era — dizer que não era é um eufemismo, pois de facto não era — do interesse das Ilhas que o Continente se rendesse à paz.

Naquele ano de 1647, assinava-se na Europa a Trégua de Ulm, prelúdio do fim da Guerra dos Trinta Anos. A inteligência deveria ter tirado lição dos acontecimentos e, tendo provado o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, deveria ter feito algo mais do que atirar lenha para a fogueira. Não fazia parte das intenções da Revolução Puritana a esperança de que aquela maldita guerra acabasse. O Reino

Unido não estava disposto a assinar a paz com a Europa. A unidade britânica seria construída sobre o ódio às nações continentais, com exceção das teocracias escandinavas.

A Inglaterra tinha participado na Primeira Guerra Mundial Europeia — o verdadeiro nome da Guerra dos 30 Anos —, baseando a sua política pró-imperial na manutenção do continente em chamas numa guerra fratricida. Nesta Nova Ordem Mundial Europeia, a Revolução Cromwelliana não hesitou em retomar a Declaração de Guerra Anticatólica que Isabel I tinha assinado.

Infelizmente para Cromwell e a sua Religião dos Escolhidos, abençoados pelo Deus Oculto de Lutero para exterminar da face das Ilhas a memória da existência do Reino Unido Católico, os filhos das Confissões do Continente, por volta deste ano de 1647, já não tinham forças para manter a orgia fratricida. Uns e outros tinham-se saciado de carne humana, tinham-se embriagado até à loucura bebendo o sangue dos seus irmãos.

Embora apoiados pelo calvinismo anglicano, maravilhados perante o fenómeno da indestrutibilidade do catolicismo, no intervalo entre 1647 e 1648 os exércitos protestantes depuseram as armas e foi assinada a Paz de Westfália.

No geral, a propaganda protestante anticatólica baseava-se na ignorância brutal dos povos e na maldade dos seus aristocratas. Que a Igreja Católica tivesse 1 600 anos; que as perseguições que a Igreja Católica sofreu durante o Império Romano, sob o arianismo dos bárbaros, sob o Império do Islão maometano, tivessem ou não realidade histórica, não era um Facto Definitivo que provasse a sua indestrutibilidade. Eles tinham de pôr à prova a Sabedoria do Filho de Dois.

A ignorância dos povos anglo-saxónicos era tal que engoliam um elefante com coroa e engasgavam-se com um mosquito vestido de monge. Pois, segundo as suas gloriosas universidades e os seus sábios divinos, a existência da Igreja Católica desde a Era Apostólica era uma grande mentira papista. Sim, tudo foi uma mentira papista. Não houve perseguições contra os católicos romanos, a não ser de forma isolada. A Igreja Católica Romana nunca lutou contra o Anticristo nem o derrotou; tudo não passou de uma invenção do papismo. A prova? O Anticristo estava vivo!

Senhoras e senhores, quatro milhões e meio de mortos oficiais em combate em nome de Lutero, Calvino e Sua Majestade Anticristã Britânica...

mais os correspondentes milhões de viúvas, umas alegres, outras chorosas...

mais as legiões de órfãos atirados para as fogueiras onde os seus corpos seriam incinerados, vítimas da fome e das epidemias...

mais as centenas e centenas de milhares de coxos, mancos, cegos, etc., que aqueles 30 anos de guerra fratricida deixaram no terreno:

senhoras e senhores, aqueles milhões de infelizes vítimas do anticristianismo durante a Grande Rebelião contra a Europa Católica não serviram para nada, a não ser para esclarecer os povos daquela gloriosa Reforma sobre a necessidade de se aliarem ao Diabo e se unirem às forças do Inferno para restaurar o Paraíso na Terra. Uma vez destruídos Espanha, Itália, França, Polónia e Portugal, todos seriam felizes e comeriam perdizes. Talvez os alemães, suíços, franceses e holandeses... não comessem os perdizes. É um prato de reis. Mas seriam felizes. Por isso, o Ódio não devia cessar. O Fogo do Ódio à Europa Católica deveria permanecer até que o incêndio decidisse o futuro de todos no campo de Gog e Magog, no Dia das Guerras Mundiais.

A guerra tem essa virtude maligna de acabar por remover as cataratas dos olhos dos tolos que entregam as suas vidas a pessoas maléficas e perversas, cujo objetivo neste mundo é realizar o sonho de Satanás: «já que não podes ser Deus, pelo menos vive por um dia como um deus». Uma armadilha homicida na qual uma Criatura, na sua Infância Ontológica, se atirou de cabeça.

Por que querer ser um deus por um dia quando se pode ser um filho de Deus e participar da sua glória pela eternidade?

Resposta que teria salvado o Género Humano de viver sobre o Cemitério dos seus pais. Mas que, dada a Infância do Ser Humano, não teve parte no Acontecimento da Queda.

Voltando à refutação, esta Confissão de Westminster, contrariamente ao seu nome, não foi assinada pelo então rei de Inglaterra, Carlos I. O título ostenta a assinatura da sua Fada Madrinha, a Confessora dos 39 Artigos fundadores da Religião Anglicana. Aperfeiçoando-os, como era de se esperar daqueles que se consideravam «divinos» e escolhidos por Deus para massacrar a fogo e espada o renascimento católico na ilha que, pela graça da rainha francesa, começou a florescer alegremente, ousando até mesmo — vade retro, Satanás! — discutir a natureza divina do calvinismo puritano da Nova Ordem Mundial cromwelliana.

Este é o Confessor que, à ponta da espada, sob a lei do Terror, seguindo o exemplo da sua Fada Madrinha Isabel I, assinou e selou estes pontos sobre os quais irei esclarecer melhor, e depois que cada um faça com eles o que melhor lhe parecer conveniente.

Que a Igreja é o Reino, a Casa e a Cidade de Deus entre os homens não é necessário demonstrá-lo. Os Santos Agostinho, Isidoro, Ambrósio, Tomás... já deixaram esta Realidade edificada nos seus Discursos. Que a Igreja edificada sobre a Rocha Divina é indestrutível já ficou demonstrado após dois mil anos de luta pela sua destruição. Nem romanos nem judeus, nem bárbaros nem muçulmanos, nem ateus nem comunistas. Ninguém conseguiu derrubar o que o Filho de Deus construiu.

Apenas Deus pode destruir o que Deus criou. Assim como, no início, o Diabo usou a Lei para, através da sua transgressão, causar a Queda do Homem, assim também, no Fim, procurou a destruição da Obra do Filho de Deus, arrastando as igrejas à desobediência ao

Mandamento da Unidade sobre o qual o Cristianismo foi edificado. É evidente que Deus quis, por meio de factos atuais, reviver acontecimentos passados, para que a Verdade se estabelecesse entre os homens, não no discurso que provém de infinitas palavras, mas naquele que tem a sua raiz no sangue da História.

Os capítulos históricos que estão na base da Rebelião Anglicana são do conhecimento de todos, estando hoje aberto o acesso à sua leitura. Até há pouco tempo, a Reforma Anglicana manteve a sua jihad letal contra o Catolicismo, copiando integralmente as medidas do Islão radical contra o cristianismo, embora limitadas ao mundo dos católicos.

Ninguém ignora as causas que justificaram os movimentos reformistas protestantes. A corrupção do papado nos séculos XV e na metade do XVI não era novidade, mas era espantosa. E, mesmo assim, todas as igrejas deveriam ter seguido o Exemplo do Senhor Jesus Cristo, que, tendo na Sua Palavra toda a Onipotência perante a negação consumada de Pedro, não se atreveu, nem quis, nem se Lhe ocorreu retirar a Liderança dos Apóstolos àquele a quem Deus Pai a concedeu.

Certamente, a Sabedoria daquele que se fez homem para se tornar o Campeão de Deus no Duelo entre o filho de Eva e o filho da Morte distava tanto dos Reformadores quanto o Céu se distancia da Terra. A ignorância dos Reformadores sobre as coisas de Deus foi absoluta, e foi por isso que o Diabo semeou o joio da divisão entre as igrejas e as suas nações, selando com o sangue da Guerra dos 30 Anos o ódio que as manteria afastadas umas das outras.

Se Martinho Lutero tivesse conhecido Deus Pai antes, teria cortado as próprias mãos a fim de não escrever uma única linha daquelas famosas 95 teses com as quais o Diabo começou a conduzir as nações cristãs para aquela Guerra dos 30 Anos, cujo sangue selaria o Pacto de Ódio entre umas e outras, preservado pelas igrejas com o mesmo zelo com que os sacerdotes guardam o corpo sagrado de Cristo nos seus altares-maiores, sangue que serviu ao Diabo de argamassa para consolidar o Muro da Divisão entre o Norte e o Sul, entre protestantes e católicos.

Deus revelou ao Seu Filho a Sua Decisão de libertar o Diabo no Ano Mil, com o objetivo de reviver a Queda do Passado, por um lado; e, por outro, acelerar os acontecimentos de modo a encurtar os séculos de espera que a Criação ainda teria de viver até ao Nascimento da Geração dos filhos de Deus que herdaria do seu Pai o Espírito da Inteligência.

A Decisão de Deus Pai de Libertação do Diabo tem as suas raízes na mesma terra em que a Necessidade da Morte de Cristo, filho de David, filho de Eva, tomou forma. Pois Deus concedeu-me o Poder de responder às teses e declarações que uns e outros proferiram em Seu Nome a partir do Seu Espírito, sendo a estrela que me guia a Unificação de todas as igrejas, em amor à vontade do meu Criador, a quem devo a vida, e movido pelo Seu amor por todos os pastores e servos do Seu Filho, abordarei a questão intelectual subjacente a tais linhas, trazendo à luz os seus erros a partir do espírito da Verdade, não como alguém que procura condenar, mas a partir do espírito de quem, sabendo que todos

foram alvo de engano, tal como Adão no seu tempo, para que, não tendo sido condenados a priori devido à Necessidade dessa Libertação, todos os cristãos se levantem das trevas em que foram encerrados e, em obediência à Vontade Divina, derrubem o Muro das divisões e voltem a formar um Corpo Universal Unido num mesmo Espírito, cuja Cabeça é o Filho de Deus, uma única Casa, cujo Senhor é Jesus Cristo, e da qual todos somos cidadãos, com os mesmos direitos e deveres.

Assim, comecemos.

PRIMEIRA PARTE

O ARGUMENTO DO DIABO

C.W. = Confissão de Westminster

C.R.Y&S. = Cristo Raúl de Yavé e Sião

C.W. – Embora a luz da natureza, as obras da criação e a providência manifestem a bondade, a sabedoria e o poder de Deus de tal forma que os seres humanos não têm desculpa perante Deus...

C.R.Y&S. — Os seres humanos têm, sim, desculpa perante Deus; pois, se não a tivessem, não teria feito sentido a Justiça pela Fé nem a Justificação dos pecados pela Graça. Foi porque Deus perdoou a ignorância dos nossos pais na Queda de Adão que Deus ergueu a Cruz da Redenção, na qual todos foram justificados pela sua ignorância e pela sua incredulidade na existência de um Deus Criador, Senhor do Infinito e da Eternidade, Pai de um Filho da sua mesma Natureza, Incriado, não criado, Luz da Luz, Deus de Deus, etc.

Afirmar que os homens «não têm desculpa» é negar à Cruz a Virtude e a Sabedoria, e reduzir a Redenção pelo Sangue do Cordeiro de Deus a um ato de tédio desnecessário perpetrado por Deus com o único fim de atormentar os seus filhos, atirando-os aos leões para servir de alimento, e aos romanos para diversão nos seus espetáculos macabros de circo.

Se os homens não tivessem desculpas para serem justificados por Deus, por que razão iria Deus justificar os homens? Para passar o tempo? De modo algum, pois todo o homem foi

condenado pelo pecado de um único homem e, por isso, um único homem assumiu a culpa de todos os homens, para que, na Sua Justiça, todos os homens fossem absolvidos dos seus crimes e se reconcilhassem com Deus, o seu Criador, na Graça daqueles que foram libertados do Poder da Ignorância e da escravidão à Morte, à qual todos os homens foram entregues como escravos em consequência da Transgressão de um único homem, aquele Adão, pai de Sete, pai de Noé, pai de Abraão, pai de Israel, pai de David, pai de Jesus, filho de Maria, filha de Eva, mulher de Adão, rei, cuja coroa desceu do Céu e por cuja transgressão a humanidade foi abandonada à ignorância e à morte.

Que justiça seria a de Deus se, ao condenar um mundo inteiro pela desobediência de um único homem, não justificasse os delitos de todos os homens cometidos em consequência da maldição que lhes coube viver devido ao crime de um único homem?

Mas, se houve Redenção, houve Justificação; e, se houve Justificação, os homens tinham de ser perdoados. Necessidade essa que o Filho de Deus assumiu nas suas mãos e, oferecendo-se como Cordeiro de Deus, segundo a Lei de Moisés sobre os pecados cometidos por ignorância, derramando o seu Sangue, perdoou todos os homens, purificando-os dos seus delitos e reconciliando-os com Deus.

É, portanto, um erro terrível de princípio esta afirmação. Pois, como sabemos hoje, após a Manifestação do Filho de Deus, nem a Criação nem a Natureza foram nem são suficientes para dar a conhecer esta Paternidade Divina sobre um Filho das suas próprias entranhas não criadas. É unicamente por meio da Revelação Divina que o Homem alcança este Conhecimento. E, uma vez que Deus quis edificar este Conhecimento em Fatos, deu-nos a Visão desse Filho em Carne e Osso, para que, tendo-O entre nós por meio das Suas Obras — Obras de Deus —, os homens ficássemos firmados nesta Realidade Divina.

C.W. — ... no entanto, estas não são suficientes para transmitir aquele conhecimento de Deus e da Sua vontade que é necessário para a salvação ...

C.R.Y&S. — Ao negar o que foi dito anteriormente, o Confessor afirma o contrário. Se antes dizia que as obras naturais divinas são suficientes, agora diz que são incompetentes para traçar o caminho da salvação. Daí se percebe a escuridão de onde parte a sua confissão.

É sabido que a existência de um Deus Todo-Poderoso tem sido sentida e vivida por todos os povos da humanidade desde o início dos tempos. Não há povo, por mais atrasado que viva ou tenha vivido no domínio da civilização, que não tenha adorado um deus todo-poderoso e não tenha vivido sob uma religião extraída da experiência dos sentidos racionais humanos. Pois Deus articula a Sua criação de tal forma que, através dos sentidos, a inteligência desperte para a Sua existência.

Desde que o homem tem uso da razão, desde a Polinésia até às terras geladas do norte do Canadá, desde as estepes até aos desertos, todos os povos da humanidade

humano iniciaram o seu percurso na civilização de mãos dadas com um Deus. Negar este facto é negar a existência da civilização. No entanto, este sentido racional não é suficiente para penetrar na Vida Divina e conhecer Deus para além dos Seus Atributos. A Criação fala do seu Criador, mas sobre o Deus que está nesse Criador só Deus pode falar. Tanto é assim que até os judeus, apesar de conhecerem Deus, desconheciam a existência deste Filho Todo-Poderoso, Incriado, não criado, da mesma Natureza que o Pai, de quem o próprio YAVÉ DEUS diz: «TU ÉS DEUS».

De facto, se a Criação bastasse por si só para revelar à razão natural a existência deste Filho Todo-Poderoso, que com a sua Palavra Poderosa criou a Luz e a separou das Trevas, nenhum homem estaria sujeito a justificação ou desculpa. Mas, uma vez que todos os homens, incluindo os filhos de Abraão, foram afastados desta revelação, todos os homens tiveram necessidade de ser desculpados, justificados e redimidos pelos crimes cometidos na sua ignorância. Daí se vê que o confessor não sabia do que estava a falar, nem falou sob inspiração divina, pois Deus não pode enganar ninguém, nem induzir ninguém ao erro. Ele é a Verdade; a Mentira não tem parte Nele. Ele é Sabedoria; a Ignorância não tem lugar na Sua Mente. A arte enganosa é a deste Confessor ao falar de Deus e fazer o leitor esquecer que falar de Deus sem falar do Seu Filho é cometer um delito contra a Divindade do Pai e do Filho.

CW.- ... Por isso, agradou ao Senhor, em diferentes épocas e de diversas formas, revelar-Se a Si próprio e declarar a Sua vontade à Sua Igreja...

C.R.Y&S. — Igreja? Mas a Igreja existia antes de Jesus Cristo? Em que livro se declarou YAVÉ DEUS Cabeça da Religião Judaica, da mesma forma que Jesus o fez em relação à Religião de Cristo?

A Igreja é o Corpo de Cristo, que é a sua Cabeça. Está escrito. E está escrito com a tinta do sangue do Povo do Cordeiro de Deus que O seguiu até ao martírio. Se a religião judaica tivesse sido uma Igreja, então Deus em Pessoa teria sido a sua Cabeça e, consequentemente, a destruição do Templo de Jerusalém teria sido impossível de levar a cabo, e o ato da sua destruição teria sido uma rebelião satânica por parte do Filho contra o Pai. Acusação essa que foi, em última análise, a que foi lançada contra Jesus por parte do Templo de Jerusalém.

No entanto, a religião judaica foi fundada sobre um Pacto entre Deus e os filhos de Israel, segundo o qual, enquanto os filhos de Abraão se mantivessem na Lei, viveriam segundo a Lei; mas esse Pacto seria quebrado no momento em que a parte humana fizesse da Lei um escândalo para Deus. Escândalo esse que se consumou nos dias de Herodes, sob o Império Romano.

A Igreja, pelo contrário, foi fundada sobre uma Aliança Eterna entre os homens e Deus, em virtude da qual Deus nunca quebrará a sua Aliança com Cristo. Em nome de Deus, assinou o seu Filho Jesus, Unigénito em razão da sua Natureza Divina, Primogénito em razão do Amor do Criador pela sua Criação, sobre a qual Deus estende não só o seu Reino, mas também a sua Paternidade.

Em nome do homem, assinou Cristo, filho de David, filho de Adão.

A Aliança foi selada, da parte de Deus, com a Cruz do seu Filho; da parte humana, com o sangue dos filhos de Abraão, que, unindo-se a Cristo, derramaram o seu sangue como Sinal Eterno de Fidelidade.

De que Igreja, então, falava o Confessor? Porventura os sacerdotes cristãos são profetas? Será que os pastores cristãos ressuscitam os mortos e separam as águas dos rios e dos mares?

Chamar de Igreja a religião fundada na lei de Moisés é acusar Jesus, Fundador da Igreja de Cristo, de rebelião aberta contra a Igreja de Deus, e admitir como válido o julgamento contra Ele pelos judeus quando O acusaram de ser um filho de Satanás. Ou seja, o que Satanás procurou ao enganar Eva — dividir o Pai e o Filho — é o que Jesus fazia, nesta perspetiva do Confessor, ao derrubar o Templo de Jerusalém e erguer um Novo Templo sobre Novos Fundamentos. Supondo que a religião judaica tenha sido fundada sobre os fundamentos da Igreja Cristã.

Mas não foi assim. E, como não foi assim, compreende-se que o Confessor despreze a Igreja fundada por Jesus e se dedique a fundar uma nova, de acordo com os seus próprios pensamentos sobre o que deve ser uma Igreja, que, segundo a sua visão, não tem absolutamente nada a ver com Deus como Cabeça do Corpo dos Servos e Pastores do Senhor Jesus, da cuja Divindade se alimentam e em virtude da qual o Templo de Cristo, embora se corrompa, como disse São Pedro, é indestrutível em virtude de quem é a sua Cabeça e a Fonte da sua Existência. Tal como se tem demonstrado ao longo dos últimos milénios.

Em suma, o Templo de Cristo foi fundado sobre uma Aliança eterna; o de Jerusalém, pelo contrário, foi fundado sobre um Pacto, condicionado à obediência dos filhos de Israel, o que deixava a Deus as mãos livres para dar por rescindido esse Pacto assim que a infidelidade esvaziasse o cálice da Sua paciência. E assim aconteceu. E aconteceu assim porque Deus nunca se estabeleceu como Cabeça dos sacerdotes do Templo de Jerusalém: pelo contrário, a Igreja nasceu quando Deus, na pessoa do Seu Filho, se declarou Cabeça dos Sacerdotes do Templo Cristão. Assim, o Confessor signatário falou de forma falaciosa sobre Deus e sobre a Igreja. Vejamos o que ele ainda tem a dizer sobre este assunto

C.W. – ... Posteriormente, para uma melhor preservação e divulgação da verdade, e para o estabelecimento e consolo mais seguros da igreja contra a corrupção da carne, a

malícia de Satanás e do mundo, agradou-Lhe também colocar por escrito essa revelação, na sua totalidade.....

C.R.Y&S. — É evidente, pela leitura deste parágrafo, que o Confessor não conhecia Deus tal como Deus Se conhece a Si Mesmo, pois, se tivesse tido o Conhecimento Verdadeiro do Filho de Deus, nunca teria confundido «o agrado» com a NECESSIDADE!, que é o núcleo a partir do qual, consumada a Queda, Deus gera todos os processos históricos com vista à Revolução Biohistórica que anunciou ao dizer «Eis que faço novos céus e uma nova terra».

A Queda do Homem foi um Acontecimento de alcance cósmico de tal magnitude que Deus repensou os fundamentos da Sua Criação e dispôs-se a reconfigurar toda a estrutura da Sua relação com as Suas Criaturas. A Queda foi uma Declaração de Guerra. A Cruz não foi uma encenação. Foi o resultado de um duelo à morte entre duas formas de ver a Criação. Satanás defendia a evolução do Reino dos filhos de Deus para um Olimpo de deuses instalados para além do bem e do mal. Deus recusava-se a dar a Sua bênção a tal loucura.

O que teria o Seu Filho Amado a dizer? De que lado se posicionaria? Sucumbiria o filho de Adão, filho de David, à tentação do Fruto Proibido: a Guerra?

Deus nunca duvidou da resposta do Filho nascido das suas entranhas incriadas; e foi por isso que anunciou, desde o início, o fim.

O Livro de Deus é um Livro de Guerra Total contra o Diabo, o Inferno e a Morte. Aqueles que o leem com olhos de homens nos quais não habita o espírito do Filho sucumbem à tentação de Satanás. A Guerra dos 30 Anos foi a Queda de Adão recriada ao vivo para os nossos tempos. O Espírito Santo já o disse: «CRISTO, protótipo de ADÃO», mas para quem não tem inteligência, a verdade de nada serve.

C.W. — ... por tudo isto, as Sagradas Escrituras são extremamente necessárias...

C.R.Y&S. — Para quê? perguntaremos ao Confessor, para conhecer a natureza da guerra entre Deus e a Morte, que fez da Terra o seu campo de batalha? Ou para manipular os ignorantes e edificar, sobre a sua ignorância, uma nova religião que, usando o nome de Deus em vão, não tem outra natureza senão sustentar uma coroa humana sobre um povo libertado da sua liberdade e tornado novamente escravo de uma vontade não humana?

C.W. — ... e tanto mais quanto já cessaram os modos anteriores pelos quais Deus revelava a sua vontade à sua Igreja...

C.R.Y&S. — A resposta final do Confessor é clara. Baseando-se na natureza eclesiástica do templo de Jerusalém, anula a Aliança de Cristo e propõe outra com Deus, sem Cristo. Pois se a Igreja não passa de um pacto entre Deus e os homens, que necessidade há de Cristo, uma vez que uma nação se oferece para fazer um pacto com Deus em nome da sua rainha? Será que o rei e a rainha de Inglaterra são inferiores ao filho de um carpinteiro?

Tendo aceitado das mãos de um carpinteiro um Novo Pacto, por que razão iria Deus rejeitar um Pacto entre reis, sem Cristo?

A declaração final deste capítulo é tremenda: «Deus está morto». A título de comunicação, declara-se *o fim*. Deus não se manifesta. Deus não se revela. *Fim da história*. Deus deu-nos, aos homens, um Livro e, até ao Dia do Juízo Final, que cada um se desenrasque.

A declaração não poderia ser mais anticristã. O Confessor declara rompida toda a comunicação com Cristo, a Cabeça da Igreja, Deus. E, no entanto, não é um hipócrita. É simplesmente lógico que, ao declarar que a Igreja não é uma União Espiritual entre Deus e o Homem, na qual Deus se torna a sua Cabeça e o Sacerdote o seu Corpo, nem sendo a Nova Igreja que o Confessor edifica desta natureza, manifeste clara e livremente que, doravante, a Comunicação com o Senhor fica rompida e todos devem ater-se às Escrituras. Resumindo: a letra não mata. E que Jesus mentiu.

A QUESTÃO DO CANON DAS ESCRITURAS SAGRADAS

Ao escrever a sua Confissão, depois de molhar a pena no sangue de milhares de vidas humanas sacrificadas nas Ilhas à sua divindade, o Confessor prossegue:

C.W. — Sob o nome de Sagradas Escrituras ou Palavra de Deus escrita estão contidos todos os livros do Antigo e do Novo Testamento, todos os quais foram dados por inspiração de Deus para que fossem a regra da fé e da vida. Estes livros são: Antigo Testamento — Génesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuterónimo, Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, II Reis, I Crónicas, II Crónicas, Esdras, Neemias

TOBIAS E JUDIT. NÃO

Ester

I MACABEU e II MACABEU. NÃO

Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos,

SABEDORIA, ECLESIAÍSTICO. NÃO

Isaías, Jeremias, Lamentações, BARUC.

NÃO

Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias Novo Testamento Os Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos dos Apóstolos, Epístolas de São Paulo: Romanos, I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses, I Timóteo, II Timóteo, Tito, Filemom, Hebreus, Epístola de Tiago, I e II de São Pedro, I, II e III de São João, a Epístola de São Judas, Apocalipse

C.R.Y&S. — O Confessor, dotado de uma inteligência muito perspicaz, capaz de extrair das Minas da Inteligência Divina pequenas pedras soltas com as quais construir a sua própria Sagrada Escritura, ignorou o EPÍLOGO do Livro de Deus, onde está escrito:

APOCALIPSE: «E ele disse-me: Estas são as palavras fiéis e verdadeiras, e o Senhor, Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que estão prestes a acontecer. Eis que venho em breve. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro. E eu, João, ouvi e vi estas coisas. Quando as ouvi e vi, caí de joelhos para me prostrar aos pés do anjo que mo mostrava. Mas ele disse-me: «Não faças isso, pois sou teu conservo, e dos teus irmãos, os profetas, e daqueles que guardam as palavras deste livro; adora a Deus.» E disse-me: «Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. Quem é injusto continue ainda nas suas injustiças; quem é tolo, prossiga nas suas tolices; quem é justo, pratique ainda a justiça; e quem é santo, santifique-se ainda mais. Eis que venho depressa, e comigo a minha recompensa, para dar a cada um segundo as suas obras: Eu sou o Alfa e o Ómega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes para terem direito à árvore da vida e para entrarem pelas portas que dão acesso à cidade. Fora, cães, feiticeiros, fornicadores, homicidas, idólatras e todos aqueles que amam e praticam a mentira.

Eu, Jesus, enviei um anjo para vos testemunhar estas coisas sobre as igrejas. Eu sou a raiz e a descendência de David, a estrela resplandecente da manhã. E o Espírito e a Noiva dizem: «Vem.» E quem ouvir, diga: «Vem.» E quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida. Eu testifico a todos os que ouvem as minhas palavras da profecia deste livro que, se alguém acrescentar algo a estas coisas, Deus lhe acrescentará as pragas escritas neste livro; e se alguém retirar algo das palavras do livro desta profecia, Deus retirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, que estão escritas neste livro. Diz aquele que testifica estas coisas: Sim, venho em breve. Amém. Vem, Senhor Jesus»

Agora vejamos: de que «livro» está a falar o Filho de Deus? O Confessor e, com ele, todos os Confessores deram por certo que esse «livro» a que o Filho Unigénito se refere é o Apocalipse. Erro. Grave erro. Erro maligno, erro na raiz das guerras, epidemias e fomes que assolaram a Alemanha e as terras protestantes, em cumprimento da profecia revelada pelo Senhor no Apocalipse ao seu Servo e irmão, São João.

A fim de dar corpo a esta verdade, manifesto-me. O Livro de Deus, universalmente conhecido como «a Bíblia», é um grito de Vitória que o Espírito Santo recolhe, entregando-o selado à Esposa do Vencedor na Promessa Todo-Poderosa do Nascimento de um Herdeiro que, pela Graça do seu Pai, o Senhor Jesus, abriria esse Selo e, em obediência a Deus, leria o seu conteúdo ao mundo para a sua conversão ao Rei, Jesus Cristo.

A guerra entre a Morte e Deus tinha chegado ao fim. A guerra do Inferno contra o Paraíso tinha sido vencida pelo Filho para Deus. Tinha sido a esperança do Diabo, príncipe do Inferno, «a Antiga Serpente», Satanás, que o Filho de Deus se sentisse «tentado» e, juntando-se à sua guerra para converter o Império de Deus num Olimpo de deuses para além do Bem e do Mal, a conversão do Filho de Deus ao satanismo obrigasse Deus Pai a abençoar essa revolução diabólica, em virtude da qual todos os povos da Criação, presentes e futuros, ficariam à mercê das paixões dos filhos de Deus, desde então investidos com o poder dos deuses, para assim desfrutarem de liberdade absoluta e brincarem com os reinos como peões no xadrez dos seus divertimentos.

Vã esperança diabólica. Nem como homem nem como filho de Deus, Jesus, Rei dos reis e Senhor dos senhores do Império de Deus, se juntaria ao Eixo do Dragão, de cuja boca maligna saiu o fogo que acendeu a Guerra entre os irmãos e devorou o Paraíso até transformá-lo no Inferno que a humanidade tem vivido desde aquele dia terrível em que uma criatura desprovida de conhecimentos nas ciências e nas artes da guerra foi enganada e arrastada, na sua ignorância, a declarar guerra ao Espírito Santo.

A resposta do Filho de Deus foi firme, contundente, definitiva: antes a morte do que associar o seu Nome a tal crime imundo.

O facto é que, sendo Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, YAVÉ DEUS, seu Pai, Senhor de Moisés, não albergou nem uma partícula de dúvida sobre a resposta do seu Filho Unigénito ao desafio que aquele filho rebelde, que se atreveu a declarar guerra ao seu Criador, tinha colocado sobre a mesa da Casa de Deus. Mas era necessário que toda a Casa de Deus, na sua plenitude, visse e ouvisse essa resposta. E não apenas a ouvisse, mas que o Filho a levasse a cabo.

É fácil dizer «antes morrer» do que subir à Cruz. Entre escolher colocar a Coroa do seu Império Universal aos pés do seu Pai Eterno, ou declarar-se Imperador de acordo com a ideia dos filhos de Deus que se levantaram em rebelião, esta foi a sua decisão. Todo-Poderoso sobre uma casa de deuses demoníacos, para quem a vida dos povos não passaria de exércitos de soldadinhos de chumbo, ou Servo de Deus, servindo-O como Rei Universal, esta escolha precisava de ser vista pela Casa de Deus. Subiria o Filho de Deus à Cruz?

Será que o Filho de Deus, que nunca conhecera o sofrimento nem a dor, protegido pelo Pai de todo o mal desde o seu nascimento na eternidade, gritaria aquele «NUNCA JAMAIS» que, com toda a sua alma e todo o seu coração, os filhos de Deus esperavam ouvir? Será que se ouviria aquele grito de vitória vindo da cruz?

Sim, ouviu-se este Canto:

«Glória ao Filho de Deus pela eternidade das eternidades,

Glória ao Pai de tal Filho, Filho digno do seu Coração e do seu Espírito.

Quem, senão TU, Rei Divino, será o destinatário da adoração de toda a Criação?

Assim o quis o teu Pai na sua Exaltação de Amor Infinito pelo teu Coração Imaculado,

Rocha Indestrutível, mais forte e bela do que o diamante.

Que todos os povos te adorem com a adoração devida ao Senhor da Eternidade e do Infinito,

e Criador das inúmeras galáxias que povoam o Cosmos e das

incontáveis estrelas que povoam os Céus.

E seja amaldiçoado, banido da Sua Presença para toda a eternidade, aquele que não dobrar os joelhos perante o TEU TRONO, Rei e Senhor, TU, Jesus Cristo».

Confessores insensatos, como ousastes tocar no Livro de Deus com as vossas mãos cheias de sangue, o sangue dos vossos irmãos! Foi e continua a ser um pecado terrível o vosso; ousastes arrancar capítulos inteiros do Livro de Deus, pois dissestes a vós mesmos: «Não foram escritos por Deus, são apenas de inspiração divina; os homens são os seus autores. «Vá lá, então, vamos arrancar o que quisermos e criar uma Bíblia à nossa medida».

Teria sido melhor para vós arrancardes as vossas mãos, e até os olhos e os ouvidos, do que terdes voltado os vossos sentidos para o Livro que Deus escreveu com o sangue dos seus profetas e selou com o do seu próprio Filho. Durante quinze séculos, a Esposa de Cristo guardou no seu seio, como se guarda o tesouro mais valioso do mundo, o Livro de Deus, Obra Divina. Defendeu-o com a sua vida. Ela comunicou-vos-lo oralmente, transmitiu-vos-lo livremente. Não retirou nem acrescentou um único traço ao Texto. À medida que o povo cristão crescia em sabedoria, o Espírito Santo, através dos seus Servos, os Bispos, transmitiu-vos os ensinamentos necessários para continuardes a navegar ao longo dos séculos. E dizeis que o Espírito Santo deixou de falar quando o último dos Servos se reuniu no Céu com o seu Senhor?

Negais Deus. A vossa ignorância não tem cura. Banhastes-vos no sangue da vossa loucura, acreditastes que o Filho de Deus abençoava as vossas guerras e os vossos massacres, os vossos genocídios contra aqueles que vos precederam na Fé. Devorastes a mão que vos deu de comer o Corpo e o Sangue de Cristo. Não ouvís o Grito de Vitória vindo da Cruz? Ouveis a voz da criação e não ouvís a Voz do seu Criador?

Hipócritas, adoradores de coroas às quais, para justificar a vossa demência, conferis a dignidade divina que só corresponde àquele que é a Cabeça da Igreja

Universal, Jesus Cristo, cujo Nome Sagrado colocastes nas vossas bocas, para escândalo do Céu e da Terra, enquanto com as vossas próprias mãos apunhaláveis, aos milhões, os filhos da Europa. Acreditais que ireis escapar ao Juízo do Senhor, gloriando-vos de terdes matado, em Seu Nome, os Seus povos da Terra?

Eu?

Estou perplexo perante a Bondade sem limites do Criador de todas as coisas, pois onde Ele deveria ter cobrado com a extinção e o regresso ao pó o preço por essas obras, depois de ter dividido as igrejas e de as ter entregue à Guerra, abre Hoje a Sua Boca e chama-vos à Obediência.

Em vez de vos abrir as portas do Abismo e lançar-vos nas Trevas do Exílio eterno da Sua Criação, eis que vos abre a Porta do Seu Reino e, da Torre, convida-vos a correr e a entrar antes que os Seus servos saiam para queimar os campos onde o joio será atado em feixes.

Deponham o vosso orgulho, ajoelhem-se perante o Rei e Senhor Jesus Cristo. Esta é a Confissão eterna da Criação de Deus e dirão: «Não temos outro Rei e Senhor senão o Filho de Deus, aqui na Terra e lá no Céu».

Rico em perdão é o Filho daquele Senhor de Moisés que, na Sua Misericórdia, suportou os crimes e transgressões do Seu Povo de Israel durante séculos e séculos. Mas não joguem aos dados. Para que, uma vez esgotada a Sua Paciência, não se derrame sobre vós a Destruição que, por fazer isso, o Povo de Jacob sofreu.

O Cânon das Sagradas Escrituras foi legado pelo Espírito Santo à Igreja Católica. A BÍBLIA não é um livro escrito por homens sob inspiração divina. Foi Deus em pessoa que o escreveu, por intermédio da pena do homem.

Retirai as vossas mãos do Livro de Deus, pois as vossas mãos estão cheias de sangue. Desde o Génesis, o seu Prólogo, até ao Apocalipse, o seu Epílogo, a Obra é Divina pela Natureza do seu Autor. Deus não reconhece como obra Sua nenhum outro livro, nem escrito por cristãos nem fora da cristandade. Os livros inspirados pela Sua Vontade são os livros dos chamados «Padres da Igreja», os Seus santos. Todos eles foram ordenados pelo Seu Espírito, tendo em conta a compreensão dos tempos, para guiar os povos cristãos pelo caminho dos séculos. Deus não concedeu a ninguém o Poder de abrir a Porta atrás da qual encerrou o Seu Livro, a não ser ao herdeiro do Seu Filho, que herdaria o Poder de revelar o seu Conteúdo e de o dar a conhecer às nações no tempo determinado para a Manifestação da glória da liberdade dos filhos de Deus, da Descendência de Cristo. Nascido neste Dia, com a leitura do Testamento Selado com o Sangue do Testador Divino, esse Conteúdo foi aberto e revelado, tendo como Porta de acesso «A HISTÓRIA DIVINA DE JESUS CRISTO».

Assim, tendo respondido ao erro, fonte das trevas, com a luz que provém da inteligência segundo Deus, encerro aqui este capítulo.

A SALVAÇÃO SOMENTE PELA BÍBLIA

C.W. — «Os apócrifos, não sendo de inspiração divina, não fazem parte do cânone da Bíblia e, por isso, não têm autoridade na Igreja de Deus, nem devem ser aprovados ou utilizados de outra forma que não seja como escritos humanos».

C.R.Y&S. — E continuamos. Se, ao falar das Sagradas Escrituras na secção anterior, o Confessor se atreveu a usar a espada para mutilar o Livro Divino devido ao terror que a sua espada infundia nos homens, fazendo-o sem qualquer outra razão além do seu desejo de impor a sua vontade, nesta secção atreve-se a erguer a espada do terror — que o povo irlandês experimentou com tanta generosidade até ao genocídio — contra a Igreja Mãe de todas as igrejas, a mesma que com tanta paciência suportou os seus próprios servos durante séculos.

Se o Confessor tivesse sido um historiador das escolas britânicas posteriores, que conquistaram o respeito de todas as mentes livres, independentes e sãs, abertas à discussão académica sobre a natureza divina ou não divina dos dois Livros dos Macabeus, por exemplo, a partir desta perspectiva de quem pretende glorificar o Autor Sagrado contra aqueles que, abusando da sua posição no clero, teriam imposto alguns livros apócrifos — o que nunca aconteceu —, se assim fosse, a discussão teria ficado por tratar. Mas quem foram aqueles que se atreveram a retirar a Palavra ao Espírito Santo, que no Concílio de Nicéia, sob o poder de Constantino, o Grande, servo de Deus no plano temporal, reunindo Deus todos os seus santos, estabeleceu o Cânone do seu Livro para ser selado para a eternidade?

Não foram historiadores das escolas de Oxford e Cambridge que, em nome das ciências históricas, se atreveram a contestar ao Espírito Santo o sentido de incluir o Livro de Judite nas Sagradas Escrituras. Não, de modo algum; tratava-se de uma escola de terroristas experientes na guerra e no crime, e eis a abominação: em nome de Deus. Negando a sacralidade de Macabeus, Judite, Tobias, Sabedoria e Eclesiástico, o Confessor e o seu bando de terroristas ousaram invadir as portas do Concílio de Nicéia e, sob pena de morte, ameaçar o próprio Deus. Horror dos horrores, Satanás ousou declarar guerra a Deus Pai e a Deus Filho porque não gostava da Lei da Paz universal e da Justiça Imaculada e Imarcescível que o Espírito Santo encarna, e estes bárbaros, filhos de bárbaros, sem cérebro a não ser para matar, assassinar, devastar, aterrorizar, embriagados de sangue, enlouquecidos pela carne humana que tinham devorado, ousavam seguir a conduta do Diabo e queriam pôr Deus de joelhos perante a sua Confissão, ou não restaria cabeça sobre ombro, escandalizando o Céu em nome de Deus.

Então, filhos da Confissão de 1647, confessai perante todo o Céu e perante o Rei: o Espírito Santo errou no Concílio de Nicéia? O Espírito Santo não esteve presente no Concílio de Nicéia? O Senhor é, então, um mentiroso, um impostor, e ao dizer

«Onde quer que estejais, aí estarei eu», estando lá os Seus Discípulos, os Seus Servos, Ele não estava lá presente? Negais que o Concílio de Nicéia tenha sido reunido por Deus para selar o Seu Livro? Falai, ainda estais a tempo. Não sabeis que quem nega o Espírito Santo nega o Filho e o Pai? E vós, povo insensato, sem discernimento para as coisas da salvação das vossas almas, que as deixais nas mãos de ladrões de almas ao serviço do Diabo, que texto manipula o Confessor para apoiar a sua abominação? A São Pedro! Diz o Espírito Santo: porque a profecia nunca foi proferida por vontade humana, mas, movidos pelo Espírito Santo, os homens falaram em nome de Deus. E perguntamo-nos e o que é que isto tem a ver com os livros profanados? Por acaso Sansão era profeta? E Josué? E Jefté? E por que razão deixais de lado, entre as obras de Salomão, o Livro da Sabedoria, enquanto absolvais a vida do Livro dos Provérbios? Não leram as profecias do Livro da Sabedoria que relatam a Vinda do Messias e os Sofrimentos dos seus Discípulos, além da Glória da sua recompensa em Deus? Ou será que o que vos interessa são as profecias e o que não vos interessa simplesmente o apagam? Ser profeta ou não ser era o critério da Bíblia? Então, por que perdoais a vida à rainha Ester?

Mas a vossa ignorância ultrapassa, ó divinos, a vossa estupidez, pois uma linha antes, o mesmo Espírito que escreveu a linha que vos apropriaste, escreveu: «Pois deveis, antes de mais, saber que nenhuma profecia da Escritura é objeto de interpretação pessoal». O Confessor não só interpretou as escrituras proféticas, como se levantou para exorcizar o espírito daquele que disse de Si mesmo: «O espírito do Senhor é o espírito da profecia», e sendo Cristo e Jesus a mesma Pessoa, e Jesus Cristo é Deus Filho, sendo o espírito de Cristo e o espírito de Deus uma única realidade, logo, o espírito de YAVÉ, não pecastes ao negar que o Espírito Santo tivesse fechado o Cânone do Seu Livro, o Livro de Deus, no Concílio de Nicéia?

Será que alguns capítulos do Livro de Deus devem ser considerados escritos humanos e outros como provenientes de Deus, simplesmente porque assim o dizeis? Julgais a ação de Deus no Seu povo de Israel com base na vossa ignorância e maldade? Pois, se todos fomos libertados da ignorância pela fé, de onde provém a vossa?

Manipulais os textos divinos para vos proclamarem divinos? Não ouvistes que o Juízo do Senhor começará pelos seus servos e pelos pastores que conduziram as almas do seu povo para o abismo? Ao negardes a autoridade do Espírito Santo, que no Concílio de Nicéia selou o Cânon das Sagradas Escrituras, condenais-vos a vós próprios. E ao confessar que: *«A autoridade das Sagradas Escrituras, pela qual devem ser acreditadas e obedecidas, não depende do testemunho de nenhum ser humano ou igreja, mas inteiramente de Deus (que é a Verdade em si mesmo), o seu autor, e, portanto, devem ser aceites porque são a Palavra de Deus.»* Ao afirmar isto, não só negais que o Espírito Santo estivesse presente no Concílio de Nicéia, como agora vos proclamais deuses e, em nome da autoridade que a espada do terror vos confere, negais que as Sagradas Escrituras devam ser recebidas das mãos da Igreja Milenar que o Senhor Jesus fundou e que os Apóstolos edificaram derramando o seu sangue e o do povo católico

de Itália, França, Espanha, Grécia e das nações então dependentes do Império, daí a denominação «Igreja Católica Romana».

Negais, contra as Sagradas Escrituras, que o Senhor tenha fundado alguma Igreja e que os Apóstolos não tenham edificado nenhuma igreja? Desprezais o testemunho das centenas de milhares de cordeiros imaculados sacrificados nos teatros romanos para que a Humanidade ressurgisse das suas cinzas como a ave fénix, para nunca mais voltar a morrer?

Tolos, quando dizeis que a autoridade das Escrituras não depende de nenhum testemunho, anulais:

1.º. o valor sagrado do testemunho dos mártires que ofereceram as suas vidas em testemunho da Ressurreição de Jesus Cristo, sem cuja Ressurreição não haveria Sagradas Escrituras.

2. Reduzis a nada o Testemunho do Espírito Santo nos seus filhos e servos.

3. Reduzis a nada o Testemunho dos Apóstolos e dos Santos ao longo de 1600 anos.

Pois, tal como os papagaios sem inteligência repetem palavras que não compreendem, assim vocês. Não vos ensinaram a repetir o que Deus Pai disse?: «Vós sois as minhas Testemunhas». E o que é uma Testemunha, cérebros embriagados de egocentrismo?

Não é uma Testemunha alguém que presta Testemunho sobre um acontecimento? E que Acontecimento Maior viveu a Humanidade senão a Ressurreição do Filho de Deus? Não a anunciou YAVÉ, Deus, dizendo: «Eis que vou realizar uma Obra que, se vos contassem, não acreditariam»? E, conhecendo a dureza do mundo caído nas trevas, diz: «Vós sois as minhas Testemunhas», porque, se não as apresentasse, como é que o mundo acreditaria no Acontecimento!

E vós, embriagados de ego, abominais a Chamada Divina, anulando assim o Seu Julgamento na afirmação de um orgulho pervertido que nega a Deus a Necessidade do Sangue desses Testemunhos? Tão bárbaro foi aquele franco que, no seu orgulho, disse: «Se os meus francos tivessem estado lá, não te teriam crucificado, Senhor», como este britânico que nega a necessidade do Testemunho dos Santos; e, no entanto, o franco falou por amor; este anglicano, que devorava o seu próprio povo, como poderia tê-lo! E assim continua a dizer:

C.W. — O testemunho da Igreja pode comover-nos e levar-nos a ter uma alta e reverente estima pelas Sagradas Escrituras. Além disso, constituem argumentos pelos quais elas demonstram abundantemente, por si mesmas, ser a Palavra de Deus: o carácter celestial do seu conteúdo, a eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o propósito de todo o seu conjunto (que é dar toda a glória a Deus), a plena revelação que fazem do único caminho da salvação do ser humano, as muitas outras excelências incomparáveis e a sua total

perfeição. No entanto, a nossa completa convicção e certeza da sua verdade infalível e da sua autoridade divina provêm do Espírito Santo, que atua no nosso íntimo, dando testemunho nos nossos corações por meio da Palavra e com a Palavra.

C.R.Y&S. — Com efeito, primeiro nega a existência do Espírito Santo nos santos e anula o seu testemunho nos Santos Padres das Igrejas ao longo de XVII séculos; de repente, o Espírito Santo torna-se património da espada e o testemunho que o Confessor oferece é o terror da sua espada contra quem se atreva a contestar a sua lógica irrefutável. Vejamos a nova estrutura de

O Espírito Santo é Deus,

eles têm o Espírito Santo, que atua no seu interior, eles

têm Deus.

Ergo, a conclusão: eles são «Divinos»

E «Divinos» chamavam-se uns aos outros, e, como «Divinos», exigiam que fossem tratados como tal. A pena de morte contra os dissidentes católicos romanos e a expropriação de todos os seus bens estavam garantidas. E a partir desta natureza divina, uma vez anulada a validade do testemunho dos santos das igrejas ao longo dos últimos 1600 anos, os «Divinos» afirmavam-se como necessários para manter os rebanhos dos fiéis na comunhão da fé. Ou seja, destituíam um rei para colocar outro. Mas de tolos não tinham nem um fio de cabelo; não davam a coroa a ninguém, repartiam-na entre si. Leiamos o argumento para validar tal golpe de Estado contra o Reino de Deus.

C.W. — A totalidade do conselho de Deus relativo a todas as coisas necessárias para a sua própria glória e para a fé, a vida e a salvação do ser humano está expressamente exposta nas Escrituras, ou pode ser deduzida delas por boa e necessária consequência, às quais nada deve ser acrescentado em momento algum, seja por novas revelações do Espírito, seja por tradições humanas. No entanto, reconhecemos que a iluminação interna do Espírito é necessária para uma compreensão salvífica das coisas reveladas nas Escrituras. Reconhecemos também que existem algumas circunstâncias relativas à adoração de Deus e ao governo da Igreja, comuns a todas as ações e sociedades humanas, que devem ser ordenadas de acordo com a luz da natureza e a prudência cristã, segundo as regras gerais da Palavra, as quais devem ser sempre obedecidas.

C.R.Y&S. — Não pretendiam derrubar a Igreja, pretendiam que o monopólio da obediência passasse dos bispos e dos santos para eles pessoalmente. Eles eram os

novos apóstolos, os novos discípulos, e aí daquele que se atrevesse a contrariá-los. Se a Igreja Católica Romana governasse os rebanhos com punho de ferro, o Confessor seguiria a política do filho de Salomão: «o mindinho da minha mão é maior do que o punho do meu pai».

Piada? De modo algum. Estamos a falar de Oliver Cromwell, um monstro iluminado que se acreditava predestinado e escolhido por Deus para exterminar todos os católicos das Ilhas Britânicas. Fogo e terror eram o seu argumento divino. Com esta autoridade, o Confessor continuava a celebrar a sua loucura, dizendo:

C.W. — Nem todas as coisas nas Escrituras são igualmente evidentes em si mesmas, nem igualmente claras para todos. No entanto, todas aquelas coisas que é necessário obedecer, acreditar e observar para a salvação estão claramente propostas e expostas num ou noutro ponto das Escrituras, para que não só os eruditos, mas também aqueles que não o são, cheguem a uma compreensão suficiente das mesmas através do uso adequado dos meios comuns.

C.R.Y&S. — E eu digo: que cada um compre uma Bíblia e mande todas as igrejas para o inferno, destrua todos os templos e que cada um monte o seu altar em casa, e siga a fé de acordo com as suas próprias ideias. É isso que se depreende da sua declaração. Se o que está em causa é a salvação de cada um e ninguém pode contribuir para essa salvação porque tudo está escrito, por que razão há necessidade dos «Divinos», das suas igrejas, dos seus crimes contra aqueles que preferem salvar-se em comunidade e ter pastores que, nos seus momentos de fraqueza, sustentem a confiança em Deus?

Estamos perante um hipócrita forjado nos campos de batalha, para quem a vida humana valia menos do que uma ratazana. Ninguém precisa de igreja porque a BÍBLIA POR SI SÓ é suficiente para operar a salvação da alma, mas aí daquele que se afastar da confissão dos Divinos.

Para o protestantismo continental, a «fé por si só» é suficiente. Mas o hipócrita luterano não destruiu todas as igrejas, deixou que cada um se desenrascasse com a sua «fé por si só», que a «fé por si só» o salvaria; o hipócrita luterano expulsou os padres católicos do templo para ter ele próprio o monopólio dos sacramentos, cujo número reduziu, como o bom advogado frustrado que Lutero era, para que a manobra não fosse descoberta.

O hipócrita insular declara que «só a Bíblia» é necessária para a salvação, mas não desmantela todo o negócio nem derruba os templos, de forma alguma! A sua hipocrisia é perversa, mas o negócio dos sacramentos é lucrativo; o hipócrita confessor não aspira a derrubar as igrejas e fundar uma nova religião alheia a todas as instituições oficiais estabelecidas pelo Espírito Santo ao longo de 17 séculos. A sua intenção era ficar com o negócio, e tinha meios para o tornar seu pela espada do Terror, que o Deus que

é Amor lhe colocou nas mãos, de acordo com a sua psicopatologia avançada, para exterminar todos os católicos.

Dito isto, o hipócrita, depois de anular toda a Obra de Deus Pai e Filho, fundamentada no Testemunho da Igreja Católica desde as suas Origens até ao ano de 1647, e para subsistir para a Eternidade, convoca a massa de ignorantes que outrora se ajoelharam perante o seu ídolo, Henrique VIII; outra vez perante a sua deusa, Isabel I, e que agora deviam prostrar-se perante o novo Deus dos britânicos: Oliver Cromwell e o seu exército para a Nova Ordem Mundial. Que se lhes manifesta como Deus, dizendo:

C.W. — O Antigo Testamento foi escrito na língua hebraica (que era a língua do povo de Deus desde tempos muito antigos) e o Novo Testamento foi escrito na língua grega (que era uma língua muito conhecida por todas as nações daquela época). O Antigo Testamento em hebraico e o Novo Testamento em grego, sendo diretamente inspirados por Deus e preservados puros ao longo dos tempos pelo seu cuidado e providência singulares, são, portanto, autênticos. Por esta razão, em toda a controvérsia religiosa, a igreja deve recorrer a eles. O povo de Deus tem direito às Escrituras e também tem interesse nelas. Mais ainda, foi-lhe ordenado que as lesse e as examinasse com temor de Deus. Mas, como as línguas originais das Escrituras não são conhecidas por todo o povo de Deus, estas devem ser traduzidas para a língua vernácula de todas as nações a que cheguem. Isto tem como objetivo que a Palavra de Deus habite abundantemente em todos, para que adorem a Deus de forma aceitável e para que tenham esperança através da paciência e do consolo que as Escrituras proporcionam.

C.R.Y&S. — Na verdade, Deus é o único culpado pelo que acontece no mundo, pela Queda do Império Romano, pela chegada dos bárbaros, pelo facto de a imprensa só ter sido inventada no século XVI e de os livros serem tão caros que apenas os reis e os ricos podiam dar-se ao luxo de ter uma Bíblia em casa. Ou será que Deus não é Todo-Poderoso e Onisciente? Por que permitiu tanto mal e tanta ignorância?

Mas como acusar Deus sem correr o risco de ser despedaçado? Foi para isso que Deus criou a Igreja, para carregar sobre os seus ombros a Cruz de todos os males deste mundo, e para que, quando for preciso encontrar um culpado, a culpa recaia sobre Ela. O que fariam os malvados se a Igreja Católica, responsável por todos os males do cosmos, não existisse! O hipócrita era um monstro, mas não um tolo.

C.W. — A regra infalível para a interpretação da Escritura é a própria Escritura. Por isso, quando há dúvida sobre o sentido total e verdadeiro de algum texto (que não é múltiplo, mas único), este deve ser investigado e compreendido à luz de outras passagens que se expressem de forma mais clara.

C.R.Y&S. — Deus não existe. A metafísica da Escritura não consiste em despertar a inteligência para pedir a Deus mais inteligência. De modo algum. Deus deu-nos os Divinos para que o deixassem em paz. Ámen. Portanto:

C.W. — O Espírito Santo, que fala na Escritura e cujo julgamento devemos seguir, é o único Juiz Supremo por quem devem ser decididas todas as controvérsias religiosas e por quem devem ser examinados todos os decretos dos concílios, as opiniões dos escritores antigos, as doutrinas humanas e as opiniões individuais.

C.R.Y&S. — E o Espírito Santo estava neles, e o

Espírito Santo é Deus,

Deus estava neles.

Eles... eles eram Deus. Eles «eram OS DIVINOS».

E aqui encerramos esta questão, afirmando que o Cânone das Sagradas Escrituras foi selado no Concílio de Nicéia, durante o reinado de Constantino, o Grande, servo de Deus.

Que o Testemunho dos Santos e dos Padres da Igreja é necessário para a Salvação, pois neles o Espírito Santo tem estado com o Seu Povo desde a Ressurreição até então, desde então até aos nossos dias, e desde os nossos dias estará connosco até ao fim dos tempos, realidade divina que o Confessor nega ao afirmar que «SÓ A BÍBLIA SALVA».

E, ao negar a Presença eterna do Espírito Santo na Igreja e nos seus povos, o Confessor nega o Filho de Deus, nega a sua Divindade, nega a sua Veracidade, nega que a sua palavra seja Deus, nega que Ele tenha estado connosco. E, ao negar que Ele tenha estado connosco, nega o Pai que nos deu o Seu Filho para que estivesse connosco como Deus Amado, a quem recorrer como nosso Pai, Rei, Senhor, Mestre, Salvador, Herói e Criador, numa Palavra em que Ele é DEUS CONNOSCO.

Terrível será o Juízo deste Senhor Jesus quando chamar os servos indignos que mancharam com as suas obras o Seu Nome entre os homens, e embora, em sua defesa, invoquem a sua fidelidade irrepreensível à Doutrina do Espírito Santo, terrível será o fogo pelo qual serão passados. Mas vós, que defesa apresentareis perante esse mesmo Espírito Santo que negastes aqui na Terra ao afirmardes que A BÍBLIA POR SI SÓ basta para a salvação? Subireis ao Céu como Satanás para destronar o Espírito Santo porque tendes a Bíblia? Ou nunca lestes que Cristo é a Cabeça da Igreja? Se desprezais o Corpo, não estais a desprezar a Cabeça? Se amaldiçoais a Esposa Amada, não estais a amaldiçoar o seu Esposo? E

tendo um filho, pretendem que o Filho do Senhor se cale perante vós? Mas é a Vontade de Deus que rege a Sua Casa e é por essa Vontade que, na Obediência, a vossa Maldade seja esquecida.

A NATUREZA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Não há palavra neste mundo capaz de fazer compreender, num único som, o inferno que um advogado alemão frustrado desencadeou sobre as nações da Europa. Ou talvez haja. Dizer «Hitler» é dizer «Lutero». Os frutos da revolução hitleriana e os da Reforma Luterana apenas se distinguem pelo período de tempo durante o qual entregaram a Europa ao Inferno.

Os divinos luteranos, calvinistas e seitas de fanáticos, tão versados nas Sagradas Escrituras, mas tão ocupados a devorar as nações europeias, semeando guerras sangrentas como nunca se viram entre cristãos, seguidas de fomes que só em França massacraram dois milhões de criaturas, tais eminências divinas e intelectos sagrados nunca tiveram tempo para ler o que Deus Pai proferiu pela boca de Deus Filho e Deus Espírito Santo escreveu para que ninguém se guiasse por outra Filosofia que não fosse a das Obras: «Pelas Obras os conhecereis». Esta foi a Palavra que Lutero aboliu e que a Reforma fez sua, levantando o machado de guerra contra a Filosofia das Obras, assinada por Deus.

Mal assumida como sagrada a Declaração de Guerra, a Teologia Protestante começou a dar os seus frutos: as suas obras foram uma cadeia de guerras sem fim que, desde o Massacre dos Camponeses até à Guerra dos Oitenta Anos, semeou a Europa de horror e miséria, tais como a Guerra dos Trinta Anos, a Guerra Civil Britânica chamada dos Três Reinos: Inglaterra, Escócia e Irlanda; a Guerra Civil Francesa, conhecida como a Fronda; guerras em honra dos três deuses da Reforma: Lutero, Calvino e Henrique VIII, cujos tronos viram a Grande Peste de Londres de 1665, a Grande Peste de Sevilha de 1649 e a Grande Fome da França de 1699 — com a qual se encerrou o século — como os seus frutos mais seletos, as suas obras mais sagradas.

Nos dois séculos da Reforma, foram sacrificadas ao Moloch da Teologia dos Cegos — «Apenas a Fé e Apenas a Bíblia!» — o número aterrador de dezenas de milhões de vidas. Sobre aquele cemitério de horror e terror, a Revolução Industrial, que conduziria a burguesia ao poder, trilhou o seu caminho rumo às Guerras Mundiais. Os padrinhos desses males, enquanto nadavam naquele oceano de sangue, fizeram uma pausa para escrever esta Confissão Maligna, que não pretendia pôr fim a tanta miséria, mas muito pelo contrário: abençoar as suas obras infernais antes de se lançarem novamente no mar de sangue crescente que ainda se avizinhava. Sem alma nem coração de qualquer espécie, aquele bando de criminosos ousou dizer:

C.W. — Existe um único Deus, vivo e verdadeiro, que é infinito no seu ser e na sua perfeição, um Espírito puríssimo, invisível, sem corpo, partes ou paixões. É imutável, imenso, eterno, incompreensível, todo-poderoso, sapientíssimo, santíssimo, totalmente livre e absolutíssimo. Faz todas as coisas de acordo com o conselho da sua própria vontade imutável e justíssima, para a sua própria glória. É extremamente amoroso, benigno, misericordioso, paciente, abundante em bondade e verdade. Perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, e recompensa aqueles que O procuram diligentemente. Além disso, é justíssimo e terrível nos Seus julgamentos, detesta todo o pecado e, de forma alguma, declarará inocente o culpado.

C.R.Y&S. — Assim assina o Diabo.

No primeiro parágrafo: *Há um único Deus, vivo e verdadeiro, que é infinito no seu ser e na sua perfeição, um Espírito puríssimo, invisível, sem corpo, partes ou paixões...* O Confessor nega que o Filho seja Deus, nega que Deus tenha estado na Terra, nega que Jesus seja o Cristo, de quem o Espírito Santo diz que é a Cabeça da Igreja, o seu Corpo. Pode Deus negar-se a si mesmo?

No segundo parágrafo: *É imutável, imenso, eterno, incompreensível, todo-poderoso, sapientíssimo, santíssimo, totalmente livre e absolutíssimo. Faz todas as coisas segundo o conselho da sua própria vontade imutável e justíssima, para a sua própria glória...* O Confessor nega o Deus que disse: «Façamos o Homem à nossa Imagem e Semelhança». E, ao negar ao Homem a possibilidade de compreender o seu Criador, nega Deus e a própria Bíblia, nega Cristo e nega ao cristão toda a possibilidade de ser verdadeiro filho adotivo de Deus. Portanto:

Nega aos Apóstolos a verdadeira filiação divina adotiva; nega a

palavra de Cristo quando Ele os eleva à sua própria filiação.

Nega que o Espírito Santo prometido lhes ensinasse todas as coisas, segundo a Palavra do Senhor: «Quando Ele vier, dar-vos-á a conhecer todas as coisas».

Com este segundo parágrafo, o Confessor declara-se anticristão, inimigo declarado de Jesus Cristo, cujo Nome usa exclusivamente para justificar a sua confissão monstruosa, cujo Nome ainda não invocou nem colocou na sua boca.

Com o terceiro parágrafo: *«É amorosíssimo, benigno, misericordioso, paciente, abundante em bondade e verdade...»*, o Confessor lava as mãos cheias de sangue e limpa as mandíbulas cheias de carne humana, falando de Amor, quando era puro Ódio...

Falando de benignidade e misericórdia, ele que tinha como norma a crueldade e a maldade mais absolutas contra o inimigo, com a sua conduta desprezando o Cristo e o Deus que disse e diz «Amai os vossos inimigos» — como poderia a Igreja Puritana casar-se com esse Cristo?..

Falando de paciência e abundância de bondade e verdade, estaria o hipócrita a aplicar a história a si próprio?

Que paciência teve Deus com a Ilha dos Santos! Com quanta bondade derramou a sua verdade sobre a Irlanda.

Mas o hipócrita não era tolo; por isso, no quarto parágrafo, perdoa a si próprio os seus crimes, dizendo: «*Perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, e recompensa aqueles que O procuram diligentemente...*» Não hesita em qualificar-se de iníquo, transgressor e pecador, pois é discípulo da doutrina daquele Lutero que confessava abertamente: «Peca, peca, viola, se quiseses, a própria Mãe de Cristo, pois a fé no sangue de Cristo, por si só, absolve todos os teus crimes». Há dois séculos que violavam todas as mulheres da Europa, matando tantos homens quantos as forças lhes permitiam... em nome do Deus que perdoa toda a iniquidade, toda a transgressão, todo o pecado. *Ámen.*

No Quinto Parágrafo, o Confessor tece a loucura genocida mais absoluta, sem complexos nem preconceitos de qualquer tipo: *Além disso, é justíssimo e terrível nos seus julgamentos, detesta todo o pecado e de forma alguma declarará inocente o culpado...* Portanto, era Deus quem movia a sua mão para devorar todos os pecadores e fazer recair sobre as suas cabeças o seu julgamento terrível pela mão de Cromwell e do seu Novo Modelo de Exército de Divinos conspiradores numa Guerra Santa Mundial contra todo o ser vivo que se movesse nas Ilhas e contra todo o católico, onde quer que se encontrasse no mundo.

Com efeito, apenas a partir do Terror infligido por aquele bando de sangrentos Confessores, que reeditavam os 30 Artigos da Igreja Anglicana Terrorista de Isabel I, aliado à ignorância absoluta do povo britânico — que ou a aceitava ou era decapitado —, é possível explicar que uma Negação assinada pelo Diabo tenha sido assumida como Inspiração Divina, pois é disso que se trata.

Se no primeiro capítulo o autor desta Confissão abole toda a autoridade eclesiástica católica e proclama a Bíblia como inspirada, negando a autoria divina direta, neste capítulo invoca essa autoridade para colocar o Livro de Deus e a sua Confissão no mesmo patamar.

Que horror, o homem coloca-se ao nível de Deus! E ameaça: Deus é invisível, mas eu sou visível e tenho a Espada do Terror na minha mão. Quem quer provar a sua lâmina?

Ignorante e suicida, conduzindo a sua alma para o abismo e obrigando o povo britânico a segui-lo ou a perder a vida, volta a abrir a boca para cuspir fogo pela garganta, dizendo:

C.W. — Deus possui, em si mesmo e por si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança. Ele é o único que tudo suprime, em si mesmo e por si mesmo, não necessitando de nenhuma das suas criaturas por Ele criadas, nem derivando qualquer glória delas, mas manifestando a sua própria glória nelas, por elas, para elas e sobre elas. Ele é a única fonte de toda a existência, de quem, por quem e para quem são todas as coisas; tendo o domínio mais soberano sobre elas para fazer, por meio delas, para elas ou sobre

elas tudo o que Lhe aprouver. Todas as coisas estão abertas e manifestas perante a sua vista; o seu conhecimento é infinito, infalível, independente de toda a criatura, de tal forma que, para Ele, nada é contingente ou incerto. Ele é santíssimo em todos os seus desígnios, em todas as suas obras e em todos os seus mandamentos. A Ele são devidos toda a adoração, serviço e obediência que Lhe apraz exigir dos anjos, dos seres humanos e de toda a criatura.

C.R.Y&S. — Aqui, o Confessor abençoa com a sua boca aquilo que Deus amaldiçoa pela boca dos Santos, desde Orígenes até São Tomás. Empunhando a espada do Terror, plenamente consciente de que está a lidar com um povo tão aterrorizado que nem remotamente lhe ocorreria levantar a voz contra quem se atrevesse a cortar a cabeça ao rei, o Confessor solta o seu discurso sem alma, sem coração e sem espírito, tal como faria qualquer pagão ao falar de Zeus, de Odin ou de qualquer um dos deuses da Antiguidade. E depois de repetir a confissão pagã mais universal desde os tempos antigos sobre a imagem da Divindade, o Confessor não tem qualquer escrúpulo em tratar de deficientes intelectuais todos os britânicos da sua época, e das épocas posteriores. E quem, depois de ter negado qualquer autoridade àquele Concílio de Nicéia, no qual o Espírito Santo selou o Cânone das Sagradas Escrituras, agora o assume como seu no que diz respeito ao Mistério da Santíssima Trindade.

«O ladrão não entra pela porta, mas pela janela, e vem para roubar». Neste caso, a alma.

Durante 17 séculos, a Europa repetiu em uníssono a Declaração de Fé da Igreja Católica. Neste ano de 1647, o Confessor santifica-se roubando à Esposa de Cristo a sua herança: a Doutrina Divina sobre a Unidade de Deus Pai e de Deus Filho no Espírito Santo.

C.W. — Na unidade da Divindade existem três pessoas, da mesma substância, poder e eternidade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. O Pai não é gerado nem procede de ninguém. O Filho é eternamente gerado pelo Pai, e o Espírito Santo procede eternamente do Pai e do Filho.

C.R.Y&S. — Mas, ao contrário do que soa a Declaração da Unidade Divina na boca dos Santos que a revelaram, na boca deste Confessor soa a heresia pagã. Um discípulo de Satanás coloca na sua boca a palavra do Espírito Santo, reveste-se de Luz para santificar os seus massacres, frutos infernais da doutrina da Reforma. A quem surpreende que o Diabo lhe tenha arrancado os olhos e que os seus adoradores não tenham visto os frutos da sua Reforma?

O ADVOGADO DO DIABO

Entramos na caverna do Advogado do Diabo, do inimigo do Espírito Santo, de Deus e do Homem, de Cristo e da Igreja, da Justiça e da Verdade. Entramos na mente maligna de um bando de terroristas, genocidas e assassinos que procuraram justificar os seus crimes e o seu genocídio, a sua maldade e a sua conduta homicida perversa na Vontade Imutável, Irresistível e Todo-Poderosa de um Deus do Terror que, por esse Poder Eterno, decide estabelecer que o Terrorista é um santo e a sua vítima lenha para o fogo do inferno; um Deus do Horror e da Morte que estabelece que a Vida é um circo, um teatro de terrores, uma farsa aqui-criminosa com um guião estabelecido a partir da sua Irresistível Vontade Terrorista, na qual ninguém pode deixar de atuar e de viver o seu papel; nem o escolhido para o genocídio e para espalhar o terror, e para reunir a lenha para o fogo do inferno, nem a vítima criada para sofrer o horror e viver no terror, que nesta vida é torturada até à morte e na outra é torturada para toda a eternidade no inferno.

Aqui, o Maligno, segundo esta Confissão do Advogado de Satanás, é absolvido de todo o delito e é solenemente proclamado Deus, entre os uivos de um povo de brutos ignorantes, e aclamado por universidades tão grandiosas como Cambridge e Oxford, como o único Culpado e verdadeiro Autor Intelectual de todo o Terror e Horror que a Humanidade tem sofrido desde a Traição do Judas do Céu.

É escandaloso ao ponto da incredulidade ver como grandes intelectuais formados em universidades tão célebres, cujos discípulos mais brilhantes encheram a Ciência de glória universal, na hora de tocar a Alma do Ser Humano transformam-se nos mais abjetos cobardes, e preferiram ser brutos e bestas sem cérebro, mas vivos, a sábios mortos. Tal é a linhagem da raça dos britânicos. Pessoas perversas e brutais que levaram o genocídio contra os irlandeses para as Américas e, onde quer que montassem as suas tendas, não deixavam nenhum ser humano vivo. O roubo era a sua bandeira. O crime constante contra a humanidade, a sua verdadeira pátria.

Louco é aquele que ignora que o papado do século XV e do início do século XVI se banhou no estrume da negação da Doutrina dos Servos de Cristo. Mas louco, até à demência absoluta, é aquele que condena Cristo por perdoar o pecado da negação de São Pedro e se levanta contra o Filho de Deus, justificando a sua rebelião na Vontade Irresistível do seu Pai Eterno.

Eis a sentença contra o Deus que é Amor. Onde estava escrito «Amor», o britânico escreveu «Terror». Diz ele, na sua demência:

C.W. — Deus, desde toda a eternidade, pelo conselho sapientíssimo e santíssimo da sua própria vontade, ordenou livre e imutavelmente tudo o que acontece; mas de tal forma que Ele não é o autor do pecado, nem viola a vontade das criaturas, nem retira a liberdade ou a contingência das causas secundárias, mas, pelo contrário, as estabelece.

C.R.Y&S. — Onde estão os filósofos, os lógicos, os dialéticos, os retóricos, os oradores, os cultivadores do Pensamento e das suas leis; da Palavra e das suas regras? Não os procureis na Inglaterra, nem na Escócia; ali só há ladrões, inimigos da Verdade e do Amor, planeadores de guerras mundiais em prol da hegemonia das suas Majestades Satânicas. Diz o confessor que Deus planeia até ao pormenor tudo o que vai acontecer, escreve o guião antes mesmo de o cenário ser montado; e afirma o confessor que, quanto ao que acontecerá nesse Cenário, o Autor Intelectual e produtor de todo o guião é inocente.

Esse «Deus Oculto», que é o Terror, que não só planeia o Enredo desde a Eternidade, proclamando-se o seu Autor Intelectual, mas que, sendo o Criador de todos os atores e do próprio palco, é Autor e Produtor ao mesmo tempo (Autor Intelectual e produtor da Tragédia da Espécie Humana), senhoras e senhores, segundo este Confessor, é inocente de todo o sangue derramado.

Onde estão os juízes, onde estão os legisladores, onde estão os defensores dos Direitos Humanos Universais e os amantes de uma Justiça Imortal e Incorruptível? Não os procureis na ilha onde a Justiça abençoa o Crime e serve a Casa de Suas Majestades Satânicas, justificando os seus genocídios e os seus crimes na Vontade Irresistível de um Deus cujo Terror se estende pelo Infinito e cujo Eterno Decreto de Terror constitui, para todas as criaturas, a plena justificação de todos os seus Delitos.

Mais uma vez: Filhos de pessoas malvadas e perversas que assumiram como vocação a defesa de Satanás, se ao longo dos séculos aprendestes a Justiça e compreendeis o que é o Amor, lede a primeira premissa em Defesa de Satanás...

C.W. — Deus, desde toda a eternidade, pelo conselho sapientíssimo e santíssimo da sua própria vontade, ordenou livre e imutavelmente tudo o que acontece; mas de tal forma que Ele não é o autor do pecado, nem viola a vontade das criaturas, nem retira a liberdade ou a contingência das causas secundárias, mas, pelo contrário, estabelece-as.

C.R.Y&S. — Quem estabelece o que acontece é o autor intelectual do ocorrido, é o mentor do crime cometido; ou será que a Justiça humana não distingue entre o braço executor e o mentor intelectual da ação cometida?

Perante a Justiça: quem é mais culpado pela ação: o braço executor que, movido pela ignorância ou por uma força irresistível, a leva a cabo, ou aquele que moveu esse braço através da produção de todas as causas cujo efeito irresistível foi essa ação levada a julgamento?

Obviamente, o braço executor não pode ser redimido sem sofrer a pena devida pelo crime consumado. Mas que justiça é essa que condena o ignorante e absolve o autor intelectual, criador do crime? É esse o Deus de Jesus Cristo? É esse o Deus que é Amor dos Apóstolos?

Fomos ensinados a amar Deus pela Sua Justiça ou devido ao terror que o Seu Poder Infinito provoca?

Eis, pois, que surge um Novo Evangelho:

«Deus é Terror; o Terror do seu Poder é a Fonte de onde jorra toda a sua Justiça».

Depois de declarar Deus como o Autor de todo o inferno que a humanidade vive desde que Adão foi assassinado por Satanás, o Confessor chega, na sua ignorância sangrenta, a justificar Deus pela Sua impotência para impedir as coisas que vão acontecer, sendo Ele próprio uma marioneta do Seu Poder Infinito. Mas silêncio: tem a palavra o Advogado do Diabo:

C.W. — Embora Deus saiba tudo o que poderia ou pode acontecer em todas as condições possíveis, não decretou nada por tê-lo previsto como futuro, ou como aquilo que aconteceria nessas condições.

C.R.Y&S. — Na sua ignorância maligna, o Confessor afirma, em primeiro lugar, que tudo foi ordenado desde a eternidade e, agora, alega que Deus não tem necessidade de decretar nada, pois, conhecendo tudo, limita-se a ser o espectador de luxo a quem absolutamente tudo escorrega por entre os dedos. Roteiro, atores, cenário: nada nem ninguém lhe importa minimamente. Deus não sente paixão, Deus não tem paixões. Tem como coração uma rocha de gelo forjada à temperatura zero absoluto. Como mente, tem uma rocha de basalto na qual não penetra emoção de qualquer tipo. Calcula tudo sem se abalar, produz tudo sem que isso lhe cause nem alegria nem tristeza. Deus não sente paixão. Deus não é Pai. Deus não é Filho. Deus não é Espírito Santo. Deus é Terror. É por isso que é adorado. Ou o adoras ou morres. O Confessor tem a espada para executar a tua morte. De joelhos perante o Deus que é Terror! Morte ao Deus que é Amor! O Amor é para os fracos, para os católicos. Todos devem morrer. Todos foram criados para serem executados. E o Confessor é a espada executora, porque:

C.W. — Embora Deus saiba tudo o que poderia ou pode acontecer em todas as condições possíveis, não decretou nada por ter previsto isso como futuro, ou como aquilo que aconteceria nessas condições.

C.R.Y&S. — Portanto, ao não dispor, Deus dispôs ser «o Impotente». Não pode fazer nada para impedir que as coisas aconteçam. Não pode fazer com que as coisas deixem de acontecer, nem tem poder para determinar nada; é o próprio cenário que se produz a si próprio e escreve o seu guião.

Deus não é Criador de nada nem de ninguém. Deus limita-se a justificar o guião, a observar o cenário em que os acontecimentos ocorrerão sem necessidade do seu consentimento e aprovação. Sabe de antemão que dois mais dois são quatro, vê o caçador e vê a presa, é onnipotente e tem todo o poder para decidir se há guerra ou paz, e tudo o que Deus faz é ficar de braços cruzados e deixar que os acontecimentos ocorram, porque se entrar no cenário, Ele próprio entrará no jogo e será mais uma peça, um peão no tabuleiro sobre a mesa do Cosmos.

E Ele próprio deveria perguntar-se: quem criou esta mesa, quem dispôs este tabuleiro?

Não é a Sua mesa, não é o Seu tabuleiro; como mestre do xadrez, Ele sabe o que vai acontecer dependendo dos movimentos do Seu adversário, e limita-Se a deixar que a partida se desenrole sem se importar com o desfecho.

A pergunta que se segue é letal: o que fazia o Seu Filho ao entrar no tabuleiro? Tudo uma mentira? Deus não intervém entre a presa e o caçador porque Deus é Amor? É isto o cristianismo?

Não, não, claro que não, o Confessor tem uma resposta melhor:

C.W. — Por decreto de Deus, e para a manifestação da Sua glória, alguns seres humanos e anjos são predestinados e pré-ordenados para a vida eterna, e outros pré-ordenados para a morte eterna.

C.R.Y&S. — O Confessor reafirma o que negou na primeira afirmação. Primeiro, afirma que Deus é o Autor Intelectual e o Produtor Material de todos os crimes, genocídios, guerras, doenças e males que a humanidade tem sofrido desde a sua Criação. Em seguida, nega que haja necessidade de qualquer decreto eterno, porque os acontecimentos que ocorrem no Cosmos sucedem-se com Ele ou sem Ele; o Seu Poder limita-se a saber o que acontecerá se X for igual a 3, se Z for igual a 7 e alfa for igual a pi menos beta.

A sua posição é a do observador de um acontecimento quântico: se intervir, provoca uma distorção dos parâmetros naturais, de modo que tudo o que pode fazer para ser infalível é deixar que as leis naturais sigam o seu curso. Pode prever, desde que se mantenha no plano da observação.

No fim de contas, Deus não é Amor nem Terror, é um zero à esquerda. A sua oportunidade de não ser esse zero é-lhe concedida por uma Força Cósmica Superior que Lhe permite — que Deus os receba em estado de graça a estes Advogados do Diabo quando forem chamados a julgamento — escolher quem vive e quem morre.

C.W. — Por decreto de Deus, e para a manifestação da Sua glória, alguns seres humanos e anjos são predestinados e pré-ordenados para a vida eterna, e outros pré-ordenados para a morte eterna.

C.R.Y&S. — Estão a ler o Evangelho do Diabo.

Deus não ordena nada; a sua relação com o Cosmos é a de um sábio cuja longa experiência com as leis da sua matéria lhe permite prever o que acontecerá se este ou aquele movimento ocorrer. A Glória de Deus limita-se a usar o seu Poder para o Terror. Este é todo o seu papel no Cosmos: escolher quem mata e quem é assassinado, quem é a presa e quem é o caçador. O Diabo é inocente. Satanás foi escolhido para ser o caçador e Cristo para ser a presa.

Não há Justiça, a Redenção foi uma farsa, a Queda foi uma encenação, o Cristianismo é uma Mentira. A única verdade é que Deus é Terror em virtude da sua Onipotência ao serviço de uma Força Cósmica que o supera e que conta com o seu Coração de Gelo Absoluto para produzir as suas Obras Universais. Mas não é só Satanás que é um peão no jogo de um Poder Infernal ao qual o próprio Deus se submete como «aquele que escolhe os atores»:

C.W. — Estes anjos e seres humanos assim predestinados e pré-determinados estão particular e imutavelmente designados, e o seu número é tão certo e definido que não pode ser aumentado nem diminuído.

C.R.Y&S. — Onde está a perseguição aos criminosos de guerra? Que sentido têm a justiça e a lei se todos os seres humanos e todas as criaturas do cosmos somos peões num jogo maligno, do qual ninguém consegue escapar ao papel que lhe é atribuído por nascimento? Isto, senhoras e senhores, é o anticristianismo mais absoluto que se conhece: a Liberdade de Nascimento no Espírito que Cristo nos pregou e nos inculcou na alma é tudo uma mentira. Segundo este evangelho maligno, todos nascemos para ser marionetas sem vontade própria, movidas pelos fios de forças cósmicas que não conseguimos compreender.

Todos, anjos rebeldes e homens, Caim e Abel, temos em comum o facto de sermos escravos. E não do Deus que é Amor, do Deus de Jesus Cristo: todos somos escravos da

Morte, uns como caçadores e outros como presas. E agora, seguindo o seu desígnio assassino, o Confessor anticristão absolve-se dos seus genocídios e dos seus crimes, dizendo:

C.W. — Deus, de acordo com o seu propósito eterno e imutável, e com o conselho secreto e o beneplácito da sua vontade, escolheu-os em Cristo para a glória eterna, antes mesmo de terem sido lançados os alicerces do mundo, pela sua graça e amor puros e livres, sem a previsão da fé ou das boas obras, nem a perseverança em nenhuma delas, nem de qualquer outra coisa que haja nas criaturas, como condições ou causas que o levem a isso, e tudo para o louvor da glória da sua graça.

C.R.Y&S. — Senhor! A que ponto de ignorância pode chegar uma mente para justificar os seus crimes? Que nível de covardia pode um povo admitir para viver de joelhos perante tais monstros genocidas?

Que automutilação da inteligência terão as universidades britânicas daquela época chegado a consumir, a ponto de manterem a cabeça nos ombros? Respondam: que diferença há entre aquele Deus Oculto de Lutero, Henrique VIII, Calvino e Cromwell, que fundaram a sua religião sobre milhões de seres humanos massacrados em nome desse Deus do Terror e da Morte, e o Deus de Maomé que ordenou o extermínio de todos os não crentes?

E, no entanto, estes foram menos culpados, na medida em que não conheceram Cristo nem basearam no seu nome o extermínio dos católicos, os seus irmãos que viviam entre eles.

C.W. — Visto que Deus designou os eleitos para a glória, assim também, pelo propósito eterno e mais livre da sua vontade, ordenou todos os meios para tal. Por isso, os que são eleitos, estando caídos em Adão, são redimidos por Cristo, são eficazmente chamados à fé em Cristo pelo seu Espírito, que atua no tempo devido, são justificados, adotados, santificados e, pelo seu poder, são guardados para a salvação por meio da fé. Não há outros que sejam redimidos por Cristo, eficazmente chamados, justificados, adotados, santificados e salvos, a não ser apenas os eleitos.

C.R.Y&S. — A ignorância do Confessor não tem limites. Deus escolhe-o para perpetrar o genocídio e o massacre dos irmãos católicos. Atreve-se a comparar-se aos Apóstolos. Tem um Novo Evangelho. Nega a essência e a substância da Redenção. Condena Cristo. Rebelar-se contra o Espírito Santo, confessa que Deus é Terror. Nega que Deus seja Amor. A Redenção é um teatro que convoca os caçadores a reunirem-se e a lançarem-se contra as presas.

Segundo esta Confissão, Cristo foi um peão no tabuleiro desse Poder Cósmico, aliado do próprio Deus, a chamar os seus. E agora, o Deus de Cristo escolhia Cromwell para ser a sua espada, o seu profeta, a sua mão executora, o seu braço assassino.

C.W. — Quanto ao resto da humanidade, devido ao seu pecado, agradou a Deus ignorá-la e destiná-la à desonra e à ira, de acordo com o conselho insondável da sua própria vontade, pelo qual Ele concede ou retém a misericórdia conforme Lhe apraz, para a glória do seu poder soberano sobre as criaturas, para o louvor da sua gloriosa justiça.

C.R.Y&S. — Fala de justiça um genocida, criminoso contra os seus próprios irmãos, que não teve misericórdia, nem conheceu a piedade, nem amou a compaixão? O Terror era o seu Deus. Com Lutero, o Deus Oculto permaneceu Oculto; a Cromwell, tal como antes a Moisés, o Deus Oculto revelava-se face a face. Cromwell era o Novo Josué do Novo Povo Eleito.

Quem não aceitasse a sua Nova Doutrina era condenado à morte. O seu exército não devia ter remorsos de consciência nem sofrer dor moral. Era o braço executor do Deus da Eternidade que determinava a morte de todos os católicos infiéis e de todos os selvagens, onde quer que existissem.

Com efeito:

C.W. — A doutrina deste alto mistério da predestinação deve ser tratada com especial prudência e cuidado, para que os seres humanos, ao prestarem atenção à vontade de Deus revelada na Sua Palavra e ao prestarem-lhe obediência, pela certeza da sua vocação eficaz, tenham a certeza da sua eleição eterna. Assim, esta doutrina deve ser motivo de louvor, reverência e admiração a Deus, e de humildade, diligência e abundante consolo para todos aqueles que sinceramente obedecem ao Evangelho.

C.R.Y&S. — E para quem não dobrasse os joelhos, o profeta e o seu exército de eleitos para serem caçadores estavam lá para, humildemente, lhes cortar as pernas.

Amém. Amém

SEGUNDA PARTE

A PROVIDÊNCIA DE DEUS NA QUEDA E NA IGREJA, DE ACORDO COM A
ASSEMBLEIA DOS DIVINOS

O problema das forças que determinaram o acontecimento a que chamamos a Queda — e que nos livros da História do Futuro figura como a Guerra das Primeiras Cidades da Mesopotâmia, que antecederam as dos sumérios — está diante de nós. Estamos a falar do Quinto Milénio antes da nossa Era. Sabemos e temos a certeza de que, entre as primeiras dinastias do Antigo Oriente Próximo do Quarto Milénio e o Fim da Civilização do Quinto Milénio, ocorreu um colapso que torna impossível registar os factos durante esse período. Trata-se de uma lacuna na memória que veio preencher, tanto no lado profano como no sagrado, o episódio do Dilúvio. Os sumérios registaram esse Acontecimento e estabeleceram uma linhagem de reis desde Adão até ao Dilúvio. Os hebreus conservaram acontecimentos especificamente nacionais que tiveram lugar durante os séculos anteriores a essa Catástrofe. Acontecimentos que ligam Cristo a Adão e que passaram a fazer parte da nossa Memória Histórica Universal.

Temos de compreender que esta ligação bidirecional só se tornou possível no final do século XIX. Todas as gerações anteriores aos factos finalmente recriados no início do século XX viveram sob a lei de uma amnésia universal que, por simples lei patológica, as incapacitou intelectualmente de compreender a natureza dos protagonistas daquele acontecimento a que chamamos a Queda e que se ligou à nossa herança histórica através da Redenção. Assim, sem sermos hebreus segundo a carne, mas sendo, segundo o espírito, Parentes de Cristo, a História da Queda tornou-se parte da nossa História.

Quero dizer que, do ponto de vista da História Escrita, estamos infinitamente mais bem preparados para regressar ao Éden e reconstruir o Acontecimento que deu origem ao Primeiro Reino que o Mundo conheceu. E, no entanto, sem contar com Deus, é impossível — e, de facto, tem sido assim até hoje — aprofundar as causas psichistóricas que determinaram a Queda daquele Reino. Estas causas não estão escritas. Mas estão na memória do Deus que viu como o seu filho Adão foi arrastado para a transgressão que se tornou a origem da tragédia do género humano, em termos universais, e do povo de Israel, em particular.

Rejeitar Deus como Fonte da História e do Pensamento Humano e entregar-se às forças da Razão Humana é escrever um Manifesto de Rejeição a Deus. Esta Confissão Presbiteriana, redigida sob o terror da Assembleia dos Divinos, constitui uma rejeição a Deus e à Sua Providência, partindo do Deus que Cristo nos revelou e que, ao dizer: «Quem me vê, vê o Pai», nos revelou o que os Seus discípulos deixaram por escrito: «DEUS É AMOR».

É a partir desta chave que se deve interpretar a Providência, o Ser de Deus e a própria História da Igreja.

A ASSEMBLEIA DOS DIVINOS, reunida em Westminster, redigiu esta Confissão sob a Lei do Terror e, a partir dessa Lei, reescreveu a História da Fé, partindo do pressuposto de que DEUS É TERROR.

A QUEDA

A astúcia do Diabo foi perversa no caso da Queda, na medida em que, conhecendo a inocência do Homem — que a sua própria nudez nas coisas da guerra tornava evidente —, ousou cravar-lhe em pleno flanco a adaga da sua Mentira. O Diabo, a Antiga Serpente, Satanás, a sua cabeça, matou um Homem «nu» nas coisas da guerra e para a guerra.

O Homem era uma Criatura que acabara de Nascer para a Vida Eterna; Adão e a sua Geração viviam a sua Infância como filhos de Deus e, como Crianças, viviam nos braços da Proteção Divina.

A mente, o coração e a alma do Primeiro Homem, de quem Adão era a Cabeça, da mesma forma que Cristo o é do seu Corpo, eram uma só coisa com o Coração, a Mente e a Alma de Deus. Que temor ou medo da Vida poderia conceber aquela Criança que vivia em Deus como filho e sentia Deus como Pai?

Vestir-se de anjo de luz, anunciar-se como Mensageiro de Deus, vir em Seu Nome para comunicar a Sua Vontade àquele Homem Nu, indefeso perante as coisas da Ciência do bem e do mal, e dizer-lhe: «O Homem deve elevar-se à condição dos deuses», quão miserável é essa astúcia.

Adão tinha superado a Prova. «Não comer» era a Prova. Vencida pela Fidelidade, o seu prémio era declarar-se «Divino».

Não só a astúcia era miserável, como o seu autor era um miserável. E começamos.

C.W. — «Deus, o Grande Criador de tudo, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, ações e coisas, desde a maior até à mais pequena, pela sua sábia e santa providência, de acordo com a sua presciência infalível e com o conselho livre e imutável da sua própria vontade, para louvor da glória da sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia».

C.R. — O Deus Despota da filosofia inglesa em voga no século XIV regressava da sepultura, não como um ente filosófico agora, mas como um Ser de Gelo, um Monstro sem Coração nem Alma, cuja Mente faz tudo para se banhar nas flores que nascem no Paraíso do Terror perante o seu Poder Infinito. E perguntamo-nos: como poderia ser descrito de outra forma o terror que se abateu sobre Henrique VIII, a sua filha Isabel e Cromwell? Não descreve esta primeira frase o seu deus, o Tudor?

Vejamos:

Desde a Teologia Patrística milenar, com origem na Sabedoria Apostólica, sabemos e acreditamos que a Igreja é um Corpo Divino em virtude de quem é a sua Cabeça. Assim, se Cristo Jesus não fosse a sua Cabeça, a Divindade que a Igreja reivindica seria uma farsa absoluta.

Graças a esta Obra, na qual Deus uniu a Vida do seu Filho à do Homem e reservou para si um Corpo de Sacerdotes e Pastores, este Corpo é investido, pelo seu ofício, da Natureza Divina própria da sua Cabeça. Entendendo sempre que a Divindade corresponde a esta Cabeça. E que, sem esta Cabeça, esse Corpo deixa de ser Divino.

Quando, então, os Tudors foram elevados à chefia da Igreja Anglicana, a Divindade de Jesus Cristo foi rejeitada. E o Corpo da Igreja da Ilha Britânica deixou de ser Divino. A religião cristã na ilha passou a ser uma religião pagã com o nome de Cristo como fachada para a sua rebelião contra Jesus e o seu Deus, daí a perseguição imperial neorromana que Henrique VIII, tal como Nero do seu tempo, declarou contra os cristãos.

A declaração dos Tudors como Cabeça da Igreja da Inglaterra foi uma rebelião contra Deus, em tudo semelhante à que Satanás tentou ao pretender sentar-se no trono do Filho de Deus. Em termos coloquiais, digamos que a Rebelião Anglicana decapitou a Igreja, cortou-lhe a cabeça e deu a si própria uma nova, a de um monstro que só através do terror conseguia manter a ficção satânica de que a Igreja Anglicana era a religião de Cristo.

Isto desde a Patrística dos Santos. Desde o Espírito Santo, que sustentou a Igreja com o seu Pensamento ao longo de mil e seiscentos anos, a relação entre o Homem e Deus realiza-se neste Contexto Sagrado: Cristo é a Cabeça e a Igreja é o seu Corpo, e da mesma forma que uma árvore tem muitos ramos, as igrejas são os ramos da Árvore da Vida, cujo fruto, a Fé, alimenta as nações, e pela Fé o seu futuro abre-se para a Eternidade.

Observamos que todas as nações cristãs continuam vivas, exceto aquela que se separou da Igreja Universal (Bizâncio) e decidiu seguir sozinha o seu caminho, o que a conduziu ao abismo e, hoje em dia, o seu orgulho é história no Livro da nossa Civilização.

Fora desta Doutrina não há Futuro. O caminho para o abismo é longo, mas, sem volta a dar, conduz a um único precipício. Esta tem sido a Doutrina Patrística dos

Santos, desde os Apóstolos até aos nossos dias. Doutrina da qual se afastou a Igreja da Inglaterra, forçada pela ignorância dos seus líderes eclesiásticos e pelo terror perante a doutrina do Rei que eles próprios entronizaram e se autoproclamaram Deus em vez de Jesus Cristo.

Tentados por este terror, os seus sucessores, perante a escolha entre conservar a vida ou perder a cabeça, escolheram o que lhes era mais vantajoso e, como recompensa por participarem na Divindade do seu novo ídolo, foi-lhes permitido declarar-se DIVINOS. E, como tal, assinaram a Confissão de Westminster, tal como se pode ver na capa da mesma.

É, portanto, do Terror de uma nação de ignorantes, pastoreada por um grupo de cobardes, que surge esta Defesa do Diabo.

Para se absolverem do seu crime de covardia, os Divinos culpam a Providência de Deus, uma vez que, se...

C.W. — «Deus, o Grande Criador de tudo, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, ações e coisas, desde a maior até à mais pequena, pela sua sábia e santa providência, de acordo com a sua presciência infalível e com o conselho livre e imutável da sua própria vontade, para louvor da glória da sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia»...

C.R.... de facto, segundo eles, não foram eles que decapitaram Cristo, Cabeça da Igreja de Deus, e ressuscitaram o corpo decapitado colocando-lhe uma cabeça humana, a Coroa de Inglaterra, infinitamente mais sublime do que a do Filho de Deus, mas sim que esse Crime de Rebelião contra a Coroa do Filho de Deus foi um ato da Providência de Deus.

«The Assembly of DIVINES» lavava as mãos. O sangue jorrante que manchava as suas vestes após a Perseguição Anticristã do Primeiro Tudor, e que voltou a encher a Segunda Perseguição Isabelina, e, pela terceira vez, escorreu pelas vestes da Perseguição anticristã cromwelliana, devia ser atribuída a Deus Pai, que, com a sua Providência, a sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, dispôs que essas Perseguições fossem «para o louvor da sua glória».

Nada se lhes poderia imputar a quem assassinou em nome do Grande Criador que «dispõe e governa todas as criaturas, ações e coisas, desde a maior até à mais pequena, pela sua sábia e santa providência, de acordo com a sua presciência infalível e com o conselho livre e imutável da sua própria vontade».

Deus assim o quer!! «Deus lo vult! God willing»

O espírito das Cruzadas regressava do túmulo... desta vez contra o próprio Rei do Céu, Jesus Cristo, Único Rei Universal Eterno de todas as Nações e Povos

da Criação do seu Pai, e Cabeça de todas as igrejas, que vivem do seu Espírito da mesma forma que a Árvore vive da seiva que alimenta todos os seus ramos e, unidas ao seu Tronco, crescem como um único Ser Vivo, cujas Raízes estão em Deus.

E, se Deus assim o quiser, há que matar, matar em massa, sem misericórdia, com o coração de gelo que o Tudor Onipotente e a sua Assembleia de DIVINOS colocaram sobre a mesa.

C.W. — «Embora, no que diz respeito à presciência e ao decreto de Deus, todas as coisas venham a acontecer de forma imutável e infalível, no entanto, a própria providência ordenou-as de tal forma que acontecerão de acordo com a natureza das causas secundárias, sejam elas necessárias, livres ou contingentes».

C.R. — Aqui temos a rejeição absoluta da inteligência britânica reformada ao pensamento da Idade Moderna nascente. Os Divinos rejeitaram a teologia patrística como porta de acesso ao pensamento de Cristo e abraçaram a filosofia medieval mais retrógrada e absurda.

A necessidade de justificar o seu crime contra a Coroa Divina levou-os a acusar a Providência Divina de ser a força motriz de tudo o que acontece neste mundo e, consequentemente, nada pode ser atribuído aos DIVINOS, na medida em que, sendo marionetas sem vontade própria, fizeram o que fizeram porque a Vontade de Deus é irresistível e, se o que Deus dispõe não for feito de boa vontade, é feito à força, ou seja, por meios contingentes. Ou seja, se um homem se opõe à vontade maligna de Deus, Deus encarrega-se, por meios ocultos e invisíveis, de fazer com que o Crime tenha História e que o sangue jorre em rios do corpo do seu Povo. Ou poderá ser de outra forma?

Não é Deus Todo-Poderoso e Infalível?

A resistência à sua Vontade de Genocídio contra um povo é, portanto, irresistível. Porque, segundo os DIVINOS: a Providência é a autora de todos os crimes.

Ao destituir Cristo Jesus como Cabeça da Igreja da Inglaterra, os DIVINOS levantam-se contra Jesus Cristo, Rei de todos os cristãos da Terra, o Único que recebe ADORAÇÃO DE DEUS E POR CUJA DIVINDADE, sendo Cabeça da Árvore das Igrejas, estas recebem do seu Espírito a Vida. E a Vida Eterna, que lhes confere uma Indestrutibilidade Invencível, tal como se tem visto na Existência da Igreja Católica.

Onde está a Igreja Bizantina?

Em breve perguntar-se-á: onde está a Igreja Anglicana, aquela que se atreveu a rejeitar o Pensamento dos Santos e se entregou à prostituição da Filosofia dos hereges ockhamitas?

Pois é boa a Filosofia que se ocupa das coisas dos filósofos, tal como é bom que os cientistas se ocupem das coisas da Ciência e não incluam Deus nas suas investigações.

Cada coisa tem o seu lugar, e cada disciplina do pensamento tem o seu objeto. Querer reduzir Deus a um objeto do Pensamento é um suicídio intelectual. A criação que pretende radiografar o seu Criador de acordo com a medida da sua natureza afunda-se na sua própria demência.

Esta queda da Coroa de Inglaterra reproduz ao vivo o cenário de causas e efeitos que a Traição de Satanás ao seu rei e Senhor inscreveu na História: Adão declarou-se «Deus» e a sua Corte declarou-se uma «Assembleia dos Divinos».

A partir desta loucura, a Nova Assembleia dos Divinos, reunida em torno do seu Novo Deus, afirma que

C.W. — «Deus, na sua providência ordinária, faz uso de meios; apesar disso, Ele é livre para agir sem eles»

C.R.Y&S. — Daí se percebe a irracionalidade intelectual a que aquela Congregação sucumbiu e o baixo valor que os DIVINOS atribuíam à inteligência do povo, que, por causa do terror, devia calar-se e fazer o que o seu Novo Deus determinava neste Decreto de Rebelião Aberta contra a Coroa de Jesus Cristo. Pois o que estão eles a dizer?

Que Deus deve fazer o que eles dizem?

Que eles conheçam e conhecem Deus melhor do que Deus se conhece a si próprio?

E que, mesmo não sendo participantes em Deus do Seu Pensamento nem da Sua Inteligência, estando-lhes vedado o acesso à Memória Divina da Sua Criação e ao Coração Sagrado em que foi concebida a Redenção do Género Humano, apesar deste exílio do Ser Divino, eles podiam e podem dizer o que Deus pode ou como pode levar a cabo os seus crimes e ordenar genocídios, da mesma forma que dispôs desde a Eternidade a Queda de Adão e o afundamento da Humanidade neste inferno que temos vindo a sofrer há mais de seis mil anos?

Quanto à ignorância do povo inglês, os DIVINOS podiam, de facto, gozar com ela. Mas quanto a esconder a coragem que não tiveram para seguir o exemplo dos Mártires que preferiram perder a cabeça a assinar esta entronização de um homem no trono que cabe apenas ao Filho de Deus, «Ser a Cabeça de todas as igrejas», esta covardia está diante dos olhos da História.

Acusar Deus de ser o autor intelectual, com a sua providência, de todos os males do mundo é dar voz a Satanás, que diz:

C.W. – «O poder todo-poderoso, a sabedoria insondável e a bondade infinita de Deus manifestam-se na Sua providência de tal forma que esta se estende até à primeira queda e a todos os outros pecados dos anjos e dos homens, e isto não apenas por mera permissão, mas porque Ele os uniu a ela com o laço mais sábio e poderoso, ordenando-os e governando-os numa administração múltipla para os Seus próprios fins sagrados; mas de tal forma que o pecaminoso provém apenas da criatura, e não de Deus, que, sendo o mais justo e o mais santo, não é, nem pode ser, autor ou aprovador do pecado”.

C.R.Y&S. — Primeiro acusam Deus de ser o autor intelectual da Queda e depois absolvem-no de todo o crime, pois, sendo Todo-Poderoso, quem poderá sentá-lo no banco dos réus e submetê-lo a julgamento!

A Assembleia de Teólogos signatários desta Confissão, defendida pelas igrejas presbiterianas, declara que: «DEUS É TERROR».

Não se ama DEUS por Ele ser AMOR. A partir desta Confissão, a relação com Deus é a de quem está aterrorizado pelo Poder de um Senhor, ajusta a sua mente para sobreviver sob essa Lei e encontra na sua impotência para se erguer e manter uma relação de «pai para filho», de «cidadão para Rei Amadíssimo», o seu único caminho de salvação.

Compreendemos:

Westminster tem o machado a pingar sangue. Coloca esse sangue no tinteiro e, sob a lei do Terror, ordena que os DIVINOS escrevam esta Confissão, molhando a pena nesse sangue.

Os «Divinos» não têm a estatura de heróis, nem de santos. Não acreditavam em Deus, porque, se tivessem acreditado, teriam seguido o caminho para o Calvário dos bispos que preferiram morrer sob a coroa do Filho de Deus a viver sob o trono de um reino de terror anticristão, cujo modelo de coroa era o de Nero.

Traíndo a Inglaterra tanto no plano espiritual como no temporal, os Confessores tinham de assinar uma Confissão na qual se declaravam inimigos do Reino de Deus e, ao mesmo tempo, justificavam a sua traição com a impotência de toda a criatura, fossem homens ou anjos, para resistir à Vontade Maligna de um Deus todo-poderoso que mata o tempo, afundando todos os seres no inferno da Guerra Fratricida.

Como resistir a esse Ser Todo-Poderoso que a Filosofia Inglesa Medieval separou de Cristo e reduziu a um objeto de estudo filosófico?

Haveria outra alternativa à evolução do pensamento, desde o Deus que é Amor até ao Deus que é Terror, senão a submissão absoluta ao Deus britânico?

Relam bem a ACUSAÇÃO que a Assembleia Presbiteriana dos DIVINOS declara:

O poder todo-poderoso, a sabedoria insondável e a bondade infinita de Deus manifestam-se na sua providência de tal forma que esta se estende até à primeira queda e a todos os outros pecados dos anjos e dos homens, e isto não apenas por mera permissão, mas porque Ele os uniu a ela com o mais sábio e poderoso vínculo, ordenando-os e governando-os numa administração múltipla para os Seus próprios fins sagrados

Nesta primeira parte da sentença contra Deus e em defesa do Diabo, estão a afirmar que Deus ordenou a Queda e que esta Queda teve por princípio «um fim santo». Queda que Ele próprio ordenou desde a eternidade, à qual deu a sua bênção. Por esta bênção, «permissão», diz o Confessor, o Traidor e o Transgressor são santificados em virtude do «fim santo» que Deus veio buscar, mas...

mas de tal forma que o pecaminoso provém apenas da criatura, e não de Deus, que, sendo o mais justo e o mais santo, não é, nem pode ser, autor ou aprovador do pecado».

Imediatamente nega o que afirmou anteriormente. E o que afirma com a sua negação é gravíssimo.

Afirma que o autor intelectual de um crime não pode ser julgado pelo crime cometido pelo braço que o executou.

Em termos de jurisprudência e teoria da justiça, os DIVINOS afirmam que Satanás não deveria ser julgado por ter tentado Adão, pois, apesar de ser o autor intelectual da transgressão, quem a cometeu foi Adão, e era este quem deveria responder pelo seu crime.

Ou seja, ao condenar Satanás pelo crime que outro cometeu, Deus mostrou-se injusto. Pois a transgressão era um ato que Adão podia ou não cometer. Ninguém — diz o Confessor — pode ser julgado por convencer outro a atirar-se de uma ponte.

Ao condenar Satanás por ter tentado Adão, Deus mostrou-se injusto e não aplicou à sua Criação a Justiça que aplica a si próprio, pois, sendo Ele o autor intelectual de todos os acontecimentos que ocorrem na sua criação, Ele declara-se acima da Justiça devido à impossibilidade de colocar um Ser Eterno no banco dos arguidos.

Ao afirmar que fazer ou não fazer algo é da responsabilidade de cada criatura, o Confessor mente e contradiz-se a si próprio quando diz que, quer a criatura queira ou não, o que está determinado por Deus acontecerá apesar da oposição da própria criação em dar corpo a essa ação.

Resumindo, mais uma vez, segundo o Confessor: DEUS É TERROR.

O Deus de quem o Filho e o Espírito Santo dizem: «DEUS É AMOR», é banido da Igreja Anglicana e recebido de braços abertos pela Igreja Presbiteriana — o Deus que é Terror.

Ora, o Deus que Cristo nos trouxe não pode conceber no seu Ser uma imagem semelhante de si mesmo, a de um Ser Todo-Poderoso, Abstrato, Filosófico, sem ligação com o Homem a não ser através do Poder. Esta imagem é uma aberração anglicana, de origem calvinista, fruto da semente luterana, plantada na Alemanha pelo Diabo, o Deus Oculto da Reforma Protestante.

E agora, quem vê em Deus o Terror que provém da Impotência, quer falar de Amor dizendo:

C.W. — «O Deus onisciente, justo e benigno, muitas vezes deixa, por algum tempo, os seus filhos nas tentações multifacetadas e na corrupção dos seus próprios corações, a fim de os disciplinar pelos seus pecados anteriores ou para lhes revelar a força oculta da corrupção e da hipocrisia dos seus corações, para que se tornem humildes; e para lhes incutir o sentimento de uma dependência de apoio mais íntima e constante Nele, e para os tornar mais cautelosos contra todas as futuras ocasiões de pecado, e para muitos outros fins santos e justos».

C.R.Y&S. — Não sei quem disse que Deus não pode tentar nem incitar ao pecado, nem consentir no pecado, nem permitir o pecado como meio para atingir um fim. Acho que devo ler mais a Bíblia, ou deixar-me disciplinar pelos discípulos da doutrina de Satanás.

A realidade é que a manipulação de lavagem cerebral que esta Confissão põe em prática é absoluta. O Confessor coloca-se no lugar de Deus, acolhe o pecador, oferece-lhe misericórdia na sua igreja, absolve-o dos seus pecados e perdoa-lhe os pecados futuros à maneira da Reforma: «Peca, peca, peca, porque mesmo violando a mãe de Cristo, a “fé por si só salva-te de todos os teus crimes e delitos”».

E aqui o povo responde: Aleluia, Aleluia, «matemos todos os católicos, esses cães raivosos».

A operação anglicana de lavagem cerebral e escravização do povo britânico era, filosoficamente falando, muito simples.

Primeiro, decapita-se Cristo.

Depois, entroniza-se o Tudor como Deus da Igreja Anglicana, seguindo a teologia patrística de que Deus é a Cabeça da Igreja.

Imediatamente a Teologia Patrística é rejeitada e a Filosofia Inglesa é elevada à condição de Nova Teologia Oficial da Nova Religião Inglesa.

Por fim, eleva-se o PASTOR à Divindade e, na qualidade de Deuses, os DIVINOS oferecem a sua infinita misericórdia a quem se ajoelhar perante o seu magistério, ao mesmo tempo que condenam ao inferno quem se recusar a fazê-lo.

C.W. — «Quanto àqueles homens perversos e ímpios a quem Deus, como juiz justo, cegou e endureceu por causa dos seus pecados anteriores, não só lhes nega a sua graça, pela qual poderiam ter iluminado o seu entendimento e agido nos seus corações, mas também, por vezes, retira-lhes os dons que já possuíam, e expõe-nos a coisas como a sua corrupção, que dá ocasião ao pecado, e, ao mesmo tempo, entrega-os às suas próprias concupiscências, às tentações do mundo e ao poder de Satanás; por isso, acontece que se endurecem mesmo sob os mesmos meios que Deus emprega para suavizar os outros».

C.R.Y&S. — De facto, a declaração de impiedade contra os católicos era necessária para que se pudesse proceder, com a consciência tranquila, ao seu extermínio. Entregues ao poder de Satanás, ou seja, à decapitação, à perseguição, à força e ao fogo, os fiéis não deviam permitir-se remorsos nem atos de consciência de fraqueza na hora de enviar para o Inferno aqueles que, pelo seu pecado de contumácia na rejeição da Confissão Anglicana Presbiteriana de Westminster, Deus entregava a Satanás.

Até então contido pela Teologia Oficial, o ataque da Filosofia Medieval Herética Inglesa contra o Deus que é Amor dos Padres da Igreja triunfou.

E, pela sua maldade, eles próprios vieram representar-nos, na sua própria carne, o que aconteceu no Éden nos tempos da Queda.

O rei, Adão, tentado por aquele anjo de luz que, nesta nova ocasião, se vestiu de monge, declarou-se Deus; a sua Corte declarou-se uma Assembleia de Divinos: a perseguição contra o povo que não podia aceitar tal Confissão eclodiu, e a guerra fratricida teve início.

Foi assim que Deus castigou aquele que, rejeitando a Coroa do seu Filho, preferiu ter como Cabeça da sua Igreja um Deus que podia tocar e ver, e até mesmo decapitar.

E assim:

C.W. — ...assim como a providência de Deus abrange, em geral, todas as criaturas, também, de modo especial, cuida da sua Igreja e dispõe todas as coisas para o bem dela...

C.R.Y&S. — De facto, uma vez que a Inglaterra rejeitou Jesus Cristo, Deus e Rei de todos os povos cristãos, tendo entregue por sua própria vontade a Coroa da Inglaterra a Satanás, Deus quis recordar-lhe, no FUTURO, o que aconteceu no PASSADO, por meio do ACONTECIMENTO do PRESENTE que esta Confissão veio inscrever na História da Salvação do Género Humano.

Uma lição proveitosa que deve ensinar-nos a todos a distinguir entre o servo e o Senhor, entre os servos da Esposa do Senhor e a própria Esposa. Os servos estão sujeitos a um contrato, mas a Esposa reside para sempre na Casa do seu Esposo e Senhor.

Também não se pode esquecer que o próprio Paulo se levantou para corrigir Pedro, deixando-nos assim Deus bem claro que vive nos Seus Servos e corrige uns e outros através da Voz daqueles que Ele levanta para impedir que a Infalibilidade, que pertence exclusivamente a Deus, reivindicada por um Servo, dê origem a uma Teocracia cujos efeitos malignos, como se viu após o Concílio de Constança, causaram os males que mais tarde o Concílio de Trento veio a sanar. Males que deram origem à Rebelião Protestante, pela qual terão de prestar contas aqueles que, desprezando a Sabedoria Divina manifestada no Concílio de Jerusalém, reivindicaram a infalibilidade de Deus para si próprios, encerrando assim, na prisão, a Esposa do Senhor.

TERCEIRA PARTE

DEUS É O VENCEDOR

1

O ARGUMENTO DE DEFESA DO DIABO

Deus venceu. Ele foi o Vencedor do Dilema em que, pelo Seu Amor pela Vida, colocou a Morte contra a parede. O Desejo de ver a Vida elevar-se à Imortalidade, da qual, por Natureza, nenhuma criatura no Cosmos desfrutava, marcou um Antes e um Depois na História da Eternidade.

O desafio de ver todos os seres vivos desfrutarem da imortalidade própria do seu Ser foi assumido por Deus como uma batalha pessoal.

Deus venceu!

A elevação da Vida no Cosmos à Imortalidade concretizou-se. Foi uma batalha muito longa e muito dura, durante a qual Deus foi-se formando na Ciência da Criação — tal como Ele próprio confessa quando diz: «EU sou Deus, só EU fui formado e não haverá outro depois de Mim» (Isaías). Confissão que, longe de negar a verdadeira divindade do seu Filho, deixa bem claro e em evidência que o seu Filho não percorrerá aquele Caminho que Ele percorreu e pelo qual sofreu até se tornar quem Ele é hoje: o Criador do Campo onde a Nova Árvore da Vida Imortal lança as suas raízes. O seu Filho tem em si aquilo que custou a Deus uma eternidade para tornar seu. A afirmação

sobre a sua Formação refere-se à Árvore da Ciência da Criação, uma Ciência que o seu Filho não precisa de descobrir, porque a possui no seu Pai. E tudo o que é do Pai é dele.

Mas, enfim, isto é o papinha da fé. Quem nasce de Deus é alimentado com esta doutrina. E preparar papinha para alimentar adultos é um insulto.

A cristandade atingiu a sua maturidade. E é entre homens de verdade que falamos daquilo que, quando éramos crianças, apenas víamos no futuro — a fé depositada, então, de que, uma vez tornados homens, falaríamos como adultos. O que é precisamente o que estamos a fazer.

Assim, desde aquele Dia da Vitória em que Deus superou a Natureza do Cosmos Não Criado, trazendo à luz um Novo Cosmos no qual a Vida é criada à Sua Imagem e Semelhança, compreende-se, pela Lógica, a aspiração do Ser à Imortalidade.

Não há qualquer processo esquizoide no Ser da Criação. Deus venceu a Morte. Uma vitória que nos é revelada e celebrada na Ressurreição.

No entanto, Deus não é um homem que goste de longos discursos. A Sua Palavra é a Ação. «Dá-me factos e deixa de lado as palavras» é o Método do Discurso Divino. Neste contexto, a Ressurreição é o Livro mais claro que se pode escrever sobre a Vitória de Deus em prol da elevação da Vida da Mortalidade à Imortalidade.

A imortalidade não surge na Criação como efeito de um desejo patológico, contra a natureza, de querer continuar a viver. É uma aspiração que surge espontaneamente em todas as culturas de todos os tempos. A forma que se dê a esta Aspiração não lhe retira nada à sua existência. A sua Negação não é um contra-argumento: trata-se, antes, da resposta do homem a uma situação de confusão derivada da estrutura racional perante o dilema do Ser e do Não Ser, do Querer e do Não Poder.

A Ressurreição, enquanto Discurso Divino, é o Ato a que se prestou Jesus Cristo.

A imortalidade da alma, enquanto questão filosófica, já estava no ar antes do seu nascimento. Desde o Egito dos Faraós até à Índia dos Vedas, da Grécia à Espanha, todos os povos aspiravam a uma Vida eterna para além da Morte. A diversidade nos fundamentos teológicos e mitológicos das religiões não diminui em nada o facto da existência desta Aspiração que, sob a forma de Instinto, se transforma em Força e continua a evoluir até se tornar Inteligência. A fonte desta marca é o amor do Ser Divino pela vida, à qual transmite a sua força vital, que se manifesta no desejo de viver eternamente à imagem e semelhança de Deus.

Na luta contra o Impossível, Deus venceu. O Desafio que o seu Amor pela Vida colocou em jogo implicou uma revolução cosmológica. Essa Vitória implicou erguer o Cosmos sobre um Novo Fundamento. E foi aqui que começou a Formação de que Deus falou anteriormente. Dar ao Cosmos novos alicerces exigia mais do que apenas Força. Era preciso atravessar a Porta da Ciência da Criação. O Tempo não era importante. O importante era a Inteligência.

Deus conquistou o que, à primeira vista, parecia inconquistável. O Seu Amor pela Vida transformou-se em Amor pela Ciência. Quanto mais Ele sabia, mais poderoso se tornava o Seu Braço. A Força sem a Inteligência não pode transformar a Realidade, mas a Força cresce ao ritmo da Inteligência e transforma-se em Poder. Uma Ciência Infinita significa Onipotência e Todo-Poder. O Tempo que decorreu desde que o Braço de Deus começou a ser Formado até se tornar o Braço do Criador está para além dos nossos cálculos. A Eternidade não entra no nosso campo de experiência senão como um ente abstrato.

Assim, dadas as circunstâncias, Deus teve a necessidade de nos mostrar, a nós, os homens, que a Imortalidade a que o Ser aspira não é uma fantasia religiosa. A nossa Lógica é o fruto da Sua Vitória. Ele é o Vencedor. Ele venceu a Morte. Ele reconstruiu o Cosmos sobre novos alicerces. A Criação gera Vida à Imagem e Semelhança do seu Criador.

A imortalidade a que aspiraram as famílias do Primeiro Reino Mesopotâmico do Éden não se baseava na mentira de um ser psicopata que suscitou no animal humano uma quimera para, imediatamente, o afundar na negação. Deus não inventou a Queda do nada para se divertir a produzir e a dirigir a história da vida e da morte do género humano.

Era preciso demonstrar ao Homem nascido no Inferno, que desencadeou a Queda, que Deus venceu a Morte e conquistou para a Vida o Futuro à Sua Imagem e Semelhança: a Vida Eterna.

O Filho de Deus compreende o seu Pai e expõe-se como Homem à Morte para, com a sua Ressurreição, ser o Discurso Vivo sobre a Demonstração que a Inteligência Humana pedia a Deus. O Filho de Deus assume como sua essa Necessidade e, dando vida ao filho do Homem com a sua Ressurreição, afirma que o Homem, enquanto Ser, foi criado para viver eternamente.

A Morte entrou na Terra acidentalmente, mas o seu império é uma sombra que obscurece a luz e passa com o tempo. Mesmo estando os nossos corpos sujeitos à sua lei, pelo Espírito devemos viver e comportar-nos como cidadãos do Reino Eterno. A viagem da vida eterna não começa depois, começa aqui. Caminhamos na Eternidade desde que nascemos.

Tal é a lição filosófica que o Filho de Deus transmite aos seus discípulos na sequência da ressurreição.

Mas agora era necessário chamar as testemunhas da Sua ressurreição para prestarem

testemunho. Após a Sua ressurreição, o Filho do Homem não passeou por Jerusalém nem

foi a

Roma para proclamar a vitória de Deus perante César. O acontecimento do discurso divino ocorre perante os olhos de alguns poucos Testemunhos. Estes não escondem o que viram e puseram por escrito o que viveram.

Tudo muito bonito. Nasceu uma nova religião. A ideia da alma imortal torna-se carne e demonstra a sua indestrutibilidade, expondo-se à cruz e vencendo a morte com a ressurreição. Fantástico!

Jerusalém fica escandalizada. O Império ri-se. É só isso? Os filósofos perguntam: Mas... seriam capazes de perder as vossas cabeças em defesa do vosso testemunho?

Filosoficamente falando, a postura do Império era clara. Se os Fundadores desta Nova Religião fossem uns impostores que pregavam a Doutrina da Ressurreição do seu Líder pela Obra e Graça do Zeus Júpiter dos Judeus, confrontados com a Morte, recuariam. Ninguém é tão perfeitamente inteligente e, ao mesmo tempo, tão intelectualmente incapacitado a ponto de defender o que afirma e negar o que defende perante o tribunal da Morte.

Deus venceu e volta a vencer. Engendra Doze Heróis nascidos para serem Testemunhas da sua Vitória perante o Mundo. O que Eles viveram, não podiam negá-lo. «O Filho do Homem ressuscitou». E oferecem as suas cabeças como testemunho.

O discurso das Testemunhas de Deus é firme: Deus não é um psicopata que engana a Sua Criação com a ideia de ter Vida à Sua Imagem e Semelhança e, uma vez convencida dessa Esperança, se volta contra ela, afunda-a no Abismo da Ciência do Bem e do Mal para desfrutar, como produtor, a dirigir o Espetáculo do Inferno das Guerras do Fim do Mundo, desde o Fratricídio até à Guerra Apocalíptica que reduziria a pó tudo o que do pó foi criado.

De modo algum!

Filosoficamente falando (e, estabelecida esta base, volto à Confissão de Westminster contra a Unidade das Igrejas em Jesus Cristo), o Pensamento Modernista da escola de Oxford, representado por Ockham, ou Occam, ao afirmar que a Liberdade de Deus é contingente e que Ele poderia tanto ter feito isto como o contrário, sem por isso deixar de ser Deus, veio contrapor-se à Teologia Patrística, sustentando que a Ideia da Liberdade de Deus para fazer ou deixar de fazer é um ato em potência que, enquanto filósofo, o ser humano não pode negar. Deixa Deus dizer hoje «sim» e amanhã «não». Deus pode afirmar amanhã o que nega hoje. A fé obriga, mas a razão manda. E é imperativo que, sendo a existência de Deus indemostrável pela razão, tudo o que existe seja contingente; nada existe por necessidade. Pois, para que houvesse necessidade nos acontecimentos divinos, teria de se supor que Deus tem necessidades, algo impossível de acreditar a partir do conceito de Deus enquanto objeto de estudo da Razão. Etc., etc.

A partir do momento em que a Filosofia, nas mãos dos cristãos — o que tornou as suas conclusões infinitamente mais perigosas para o futuro da inteligência —, separou a Fé da Razão, o filósofo começou a afastar-se cada vez mais do Método do Discurso Divino e foi aproximando-se cada vez mais do Argumento da Defesa do Diabo, a quem acaba por defender ao dizer:

C.W. – «Os nossos primeiros pais, seduzidos pela sutileza e pela tentação de Satanás, pecaram ao comerem do fruto proibido. Deus, de acordo com o seu sábio e santo desígnio, quis permitir este pecado, tendo-se proposto ordená-lo para a sua própria glória».

C.R.Y&S. — A Filosofia Jesucristiana, ou seja, o Pensamento de Cristo, negou a existência de um «ato em potência» pelo qual Deus pode ou não fazer o que faz. Contra este pensamento irracional, a elevação cristã-jesuítica da Santidade Divina à Natureza do Ato Criador, no qual a Mentira e o Engano não existem como Potência, nem filosófica, nem metafísica, nem teológica, nem política, nem de qualquer das formas que a psicopatologia intelectual dos filósofos ingleses e franceses dos séculos XIV e XV defendeu e imaginou como atos de modernidade, a mera ideia deste ato em potência na Mente e no Ser do Criador foi classificada como anticristã.

A Confissão Cristã que o Filho do Homem traduziu em Discurso com a sua Obediência até à Cruz ergueu, entre o Criador Divino e o Traidor Maligno, um Muro Indestrutível contra o qual lançar-se era e é erguer-se como Advogado do Diabo, ou seja, o Anticristo.

Este espírito anticristão que o Império Britânico impôs através da Lei do Terror na sua ilha é o que viajou sob a forma de Doutrina Presbiteriana para o Novo Mundo e continua ainda vivo, declarando contra Jesus Cristo que *«Deus quis, de acordo com o seu sábio e santo propósito, permitir este pecado, tendo-se proposto ordená-lo para a sua própria glória».*

Daí se deduz que, sendo Deus o Autor Intelectual e o Produtor Material da Queda: o Diabo é inocente de qualquer crime, e Adão não cometeu nenhuma transgressão que não estivesse já predestinada a ser executada de acordo com o Guião do Deus Oculto. A Criação do Homem à Imagem e Semelhança de Deus, diz o Confessor, é uma quimera.

A conclusão deste artigo anticristão é que o Homem não existe, o livre arbítrio é uma fantasia. O homem não passa de uma marioneta nas mãos de um grande marionetista, perante o qual é preciso ajoelhar-se devido ao terror que o seu todo-poder inspira.

O Deus desta Confissão Presbiteriana é um Deus do Terror. O Confessor declara-se anticristão, defende Satanás e proclama que o Crime é um Bem, justo e necessário, que o Deus Oculto da Reforma, agora visível, concedeu a uma parte em detrimento da outra para satisfazer a sua sede de Glória.

Ora, todos sabemos que Deus é Amor, e que a Redenção foi um Ato de Defesa cristã-jesuítica da Inocência de Deus perante o Acontecimento de uma Queda que Ele nunca planeou, nem pensou, nem previu, nem viu chegar, pois, na qualidade de Criador do Cosmos, Deus não podia conceber nem acreditar que uma criatura que Ele ergueu do pó para desfrutar da vida eterna se atrevesse a sonhar em impor ao seu Criador — perante cuja Voz o Cosmos se assusta e treme — a sua própria visão do Governo do seu Reino.

Porque, na verdade, onde está a loucura: no elefante que esmaga a formiga ou na formiga que se atreve a declarar guerra ao elefante?

O Edifício Filosófico da Redenção Jesus-Cristiana baseava-se na Inocência de Deus, tanto ativa como passivamente, no Ato de Adesão do Homem à Filosofia Satânica da necessidade de deixar o Governo da Criação aos deuses.

Esta Confissão de Westminster adere à Filosofia Satânica e rejeita os Fundamentos Filosóficos e Teológicos da Redenção em Cristo Jesus. Sem se esconder nem se disfarçar, Westminster declara-se anticristã e, na sua demência, afirma:

C.W. — «Por este pecado da Queda, caíram da sua retidão original e perderam a comunhão com Deus, e, por isso, ficaram mortos no pecado e totalmente corrompidos em todas as faculdades e partes da alma e do corpo».

C.R.Y&S. — A astúcia anticristã desta Confissão reproduz em tudo a astúcia daquele filho de Deus que, na sua malignidade diabólica, se disfarçou de Mensageiro do Deus dos deuses e, contando com a nudez intelectual daquele que não foi formado na Universidade da Guerra, manipulou a sua alma com a mentira mais grotesca. O tentador sabia que tinha diante de si um filho de Deus cujo conhecimento da maldade era nulo. Muito diferente foi o caso do seu confronto com Jesus Cristo, que, assim que o viu, olhou para ele como para a serpente que trazia dentro de si e lhe cuspiu na cara: «Vade retro, Satanás».

Adão, pai de Cristo, o Filho do Homem, não conhecia a Maldade.

Nesta Confissão de Westminster, adotada como própria pelos presbiterianos americanos, vemos como, no início, nos primeiros artigos, o Deus Oculto que puxa os fios da Assembleia dos Divinos se declara mais cristão do que o Papa de Roma. Reveste-se do traje de um anjo de luz mais devoto da Confissão de Nicéia do que o próprio Osio de Córdoba, o homem que expôs a igualdade na natureza entre o Pai e o Filho. Enganado o leitor, embora hoje em dia quem o lê não possa invocar a seu favor o terror que a espada de Cromwell contra o seu pescoço obrigava a confessar o inconfessável para o Espírito Apostólico: «que Deus dispôs a Queda», e o mais demencial e satânico de tudo «para a Sua Glória»; uma vez assumida a Mentira, o Confessor retira imediatamente a máscara e declara-se o Advogado do Diabo, inimigo da Humanidade e de Deus, e, sem complexos, grita: «Eu sou o Anticristo».

Mas o Confessor ainda quer manter a ficção de ser um anjo de luz, repetindo o que todos sabiam: que a Queda ergueu um muro entre o Homem e Deus, entre o Criador e a sua Criação, cujo efeito foi a descida vertiginosa e sem travões rumo ao Dilúvio que o Mundo de Adão empreendeu.

C.W. — «Sendo eles o tronco da raça humana, a culpa deste pecado foi-lhes imputada, e a própria morte no pecado e a natureza corrompida foram transmitidas à posteridade que descende deles segundo a geração ordinária».

C.R.Y&S. — Corrupção e pena de morte das quais o Homem foi libertado pela Redenção em Jesus Cristo, de modo que onde havia Maldição, passou a estabelecer-se a Bênção.

Conclusão que Deus deixou bem clara nos Apóstolos e que está escrita para que quem quiser ler a leia; e se não se tiver vontade de procurar o texto e alguém quiser poupar-se de mover o dedo até encontrar o texto, basta ir à igreja e pedir aos sacerdotes de Cristo que falem sobre isto, pois é para isso que eles estão lá: para esclarecer todas as dúvidas e serem a Voz Viva da Bíblia. E ninguém se atribui esta Voz, a não ser que seja contra Jesus Cristo. Este Jesus Cristo, da cuja boca nunca saiu a sentença que se segue, mas sim todo o contrário, como se verá na sua leitura:

C.W. — «Desta corrupção original, pela qual estamos completamente impedidos, incapazes e opostos a todo o bem, e inteiramente inclinados para todo o mal, provêm todas as nossas transgressões atuais».

C.R.Y&S. — Falso de A a Z.

A Redenção trouxe a Bênção em virtude da qual a Nudez do Homem perante a Morte foi revestida da Armadura da Fé, como diz o espírito da Bíblia, de modo que, mortos para o Pecado, o Novo Homem renasce para a Invencibilidade daquele que se tornou herdeiro do Juramento que Deus fez sobre a Sua Honra e Glória: a saber. «A tua descendência tomará posse das portas dos seus inimigos». Invencibilidade que passa de pais para filhos e, pelo Espírito, da Casa de Yavé para a Casa de Cristo; em virtude desse Espírito, a resposta à tentação daqueles que são gerados para viver a glória da liberdade dos filhos de Deus é a do seu Pai que está nos céus: «Vade retro, Satanás».

A Confissão de Westminster nega que a Redenção tenha tido qualquer efeito no Homem, considera Deus impotente e declara-O patético por ter enviado o Seu Filho à Cruz para obter o mesmo nada que já existia antes da Sua Ressurreição.

Se, no Princípio, a Imagem e Semelhança que Deus deu ao Homem foi a dos seus filhos, no Fim Deus deu-nos o seu próprio Unigénito. Deus afastou todos os seus filhos como Modelo da Imagem Divina que portamos no nosso interior. Não nos referimos a nenhum deus nem a este ou aquele outro filho de Deus quando falamos da Imagem do Ser Divino que vive em nós e move o nosso pensamento. Deus colocou a fasquia da Glória, por assim dizer, falando entre homens, no ponto mais alto, para o qual nos chama a subir, e, nesta ordem, vestenos para alcançarmos o cume, que não está longe de nós, porque está em nós. O Amor ao Filho de Deus opera o Milagre.

Deste Espírito, o Confessor destes artigos em defesa do Diabo nada sabe. Exceto insistir na ineficácia absoluta da Redenção, afirmando:

C.W. — «Esta corrupção da natureza permanece durante esta vida naqueles que são regenerados; e, mesmo quando é perdoada e atenuada por meio da fé em Cristo, no entanto, ela, e todos os seus efeitos, são verdadeira e propriamente pecado».

C.R.Y&S. — O Confessor demonstra, uma e outra vez, que é um psicopata. Nega Deus e sabe que defende o Diabo, mas tem na mão a Espada de Cromwell. Está rodeado por uma Assembleia de genocidas e criminosos que não hesitaram em arrasar a Irlanda e semear de cadáveres a ilha que os viu nascer.

No calor destas linhas, ninguém deve esquecer que a Guerra dos 30 Anos ainda assolava a Europa e continuava a somar centenas de milhares de mortos aos milhões de vidas que a Reforma ceifaria para a saúde e glória dos reis protestantes. No seio daquela Primeira Guerra Mundial Europeia surgiu a Revolução Inglesa dos Escolhidos do Deus Oculto da Reforma, para levar a cabo o genocídio contra a Irlanda e a Grande Perseguição Final contra os católicos da Escócia e da Inglaterra.

Os signatários de Westminster têm as vestes manchadas de sangue. Têm as mãos calejadas por todos os crimes que cometeram em defesa da Doutrina Anticristã do Diabo, em virtude da qual este era declarado inocente e Deus era proclamado, enquanto Autor da Tragédia da Queda, o único e verdadeiro culpado. Tais foram os homens que se atreveram a afirmar em voz alta o que escreveram e continuavam a negar a Deus, dizendo:

C.W. — «Todo o pecado, seja ele original ou atual, sendo uma transgressão da justa lei de Deus e contrário a ela, por sua própria natureza traz culpa sobre o pecador, pelo que este fica sob a ira de Deus e a maldição da lei e, portanto, sujeito à morte, com todas as misérias espirituais, temporais e eternas».

C.R.Y&S. — A Assembleia dos Teólogos lavou as mãos e declarou que o Genocídio Irlandês e a Grande Perseguição Anticatólica foram a resposta de Deus aos seus pecados, sendo os seus braços a espada de que Deus se serviu para proceder ao assassinato em massa da população pecadora, predestinada desde a Eternidade ao Inferno.

Ámen, ámen.

O DEUS OCULTO REVELA O SEU ROSTO

Parece mais do que evidente que é realmente verdade que Deus, em Jesus Cristo, não procurava, não procura nem procurará a condenação daqueles que, na sua ignorância e arrastados pelas circunstâncias, se afastam do seu Coração e, presos às paixões do mundo, se esquecem de que a única relação possível entre o Criador e a Criação, à Imagem e Semelhança do seu Filho, se realiza no Amor de Deus enquanto Pai da sua Criação.

A Vitória de Deus sobre a Morte não se realiza exclusivamente no domínio da Imortalidade para a Vida. Deus levou a Sua Vitória até ao ponto mais alto que se pode conceber: desfrutar da Plenitude da Sua Natureza Eterna no facto da Sua verdadeira Paternidade.

A Sua Vitória transformou tanto a realidade da Criação como a do próprio Criador. A Criação deixa de ser uma simples criatura que desfruta da Imortalidade Natural Indestrutível, ao tornar-se Divino e Incriado, para viver esta Vida como filho de Deus. Este não só lhe dá a Vida, como abre a Porta da Sua Casa e estende sobre a Sua Criação o Seu Amor de Pai. Em resumo, esta é a Doutrina que Jesus Cristo veio revelar-nos.

Ao transformar a Natureza da Criação, o próprio Criador transfigurou-se. O Criador assume a sua realidade de Pai sobre a sua Criação e torna todos os seus filhos participantes do seu Espírito, filhos por adoção, mas filhos verdadeiros por ser Deus a sua Origem. E, como tal, são chamados de Irmãos daquele Filho de quem se diz «gerado da mesma Natureza Incriada do Pai». Verdade filial que este Filho Todo-Poderoso assume como sua e, movido pelo Fogo do Amor para com os seus irmãos, levanta-se, torna-se homem e esmaga a cabeça da Serpente, cumprindo assim a vingança que Deus jurou a Satanás sobre o cadáver do seu filho Adão.

Em suma, estas são coisas que a Esposa do Senhor, a Santa Madre Igreja Católica, vem repetindo há dois mil anos. Os Apóstolos comunicaram-lhas a Ela e Ela tem sido fiel à Doutrina do seu Esposo, transmitida pelos seus Irmãos e Apóstolos, que os séculos conservaram, e embora, ao longo desses séculos, muitos tenham procurado alterá-la e adaptá-la às necessidades dos seus impérios, a Verdade prevaleceu. Deus vence sempre.

A Doutrina que os Apóstolos não se cansaram de repetir, e que a Igreja que eles edificaram repete século após século, é que Deus é Amor e é a partir deste Amor que devem ser recriados os Acontecimentos expostos na Bíblia.

A História diz-nos que a Razão Humana, por si só, era, é e será sempre impotente na hora de se elevar e entrar na Mente de Deus com a naturalidade com que um filho entra na casa do seu pai. Falhou a Razão Hebraica, falhou a Razão Helénica, falhou a Razão Romana. E onde a Razão falhou, triunfou o Amor. Não é pela inteligência que se

se conquista Deus, mas sim pelo Coração. E este Caminho é aquele que o seu Filho nos revelou a todos, numa época, é verdade, em que os homens, judeus e gentios, tinham no lugar do coração uma pedra.

Este é o coração que a Assembleia dos Divinos possuía. Peritos em assassinatos, genocídio e guerra, eram incapazes de compreender este Caminho que realiza o Milagre de erguer uma ponte sobre o abismo entre as duas naturezas, a do Criador e a da Criação, e, unindo ambas numa Família, sela a Vitória de Deus contra a Morte.

Ignorar este Caminho e obstruir o acesso a esta Porta não é próprio de quem tem o espírito de filho. Quem a fecha, de que espírito será filho?

Haverá de se descobrir. Dizem os Divinos:

C.W. — «A distância entre Deus e a criatura é tão grande que, embora as criaturas racionais Lhe devam obediência como ao seu Criador, nunca poderão, contudo, alcançar a plenitude com Ele como sua bem-aventurança ou recompensa, a não ser por alguma condescendência voluntária da parte de Deus, tendo-Lhe agradado expressá-la por meio do Seu pacto».

C.R.Y&S. — E o que significa ser filhos de Deus senão ter a plenitude dessa bem-aventurança ou recompensa?

Não por alguma condescendência voluntária em relação a um indivíduo concreto, como se a Filiação fosse um privilégio exclusivo de uma raça de eleitos. A Paternidade Divina estende-se a toda a Sua Criação e a todos nós é concedido viver esta Plenitude de um filho que é amado pelo seu Pai e que tem no seu Pai absolutamente toda a sua alegria e glória.

Independentemente de a revolução jesucristiana ter aberto o Caminho e deixado para o Futuro o que pertencia ao Futuro, nós, o nosso Dia, que se abre à Glória da Liberdade dos filhos de Deus, a Vida à Imagem e Semelhança do Criador implica essa Alegria de quem, tendo a sua Origem no Universo, é amado como filho. Desde quando é que o amor de um pai pelo seu filho é condescendência?

Evidentemente, quando esse pai tem no lugar do coração uma pedra.

Que as pedras dão água, sabemos disso, mas que falem... só alguém aterrorizado ou com deficiência de espírito pode acreditar que:

«O primeiro pacto estabelecido com o homem foi um pacto de obras, no qual se prometia a vida a Adão e, por meio dele, à sua descendência, sob a condição de uma obediência pessoal perfeita».

Será que a pedra do Amor pode falar? Será que esta Assembleia dos Divinos conhecia a Bíblia, ou estava a criar uma nova?

Deus é claro no Seu Livro: Adão, filho de Deus, pai de Abraão, pai de David, pai de Jesus, filho de Maria.

Com quem é que Deus fez um pacto para ter o seu filho Adão, com o Diabo? «És meu filho se cumprires isto, e se não o cumprires, não o és?»

Pode a paternidade ser estabelecida com base num pacto?

Uma adoção por testamento pode, de facto, ser ajustada a um pacto. Mas, no caso de Adão, isso implicaria que Deus pode morrer.

Mas Deus não pode morrer. O Homem não é adotado por um Pacto. Primeiro, é criado à Imagem e Semelhança de Deus. Adão é filho de Deus. E mais tarde, na hora de o elevar ao Trono, Deus dá-lhe uma Lei pela qual lhe proíbe abandonar o Amor como Caminho de Crescimento do seu Reino.

A Paternidade Divina não é um Pacto, é o Fruto que o Criador oferece à sua Criação. Sem o procurar nem o pretender, o Homem é elevado à condição de filho de Deus. Esse abismo que separa a Criatura do seu Criador desaparece pela obra e graça de Deus. O que era impossível de ser concebido pelo Diabo, a Encarnação do Filho de Deus na Natureza da Criação, torna-se realidade. Ele torna-se a Porta, a Ponte sobre o Abismo, o Caminho para a Restauração de todos os Direitos Divinos que o Homem perdeu ao ser expulso da Presença do seu Criador e abandonado à Morte, como se Deus não fosse o Vencedor e a sua Vitória fosse uma farsa.

Não existe Pacto entre o Homem e Deus antes da Antiga Aliança assinada por Moisés. A Paternidade não é objeto de pacto. O Confessor está a deserdar o Povo Britânico da sua herança Divina. Um pacto pode ser quebrado, mas não a paternidade; de modo que, quando Deus declarou quebrado o seu Pacto com o povo de Moisés, a sua Paternidade sobre os filhos de Abraão, pai de Cristo Jesus, continuou em vigor.

Reescrever o Evangelho a partir desta base da Paternidade por Pacto é negar Cristo e preferir o Diabo como pai.

Em consonância com esta escolha, a Assembleia dos Divinos escreve:

C.W. — «O homem, devido à sua queda, tornou-se incapaz de viver a vida que possuía por meio daquele pacto, pelo que agradou a Deus fazer um segundo pacto, comumente chamado de Pacto da Graça, segundo o qual Deus oferece livremente aos pecadores a vida e a salvação por Cristo, exigindo-lhes a fé Nele para que possam ser salvos, e prometendo dar o Seu Espírito Santo a todos aqueles que Ele destinou para a vida, concedendo-lhes assim a vontade e a capacidade de crer».

C.R.Y&S. — Mentira! Este Confessor fala com a voz do Anticristo.

Não houve qualquer Pacto com o Povo que estava para nascer. Houve uma Nova Aliança, que o Filho de Deus nos conquistou para toda a humanidade, em virtude da qual o Povo Cristão nunca seria destruído.

Na primeira Aliança, a existência do povo hebreu estava condicionada à sua obediência e fidelidade à Lei, pelo que Deus tinha a liberdade de a dar por concluída.

Na Nova Aliança que Jesus Cristo nos conquistou, a vida do cristão não fica exposta à ruína, mas Deus torna-se o Aliado Natural do Povo do seu Filho, sem condições nem limites.

Há uma grande diferença entre ambas as Alianças. A Primeira foi firmada entre Moisés e um Filho de Deus, que levava o Nome da Casa de Deus, com quem Moisés falava face a face. A Segunda Aliança foi firmada entre o Pai e o Filho, Aliança que nos conquistou a todos a Vida Eterna e a Subsistência sem limites.

O Confessor, como se vê, sentia repugnância pela Bíblia e interpretava-a sem conhecimento do Espírito do seu Autor, com quem se relacionava, como vimos, na esfera do Deus que é Terror, perante o qual não cabe outra postura senão a do escravo predisposto a viver arrastado para o resto da vida.

Mas a Redenção levantou-nos do chão, ergueu-nos a cabeça e abriu-nos os olhos para Deus como «Pai Nosso que estás nos Céus

Onde está este Pai nesta Confissão Anticristã? Vamos procurar:

C.W. — «Este pacto de graça é frequentemente referido nas Escrituras com o nome de testamento, em referência à morte de Jesus Cristo, o testador, e à herança eterna com todas as coisas que a ela pertencem e que estão legadas neste pacto».

C.R.Y&S. — O Confessor de Westminster devia ter uma compreensão muito limitada para acreditar, e o pastor presbiteriano deve continuar a fazer crer isso aos seus leitores, quando afirma que «O NOVO TESTAMENTO» é frequentemente conhecido «como testamento».

De facto, o Confessor, seguindo a sua técnica de lavagem cerebral, devia reduzir este Novo Testamento a um simples pacto, de modo que a Aliança firmada entre Deus e o Seu Filho para a salvação do Homem cegasse e continue a cegar o presbiteriano ignorante, tornando-o incapaz de ver com os próprios olhos o Beneficiário Real e Direto deste Testamento, o Povo Cristão, e se instalasse no seu cérebro animal a ideia de que a sua destrutibilidade era

possível. E assim como a Antiga Aliança deu lugar a uma Nova, agora Deus abandonaria o seu Aliado Católico e passaria a sua Aliança para o Império de Westminster.

O sangue católico derramado, o genocídio contra o povo irlandês e as perseguições, inclusive contra a oposição a esta loucura de Westminster, falam por si.

C.W. — «Este pacto era administrado de forma diferente no tempo da Lei e no do Evangelho. Sob a Lei, era administrado por meio de promessas, profecias, sacrifícios, a circuncisão, o cordeiro pascal e outros símbolos e ordenanças entregues ao povo judeu; e todos apontavam para o Cristo que havia de vir, e eram suficientes e eficazes naquela época, pela ação do Espírito Santo, para instruir e edificar os eleitos na fé no Messias prometido, por quem tinham plena remissão dos pecados e salvação eterna. A este pacto chama-se o Antigo Testamento».

C.R.Y&S. — Volta a mentir e demonstra a irracionalidade do seu discurso quando afirma que, na Antiga Aliança e por ela, tinham a remissão plena dos seus pecados e a salvação eterna. O facto é que a aliança do Sinai entregava o povo hebreu ao Juízo sobre a sua nação, no qual todos teriam de responder pelas suas obras perante o tribunal de Deus. Ninguém tinha garantia de salvação a não ser dentro da Lei, e essa salvação deveria ser submetida ao Juízo Final decretado por Deus sobre todos os que viveram sob a Lei de Moisés. Não há no texto da Aliança de Moisés com Deus uma Declaração de Salvação plena que diga:

«Todo aquele que acredita em Mim passa da morte para a vida eterna sem ser julgado».

Moisés não conquista para o seu povo esta plenitude salvadora. E, na verdade, nenhum homem poderia fazê-lo. Quem poderia conquistar o Coração de Deus a ponto de obter para um terceiro tal graça?

O simples facto de comparar a natureza de uma Aliança com a outra é vergonhoso, e reduzir o Testamento a uma Aliança é indignante e demonstra que o conhecimento de Deus estava longe do Confessor. E se alguém não conhece Deus, como poderá ter o Seu Espírito?

O resto deste artigo segue a mesma linha de repulsa contra a Bíblia e de ignorância sobre Cristo:

C.W. — «Sob o Evangelho, quando Cristo, a substância, foi manifestado, as ordenanças pelas quais este pacto é ministrado são: a pregação da Palavra, a administração dos sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor; e, embora sejam menos numerosas e ministradas com mais simplicidade e menos glória exterior, sem

No entanto, é nelas que a aliança se revela a todas as nações, tanto aos judeus como aos gentios, com maior plenitude, clareza e eficácia espiritual, e é-lhe dado o nome de Novo Testamento. Contudo, não existem duas alianças de graça diferentes na sua essência, mas sim uma e a mesma aliança sob diversas dispensações”.

C.R.Y&S. — Não existem dois pactos de graça diferentes na sua essência? Será o mesmo fechar os olhos neste mundo e abri-los no Paraíso de Deus, desfrutando da plenitude da cidadania do Reino de Deus, que ser submetido a um julgamento em que até à tua última palavra, pensamento e ação seriam colocados em cima da mesa?

Esta Assembleia de Teólogos devia sentir-se completamente isenta de todo o pecado, depois de ter banhado de sangue as ilhas britânicas e de se ter sentado para se armar em deuses na Terra.

A primeira frase da sentença, dada a repugnância que a última exala contra Cristo, nem sequer merece ser discutida com o Diabo.

O DIABO ESCONDE O SEU ROSTO

Independentemente do nosso conhecimento das crónicas da Revolução Inglesa, há um facto na sua causa que não devemos ignorar e que foi o germe a partir do qual cresceu esta Confissão de Westminster, ou seja, esta evolução de uma postura meramente crítica e contra a pornocracia do papado dos séculos XV e XVI para uma rebelião aberta contra a Igreja fundada por Deus e vencedora de todas as forças que, até então, a Morte tinha desencadeado contra as suas muralhas. Vitória já cantada desde antes das guerras mundiais contra o cristianismo na Promessa de Deus de investir a sua descendência na Terra com a sua invencibilidade. Falando sempre do Espírito.

Assim, partindo de uma posição meramente humana contra a conduta de um Papado que se tinha adormecido e abandonado a vigilância a que era obrigado pelo seu Senhor, a Inglaterra passou para o lado do Inimigo e acolheu no seu reino o Advogado do Diabo nascido na Suíça.

A ascensão de Henrique VIII à Cabeça da Igreja elevou o trono dos Tudor à condição que apenas o Filho de Deus ostenta. Henrique VIII transferiu os Poderes legados pelo Povo da Inglaterra da Monarquia Constitucional para a Teocracia Absolutista, que conferia ao rei-deus inglês poderes absolutos sobre a vida e a morte de todos os seus súbditos.

O facto de as grandes escolas britânicas de intelectuais da ciência e da filosofia se terem ignorado mutuamente e mantido a ficção da monarquia constitucional quando o Reino Unido se erigiu como teocracia — e, como teocracia, escreveu a sua história na

Época dos Tudors, revela-nos a categoria moral e intelectual dos Confessores que escreveram, com a ponta das suas espadas ensanguentadas, em gerações submetidas ao terror, estes Artigos que, para seu infortúnio, encontraram na América Presbiteriana a sua continuação, e espalharam sobre a população nativa norte-americana o terror que os reis — de quem escaparam os fundadores da Nação Americana — tinham espalhado nas Ilhas.

A Estrutura Espiritual do Cristianismo baseou-se, desde a sua origem, na Unidade de Deus com o Homem, em virtude da qual Deus deu luz e vida a um Corpo de Sacerdotes e Pastores unidos ao Filho de Deus, tal como o Corpo está unido à Cabeça. A Obra de Deus era e é clara. Sendo a Cabeça do Corpo de Cristo o próprio Deus Filho Unigénito, a Igreja ficava e fica investida da invencibilidade da sua Cabeça.

Logicamente, sendo a Cabeça Divina e sendo o Corpo humano, compreende-se que a tensão do crescimento deste Organismo no seio de um mundo sujeito à corrupção e à morte ficasse exposta às circunstâncias de uma árvore plantada sob um céu em constante estado de tempestade. O próprio São Pedro expôs esta realidade a que a Igreja ficou sujeita, dizendo: «A fé, preciosa como o ouro, que se corrompe».

Mas, em vez de nos debruçarmos sobre a história desta corrupção — já descrita nas negações de Pedro e na Noite dos Bispos —, é mais conveniente recordar que a divisão das igrejas foi profetizada pelo próprio Jesus Cristo, ao falar da sementeira que o Diabo se encarregaria de realizar assim que fosse libertado da sua prisão.

Este é um acontecimento que Ele conhecia antes da sua revelação apocalíptica. O Seu Pai não Lhe ocultava nada e a doutrina do reino dos céus foi-Lhe dada para que, por meio de parábolas, Lhe fossem revelados os acontecimentos pelos quais o Seu Reino no mundo teria de passar até ao fim dos tempos da vida na Terra.

Se, numa primeira fase, nos é revelado que o Diabo foi aprisionado imediatamente após a Ressurreição, logo a seguir é-nos dito que Deus ordena a sua libertação após mil anos de cativo, para que seja solto por mais mil anos, durante os quais, como se compreende, teria lugar essa sementeira do Maligno de que se fala na parábola.

A divisão das igrejas foi formalizada a partir de 1054, quando o Príncipe das Trevas é libertado e semeia a sua Cizânia Maligna no Campo que a sua Mãe, a Morte, tinha vindo a cultivar com tanta paciência. A Revolução Gregoriana despertou demasiado tarde um Colégio de Bispos que, pouco tempo antes, tinha interpretado um episódio de corrupção tão vil e miserável que justificava, aos olhos de Bizâncio, o desprezo que os bispos ortodoxos abençoaram, e os levou a legitimar o facto de virarem as costas à Unidade Universal das Igrejas que lhes foi pedida pelo Filho de Deus.

Ainda assim, a Bizâncio ortodoxa não cometeu o terrível erro de declarar o imperador como chefe da Igreja ortodoxa. A autocracia bizantina é hoje lenda. A teocracia inglesa, hipocritamente oculta sob uma monarquia constitucional britânica que nunca existiu, foi o erro que conduziu os Tudors à sua destruição.

A partir do momento em que o rei de Inglaterra foi proclamado Chefe da Igreja Britânica, o Tudor ergueu-se como o Anticristo. O horror que o reinado do primeiro Tudor desencadeou contra a população inglesa foi igualmente ocultado pelos grandes génios das universidades britânicas. Paralisadas pelo terror que lhes inspirava o seu rei-deus, tanto Oxford como Cambridge mantiveram o silêncio hipócrita que acabaria por levar o último dos Tudors a colocar o pescoço aos pés do machado assassino.

A evolução da teocracia inglesa cresceu durante o reinado da Rainha-Deusa de Inglaterra e não deixou de crescer durante o reinado dos seus sucessores; de tal forma que, quando Carlos I ascendeu ao trono, este acreditava ser um verdadeiro deus e governava como se fosse um verdadeiro deus. A loucura criminosa de um assassino em série de mulheres e santos; de um genocida que condenou à miséria uma nação já empobrecida que sobrevivia da caridade dos mosteiros; de um bando de ladrões que se repartiram as propriedades legítimas da Igreja da Inglaterra; deu lugar à loucura final de um idiota integral que, cegado pelos poderes teocráticos que recebeu, acreditou poder governar como Deus e exigiu ser respeitado como o Único Deus de Inglaterra.

A revolução inglesa estava legitimada. Mas o seu crime contra o Rei do Céu não foi corrigido. Os vencedores da Revolução Gloriosa levaram-no ao extremo final, do qual já não há regresso: declarar-se o Advogado do Diabo. Reunidos numa Assembleia de Divinos — de tal forma que, onde antes havia um deus, agora havia muitos —, redigiram a Confissão a que chamaram de Westminster, na qual, como vimos, absolveram Satanás de todos os seus crimes, com o argumento de que a Queda em Deus tinha sido o seu autor intelectual e produtor material.

Mas ser mau não implica ser tolo. Na verdade, é precisamente o contrário: o tolo é o bom. Assim, se primeiro o Confessor iniciou o seu argumento aderindo ao Concílio de Nicéia e, em seguida, passou a acusar Deus de ser o único e verdadeiro autor da Queda, «que a ordenou desde a eternidade para a sua própria glória», agora a Assembleia dos Divinos volta a colocar a máscara e, assumindo uma expressão de beato supersanto ao lado do qual os Santos Agostinhos e os Santos Tomás foram uns cretinos, na sua hipocrisia sem limites, os pais do presbiterianismo americano declaram-se mais papistas do que o Papa e, imitando o seu príncipe, o Diabo, enganam todos os seus rebanhos, dizendo:

C.W. — «Agradou a Deus, no seu desígnio eterno, escolher e ordenar o Senhor Jesus, o seu Filho unigénito, para que fosse o Mediador entre Deus e o homem; Profeta, Sacerdote e Rei; o Salvador e Cabeça da sua Igreja; o Herdeiro de todas as coisas e Juiz de todo o mundo; desde a eternidade, Deus concedeu-lhe um povo que fosse a sua semente e para que, no tempo devido, o redimisse, chamasse, justificasse, santificasse e glorificasse».

C.R.Y&S. — «Onde está aqui a hipocrisia e onde está o erro?», perguntar-me-ão. Não será este o ensinamento e a doutrina dos Padres da Igreja desde a Era Apostólica até aos nossos dias?

A minha resposta é firme: «NÃO». Esta nunca foi a Doutrina de Cristo. A Doutrina de Deus é a oposta. E é tão contrária a este artigo como o Céu e o Inferno.

Desde quando agrada a um pai enviar o seu filho para ser morto? Compreendemos que, na Inglaterra destes Confessores, condenar os seus filhos à morte era o pão de cada dia e, face a esta crueldade sem limites, nada havia de suspeito em declarar que agradou a Deus enviar o seu Filho à Cruz.

«Então, não terminou na Cruz?», perguntar-se-ão na vossa ignorância.

Sim, claro, para Ressuscitar é preciso Morrer.

Mas esta Ressurreição não foi por prazer de Deus, mas sim-lhe foi ditada pela Necessidade que Deus teve de salvar a Sua Criação, e não apenas o Homem, mas toda a Sua Criação, tanto a do Céu como a da Terra, tanto a do Passado como a do Presente e a do Futuro.

Deus é claro e firme no Seu Livro: a morte de Cristo não foi um capricho. Por isso escreve: A NECESSIDADE DA MORTE DE CRISTO.

Foi por essa Cruz que se operou a reconfiguração final da Criação.

A Revolução que se operou no Princípio, quando Deus abriu a Porta da Sua Criação a todos os Seus filhos, tinha sofrido uma Queda, cujo resultado colocou Deus perante o Seu Verdadeiro Inimigo, a Morte.

Deus tinha conquistado a Imortalidade para a Vida. Mas, enquanto Pai de todas as Ciências, a Sua Guerra Pessoal pela Imortalidade da Vida tinha abordado o Tema da Morte a partir da Razão Científica. Ao investir a Criação de Imortalidade, o problema estava resolvido.

A Alegria da Vitória, a concentração natural no processo de conquista, TINHA AFASTADO DO SEU PENSAMENTO o facto da existência destas duas Forças Cósmicas Não Criadas, a Vida e a Morte, como entidades reais, tão reais na sua existência como o é a sua própria Existência.

Mesmo com a sua Criação a sofrer as guerras que arrastaram o seu Paraíso para o Inferno, Deus creu ver na sua origem a consequência direta da sua própria Vitória. Criados à sua Imagem e Semelhança, os filhos de Deus precisavam de participar da Vida do seu Pai enquanto Criador.

Deus responde a este novo desafio com a abertura da Criação aos seus filhos. E começa a Criação dos nossos Céus e da nossa Terra, tal como relatei na Criação do Universo segundo o Génesis.

A Criação do Homem insere-se nesta Revolução Universal com a qual Deus confiou em pôr fim às guerras entre os seus filhos. Mas não era a única medida. As duas medidas anteriores — a abertura à participação no ato criador e a formação do Homem — são encerradas por Deus com um decreto de banimento eterno contra quem ousar reabrir esse capítulo encerrado da História da sua Criação.

Deus sabia que «aquela besta», Satanás, «já tinha atacado antes». Era da sua responsabilidade impedir que se repetisse um ataque dessa Besta. Através do Decreto de Exílio Eterno da sua Criação, que revelou ao seu filho Adão e que abrange todos os filhos de Deus, sem exceção de qualquer tipo e sem justificação em nenhuma circunstância, Deus, no seu Amor pela Vida dos seus filhos, acreditou que aquele episódio das Guerras entre os seus filhos estava encerrado.

Não foi assim. «A besta que já o tinha atacado antes» voltou a atacá-lo. Deus, o Senhor dessa besta, fica perplexo. Não é um filho que tem diante de si, é uma Besta que Ele não criou, nem formou, nem encorajou, nem alimentou. De onde vem, para esta besta, a sua loucura, a sua demência, a sua crença em poder pôr de joelhos o Deus da Eternidade e do Infinito? Deus vê cara a cara o Inimigo da sua Criação, a Morte. A Morte é a Mãe dessa Besta, a Serpente Antiga, o Dragão, o Diabo, cuja Cabeça é Satanás.

A Batalha Final entre o Deus que sonhou com um Cosmos em que a Árvore da Vida dá fruto Imortal, e a Força Não Criada que, desde o início da Não-Criação, era uma só coisa com a Vida, sendo ambas as duas faces da mesma moeda; esta Batalha Final que Deus, ao recorrer à Razão Científica que o conduziu à Descoberta das infinitas ciências que compõem a Árvore da Ciência da Criação dos universos, Deus não viu: acabara de começar.

A Morte continuava ativa. A Morte continuava a agir na Criação tal como antes o fazia na Não-Criação. A Morte é uma Força Não-Criada que age de acordo com a sua Natureza. Fez o seu trabalho no Céu e agora fazia-o na Terra.

Deus enfrentava um dilema. Encontrou-se perante um dilema. Imunizar a sua Criação contra esta Força que procura fazer parte do Novo Cosmos tal como fazia parte do Antigo, na sua forma de Guerra, contribuindo para o Reino de Deus com um sistema de governo baseado na Divinização de todos os filhos de Deus, que passariam a gozar do estatuto de Imunidade Absoluta pelos seus atos, estatuto natural que vimos no rei-deus inglês. Isto, ou aceitar a Declaração de Guerra da Morte, vencê-la e libertar a Sua Casa da sua Presença para toda a eternidade.

Deus aceitou a Declaração de Guerra, uma Guerra que estava em vigor desde que Ele sonhou com este Novo Cosmos, no qual a Morte não tem lugar, e que agora entrava na sua Batalha Final. De acordo com esta Necessidade, dicta Sentença contra todas as partes envolvidas na Queda. À Besta «que anteriormente tinha chifrado», a sentença de Exílio Eterno, assim que o sangue da sua vítima for vingado por um filho da mulher do falecido.

Nesse momento nasce a Necessidade.

Toda a existência da Criação assenta num Pilar: o Amor de Deus pelo seu Filho Unigénito, a quem Ele fez o Primogénito dos seus filhos, estendendo assim às suas criaturas a Verdadeira Paternidade, natural ao Mais Velho da Casa.

Deus deve abrir os olhos do seu Filho para que este veja o Verdadeiro Inimigo da sua Criação. Não é o Diabo, esse Satanás, criatura tirada do pó: Satanás é um simples peão no jogo de uma Força, a Morte, que vem da Pré-criação e partilha com o próprio Deus a sua Origem Não Criada.

É esta Necessidade que ordena todos os acontecimentos, desde a Queda até à Ressurreição. O Filho que desce do Céu e encarna o Vingador do sangue de Adão é o mesmo que regressa ao seu Mundo, mas no seu Ser operou-se uma Transfiguração Eterna.

O seu Pai venceu, a sua Vitória é Ele, o seu Filho.

O reino de Deus inclina-se perante este Rei Universal, aos pés do cujo trono todos os Príncipes do Céu depositam as suas coroas. O Império é abolido, todas as coroas são revogadas. O Reino de Deus é colocado nas mãos do seu Filho, que é glorificado como Rei Universal Eterno, Juiz Universal e Sumo Pontífice Universal, Senhor de toda a Casa do seu Pai.

Agradou a Deus enviar o seu Filho à Cruz?

Quem é este insensato que fala assim?

C.W. — «O Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, sendo verdadeiro e eterno Deus, igual e da mesma substância que o Pai, tendo chegado a plenitude dos tempos, assumiu sobre si a natureza humana com todas as suas propriedades essenciais e com as suas fraquezas comuns, mas sem pecado. Foi concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria, da substância dela. Assim, duas naturezas completas, perfeitas e distintas, a divina e a humana, uniram-se inseparavelmente numa única pessoa, mas sem qualquer conversão, composição ou confusão. Esta pessoa é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, um único Cristo, o único mediador entre Deus e o homem».

C.R.Y&S. — O Advogado do Diabo esconde o seu verdadeiro rosto por trás da máscara das declarações conciliares católicas. Como bom político, este Divino Confessor pretende apropriar-se da vitória da Igreja Católica, contra a qual, no entanto, lança as suas hordas assassinas.

E nós compreendemos isso. Ninguém pode roubar a outro o que lhe pertence sem antes o assassinar.

Na sua loucura vitoriosa, com o sangue de centenas de milhares de homens nas suas mãos, a Assembleia dos Divinos esquece-se de que a Igreja Católica tinha vencido, século após século,

inimigos infinitamente mais poderosos do que a coroa anticristã de Inglaterra. A Guerra do Turco Otomano contra o Reino de Deus na Terra, vencida em nome do Rei do Céu Carlos I de Espanha e do seu filho Filipe II, nada significa para um cego que reivindica para si a divindade natural dos deuses. Tem de esconder do povo, que sobreviveu ao massacre da gloriosa revolução, a sua verdadeira face, e veste a máscara dos Padres da Igreja.

Mas o lobo continua a ser lobo, mesmo que vista a pele de cordeiro.

Sem se dar ao trabalho de cortar as unhas das patas, ele vem e destrói a Glória de Jesus Cristo com estas palavras:

C.W. — «O Senhor Jesus, na sua natureza humana assim unida à divina, foi ungido e santificado com o Espírito Santo além de toda a medida, e possui todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, pois agradou ao Pai que n'Ele habitasse toda a plenitude, para que, sendo santo, inocente, imaculado, cheio de graça e de verdade, fosse totalmente apto para desempenhar o ofício de mediador e fiador. Cristo não assumiu por si próprio este ofício, mas foi chamado para tal pelo seu Pai, que colocou nas suas mãos todo o juízo e poder, e lhe ordenou que desempenhasse tal ofício»

C.R.Y&S. — Ao pão envenenado, a serpente deita o mel dos príncipes das trevas, para que os cegos que seguem o cego caiam de bom grado na mesma panela cuja carne servirá ao Diabo.

Incapaz, ele que acabara de devorar a carne humana de milhares de corpos, embriagado com o sangue ainda fresco das cubas do genocídio, de compreender o Amor de Deus pelo seu Filho, o Confessor atira a Glória do Filho de Deus para o lodo e transforma esse Amor «na obediência devida do servo ao seu senhor, da vítima ao seu predador, do súbdito aterrorizado ao seu rei e senhor, a quem obedece sob a lei do terror que o monstro do seu rei lhe inspira».

Compreendemos que, para este monstro homicida, que se reveste de Divindade na Assembleia, recém-chegado das guerras de extermínio que a Revolução Inglesa provocou, esta Palavra: «Amor», soará a heresia. Incapaz de compreender esta Verdade: «Deus é Amor», o Confessor afasta de si a Vida Bíblica, arranca-se os olhos e fecha os ouvidos à Palavra de Deus, que, por escrito, diz: «O zelo pela tua Casa consome-me».

E noutro ponto, Deus diz ao seu Filho: «Não sejas como o cavalo selvagem a quem é preciso colocar o freio».

E, em última instância, vemos-O a entrar na Terra montado no Seu Cavalo de Guerra, com o Manto do Rei coberto de sangue que iria derramar na Sua Batalha de Vingança contra o Traidor que se atreveu a declarar guerra ao Seu Pai.

O Filho de Deus não entra nesta Batalha Final como alguém que é expulso do Céu, à semelhança do que aconteceu com o Traidor Maligno. E, uma vez obrigado a tornar-se homem, acaba por aceitar a Vontade de Deus por Temor ao Seu Poder, que é o que diz o Confessor.

De modo algum!

É o seu Pai quem tem de conter o seu Zelo; é o seu Filho quem Lhe pede que se encarregue de esmagar a Cabeça da Serpente, o fogo que O consome contra «a Besta que antes O tinha chifrado» e que, com a sua traição, acusava Deus de ser o responsável pela sua traição, ou será que Deus não era o seu Senhor e, sabendo que era uma Besta, não a deixou à solta, expondo a sua Criação a ser chifrada mais uma vez?

O Filho de Deus arde em fogo. O seu Pai tem de o conter. O seu Filho ainda não viu o verdadeiro inimigo do seu Reino. Os seus olhos estão fixos no peão do seu verdadeiro inimigo. A necessidade de revelar ao seu Filho o verdadeiro rosto por trás da Queda e das Guerras do Céu era transcendental.

Sem esta Visão, tudo seria em vão.

Ao expô-lo à Cruz, revelaria ao seu Filho, no choque que este Desígnio do seu Pai lhe causaria, o verdadeiro rosto do seu Inimigo. Não era aquele pobre diabo, Satanás, a quem bastava dizer «Vade Retro» para o enviar para o Inferno. O Verdadeiro Inimigo de Deus era a Morte, aquela Força Não Criada que continuava ativa na Criação e que devia ser expulsa dos seus limites para sempre.

Tudo o resto — o Homem, os filhos de Deus, o Universo, o Cosmos — não passava de nada. Esta Batalha Final era entre Deus e a Morte. Deus precisava do seu Filho. A Vitória era uma questão de ambos. De nada serviria a Deus vencer a Morte na Terra, tal como já antes a tinham vencido no Céu em Seu Nome os filhos de Deus e os Irmãos de Yavé Deus, os Anciãos do Apocalipse, se o seu Filho não visse a Causa que provocava estes movimentos específicos de destruição destinados a suscitar em Deus a Necessidade de uma Destruição Universal à imagem daquela que Ele realizara antes desta Criação.

Destruir tudo e recomeçar?

Deus conhecia bem o seu Filho. Jesus nunca consentiria num tal Fim. Os seus Irmãos eram a sua Casa. Os Deuses do Céu eram a sua Família. Não cabia naquele Coração nem uma partícula de Mal. À luz do sol desse Amor, nem a mais infinitesimal nuvem poderia sobreviver.

E eis que nos vêm os Divinos, com as mãos cheias de sangue inocente e as almas afogadas na morte e na destruição, para nos dizer, sob pena de morte, que o Filho de Deus aceitou «esse ofício»:

C.W. — «O Senhor Jesus, com a maior boa vontade, assumiu para si este ofício e, para o desempenhar, foi submetido à lei, que cumpriu na perfeição; sofreu os mais cruéis tormentos diretamente na sua alma e os mais dolorosos sofrimentos no seu corpo; foi crucificado e morreu, foi sepultado e permaneceu sob o poder da morte, ainda que não visse corrupção. Ao terceiro dia, ressuscitou dentre os mortos com o mesmo corpo que tinha quando sofreu, com o qual também ascendeu ao céu e ali está sentado à direita do Pai, intercedendo, e quando chegar o fim do mundo, voltará para julgar os homens e os anjos».

C.R.Y&S. — O que é que este tolo está a dizer? Esta Assembleia de ignorantes nas coisas do Céu está a dizer-nos que o Filho de Deus era um ignorante total, à imagem e semelhança deles?

Os Divinos querem fazer-se passar por beatos ultra-santíssimos, distribuindo a papinha católica servida pela Santa Madre Igreja desde os tempos pós-apostólicos, mas como se tratava de erguer uma igreja sobre novos alicerces, ainda que utilizando tijolos antigos, revestem o edifício com acabamentos próprios. Escondem, numa parafernália bastarda, o roubo que cometem à propriedade doutrinária.

Mas o que é mais grave em todo o seu erro é a sua afirmação *«e ali está sentado à direita do Pai»*.

«E que lá fique, pois aqui reina a nossa espada» é a frase que o Confessor se abstém de escrever. Era dar a entender o que se escondia por detrás da porta.

A maldade e a tolice não andam juntas, já sabemos disso. Aprendemos à custa de muitos golpes que a tolice e a bondade andam de mãos dadas. A questão é: deixar de ser bom e não ser tolo, ou continuar a ser bom, mas vestido para a guerra até aos dentes.

A resposta está escrita. Vestir a armadura da fé é que o diabo venha quando quiser. E quando ele voltar a repetir-nos...

C.W. — «O Senhor Jesus Cristo, pela sua perfeita obediência e pelo sacrifício de si mesmo que ofereceu uma única vez pelo Espírito eterno de Deus, satisfêz plenamente a justiça do seu Pai e adquiriu para aqueles que este Lhe tinha dado, não só a reconciliação, mas também uma herança eterna no reino dos céus»

C.R.Y&S. — Responder-lhe-emos: o papinha para recém-nascidos, aqui há filhos de Deus temperados na lei da ciência do bem e do mal. Pega na mamadeira com a qual pretendes reduzir-nos à infância que já deixámos para trás e oferece-a ao teu senhor, o Diabo, a quem tão bem

serviste, defendendo a sua absolvição. Vai-te embora com a tua palavra para pregar no inferno; talvez lá consigas converter algum demónio. Conhecemos o teu discurso contra Deus e o seu Cristo:

C.W. — «Embora a obra da redenção só tenha sido consumada por Cristo após a sua encarnação, no entanto, a virtude, a eficácia e os benefícios da mesma foram comunicados aos eleitos em todas as épocas decorridas desde o início do mundo, nas e por meio das promessas, tipos e sacrifícios, nos quais Cristo foi revelado e apontado como a semente da mulher que feriria a serpente na cabeça, e como o Cordeiro imolado desde o início do mundo, sendo Ele o mesmo ontem, hoje e para sempre».

C.R.Y&S. — Doutrina imunda, própria dos demónios, a que este artigo manifesta. Nega a Redenção em Cristo, por Cristo e somente em Cristo, e extrapola-a para todos os tempos, tornando desnecessário o Sacrifício que o Senhor da Besta imolou em cumprimento da Lei, para a salvação da ignorância do homem.

É verdade que, sendo Deus o Senhor da Besta, lhe cabia sacrificá-la como demonstração visível da Sua Inocência na sua «cornificação», depois de a ter mantido sob controlo.

O enigma de como essa Besta foi libertada sem o Seu consentimento, por que razão e por quem foi libertada marcou Deus, o Seu Filho e toda a Sua Casa. Quem imolaria esse Sacrifício no qual Deus seria reivindicado na Sua Inocência?

E o mais importante: por quem é que esse Sacrifício seria firmemente aceite perante a própria Criação?

Porque, se fosse pelas mãos de uma criatura, o Medo e o Terror perante Aquele que é Todo-Poderoso invalidariam esse Ato Expiatório de toda a Culpa de Deus na Queda. Apenas pelas mãos de quem é Deus como o próprio Deus, e que, por conseguinte, não pode ser destruído pelo próprio Deus, é que essa Inocência poderia ser assumida como Verdadeira e Eterna.

Isto no que diz respeito a Deus.

No que diz respeito ao Homem. Obviamente, um homem justifica outro homem. Não haverá corrupção na justificação?

Apenas aquele que imolou a Besta em declaração da inocência de Deus, oferecendo-se como Cordeiro de Deus em expiação pelo pecado do seu irmão Adão, poderia provocar a Redenção Imaculada do Homem, ou seja, livre de toda a suspeita. Pois de que teria valido uma Redenção realizada com base num amor natural, criando pão para hoje e fome para amanhã?

Colocar esta Realidade Sobrenatural em discussão é um exercício satânico que se compreende a partir da posição de quem está a criar uma nova religião, que utiliza os

princípios teológicos católicos como fundamentos ideológicos e, ao substituir a Teologia Cristã pela Filosofia Racional Política, separa o Reino dos Céus do Reino da Terra. «Deus está lá» e nós aqui. O que tem Deus a ver connosco?

Vamos ler:

C.W. — «Cristo, na obra de mediação, age de acordo com ambas as naturezas, fazendo, por meio de cada natureza, o que lhe é próprio; embora, em razão da unidade da pessoa, o que é próprio de uma natureza seja, por vezes, atribuído na Escritura à pessoa dominada pela outra natureza».

C.R.Y&S. — O discurso dos hereges dos primeiros séculos sobre as duas naturezas regressa da sepultura. Mas agora fá-lo com o novo disfarce de quem tem a espada no pescoço do leitor e pergunta: «O quê, tem alguma objeção?»

Será que vamos entrar em discussão com o Diabo?

Aos que não contestam a sua doutrina maligna, mas antes a aplaudem, a nova religião concede as suas graças, dizendo:

C.W. — «A todos aqueles para quem Cristo comprou a redenção, aplica-lhes e comunica-lhes de forma certa e eficaz a mesma; intercedendo por eles, revelando-lhes na Palavra e por meio dela os mistérios da salvação; persuadindo-os eficazmente pelo seu Espírito a acreditar e a obedecer; e governando os seus corações pela sua Palavra e pelo seu Espírito, vencendo todos os seus inimigos pelo seu grande poder e sabedoria, de tal maneira e forma que seja mais conforme à sua maravilhosa e insondável dispensação».

C.R.Y&S. — No Dia do Juízo que recairá sobre as cabeças desta Assembleia de Teólogos, verá-se a verdade do que digo quando tiverem de responder pela vossa acusação contra Deus como autor intelectual da Queda do Homem.

Entretanto, a todos os que caíram neste erro, fujam, corram, venham, a Porta está aberta, o tempo está do vosso lado, a Vontade de Perdão de Deus foi anunciada, entrem na Igreja Católica, batizem-se, convertam-se. O vosso batismo é falso, a vossa religião é falsa, a vossa igreja é a porta da perdição. Sois maus, mas não sejais tolos.

A espada já não está sobre os vossos pescoços. Sois livres para pensar e distinguir entre a Verdade e a Mentira. As minhas palavras são verdade; as desta Assembleia de Divinos e dos seus discípulos presbiterianos, embora se vistam de santos, são Mentira.

Cada um é filho do seu pai. Quem é filho de Deus fala a Verdade; quem é filho do Diabo fala a Mentira, e o seu fruto é a Guerra, o Genocídio e o Crime. Estes foram os frutos da Confissão-mãe desta segunda Confissão de Westminster. Não vos enganeis. Esta Confissão da Assembleia dos Teólogos foi a que os Tudors adotaram, reeditada com a tinta proveniente do Sangue derramado durante esses reinados. O fruto desta Nova Confissão não seria o extermínio de todos os seres humanos onde quer que esta nova religião se estabelecesse? A História está aí para o demonstrar. E eu estou aqui para desmascarar o Deus Oculto que deu origem à Reforma.

QUARTA PARTE

A LIBERDADE DOS PREDESTINADOS À RAÇA SUPERIOR DOS ESCOLHIDOS

Vimos como e por que razão o Projeto do Reino de Deus na Terra não conseguiu consumir a sua expansão à plenitude das nações, estas então no seio da geração de Adão. Compreende-se que, tendo transgredido, o transgressor pagasse as consequências dos seus atos.

O entendimento depara-se com uma dificuldade complexa quando Deus estende a pena devida ao delito a gerações ainda por nascer, quando é o próprio Deus quem, na Sua Justiça, impede que os pecados dos pais se transmitam aos filhos. A contradição da negação de princípio coloca o entendimento perante um dilema complexo.

O mesmo Juiz que se recusa a responsabilizar os filhos pelos crimes dos seus pais e salva a inocência dos filhos face à conduta culpada dos seus pais, esse mesmo Juiz Divino ignora o princípio moral da jurisprudência pelo qual o seu espírito se orienta e estende as consequências do crime cometido pelos seus pais tanto a eles, os seus filhos, como aos filhos dos seus filhos. Não só isso. Chamados todos os homens a tornarem-se Cidadãos do Reino de Deus, vemos que os povos ainda não incluídos no Reino da Mesopotâmia do Éden foram privados da Presença Divina e entregues à lei da ciência do bem e do mal, sem terem sido considerados culpados de qualquer crime.

Esta aparente negação de princípio coloca-nos perante a gravidade do Acontecimento da Queda do Reino de Deus na Terra.

Embora atribuída à Terra, a declaração de «Guerra até à Morte» sobre o Sangue do Género Humano que uma parte da Casa dos filhos de Deus clama atinge toda a Criação. O Homem não passou de um instrumento, um machado de guerra.

Deus enfurece-se. Mas é Deus. Aqueles que se atreveram a declarar guerra ao seu Criador eram os seus filhos. Deus compreende. Eles amaram o inferno. Comeram do fruto da Árvore da Guerra e escolheram livremente viver no Exílio, ainda que eterno, em vez de viver sob o sol de uma Paz Universal sempiterna, administrada por uma Justiça Incorrutível, à luz da qual todos os Povos, independentemente da sua origem, são iguais aos olhos do seu Criador.

Não há volta a dar. A revolução que Deus põe em marcha, abrindo o Ato Criador, não só à contemplação e ao prazer de ver Deus em ação, mas também à participação ativa na formação dos mundos, deixou para trás uma porta na qual estava pendurado um cartaz a dizer: «Não a atraveses, não voltarás».

O choque que surge desta situação abre os olhos de Deus para a identidade do «Inimigo Oculto» do seu Reino. Agora é toda a Criação que está em jogo.

Deus tinha vivido inúmeras vezes o nascimento e a destruição de mundos sob a lei da ciência do bem e do mal. Por isso, considera a Guerra, o seu fruto, uma abominação. Agora, a Guerra explode-lhe na cara. O seu inimigo é a Morte. A visão do Reino da Vida que a Morte quer impor a Deus é, aos seus olhos, um inferno.

A raça humana passa para segundo plano. Tudo passa para segundo plano. Agora, tudo passa pelo Filho de Deus. Será que Jesus, Rei dos reis e Senhor dos senhores do Reino de Deus, será tentado pelo fruto proibido? Aceitará a sua coroa sob a Lei da Morte? Ajoelhar-se-á perante o Inimigo de Deus?

Já conhecemos a resposta. É inútil continuar por este caminho. O que nos interessa não é pôr em causa os alicerces do edifício já erguido, mas sim sair a campo aberto, olhar para o que foi feito e para o que ainda nos resta fazer.

Deus volta a revolucionar o seu Mundo. Abolirá todas as coroas. O seu próprio Filho terá de colocar a sua aos pés do seu Trono.

Deus assume o governo de toda a Sua Criação. É a Sua Criação que está em perigo de destruição total.

Ele conhece perfeitamente Jesus, que é o Filho das suas entranhas. Jesus é o primeiro a sofrer o choque sob as ondas da Queda. As guerras dos filhos de Deus não o atingiram. Deus escondeu-lhe as duas guerras dos seus filhos, na esperança de que não houvesse uma terceira guerra universal.

Também não podia manter longe dos seus olhos o Livro das Crónicas do seu Reino. O que Deus nunca faria seria lê-lo utilizando o sangue do Homem como tinta. A Lei: «Não comas, morrerás», escrita na capa do Livro da Vida da Criação, diz tudo.

O que está feito, está feito. Uma Nova Revolução estava em curso. No início, Deus olhava para os seus filhos; agora tinha a Morte à sua frente. A Abolição de todas as coroas e a Fundação de um Único Reino Universal governado pelo próprio Deus é a primeira

medida que Deus toma. Sobre quem se rebelar contra a aceitação do seu estatuto de Cidadão e se levantar contra a sua Deposição Monárquica, Deus emite um Decreto de Exílio.

Satanás, cabeça do Dragão, juntamente com os seus aliados, é expulso do Céu.

O filho de Eva, mulher de Adão, levantará-se para reclamar a coroa do seu pai.

É a expectativa do Messias. Os filhos de Abraão esperavam um filho de David que se levantasse contra os poderes deste mundo e colocasse Jerusalém, à semelhança da Roma Imperial, no centro do mundo.

O homicida que derramou o sangue de um Homem formado pelo próprio Deus acreditava que esmagar o seu descendente distante seria canja. A Encarnação do Filho das entranhas de Deus não figurava nos planos dos filhos de Deus liderados por Satanás. Este, habituado a comer pó, tinha-se finalmente transformado numa besta. Movia-se como uma besta, como um «deus oculto» a puxar os fios a partir das trevas, e agora pensava como uma besta, como a Besta que era.

O Filho de Deus nem sequer olha para ele, nem se detém a contemplá-lo. «Vade retro». Jesus coloca a sua Coroa aos pés do seu Pai.

A Cruz é o Ato de Amor Eterno e Infinito do Filho de Deus para com a Sabedoria do seu Pai. As medidas que Deus tomou são a Chave que fechará a Porta da Criação ao Inferno que a Morte carrega nas suas entranhas. A Reconfiguração do reino de Deus começa com a Glorificação deste Filho no trono de Deus.

Deus entroniza o seu Filho como Rei Universal, Eterno e Único, Juiz Universal com Poder Divino sobre toda a vida, Senhor Todo-Poderoso sobre toda a Criação. Jesus é o Verdadeiro Deus do Verdadeiro Deus e, como tal, recebe a mesma Adoração e Glória que o seu Pai. Toda a Casa de Deus se ajoelha perante o Rei, Deus Filho Unigénito, e Este traz para Casa uma Nova Geração de Filhos de Deus, gerados à Sua Imagem e Semelhança, herdeiros do Seu Espírito, um Corpo de Sacerdotes cuja Cabeça é o próprio Cristo, aos cujos olhos, sendo os de Deus, nenhum pensamento se esconde, e cujo Poder, como o do seu Senhor, está na Palavra. Deus concedeu um Corpo Visível ao seu Espírito. O Espírito Santo tornou-se Homem e foi-lhe dado o Reino para o manter pela Eternidade na Paz Universal que provém da Verdade.

Mas aqui em baixo fica a humanidade. Deus consumou a Sua Obra. A Ressurreição consumada, e agora?

O que acontece às nações da Terra? Porventura aquele «Façamos o Homem à nossa imagem e semelhança» não abrangia todas as famílias da Terra?

Claro que sim. Deus retoma o seu Trabalho. Mas, neste Novo Dia, as circunstâncias iniciais não são as mesmas. Os homens tornaram-se bestas racionais a lutar pela sua sobrevivência. O homem, tal como no início, é mais um animal. No entanto, entre aquele Homem protegido pelos deuses, antes do Éden, e este Homem da

tempo dos Apóstolos existe uma diferença crucial. Aquele estava nu; este está revestido com a armadura do Espírito.

A maior obra que o homem podia conceber, o auge da razão humana após dois mil anos de passagem do testemunho do império de uma nação para outra, foi aquela Roma Imperial, na cuja estrutura aquele homem tinha desaparecido e o seu lugar tinha sido ocupado por uma besta.

Restaurar a Imagem de Deus no Homem implicava a Queda deste Império, sob um dilúvio de sangue, espelho onde se refletiria a gravidade da Queda do reino de Adão. Aquela besta humana estava espiritualmente incapacitada para compreender as coisas do Céu. O seu mundo estava prestes a ser afogado sob o Novo Dilúvio.

Deus gera, na Sua Sabedoria, uma Nova Plenitude de Nações. E rumo a esta Nova Plenitude de Nações começa a traçar o seu caminho a História do Homem, que se torna a História do Cristianismo.

O Homem que Deus concebeu no Princípio não deixa de viver; aquele homem nascido para ser o Espelho Vivo do Amor de Deus pela Sua Criação, unindo todos os Povos ao mesmo Tronco da Árvore da Vida, sendo cada um dos Povos do Seu Reino os seus Ramos, esse Homem vive. Mas, agora, este Homem traz no seu seio já não o conhecimento do Bem e do Mal, como quem lê num livro as crônicas do inferno; este Homem Novo carrega no seu sangue o fogo de quem viveu na sua carne esse Inferno. Nenhum povo da Criação foi forjado neste Fogo. Nem era da Vontade do Criador que o Homem o fosse. As circunstâncias decidiram que assim fosse. E, feito o que está feito, há que aceitá-lo.

O Homem Novo que Deus traz à Vida nasce marcado por este Fogo. A Plenitude das Nações a ser criada traz ao reino de Deus um Exército Mundial de Sábios ao serviço do seu Rei, cabeça política desta Plenitude de Nações cujo Rei Universal e Eterno é Jesus Cristo.

Deus tinha pela frente um longo trabalho a realizar, desde a Ressurreição até à Formação deste Corpo da Plenitude das Nações, cuja Cabeça Política é o seu próprio Filho.

Assim sendo, uma vez que o Edifício Cristão foi consolidado e superou as Provas de Destruição a que esteve sujeito desde o seu Nascimento por romanos, hunos e muçulmanos, com o objetivo de acelerar os tempos, Deus ordena a Libertação do Diabo no Ano Mil.

A Morte preparou o terreno para o seu Príncipe e, como já disse anteriormente, mover o peão Celular para dar o xeque-mate à contenda entre Bizâncio e Roma foi canja; um triunfo que pouco satisfiz o Diabo, dado o decreto que Constantinopla tinha assinado sobre a sua cabeça ao não se separar do Império Romano.

Acreditar que «iria comer e não iria morrer porque Cristo o protegeria contra Deus» foi o crime da Ortodoxia Bizantina. Este mesmo crime levou a Alemanha de Lutero a

acreditar que, pela Fé, os homens podem até violar a mãe de Cristo, pois a Fé põe Deus de joelhos. Este movimento, a Reforma, foi, de facto, um verdadeiro maná para o Diabo, o «deus oculto» de Lutero.

Desde o início da sua Semeadura Maligna, o Diabo encontrou na Alemanha um terreno propício para dar frutos malignos. A Questão das Investiduras deixou isso bem claro. Deus respondeu com Gregório VII. A tentativa do Imperador alemão de fazer da Esposa de Cristo a sua concubina não teve sucesso. Do fracasso tira-se uma lição. Neste caso, a Esposa do Novo Adão não foi enganada e permaneceu fiel ao seu Esposo.

Mas compreende-se que, se através da divisão das igrejas se pretendia chegar à sua destruição, seguindo a sentença do decreto divino: «Todo o reino dividido contra si mesmo não subsistirá e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma será destruída», seria necessário corromper os servos da Esposa para, ao acorrentar esta aos seus interesses, a «semeadura do joio» conduzisse as nações cristãs a uma guerra fratricida.

O Cisma do Ocidente abriu a porta, e o Concílio de Constança, ao declarar infalível o Bispo de Roma — ou seja, ao transformar o Papado numa teocracia —, lançou a Esposa nas masmorras do Vaticano, de onde o Concílio de Trento a libertou. Mas, nesse intervalo, a Rebelião Protestante teve lugar. E não precisamente para libertar a Esposa da masmorra em que o Bispado italiano a encerrou, mas para abrir caminho ao Advogado do Diabo, que, descendo dos altos cumes nevados do Olimpo suíço, veio tentar a Coroa de Inglaterra; e esta, caindo no seu discurso, proclamou-se Cabeça da Igreja na Terra, ou seja, à Teocracia Pontifícia foi respondida com a Teocracia Monárquica.

Acreditando-se este novo cristão o escolhido de Deus para matar todos aqueles que não quisessem dobrar os joelhos perante a sua Majestade Satânica, Deus quis revelar-nos claramente, por meio dos Atos, qual é o Modelo de Reino que Satanás e os seus irmãos conceberam como Governo do seu reino Divino, pelo qual declararam guerra ao próprio Deus, e pelo qual preferiram ser banidos para toda a eternidade a viver num Reino em que todos os cidadãos estamos sujeitos a um mesmo estatuto jurídico e político.

Por trás da Rebelião do Diabo não se escondia senão a ambição de se sentar no Trono do Filho de Deus, a partir do qual, governando como se fosse Deus, estenderia a sua lei de terror sobre todos os povos da Criação.

Desta forma, aqueles que se consideravam os Divinos representaram, na sua Assembleia, para nós aquela Assembleia dos Malignos que decidiram trair Deus e semear o Inferno no Paraíso, em vez de se submeterem à lei da Fraternidade entre todos os Povos da Criação.

E já os temos a todos reunidos na palma da gloriosa mão do seu novo Salvador, Oliver Cromwell.

Enganados pelo discurso do Advogado do Diabo, segundo o qual seriam os escolhidos para destruir a religião que fundou a Europa e a salvou dos cascos do cavalo de Átila, elevando-a à liderança do mundo, estes «Divinos» vêm e dizem:

C.W. — «Deus dotou a vontade do homem daquela liberdade natural, que não é forçada nem determinada para o bem ou para o mal por nenhuma necessidade absoluta da natureza»

C.R.Y&S. — Maior ignorância, impossível. Apenas o Terror desta Assembleia de Divinos poderia ver nesta absoluta nulidade intelectual uma inspiração espiritual divina. Volta a negar, tal como já fez nos capítulos anteriores, o facto de o Homem ter sido criado à imagem e semelhança de Cristo. Nascidos à sua imagem e semelhança, a nossa vontade é determinada pela sua Natureza, que nos lança como pão nas mãos do Bem e nos transforma em fogo contra os braços do Mal. A liberdade do Homem é Liberdade Divina.

A vida do cristão é a do cidadão do Reino de Deus que desfruta da liberdade sobrenatural referida às realidades eternas, nas quais a liberdade natural dos animais não tem lugar nem parte. Negar esta Liberdade Sobrenatural, que ultrapassa as fronteiras das necessidades carnis e eleva a nossa mente ao Pensamento de Jesus Cristo, é negar Deus como Pai do Homem, por considerar que, sendo criaturas de carne e osso, a nossa Filiação é uma fantasia que Deus implantou na mente humana.

Chama-se Anticristo aquele que fala contra Cristo. O que há de mais contrário a Cristo do que afirmar que não somos impulsionados para o Bem e lançados contra o Mal por causa daquele que nos gerou e cujo Pensamento vive em nós?

Afirmar que somos impulsionados para o Bem é uma negação do cristianismo. O aspeto fenomenológico da questão reside no facto de, sendo o contrário a regra do dia no seio do povo denominado presbiteriano, na hora do comportamento doutrinário, estes se regerem por sentenças absolutamente contrárias à conduta que praticam perante os homens. Mas esta é uma questão que não vem ao caso neste capítulo. Que continua a surpreender-nos ao dizer coisas como esta:

C.W. — «O homem, no seu estado de inocência, tinha liberdade e poder para querer e fazer o que é bom e agradável a Deus; no entanto, era mutável e podia cair desse estado».

C.R.Y&S. — Voltamos ao mesmo ponto. Deus é Pai e nutre amor paterno pela Sua Criação. O Confessor cega o leitor e impede-o de ver a sua relação com Deus no seio desta verdade imutável.

Por regra geral, se ninguém objetar o contrário, uma árvore boa produz frutos bons. Pois, tendo Deus como Pai, a regra diz que os seus filhos tendem, por natureza, para o Bem e, pela Natureza da Criação, somos imutáveis. Caímos, mas levantamo-nos. Continuamos a ser quem fomos, mas com cicatrizes a adornar a pele das nossas almas. Entregues nas mãos da Sabedoria que governa toda a Criação, é a lei do Amor que impera e, sendo imutáveis tanto Ela como Deus, o Seu Senhor, a Sua criação permanece nesta condição natural estável.

Poderá o soldado num campo de batalha em plena efervescência viver sob a lei de quem está em casa a desfrutar de um jantar com a sua mulher e os seus filhos? Cada espaço tem a sua lei. Cada momento tem as suas circunstâncias. Mutabilidade e imutabilidade referem-se às mudanças nessas ordens. A lei da guerra não pode ser alterada enquanto o soldado se encontra no fragor da batalha, a menos que se pretenda a sua destruição. Proibir a defesa é um homicídio. Decretar que se viva sob a lei da guerra em tempos de paz é um suicídio. Acreditar que a Natureza Divina possa gerar o contrário é uma loucura, para não dizer alta traição. Negar esta simples Realidade é anticristianismo.

Quem nega Cristo é o Anticristo. Não se pode falar com palavras anticristãs e intitular-se divino, a menos que o Maligno se revista de luz e, ocultando-se, tente seduzir os seus eleitos com a divindade para semear o terror no mundo. A sentença é, portanto, contrária a Cristo ao negar que a Natureza Humana e a Divina existam em termos de origem. Deus cria à sua imagem e semelhança; logo, o que negar isto é contrário a Cristo. A máscara é boa, mas o rosto que se esconde não engana senão aquele que se quer deixar enganar quando lhe é dito:

C.W. — «O homem, devido à sua queda num estado de pecado, perdeu absolutamente toda a capacidade de desejar qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação; por isso, como homem natural, que está inteiramente oposto a esse bem e morto no pecado, não pode, pelas suas próprias forças, converter-se a si próprio ou preparar-se para a conversão».

C.R.Y&S. — Muito católico, dir-se-ia, e, no entanto, profundamente falso. Não sou eu quem o diz. É a História das Religiões que o afirma. Embora o fim alcançado pelas religiões fosse falso, o princípio era, naturalmente, bom. Todos os povos procuraram e continuaram a procurar Deus, o bem espiritual supremo a que o ser humano pode aspirar.

O Pecado não afastou o homem da busca de Deus; o pecado arrastou-o para longe do objetivo que ele procurava. Deus já o disse através de Paulo: «Procuramos o bem, mas é o mal que se apegue a nós». O homem natural não só procurou o bem supremo, como também o alcançou.

O Pecado provocou a ruptura entre o Homem e Deus, e a sua busca foi direcionada para o encontro de imagens tão opostas a Deus como é a Imagem do cristão que a Assembleia dos Divinos traça nesta Confissão. E não só no domínio do espírito religioso, mas também no do pensamento filosófico, a alma humana revelou a sua tendência natural para o Bem. O facto de os pensadores helénicos não terem conseguido alcançar a Sabedoria, e de tal ter sido feito por homens sem cultura nem génio filosófico, é o acontecimento mais surpreendente da História do Mundo. Sem qualquer mistério para nós. Se aos primeiros a Sabedoria virou as costas, essa mesma Sabedoria abriu os braços de mãe aos últimos. E contou com os Padres da Igreja para que, com a sua Sabedoria, guiassem o pensamento cristão, colocando a Civilização Cristã no Caminho da Ciência.

Converter-se a si próprio? Mas onde está o deficiente intelectual que acredita que o Homem é o Criador de si mesmo? Será esta a ideia que o presbiterianismo tem dos seus fiéis, a de serem deficientes intelectuais a quem se dá de comer alfafa para animais? Que necessidade teria havido da Encarnação se o homem, por si próprio, tivesse sido capaz de elevar-se à natureza de Cristo?

A negação que se segue é ainda mais forte:

C.W.: «Quando Deus converte um pecador e o transporta para o estado de graça, liberta-o do seu estado de servidão natural sob o pecado e, pela sua única graça, capacita-o para querer e agir livremente o que é espiritualmente bom; apesar disso, no entanto, devido à sua corrupção que ainda subsiste, o convertido não só não deseja perfeitamente o que é bom, como também deseja o que é mau»

C.R.Y&S. — Vejamos: «Eu sou a Videira e o meu Pai é o Viticultor; vós sois os cachos. Pode uma árvore boa dar frutos maus? Se permanecerdes em mim, dareis fruto, e fruto abundante, para que o Filho do Homem seja glorificado nas vossas obras». Como é que, então, sendo a Videira de natureza Divina, o seu fruto pode ser uma uva maligna?

Que eu queira o bem, mas que o mal se apegue a mim e, ao querer fazer o bem, acabe por fazer o contrário, sem querer fazê-lo — embora isso não seja justificação de modo algum, pois tenho o dever de pensar no que faço antes de o fazer; que resulte que, ao querer fazer o bem, cause o mal que nunca quis causar — este resultado não significa que eu o quisesse ou o procurasse. O mundo está sujeito à lei do bem e do mal, e eu vivo no mundo.

Eu caminho, como filho de Deus, no Caminho da vida eterna, mas o mundo que me rodeia caminha pela vereda da Morte. A luz brilha nas trevas, mas, por vezes, as trevas abafam a luz. Isto não significa que renuncie à luz ou que ame as trevas. A Força do Espírito que nos gerou é invencível. Tropeçar não significa cair. Afundar-se num poço, preso pela tua própria palavra, não significa que te tenhas juntado às trevas. De modo algum. Vivemos em estado de guerra. Movemo-nos num campo de batalha. Mesmo assim, a nossa lei surge do espírito: não é a lei pela qual o nosso inimigo se move. Aprendemos ao sermos atingidos. Tocados, mas nunca abatidos, tendemos para o Bem

de forma invencível; com a mesma invencibilidade, a nossa alma está longe de querer, desejar ou sonhar com o mal.

O Confessor Presbiteriano nega a Criação do cristão por Deus, ao mesmo tempo que nega que a Ação de Cristo esteja viva em nós. Invoca a Teologia Católica para a atirar para o fogo.

Quem é o louco que chama Deus para testemunhar contra Deus? Este:

C.W. — «A vontade do homem torna-se perfeita e imutavelmente livre para fazer apenas o que é bom, unicamente no estado da glória».

C.R.Y&S. — Ou seja, enquanto vivos, todos maus; uma vez mortos, todos santos. Portanto, continuemos a pecar.

Somos pecadores irremediáveis — diz ele. A Redenção não operou este milagre de viver em plena glória aqui na vida, aqui em baixo na Terra, ao nível deste planeta oprimido por tantos males. Quando morrermos, seremos anjinhos; enquanto estiverem vivos, pequem, mas venham ao confessor para que ele os console por terem feito o mal e pelos males que continuarão a fazer. Porquê lutar contra aquilo que sempre vos vence?

Não foi astuto Lutero? Deu à Alemanha o que ela queria: a absolvição de todos os seus pecados, delitos e crimes — em nome da Fé e só da Fé.

Não foi astuta a Assembleia dos Divinos? O povo anglo-saxónico, ao longo da sua história, já tinha demonstrado o seu apego ao pecado. Impossível curá-lo? Damos-lhe a absolvição formal: o homem é pecador por natureza e, enquanto viver, sê-lo-á; não se preocupem mais do que o necessário, e pronto.

Cristo está morto. O morto para a cova e o vivo para a festa. Vamos lá, a matar católicos, anglicanos, irlandeses, índios, australianos, negros e tudo o que se oponha ao vosso império; vós sois os escolhidos de Deus.

Certamente. A teocracia tudoriana representou-nos ao vivo o Império que Satanás procurava e contra o qual Deus se levantou. O rei tudoriano: Juiz Todo-Poderoso, Senhor Absoluto, Sacerdote Supremo, Rei Universal. Numa palavra: Deus. E será que os serviços secretos britânicos se surpreendem por Carlos I ter exigido ser obedecido como aquele deus que a própria religião anglicana proclamou?

E, tal como Satanás, acabou por perder a cabeça...

A RAÇA SUPERIOR DOS ELEITOS

C.W. — «A todos aqueles a quem Deus predestinou para a vida, e somente a eles, agrada-Lhe, no tempo por Ele determinado e aceito, chamá-los eficazmente pela Sua Palavra e pelo Seu Espírito, para fora do estado de pecado e morte em que se encontram por natureza, para a graça e salvação por Jesus Cristo; iluminando espiritual e salvadoramente o seu entendimento, para que compreendam as coisas de Deus; retirando-lhes o coração de pedra e dando-lhes um de carne; renovando as suas vontades e, pelo seu poder todo-poderoso, induzindo-os para o que é bom e conduzindo-os eficazmente a Jesus Cristo; de tal forma que eles vêm com absoluta liberdade, tendo recebido, pela graça de Deus, a vontade de o fazer.»

C.R.Y&S. — É tremenda a declaração de anulação da Redenção Universal proferida no Cordeiro de Deus. É incrível a negação da Criação Universal aberta à cidadania de todos os seres humanos. Contradição? Não, de modo algum! O Confessor já expôs anteriormente que Deus cria para se divertir; o jogo da Guerra é o seu desporto favorito; o terror é a luz que emana da sua Onipotência e Todo-Poder; a uns cria-os para matar e aos outros para morrer.

Segundo Calvino, os seus huguenotes franceses e os seus puritanos ingleses, Deus cria duas raças: a dos predadores, dos fortes, dos ricos, dos livres; e a dos fracos, dos pobres, dos escravos.

Mas, na realidade, as duas raças são escravas da vontade desse Deus Oculto que se esconde por trás de uma máscara de Amor, que, no entanto, não conseguiu enganar Calvino. As duas raças são escravas desse deus dos huguenotes franceses, dos puritanos britânicos e dos presbiterianos americanos. Mas há que reconhecer que o predador é mais feliz do que a presa. Embora, claro, seguindo Descartes e tomando Calvino como ponto de partida, nunca se possa dizer quando aquele «Deus Oculto» de Lutero se cansará dos seus escravos e, fazendo girar a roda do destino, quem hoje come carne humana e se embriaga com o sangue da raça inferior amanhã poderá ser o prato principal do banquete de algum outro demónio. É verdade que, tal como as religiões antigas apaziguavam os seus deuses sacrificando milhares de vítimas, a nova religião calvinista dos puritanos ingleses poderia sempre conservar a graça do seu deus maligno sacrificando centenas de milhares de vidas humanas. Tudo isto, desde que se mantenha satisfeita a barriga desse deus oculto implantado nas mentes dos seus adoradores, os Novos Escolhidos, a Raça dos Divinos.

Nada pode ser escrito de forma mais contrária a Cristo do que esta declaração de exclusividade da redenção a uns «escolhidos» e de limitação da cidadania do reino de Deus a uns predestinados desde a eternidade para desfrutar da vida dos deuses. A ignorância sobre a Personalidade Íntima daquele que diz «EU SOU O QUE SOU» é absoluta por parte de quem declara e assina esta Confissão. Não o é por nunca ter ouvido antes dizer «DEUS É AMOR». De modo algum. Ignora-a porque quem tem o coração duro como uma rocha

negra, saída das fornalhas do inferno da guerra, não consegue compreender a Natureza da Paternidade Divina. No entanto, e considerando sempre os seus fiéis como verdadeiros deficientes intelectuais, os Divinos declaram-se perfeitos conhecedores de Deus, como quem, tendo sido chamado à vida, recebeu a graça deste Conhecimento.

Analisemos esse coração ponto por ponto.

Primeiro, diz: *A todos aqueles a quem Deus predestinou para a vida, e somente a eles, agrada-Lhe, no tempo por Ele determinado e aceito, chamá-los eficazmente pela Sua Palavra e pelo Seu Espírito, para fora do estado de pecado e morte em que se encontram por natureza, para a graça e a salvação por Jesus Cristo;*

Daí a minha afirmação da negação da Universalidade da Redenção, por um lado, e da Universalidade da Cidadania do reino de Deus para todas as nações, que esta frase encerra.

De acordo com Jesus Cristo, o nosso Único Mestre Eterno, em quem temos a Porta para a Personalidade Íntima daquele Deus que se afirma na sua Personalidade dizendo «EU SOU O QUE SOU», Deus não cria predestinando ninguém. Deus contempla a Sua Criação como um Todo. O Género Humano é o Homem. O Criador concebe o Homem enquanto Género e dá-lhe vida no Universo. O Criador concebe no Seu Espírito um Ser Universal e a este Ser, na sua Plenitude, cria-o para a Vida Eterna. Não existe Individualidade fora deste Homem Universal no Espírito do Criador. É apenas quando esta Criação está consumada que Deus se centra no Indivíduo. O Universo foi erguido. O Homem existe enquanto Género. E chega a Hora de Ele dar forma à Sua Intervenção Pessoal na Sua Criação. Esta Intervenção é para glória e alegria de todos. Deus reserva para si o nascimento do Indivíduo que Lhe servirá como rei dos homens. Esta Intervenção Pessoal Direta na Sua Criação é um Direito Legítimo do Criador. Não se verifica uma Exclusão do Chamado que todos recebemos; não nos é tirada a Vida Eterna para a qual fomos criados. Evidentemente, uma Obra implica uma personalização daqueles que devem ser parte ativa e direta na sua realização. Deus chama os seus Apóstolos antes de nascerem. Este Chamado é uma Predestinação pessoal que, em momento algum, exclui os demais homens da vida eterna. Nem é motivo de Desprezo nem de Orgulho. Essa Vida é criação de Deus.

Na Redenção de Cristo, todos os homens são chamados, sem distinção de raça, a receber a cidadania do Reino de Deus. Mas o Chamado que se estende sobre Pedro não é o mesmo que se estende sobre o centurião Cornélio. Pedro é chamado a dar, com a sua vida, testemunho da Ressurreição. O centurião Cornélio é chamado a dar testemunho através da sua vida. Num mundo que já recebeu o testemunho de Pedro, Deus estende o testemunho de Cornélio a todos nós. O Confessor, na sua demência calvinista, ignora que este mundo já está em ação e que o testemunho de Pedro foi recebido.

Os Divinos esquecem-se de que aquele Chamado Pessoal sobre os Apóstolos e a sua Geração não se destinava a matar quem não acreditasse no seu Testemunho. O Chamado de Deus é a Ação direta do Criador na sua Criação para o bem de todas as suas criaturas.

Naquele momento, falou-se de Predestinação na Consciência Santa do conhecimento que essa Predestinação implicava. O Testemunho sobre a Ressurreição seria dado com o sangue. Todos iriam ser alvo de perseguição e morte. Essa era a verdade do Espírito que tinham recebido.

Noutros tempos, Deus predestinou David para ser rei, Moisés para ser legislador, Abraão para ser fonte de bênção. Mas Deus nunca predestinou a humanidade à Queda. Isso é satanismo.

A Predestinação é um Ato Pessoal de Deus dirigido a uma ação individual concreta. Ele predestina e dá a Força para superar todos os obstáculos e vencer. Deus não predestina ninguém a matar. Nem cria para gerar vítimas.

E, mais uma vez, confessar isso condena o Criador e amaldiçoa a sua criação quando se diz *«fora do estado de pecado e morte em que se encontram por natureza»*. Ao afirmar isto, afirma-se que o ser humano é pecador por natureza. Daí se deduz que a Criação carrega no seu seio o Pecado. Se assim fosse, que necessidade teria tido Adão de ser enganado, se o Pecado e a Morte já estivessem na sua carne e no seu sangue antes da Queda?

O raciocínio seguinte não é menos falso:

C.W. — «Este chamamento eficaz provém exclusivamente da graça livre e especial de Deus e de nada mais previsto no homem; o qual é, neste aspeto, inteiramente passivo, até que, sendo vivificado e renovado pelo Espírito Santo, seja capacitado, por meio disso, a responder a este chamamento e a receber a graça oferecida e transmitida nele».

C.R.Y&S. — Tanto quanto sabemos, a fé vem primeiro. O contrário — primeiro o Pentecostes e depois a fé que provém da Ressurreição — é uma inversão que nega a necessidade da morte de Cristo. Pois, embora Jesus tenha demonstrado todo o seu poder na esfera da vida quotidiana, ninguém acreditou n'Ele. E aqueles que acreditaram só foram confirmados pela Ressurreição. E só depois desta confirmação da fé é que o Espírito desceu sobre eles. O que é lógico: antes de sermos homens, temos de ser crianças. Se não há criança, não há homem. Talvez noutro mundo o ser adulto saia do ovo já criado e formado. Neste mundo em que vivemos, o único que conhecemos, vem primeiro a fé que dá à luz um filho de Deus e só então, e apenas então, é que este homem se dirige a Deus como Pai.

O que o Confessor diz nesta frase é que «primeiro que Deus me dê, e depois eu responderei ao Seu Chamado». Ora, quem chama é a Esposa e o Espírito, pois sem ambos a Europa nunca teria conhecido Deus, e se não O tivessem conhecido, como teriam os Divinos alcançado a fé, se, por Natureza, o homem é pecador e está destinado à morte?

Por isso, Deus gerou primeiro a Igreja e concedeu aos Padres da Igreja o Espírito dos Apóstolos para que chamassem todos os homens à fé, e nestes Deus interviria pessoalmente para conduzir todas as nações ao seu Conhecimento. Mas predestinar para destruir o que o seu Filho ergueu, isso Deus nunca fez.

Assim se verá no Dia em que Jesus Cristo julgar os pensamentos de todos os homens.

Quanto à frase seguinte, fica-se de boca aberta perante tal tecido de palavras sem sentido. Diz:

C.W. — «As crianças eleitas que morrem na infância são regeneradas e salvas por Cristo por meio do Espírito, que age quando, onde e como quer. Na mesma condição encontram-se todas as pessoas eleitas que são incapazes de serem chamadas externamente pelo ministério da palavra».

C.R.Y&S. — Vejamos: Deus escolhe crianças para morrerem? Para que sejam mortas pelos inimigos dos seus pais escolhidos? É isso que querem dizer?

Ou será que querem dizer que, entre crianças e crianças, Jesus Cristo diz: «Essas sim, deixem-nas aproximar-se de mim; essas outras, não»?

O sangue derramado desde Henrique VIII até à decapitação de Carlos I tinha perturbado o juízo dos ingleses. Não eram apenas os homens o alvo dos seus crimes; agora eram também as crianças. Leiam:

C.W. — «Os outros que não foram escolhidos, embora sejam chamados pelo ministério da Palavra e tenham algumas das manifestações comuns do Espírito, nunca chegam verdadeiramente a Cristo e, por isso, não podem ser salvos; muito menos podem os homens que não professam a religião cristã ser salvos de outra forma, mesmo que sejam diligentes em ajustar as suas vidas à luz da natureza e à lei da religião que professam; e afirmar e sustentar que o podem conseguir assim é muito pernicioso e detestável».

C.R.Y&S. — Num hospital psiquiátrico, este Confessor Divino seria o elemento mais perigoso.

Em resumo, o Confessor declara hereges os católicos e todas as outras confissões internas das igrejas. Proclama-se o único Divino, o único Salvo, o santo radiante, a igreja dos eleitos, o novo Israel que afirmará a sua terra sobre o extermínio de todos os seus inimigos. Homens e crianças, sem distinção. Todos são sementes do Pecado e da Morte. Ninguém deve respeitar a vida por causa da idade. A criança torna-se homem. É melhor matá-la quando ainda não

é perigoso do que esperar que se torne homem e seja um perigo para o Novo Israel Presbiteriano, que atravessará o Mar Vermelho do Atlântico e, estendendo os seus pés sobre a América, exterminará os demónios selvagens do Novo Mundo.

Terrível será o Julgamento de Jesus Cristo sobre toda a igreja e todo o homem que nega o Amor de Deus por toda a Sua Criação e reduz a Sua Redenção a um grupinho de malvados com a bênção para matar os seus irmãos, os homens.

Exponham-se ao seu Juízo e esfreguem-lhe na cara a vossa Confissão, se quiserem. São uns corajosos. Certamente que o Exílio no Inferno, ao qual foi condenado o Maligno e as suas hostes, será um fardo leve para tais heróis que se auto-elevaram à condição de deuses pelo Poder da Espada do deus de Westminster.

Mas se ainda tendes alguma alma, fugi em busca de um padre católico e, de joelhos, pedi-lhe que vos batize. Desde o momento em que rompestes com a Esposa de Cristo, rompestes com o seu Esposo; o vosso batismo não passa de uma paródia. Não recebestes o batismo que provém da fé, mas sim o dos demónios, que, acreditando que Jesus é o Filho de Deus, continuam a cometer os seus crimes como se este conhecimento da Razão Clara Luterana anulasse o Valor Sagrado da Ignorância da fé que provém do Amor a Deus. Conhecer Deus é amá-Lo. Se conhecessem Deus, amá-Lo-iam. Se O amassem, amariam os vossos semelhantes como a vós próprios.

Condenam os vossos irmãos porque não conhecem Deus. Se O conhecessem, cortariam antes as vossas próprias mãos do que empunhar a espada para cortar a orelha do servo dos assassinos de Cristo. Naqueles tempos em que dizer «Jesus é o Senhor» equivalia à pena de morte, essa declaração tornava-o Santo. Querer edificar a santidade desafiando o irmão a matar-te para provar, com o seu sangue, que Jesus é o Senhor, que te predestinou para que mates o teu irmão, é negar Cristo. A vossa defesa do Diabo será a vossa condenação. Deus cria para abrir o Seu Reino a todos, sem distinção. Mas se alguém quiser seguir o exemplo de Satanás e preferir viver como uma raça superior a ser um igual entre iguais, que não pense que, no dia do Juízo Final, cairão lágrimas dos olhos em sua honra.

E, enfim, basta a cada dia o seu próprio esforço.

QUINTA PARTE

O ESPÍRITO DA VERDADE

A verdade é independente das circunstâncias que a rodeiam. Subisse ou não à Cruz, a Verdade não poderia ser mudada, nem tocada, nem alterada, nem negada: o Filho Primogénito e Unigénito de Deus chama-se Jesus Cristo. Este Jesus Cristo é quem, com a sua Palavra Todo-Poderosa, criou a Luz, o Firmamento, as águas, deu forma aos Céus, abençoou toda a vida sobre a face da Terra e, finalmente, convidou todos os seus irmãos, nenhum dos quais deste mundo, a formar o Homem à imagem e semelhança dos filhos de Deus. O facto de este Jesus ter subido ou não à Cruz era irrelevante na ordem da sua verdadeira Natureza Divina. Esta Verdade existia antes de Ele nascer e existe para toda a Eternidade. Por mais que um homem, uma nação, um mundo ou mesmo toda a criação, enlouquecida, negue esta Verdade, esta Verdade é um Facto. E os Factos não podem ser alterados. O facto de sermos homens deve-se à Natureza Humana e esta Verdade não depende de uma convenção assemblear que, a fogo e espada, impõe a sua lei. O Facto é determinado pela Verdade. O facto de Jesus Cristo ser o Filho de Deus é um Facto que não depende de uma assembleia de divinos conspiradores para impor a sua visão do Herói dos Evangelhos. Este facto baseia-se na Verdade de que Deus é o seu Pai, que gerou o seu Igual, este Filho, na sua Natureza Incrriada. Somos humanos porque os nossos pais eram humanos. Tendo Deus como Pai, esse Filho é Deus. Este facto não é alterado por ninguém, porque a verdade é eterna e não depende de ações externas.

É a esta Verdade que devemos recorrer ao colocarmos as palavras dos homens na balança da nossa inteligência. As circunstâncias podem justificar o crime de Caim devido à sua ignorância sobre a Natureza da Promessa Divina de escolher um dos filhos de Eva para vingar a morte do seu pai Adão e recuperar a coroa que lhe foi roubada pelo seu assassino. Mas esta ignorância não altera o Facto do Crime. O juiz pode atenuar a pena devida pelo crime em virtude da força maior de o fraticida ter sido vítima de uma força maior, mas a Justiça não pode fazer desta ignorância um pretexto para anular a sentença estipulada pela lei. O facto existe. A Verdade também. Cabe ao juiz, neste caso ao julgamento crítico, determinar a Verdade na origem do facto.

A verdade é anterior ao facto. O Herói dos Evangelhos não se torna Deus e Nosso Senhor em virtude da sua Cruz. Ele já era Deus e Nosso Senhor antes da sua Encarnação. Ao receber do seu Pai um Novo Nome, Cristo, o Facto adquire uma Nova Glória: Jesus Cristo é Deus, Senhor e Nosso Pai. É para Ele, portanto, que devemos olhar e, através dos olhos da sua Inteligência, ver tudo o que existe e as circunstâncias que o movem. Se esta Unidade de Espírito não existir, o valor das palavras dos homens ajusta-se às circunstâncias e não à Verdade. Mas a Verdade é Tudo. O facto de sermos filhos de Deus depende da Verdade. Se o Nosso Pai não for Deus, então o Facto da nossa Filiação não existe. Se, pelo contrário, formos verdadeiros filhos de Deus, este Facto é

determinado pela Verdade do Facto de Jesus Cristo ser o nosso Pai, Senhor e Deus. E, sendo-o, filhos de Deus, é o Espírito da Verdade, ou seja, o Seu Espírito, que nos afasta do Mundo, para que o Olhar do nosso Pensamento se centre na verdade que está na origem dos atos do homem.

As palavras determinam as ações cuja soma dá origem aos acontecimentos. Por sua vez, a História é a soma de uma multidão de acontecimentos que se desenrolam num mesmo espaço-tempo. Deixar-se levar por este movimento de águas turbulentas que inundam os séculos e conduzem a barca das nações para costas sempre desconhecidas, embora sempre no horizonte, é um exercício de vontade ao nosso alcance. As forças que movem estas águas atuam a partir das profundezas dos séculos. Dominá-las é afastar-se delas. Navegar para águas abertas à luz de um firmamento límpido significa abandonar essas correntes mortas que se movem cegamente e batem no casco da nossa civilização com a naturalidade com que as tempestades trazem e levam chuvas dos oceanos para os continentes e os vulcões libertam um calor que, se fosse armazenado, faria explodir a litosfera. Temos, portanto, de deixar de ser animais e começar a ser filhos de Deus. Criados à Sua Imagem e Semelhança, a nossa inteligência tende a contemplar o universal em virtude daquele que é a nossa origem: Deus.

A partir deste Facto, as palavras ficam nuas e podemos ver o que elas encerram.

Até este capítulo, observou-se um pormenor. O Nome de Jesus Cristo não é pronunciado uma única vez pela Assembleia dos Divinos. Um lapso tolo. Um lapso que, se fosse do Diabo, compreenderíamos sem mais. Não haveria necessidade de dizer nada. Como justificar que esta Assembleia de Divinos apague da sua Mão, da sua Alma, da sua Mente, do seu Coração, da sua Boca o Nome em quem toda a Criação tem o seu ser! Têm a boca cheia do Espírito Santo. E é compreensível, afirmam tê-lo no corpo. São Divinos porque têm o Espírito Santo. Cristo, o Senhor Jesus, são a referência. Mas Jesus Cristo, o Nome em quem Deus Pai tem toda a Sua Glória e no Amor por esse Seu Filho, Jesus Cristo, Deus tem a Sua Felicidade Perfeita; este Nome não o pronunciam, seguem a regra do Diabo. E perguntamo-nos: por que razão será? Jesus Cristo, Deus, Senhor e Nosso Pai, não merece um pedaço de espaço nesta Confissão dos Sábios que, elevando-se à Divindade, afastam Deus e, pela Autoridade que provém do Terror, banem da sua Confissão o Nome perante o qual toda a Casa de Deus se une?

Não importa. O que é a

Verdade? Neste preciso

momento, dizem-nos:

C.W. — «A quem Deus chama eficazmente, também justifica gratuitamente: não através da infusão de justiça neles, mas perdoando-lhes os pecados e considerando-os e aceitando-os como justos, não por algo realizado ou feito por eles, mas

apenas por causa de Cristo; tampouco lhes imputa a própria fé, nem o ato de crer ou qualquer outra obediência evangélica como a sua justiça, mas imputa-lhes a obediência e a satisfação de Cristo, recebendo eles a Cristo e descansando Nele e na Sua justiça por meio da fé, a qual não provém deles próprios, pois é dom de Deus».

C.R.Y&S. — Como não se curvar perante esta sabedoria onisciente infundida!

Que linguagem é esta? O fruto não tem a natureza da árvore? Pode um santo falar a língua dos demónios? Ou, vice-versa, pode um demónio expressar-se como um apóstolo?

Diz: «Àqueles a quem Deus chama eficazmente...»

Ou seja, confessa o signatário, que a Redenção foi uma farsa e os apóstolos uns farsantes, daí se inferindo que Jesus Cristo era falso, pois, ao morrer por todos os homens, carregando todos os pecados do mundo na cruz, onde os enterrou com a sua morte, para que, pelo amor ao seu Nome, todos os crimes e pecados cometidos até então por cada homem fossem apagados e todo o homem ressuscitasse para a vida de um filho de Deus, esta universalidade da Redenção, segundo esta Assembleia de deuses, foi um engano. Mera política divina. Na hora da verdade, é o próprio Deus quem vai tirando as folhas da margarida e se ri na cara de todos os tolos, dizendo: «Tu, sim; tu, não; tu para o Céu, tu para o Inferno». Mas claro, como esses «Tu, para o Céu» são eles, quem fica com o «tu para o Inferno» que se lixe. Não, melhor ainda, há que ajudá-lo a partir. «*Kill'em all*», que os enforcem a todos.

Embora, claro, se Deus chamar efetivamente apenas alguns, será porque a sua eficácia não é assim tão onnipotente, afinal de contas.

A linguagem com que se expressa no resto da frase está tão longe do Espírito Santo como o Céu está do Inferno.

A necessidade de escrever o que os séculos vinham repetindo, de tal forma que povos altamente brutalizados acreditassem ouvir sinos celestiais e, da boca de demónios, coros de anjos, traduziu numa linguagem vil e bastarda aquilo que os Apóstolos e os Padres da Igreja escreveram e pregaram com vozes de quem tem em Deus o seu Mestre. Que a Redenção é Obra e Graça de Cristo, só um bruto pode traduzir para a linguagem de uma besta, de modo a parecer que nem São Tomás nem Santo Agostinho ouviram jamais tal Confissão, própria apenas para deuses. E não a ouviram porque, desde antes da criação do próprio Cosmos, Deus já tinha predestinado o povo britânico a sentar-se à Sua direita, afastando Jesus Cristo do trono que cabia à sua Madrinha, a Virgem Rainha, que nos seus 39 Artigos já tinha estabelecido estas bases ímpias. Cromwell destituiu o rei e os Divinos fecharam fileiras para ocupar o Trono de Jesus Cristo.

Tirem as máscaras, insistem:

C.W. — «A fé, que assim acolhe Cristo e repousa Nele e na Sua justiça, é o único instrumento de justificação. No entanto, a fé não está sozinha na pessoa justificada, mas está sempre acompanhada de todas as outras graças salvadoras, e não é uma fé morta, mas opera por amor».

C.R.Y&S. — Esta sabedoria infundida dos Divinos também não foi conhecida pelos Padres da Teologia, nem pelos católicos nem pelos ortodoxos. Ao parecer destes «seres divinos», quando os Apóstolos subiram aos Céus, os Papas perversos e todos os bispos malignos, com os seus sábios e santos demoníacos, enterraram esta Doutrina nas areias dos séculos, de onde a resgatou aquele Glorioso Rei Inglês, Henrique VIII, deus na Terra, cuja Divindade foi transmitida à sua Filha, a Virgem Rainha Mãe dos Divinos.

Nunca, nem os Orígenes nem os Ambrósios, nem os Crisóstomos nem os Jerónimos, nem os Tomases ouviram jamais esta Graça que, com o seu Sangue, Jesus Cristo conquistou para todos os homens. Que uns rejeitem e outros abraçamos com toda a nossa alma. E todos conservamos a esperança de que todos a abracem e venham para o reino de Deus. Mas cada um sabe de si. A Sabedoria do nosso Deus, Senhor e Pai é imutável: «De que te serve ganhar o mundo se perderes a tua alma?»

O que é surpreendente não é que os lobos uivem, nem que as serpentes rastejem. O que nos abre os olhos é compreender como mentes tão desenvolvidas como as que representam as grandes universidades britânicas e americanas leem isto e ainda assim se ajoelham perante esta manipulação, cuja verdade tem uma única natureza: o terror.

E foi a partir deste Terror perante aquela Assembleia de Divinos que estes continuaram a escrever:

C.W. — «Por meio da sua obediência e morte, Cristo cancelou completamente toda a dívida de todos aqueles que são justificados desta forma, e prestou uma satisfação adequada, real e completa à justiça do seu Pai, em favor deles. No entanto, uma vez que, por causa deles, Cristo foi entregue pelo Pai e a sua obediência e satisfação foram aceites em vez das deles, e ambas gratuitamente e não por qualquer coisa que haja neles; então, a sua justificação é apenas por pura graça, para que tanto a justiça estrita como a rica graça de Deus sejam glorificadas na justificação dos pecadores.

C.R.Y&S. — A manipulação não consiste em traduzir a linguagem dos filhos de Deus para a linguagem das bestas. A maldade reside na redução da Redenção de Jesus Cristo a uma raça de eleitos, nascidos para desfrutar do estatuto de liberdade e riqueza que os distingue daqueles que, além de terem nascido para serem escravos e viverem na pobreza, estão predestinados, desde antes de Deus ter criado os Céus e a Terra, a serem lançados no Inferno.

Será de estranhar que o Diabo não consiga pronunciar o Nome do nosso Jesus Cristo?

Estou a
mentir?

Leiam:

C.W. — «Deus, desde a eternidade, decretou justificar todos os eleitos e, na plenitude dos tempos, Cristo morreu pelos pecados deles e ressuscitou para a sua justificação. No entanto, não são justificados até que Cristo lhes seja realmente aplicado, pelo Espírito Santo, no devido tempo»

C.R.Y&S. — O nazismo desta Raça de Eleitos transpira pela pele de cada letra, de cada palavra desta frase lapidária, na qual, elevando-se ao Trono de Deus, atiram os outros aos pés do trono do Diabo. Mas há ainda mais. Os eleitos são os predestinados única e exclusivamente se se ajoelharem perante os divinos. Daí que se diga: *«No entanto, não são justificados até que Cristo lhes seja realmente aplicado, pelo Espírito Santo, no devido tempo.»*

Não só dizem a Deus para afastar o seu Filho Jesus Cristo da sua Ilha, como também lhe dizem quando deve aplicar os benefícios da Fé àqueles que, desde a Eternidade, predestinou a serem servos desta Assembleia de deuses, escrevendo os seus Artigos com o sangue que jorra das espadas dos exércitos de Cromwell.

Não existe uma Reforma na Igreja, não se considera uma Reforma no Cristianismo. Ocorre uma rebelião contra Jesus Cristo. Acusam-no de não ter retirado a Pedro a sua liderança após as suas negações. A rebelião das nações contra Jesus Cristo formaliza-se na Guerra dos Trinta Anos. O edifício criado por Jesus Cristo é atacado a partir de dentro. A Igreja que Ele ergueu com a Sua Palavra Todo-Poderosa foi exposta a maremotos, dilúvios e terremotos, tal como o Seu Pai Lhe já tinha mostrado na Sua Doutrina do Reino dos Céus.

Como pode ser derrubado aquilo que o Filho da Sabedoria ergue!

A questão ficava no ar: resistiria esta Obra a um terramoto fratricida interno com traços de genocídio sem misericórdia?

Deus permitiu aos Seus filhos dos Céus ver a Divindade do Seu Unigénito, fazendo-O a Estrela da Criação. Aos Seus filhos da Terra, permitiu-lhes vê-la no desdobramento do Todo-Poder que, sem limites, colocou diante dos seus olhos. A todos os homens do Futuro concedeu-nos ver essa Divindade na Invencibilidade da sua Esposa, a Igreja Católica. Atacada incessantemente do exterior pela Morte, superou os primeiros mil anos. Romanos, bárbaros, muçulmanos, um dilúvio de nações unidas na morte contra o Cristianismo chocou-se

contra as Muralhas do seu Reino na Terra. Com o segundo milénio, o ataque destrutivo começou a partir de dentro. O Cisma de Bizâncio, a Reforma e o Império Otomano, ambos unidos com o único objetivo de destruir o Catolicismo. Guerra Mundial Europeia, Revoluções Ideológicas, Guerras Mundiais, Ateísmo Científico. Passaram mil anos de terremotos internos e o Edifício erguido por Jesus Cristo continua de pé. Quem não quer ver n'Ele a Deus é um cego. E pode subscrever esta nova afirmação:

C.W. — «Deus continua a perdoar os pecados daqueles que são justificados; e, embora nunca caiam do estado de justificação, podem, no entanto, devido aos seus pecados, cair na desgraça paterna de Deus, que não lhes restaura a luz do Seu rosto até que se humilhem, confessem os seus pecados, implorem o Seu perdão e renovem a sua fé e arrependimento».

C.R.Y&S. — Mais uma vez, a astúcia deste lobo faminto de poder afasta Jesus Cristo do caminho e conduz os Seus rebanhos para a sua caverna. Jesus Cristo conferiu ao Novo Sacerdócio o poder de perdoar os pecados. Por que razão não iriam eles conferir esse poder uns aos outros?

Ciente de que o rebanho a quem esta Confissão se dirige é um rebanho de ignorantes, conclui este artigo dizendo:

C.W. — «No Antigo Testamento, a justificação dos crentes era, em todos os seus aspetos, a mesma que a justificação dos crentes no Novo Testamento».

C.R.Y&S. — Só alguém inspirado pelo Diabo e tomado pelo ódio a Jesus Cristo poderia e pode repetir e fazer sua esta afirmação. Dizer que a justiça na Lei do Antigo Templo e a Lei da Graça no Novo Templo atuam sob o mesmo princípio de justiça é uma rebelião aberta contra o Filho de Deus, logo: contra Deus Pai. Acreditar que vivem no Espírito Santo aqueles que se levantam contra Deus e o Seu Filho é, mesmo para um ignorante, algo difícil de acreditar.

FILHO DE DEUS

A Criação, enquanto Ato de Revolução, em virtude do qual Deus diz de Si Mesmo: «Fui formado e não haverá outro depois de Mim», determinou a Transferência da Origem do Movimento no Cosmos das Mãos da Sabedoria Criadora para as Suas Mãos. Pela Sua Vitória sobre a Mortalidade, Deus tornou-Se uma única Realidade com o Infinito e a Eternidade.

O Espaço, o Tempo e a Matéria uniram a sua Entidade a Deus enquanto Fonte da Energia da Origem do Novo Cosmos, no qual a Mortalidade, vencida, não tem lugar.

Esta Transferência da Origem teve a sua Fonte no Amor do Ser Divino Incriado pela Vida. Neste Princípio de Paixão e Amor do Criador pela Sua Criação baseia-se a Existência de todos os seres.

Quando Calvino, pai do presbiterianismo e das igrejas puritanas, afirma que Deus tem uma Vontade Bipolar, e que cria uns para serem destruídos e outros para destruírem, os seus discípulos acusam este Deus, Senhor da Sabedoria Criadora, cuja Mão guiou a Formação de Deus na Ciência da Criação, de não ter nada a ver com Jesus Cristo.

Mas nós lemos exatamente o contrário, e apenas aqueles que voluntariamente se cegam a si próprios e cegam os seus filhos para que não vejam o que é evidente; nós lemos com os olhos do nosso Rosto a Declaração da Unidade Eterna entre Jesus Cristo e Deus quando Ele diz: «Quem me vê, vê o Pai».

Ao ver o Criador em Jesus Cristo, e pelo que se vê compreende-se — pelo menos quem tem inteligência, não que os brutos o consigam —, a acusação contra Deus é um bumerangue que se volta contra a cabeça daqueles que, para defender os seus crimes e os seus genocídios, acusam o Criador de ser, ao mesmo tempo, anjo e demónio.

É inútil perder-se em frases longas e dialécticas quando temos o Pai no rosto de Jesus Cristo, e pelo que lemos podemos compreender o que existe.

As perguntas são estrelas a disparar de uma galáxia de inteligência em expansão. As respostas estão na Leitura. A conclusão é firme: quem voltará a acusar Jesus Cristo de ser metade anjo, metade demónio?

Quem acusa Deus de Criar para destruir parte da Sua Criação acusa Jesus Cristo de ser aquele Ser Maligno que, desde antes do início da Criação, sabe a quem vai oferecer o Céu e a quem vai destinar o Inferno no futuro.

Ninguém, a não ser um verdadeiro bruto, pode sustentar esta acusação contra Deus tendo Jesus Cristo diante de si, a não ser que esteja a emprestar a sua voz ao seu inimigo.

É sempre possível rejeitar a Palavra de Jesus Cristo e acusar a Igreja Católica de ter inventado esta Declaração de Unidade Eterna entre Jesus Cristo e Deus, Senhor da Eternidade e do Infinito, Criador do Novo Cosmos, que nos apresenta o seu Verdadeiro e único Rosto no de seu Filho.

O problema é que, para se defender da acusação contra Jesus Cristo e Deus, chamando à Igreja Católica de impostora, manipuladora da Bíblia, na qual se inclui esta Declaração pela qual Jesus Cristo se declara igual a Deus; o problema é que o Texto Original escrito pelos Evangelistas e preservado para todas as igrejas e nações pela Igreja Católica, esse Texto Original existe. E nesse Texto Original lê-se esta declaração de unidade entre Deus e Jesus Cristo.

Sem ir mais longe, os judeus ficaram escandalizados ao ouvir esta declaração. O facto de Jesus Cristo se declarar igual ao Deus Criador foi a base da sentença de morte proferida em Jerusalém.

«Quem vê o Filho, vê o Pai», revela que há um único Deus e duas Pessoas da mesma natureza.

Quem vê Jesus Cristo vê Deus, Pai e Filho. Como, então, acusar Deus de ser metade demónio, metade anjo, tendo-O diante de si?

O ato da criação da vida é, tal como nos revelaram os apóstolos e os seus discípulos, os bispos, um apelo de Deus ao universo para preencher o novo cosmos — que Deus transforma no seu Paraíso — com todo o tipo de seres. Não existe no seu Coração nem uma partícula infinitesimal de sentimento de destruição. A Criação é universal e absolutamente todas as criaturas são trazidas à luz para viverem pela eternidade no Paraíso do seu Criador. Esta é a Doutrina de Jesus Cristo, que acende o espírito dos Apóstolos e inflama o Mundo Romano até à sua Conquista pela Igreja. É esta Visão, em Jesus Cristo, de Deus Pai, Senhor da Sabedoria Criadora, que revoluciona o Mundo Romano e, ao batizar-se segundo o Sacramento Católico, prepara-se para o Dia após a sua Queda.

A acusação de Calvino contra Deus Pai justifica o Diabo e condena Jesus Cristo como mentiroso por se ter feito igual a Deus e por dizer que, ao vê-Lo a Ele, vemos Deus.

«Há tanto tempo que estou convosco, Pedro, e ainda não me vistes?»

A adoção desta acusação maligna — de que Jesus Cristo é um mentiroso —, adotada pela Escócia e pela Inglaterra, conduz estas nações à Guerra Civil e a declarar guerra à Europa Católica, de cuja terra surgiram os Novos Apóstolos que, pela mão de Gregório Magno, atravessaram o Canal para conquistar para o seu Senhor e Rei, Jesus Cristo, um Novo Povo.

Mas continuar a escavar neste túmulo é desenterrar ossos à espera do Juízo deste Jesus Cristo, que os ressuscitará para que Lhe repitam na cara que Ele é um mentiroso, que quem O vê não vê o Pai.

Se, portanto, em Jesus Cristo não existe aquele «deus oculto» da rebelião luterana e calvinista, origem da Igreja Anglicana, mãe da Igreja Presbiteriana e da Igreja Puritana, a Acusação desta Assembleia dos Divinos contra Deus, a quem acusam de predestinar, desde antes da criação dos céus e da terra, uns para o Paraíso e outros para o Inferno, é uma acusação que pesa sobre as suas cabeças e sobre a de todos aqueles que a abraçam; aqueles que não renegam esta acusação e regressam à obediência à unidade do Espírito entre todas as nações cristãs, abraçam o Diabo.

Que Deus predestina alguns para realizar uma tarefa, quem duvida disso?

Esta predestinação entende-se como o pai que tem muitos filhos e chama um para ir fazer uma tarefa, outro para fazer outra, e deixa os restantes em casa. Esta predestinação atua sempre no espírito jesucristiano.

Deus não envia os Seus filhos para a sua destruição. E àqueles que Ele envia, Ele próprio concede toda a força necessária para cumprirem a sua tarefa. Quanto maior for essa tarefa, mais poderosas são as ferramentas que Ele concede aos Seus filhos. Foi isso que vimos no Filho do Homem e, posteriormente, nos Seus Apóstolos. Conforme a tarefa, assim as ferramentas; conforme o fim, assim os meios que Deus coloca à disposição dos seus filhos. Mas, em suma, esta é a doutrina apostólica, segundo a qual Deus predestina por esta razão. Deus antecipa a tarefa a realizar e, por esta razão, gera no homem aquele que a deve realizar.

Qualquer pensamento que vá além desta Doutrina que o Filho de Deus encarna é um pensamento que vai do erro à rebelião e da rebelião à loucura daquele que, para justificar a sua ignorância, se atreve a defender o Diabo, acusando Deus de ser o Autor Intelectual do Acontecimento da Queda.

Deus não predestina o homicídio. Vemo-lo em Jesus Cristo. Ele prefere morrer a matar. Para que esta escolha não se enfraqueça, Deus forma desde o seio materno, para que as forças não vacilem e a obra para a qual se nasceu seja realizada.

A Predestinação é um Ato Particular de Deus, sujeito a um trabalho individual específico. Deus não predestina para que se fiquem de braços cruzados. Vemo-lo nos Profetas. Do ponto de vista do prazer, a vida deles é a vida de um miserável. Sempre expostos à ira do Poder.

Os Apóstolos vivem esta mesma Predestinação Exclusiva. E são dotados da força viva que os conduzirá à ira do Poder.

Daí se vê que não existe uma predestinação para o homicídio. Nem existe uma predestinação em massa, a não ser no seio da Criação Universal, e esta Chamada Universal no seio da Natureza Jesus-Cristiana, que abre o seu Coração a todo o mundo, sem exceção.

A Predestinação, no sentido apostólico, é um ato individual da natureza do pai que envia um filho para realizar a tarefa para a qual este está mais bem preparado do que os seus irmãos, sem que essa escolha implique, de forma alguma, um desdém para com os seus irmãos.

Neste Espírito de Jesus Cristo não cabe o sentido da predestinação conforme entendido por estes «divinos» discípulos de Calvino, que, seguindo a loucura de quem se atreve a acusar Deus de ser o Autor Intelectual da Queda, dizem:

C.W. — «A todos aqueles que são justificados, Deus digna-se a torná-los participantes da graça da adoção em e por meio do seu Filho Unigénito, Jesus Cristo. Por meio desta graça, os justificados são acolhidos no número dos filhos de Deus e desfrutam das suas liberdades e privilégios, são marcados com o nome de Cristo e recebem o Espírito de adoção, têm livre acesso ao trono da graça e são capacitados para clamar: «Abba, Pai». São compadecidos, protegidos, cuidados e castigados por Ele, como por um Pai, mas nunca

são rejeitados, mas sim selados para o dia da redenção e herdam as promessas, como herdeiros da salvação eterna”.

C.R.Y&S. — Nada de novo sob o sol. O Confessor repete o que já se sabe, para logo a seguir isolar-se na sua Ilha do Terror contra o resto do mundo.

Também nada de novo no espírito das trevas. O Confessor eleva-se até ao Trono da Glória de Jesus Cristo. O Confessor senta-se no Trono do Filho de Deus, considera-se igual a Ele.

No seu Orgulho Sangrento, a Criatura senta-se no trono do seu Criador. Não lhe basta a Adoção que provém da fé, mas reivindica a Igualdade com o Filho Unigénito de Deus.

A sua loucura é fatal. Afirma que os filhos de Deus gozam de «liberdades e privilégios» sobre os demais cidadãos do Reino de Deus.

É um bruto, não tem inteligência, não compreende que a negação de Deus ao gozo de «liberdades e privilégios» exclusivos dos deuses foi a negação contra a qual Satanás e os seus irmãos rebeldes se rebelaram. Essa negação de Deus, enquanto Pai, de separar os seus filhos dos cidadãos do seu Reino, elevando-os a liberdades e privilégios negados a toda a sua Criação, essa negação foi a causa que determinou a rebelião contra Deus, primeiro nos Céus e, finalmente, na Terra.

É preciso repeti-lo mil vezes, se necessário. O Primeiro Homem foi uma marioneta nas mãos de seres de outros mundos, filhos de Deus, é verdade, mas Cidadãos de um Reino Universal criado pelo Deus dos Céus, cuja Lei abrange a todos, sem exceção, no âmbito de um direito comum e de uns Deveres Gerais.

Ser filho de Deus não eleva uma criatura acima de outra. O próprio Deus Filho Unigénito, na sua qualidade de Rei, ou seja, Cidadão do Reino do seu Pai, ajoelhou-se perante essa lei pela qual a Paz Universal, estabelecida sobre a Justiça, faz crescer todo o Ser e o sustenta para a vida eterna.

No orgulho que nasce da esmagadora e sangrenta repressão de todos aqueles que se opõem ao seu pensamento, o Confessor une-se ao Diabo na sua «reivindicação do gozo de certas liberdades e privilégios que Deus nega a todos os cidadãos do seu reino, incluindo o Rei, o seu Servo».

O Confessor engana todo o povo e reivindica, como recompensa pela adesão a este Manifesto Diabólico — cuja natureza demencial se esconde por trás da celebração de uma «Assembleia de Santos» —, certas liberdades e privilégios que Deus negou, nega e negará eternamente.

A ignorância selvagem desta Assembleia de brutos divinos atinge o seu auge quando afirma que os seus adoradores *«são selados para o dia da redenção e herdam as promessas, como herdeiros da salvação eterna»*.

Esta Assembleia afirma que a Redenção ainda não ocorreu. Na sua bestialidade, declara a predestinação anterior à Redenção, tornando assim desnecessário o Sacrifício do Cordeiro de Deus, já realizado; por lógica, nega a Missa e declara-a um ato satânico.

Lógico. Quem tem no Diabo a fonte do seu pensamento, é lógico que declare a Missa um ato diabólico e negue a Redenção como Fato Consumado, fato que se produzirá no futuro, e então, nesse futuro, esta Assembleia de Divinos Predestinados ao homicídio em massa de todos os cristãos das Ilhas, críticos em relação a esta elevação dos «Divinos» ao trono do seu rei, serão herdeiros das promessas da Salvação.

O que nos leva a perguntar: que promessas são essas? Pois, pela Mão da sua Igreja, a Promessa de Jesus Cristo à Fé é a vida eterna. De que promessas falam estas bestas?

De que liberdades e privilégios querem desfrutar «estes divinos» que possam superar uma vida eterna à luz da Lei de um reino cuja Justiça tem no Amor do Criador pela sua Criação o seu Coração, a sua Fonte, a sua Estrela?

Os signatários estavam no seu perfeito juízo?

Estão bem da cabeça aqueles que aderem a esta Declaração de Rebelião contra a Igualdade de todos os cidadãos, independentemente da sua situação social no Reino de Jesus Cristo?

Ou não ouviram o que está escrito?: «O meu Reino não é deste Mundo».

No Seu Reino não há liberdades exclusivas nem privilégios particulares. Todos, por Direito da Criação, somos filhos de Deus, e todos, sem exceção, gozamos das mesmas liberdades no âmbito do Direito Universal, no qual não há lugar para privilégios de um cidadão sobre os outros.

Aqueles que se declaram divinos deveriam saber isto. Mas aqueles que, ao verem Jesus Cristo, não vêem Deus, é natural que procurem no Diabo a imagem do seu pai. Daí que cada um deva questionar-se sobre o que vê de mal neste Jesus Cristo e em que pode acusá-lo de ser um demónio depravado que escolheu os seus discípulos para os predestinar ao martírio.

A partir da mentalidade do Diabo, partilhada por Calvino e os seus discípulos, a Predestinação Apostólica de Jesus Cristo poderia ser comparada à Queda.

Os Escolhidos por Jesus Cristo confiavam em ser os ministros do rei, filho de David; seguiram o Messias como os heróis que acompanham David até ao seu trono e, quando foram colher os frutos da glória sonhada, viram-se nas garras dos leões, na vanguarda de um povo inocente entregue ao matadouro.

Em suma, foi isso que veio a acontecer no Acontecimento da Queda. O primeiro reino que surge na História avança rumo a uma Civilização Mundial que abrangerá todas as famílias da Terra. Não há nuvens no horizonte. O Futuro é brilhante. O Paraíso estenderá a sua Lei às Quatro Regiões. Glória abençoada é o que espera a Casa do rei.

De repente, o firmamento reveste-se de negro. O rei é levado ao Calvário como mais um criminoso. O Escolhido é condenado à morte como mais um traidor. As trevas cobrem o mundo. O sonho transforma-se num pesadelo.

Já é tarde demais para recuar. O que acontecerá agora? A questão paira nas suas mentes. Eles sabem que Deus os predestinou para seguirem o seu Mestre até à Cruz. Irão ou não irão?

É aqui que nasce a ideia da Predestinação. Quem quer ser predestinado?

Os Profetas morrem e levam vidas miseráveis. Os Apóstolos vivem com a Cruz. Não vemos que Deus predestine ninguém a matar o seu irmão, nem a cometer o genocídio dos seus vizinhos. Quando Deus predestina, fá-lo para o Calvário, para um caminho longo e estreito que ninguém, exceto aquele a quem Ele predestinou desde o seio dos seus pais, pode sonhar em percorrer. Vencer e erguer-se como Vencedor.

Deus não predestina o Diabo a traí-Lo. Satanás predestina-se a si próprio ao homicídio a partir do momento em que se levanta contra a Lei do Criador: «Não declararás guerra ao teu irmão. Não lhe mentirás. Não o enganarás. Não terás inveja dele. Não darás falso testemunho...». Não é a Lei de Moisés, é a Lei do Criador para toda a Sua Criação, que, articulada como Reino, faz de todos os povos os seus cidadãos.

Não há liberdades nem privilégios para ninguém que não sejam as liberdades e os privilégios que provêm do Direito Universal.

O Direito da Criação é restaurado pela fé em Jesus Cristo e, ao tornarmo-nos cidadãos do seu reino, desfrutamos dos Direitos Divinos à Liberdade, à Paz e à Vida eterna. Que mais poderia a sua Criação pedir!

Sentar-se no Trono da Glória do Rei?

Foi esta a inveja que moveu Satanás: querer sentar-se no trono de Jesus. Que cada um se julgue a si mesmo. Quem se submeter a ser julgado, que trema.

O julgamento de Deus sobre todos os que seguem Calvino, seja do presbiterianismo, do anglicanismo ou do puritanismo, que acusam Deus de predestinação bipolar maligna, é: «Exílio eterno do Seu Reino e da Sua Criação».

Reconhecer o erro não é permanecer na posição conquistada com o sangue dos irmãos. Deus quis que a Sua Misericórdia se manifestasse na unificação de todas as igrejas na Árvore da Vida, cujo tronco é a Igreja Católica.

A Igreja é a Vinha, Deus é o Viticultor. Este já tem na mão o machado com o qual cortará os ramos mortos.

Cada um escolhe a sua predestinação: uns para a Vida, outros para a Morte. Deus chama; Ele não predestina senão aquele que Lhe serve de Voz.

A SANTIFICAÇÃO

Todos e cada um dos homens e mulheres que participaram nas Reformas, sejam papas pornocratas, cujas culpas desonraram o Nome de Jesus Cristo, sejam reis autores de homicídios em série, sejam teólogos que apelam à guerra de extermínio dos cristãos de sempre, sejam militares genocidas, todos, sem exceção, terão de responder perante o Juiz a quem desprezaram e cujo Nome mancharam com as suas guerras, as suas prostituições e os seus pensamentos demenciais.

Mas se há algo que maravilha e constitui motivo suficiente para erguer todo um monumento à ciência do comportamento psicopático do pensamento religioso, é este artigo SOBRE A SANTIDADE, no qual homens que passaram meio século a devorar-se uns aos outros se atreveram a levar a sua desvergonha, a sua hipocrisia e o seu desprezo contra o próprio Jesus Cristo, contra quem escreveram um artigo a pedir a abolição do ato de se ajoelhar perante o seu Nome.

É realmente curiosa a história da Revolução Religiosa Inglesa.

Igualmente curioso é o método dos historiadores.

Aqueles que vencem escrevem a História de acordo com os seus interesses, ocultando os seus crimes no mérito que supõe matar aqueles que clamavam a gritos para serem assassinados. Os carrascos erguem-se como o bastão do Poder Divino.

Mas a História acaba por libertar-se das masmorras onde os reis e os seus adoradores a aprisionam, e a Verdade vem à luz, para vergonha e humilhação daqueles que levaram a sua loucura assassina ao ponto de santificar as suas mãos, mergulhando-as no prato de Pilatos.

A História dos séculos XVI e XVII ingleses foi uma orgia fratricida que as Escolas de Historiadores Oficiais do Reino Unido quiseram ocultar em categorias religiosas, como se, por ser católico, o inglês perdesse ipso facto o Sangue dos seus antepassados. Matar católicos não era um ato fratricida. Quando, mais tarde, os católicos deram início à vingança, eram os ingleses que morriam. Quando os anglicanos empunharam o machado do sangue contra católicos e anabatistas, e os presbiterianos contra os anglicanos e os católicos, e mais tarde os puritanos contra todos, parece que não foram os ingleses que foram massacrados repetidamente pelos seus próprios irmãos.

Devemos reconhecer uma virtude no historiador inglês. A sua escola marcou uma época por ser capaz de apagar da memória do Reino Unido as suas crónicas fratricidas e saber apresentar os seus genocídios como odisséias divinas. Poucas escolas de historiadores podem gabar-se de ter alcançado tal técnica de lavagem cerebral nacional.

Mas, como digo, a História está lá para ser lida. A revolução da comunicação através da Internet desbloqueou o acesso à memória das nações. A leitura da memória da Inglaterra, desde Henrique VIII até à morte de Carlos I, é uma maravilha de manipulação grotesca. A verdadeira natureza daquelas hordas religiosas assassinas que Henrique VIII desencadeou nas Ilhas Britânicas revela-se na escolha que tantos fizeram de preferir o exílio voluntário do outro lado do oceano a continuar a sofrer o inferno em que a Inglaterra da Reforma se tinha transformado.

A maravilha reside no fenómeno da transformação de um Século de Terror Fratricida numa Lenda Épica.

No final, perguntamo-nos: e tudo isto para
quê? A resposta é clássica: tudo por causa de
uma mulher.

Aquele assassino em série que matava rainhas para culpar as suas vítimas pela sua demência sífilítica não foi homem o suficiente para ser um divorciado feliz. A sua demência assassina espalhou-se como fogo e o povo britânico confirmou o ditado: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança», de tal forma que, retirando Jesus Cristo como modelo e colocando um servo do Diabo, as famosas crónicas da Revolução Religiosa Inglesa acabaram por ser os feitos bélicos de hordas de Caim famintos pela carne e pelo sangue de Abel, os seus irmãos. A confissão não era importante; o importante era a orgia fratricida.

Um século de perseguições constantes entre ingleses de nascimento e de origem, cujos pais remontavam as suas origens cristãs a séculos, trouxe a Westminster uma Assembleia de pseudoteólogos com as vestes cobertas de sangue, para falar de santidade. Imaginemos:

C.W. – «Aqueles que são efetivamente chamados e regenerados, ao terem um novo coração e um novo espírito criados neles, são também santificados de forma real e pessoal, em virtude da morte e ressurreição de Cristo, pela sua Palavra e pelo seu Espírito que habita neles: o domínio de todo o corpo do pecado é destruído, e os diversos desejos deste são enfraquecidos e mortificados cada vez mais. Assim, os santificados são vivificados e fortalecidos cada vez mais em todas as graças salvíficas, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor. Esta santificação abrange cada parte da pessoa na sua totalidade; mas é incompleta nesta vida, pois ainda subsistem alguns resquícios de corrupção em cada uma das suas partes; daí surge uma guerra contínua e irreconciliável: os desejos da carne contra o Espírito, e o Espírito contra a carne. Nessa guerra, embora os vestígios da corrupção prevaleçam em grande medida durante algum tempo, a parte regenerada acaba por vencer, graças ao fornecimento contínuo da força do

Espírito santificador de Cristo; de forma que os santos cresçam na graça, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus»

C.R.Y&S. — Não é alucinante que a santificação se baseie no número de crimes que, em nome da Igreja Nacional, são cometidos contra o sangue dos irmãos?

Eles vinham de se devorar uns aos outros. O mais santo entre eles era aquele que mais carne humana tinha devorado e mais sangue inglês tinha bebido.

O zelo pela religião manifestava-se através do crime fratricida. Especialistas hipócritas encobriam os seus crimes com a santidade que provém desse zelo pela religião da ilha, que ordenava a morte de todos os inimigos daqueles que, naquele momento, subiam ao trono da glória. E estes assassinos dos seus irmãos, com as vestes a escorrer sangue, o sangue dos seus irmãos ainda fresco, ousavam falar de santidade em nome da religião nacional.

«Aqueles que são efetivamente chamados e regenerados...», dizem eles. Segundo isto, o Chamado de Deus à Fé é apenas parcialmente todo-poderoso. Não é plenamente eficaz. A eficácia do Chamado Divino é relativa. A sua eficácia depende do homem. Não é Graça Divina. Não é o Todo-Poder daquele que chama que o torna «eficaz», é a resposta do homem que tem misericórdia de Deus e o torna «eficaz», para que a sua Palavra não se revele impotente.

Eficácia que, de qualquer forma, *«é incompleta nesta vida»*. Daí se depreende que só será completa, na opinião destes Caim consumados, quando todos os Abel forem extirpados. Nesta vida, isso é impossível. Reconhece o Confessor. Na outra vida, esta santificação, que provém da eliminação universal e absoluta dos hereges católicos e de outras espécies cristãs, será completa.

Mas será que a inteligência presbiteriana é realmente tão limitada a ponto de permanecer impotente e ajoelhar-se perante aquele a quem lhes foi proibido ajoelhar-se, Jesus Cristo?

É realmente espantoso ver estas congregações presbiterianas em que todos permanecem sentados e ninguém se ajoelha perante o Rei dos Céus e Senhor do Universo, Jesus Cristo.

A resposta está aqui:

No culto da Igreja, foram apresentadas as objeções habituais do partido puritano. O sinal da cruz não devia ser feito durante a cerimónia do Santo Batismo. A reverência ao Nome de Jesus não devia ser imposta.

Estas duas medidas essenciais, sem as quais não existe o cristão, nem a Igreja: batizar em nome da Cruz e ajoelhar-se perante o Rei dos Céus (entre outras tão anticristãs como estas duas), foram apresentadas a Jaime I. Após a Guerra Civil, a religião triunfante de Cromwell batiza não em nome da Cruz e abole a

Adoração do Nome de Jesus. As igrejas presbiterianas transplantadas para as Américas continuaram essa atitude anticristã na qual se descobre, segundo tais discípulos do Maligno, a santidade dos santos.

E estes hipócritas falam de Santidade no Artigo Treze desta Confissão. Abominam a

Cruz, Origem do Cristão, e proíbem a veneração do Nome do Filho de Deus, Jesus Cristo, em quem habita o Espírito Santo. E, maravilha das maravilhas, declaram-se mais cristãos do que o próprio Cristo.

A Santidade de que falaram estes «divinos» e a Santidade a que Deus se refere quando diz: «Sede santos, porque eu sou santo», são dois mundos tão diferentes como o Céu o é do Inferno.

Será necessário dizer mais alguma coisa sobre a origem deste

Capítulo 13? Vejam os seguintes:

A FÉ SALVADORA

C.W. — «A graça da fé, por meio da qual os eleitos são capacitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra do Espírito de Cristo nos seus corações e é normalmente efetuada pelo ministério da Palavra. Por ela também, e pela administração dos sacramentos e pela oração, a graça da fé é aumentada e fortalecida.

C.R.Y&S. — Por meio desta fé, o cristão acredita que tudo o que está revelado na Palavra é verdadeiro, pela autoridade do próprio Deus que nela fala; e age de forma diferente consoante o que cada passagem em particular contém, produzindo obediência aos seus mandamentos, temor perante as suas ameaças e aceitação das promessas de Deus para esta vida e para a vida futura. Mas os principais atos da fé salvadora são: aceitar, receber e descansar exclusivamente em Cristo para a justificação, a santificação e a vida eterna, em virtude da aliança da graça.

Esta fé varia em graus, podendo ser fraca ou forte. Pode ser atacada e enfraquecida com frequência e de muitas maneiras, mas obtém a vitória; e, em muitos, cresce até alcançar uma segurança completa por meio de Cristo, que é o autor e consumidor da fé”.

E eu digo: Ora, se a Palavra de Deus é verdadeira, como se nega a Vontade do Pai, que é que o Filho seja adorado tal como Deus é adorado?: «Quem não adora o Filho, não adora o Pai».

E como o adorará aquele que proíbe que se dobrem os joelhos perante a Majestade Divina de Jesus Cristo, em veneração ao seu Nome?

O hipócrita é aquele que ordena que se faça o que diz, mas ele próprio não faz o que ordena aos outros. Este, em particular, ordena que se acredite na Palavra de Deus e, no entanto, recusa-se a dobrar os joelhos perante o Filho de Deus, o Nosso Rei Eterno, a quem o seu Pai concedeu o Poder Absoluto sobre a Vida de toda a Sua Criação.

O Decreto do Senhor do Cosmos está escrito: «Todo o joelho se dobrará perante o Rei, o meu Filho Amado». Decreto do qual se entende que quem não dobrar os joelhos perante o seu Filho não entrará no Seu Reino.

Foi esta negação que provocou o exílio daquele que foi criado e formado para ser filho de Deus e que, na sua inveja do Primogénito, se recusou a submeter-se à Sua Coroa.

«Nada salva nem ninguém tem salvação senão no Nome de Jesus Cristo, perante quem toda a Criação se ajoelha», diz Deus. Mas esta Assembleia de Hipócritas nega a Adoração do Nome no qual toda a Criatura tem a vida eterna. Daí que, no presbiterianismo, ninguém se ajoelhe perante o Filho de Deus. E, por não o fazer, nem um único, nem o mais santo nem o menos santo, entrará no Reino de Deus.

Analisar a palavra que sai da boca de Satanás é um exercício de orgulho que conduz à perdição, e por isso o Filho de Deus diz a Satanás: «Vade retro».

Exemplo que seguirei à risca sempre que o Diabo me convidar a analisar o que, perante Deus, é inconfessável.

É maravilhoso que um bruto se considere um deus, mas é ainda mais maravilhoso que toda uma nação, que se recusa a ajoelhar-se perante o Deus que, com a Sua Palavra Todo-Poderosa, criou a Luz, o Firmamento e tudo o que a Terra vê, se ajoelhe perante esse bruto.

No exercício da sua brutalidade divina, continua a escrever «contra o poder de perdoar os pecados por Jesus Cristo, concedido aos seus sacerdotes»

O PECADO CONTRA DEUS

C.W. — «O arrependimento para a vida é uma graça evangélica, cuja doutrina, tal como a da fé em Cristo, deve ser pregada por todo o ministro do Evangelho. Através deste arrependimento, um pecador, movido não só pela visão e pela sensação do perigo, mas também pela imundície e pela repugnância dos seus pecados — uma vez que são contrários à natureza santa e justa da lei de Deus — e ao compreender a misericórdia de Deus em Cristo para com os arrependidos, entristece-se por causa dos seus pecados e abomina-os de tal forma que renuncia a todos eles e se volta para Deus, propondo-se e procurando caminhar com Ele em todos os caminhos dos Seus mandamentos.

Embora não se deva confiar no arrependimento, como se fosse uma satisfação pelo pecado, ou uma causa do seu perdão, pois o perdão é um ato da graça gratuita de Deus em Cristo; no entanto, o arrependimento é de tal necessidade para todos os pecadores, que ninguém pode esperar ser perdoado sem ele. Assim como não há pecado tão pequeno que não mereça a condenação, da mesma forma, não há pecado tão grande que possa trazer condenação sobre aqueles que se arrependem verdadeiramente. O ser humano não deve contentar-se com um arrependimento geral, mas é dever de cada pessoa procurar arrepender-se de cada um dos seus pecados em particular. Assim como todo o ser humano é obrigado a confessar os seus pecados a Deus em privado, orando pelo perdão dos mesmos; pois, ao fazê-lo e ao afastar-se deles, encontrará misericórdia; da mesma forma, aquele que escandaliza o seu irmão ou a Igreja de Cristo deve estar disposto a declarar o seu arrependimento àqueles que ofendeu, em público ou em privado, por meio da confissão e da demonstração de pesar pelo seu pecado, e, em seguida, os ofendidos devem reconciliar-se com ele e recebê-lo com amor».

C.R.Y&S. — Do que é que «os teólogos» estão a falar? Estariam eles fora de si ou é quem lhes dá ouvidos que está?

Para se arrepender dos erros que se cometem, independentemente da sua natureza, é preciso ter a graça evangélica? Seriam os ingleses tão ignorantes naquela época?

E qual é essa doutrina da Fé em Cristo que não é a de Jesus, segundo a qual Ele concedeu o poder de perdoar os pecados aos seus sacerdotes?

Está escrito: «A quem perdoardes os pecados, serão perdoados»

E a Igreja do Novo Sacerdócio, gerada por Deus, morreu com os Discípulos, ou foi erigida para viver até ao fim dos séculos?

Como é que alguém se atreve a calar a boca a Deus? Onde fica este Poder Sagrado, concedido por Deus aos seus Servos, os Sacerdotes do Templo de Cristo, nesta doutrina dos «divinos»?

Detestavam Deus por ter concedido aos latinos este Poder Sagrado ou por não ter esperado pelos anglo-saxões para resgatar o Seu Filho?

Tal como aqueles Doutores da Lei que anulavam a Lei de Moisés por meio de uma centena de artimanhas malignas, estes novos doutores anulam o Poder da Lei de Jesus Cristo recorrendo a um novo caminho: o do terror face ao seu compromisso sagrado com o crime e o extermínio de todos aqueles que se atrevam a dobrar os joelhos perante o Rei dos Céus e a manter-se de pé perante os reis dos «divinos».

Toda a verborreia deste Artigo 14.º dos confessores tem um único objetivo: desprezar Jesus Cristo, negar o Poder de Perdoar os Pecados concedido por Deus ao Novo Sacerdócio. Como hipócrita que é, o confessor perde-se em palavras tolas,

conhecimento da elevada brutalidade intelectual do povo britânico da época. Os Valentes tinham sido assassinados. Era a Hora do reino dos cobardes.

O que é pecado e o que não é, é uma questão da Doutrina da Igreja. Negar que a corrupção sacerdotal utilizasse esse Poder Divino para fins anticristãos, como as indulgências por dinheiro, atribuindo um preço a uma Graça concedida gratuitamente, é próprio de cobardes sem cérebro. Mas negar este Poder como Graça concedida por Deus, Pai e Filho em Unidade Perfeita, ao Sacerdócio Apostólico Cristão, herança do Esposo à sua Esposa, a Igreja Católica, não é próprio de cobardes, é próprio de suicidas altamente perigosos, o suicida que quer arrastar todo o mundo para a sua força.

A doutrina de todos os filhos de Deus, de ontem e de hoje, sobre o Pecado é firme. O Pecado, se não for confessado e perdoado por Deus em Cristo, conduz à Morte. E quando dizemos «à Morte», não nos referimos ao túmulo, mas à perda da alma. Sobre o que há muito a dizer e será dito no devido tempo. Basta dizer agora que, estando todos expostos à lei deste mundo, perseguidos enquanto filhos de Deus pela Morte, Deus não quis abandonar-nos à nossa sorte no campo de batalha, mas dispôs que as nossas feridas sarassem e as nossas almas regressassem fortalecidas ao campo de batalha de onde fomos retirados por algum tempo, para que agora, com a experiência do inimigo, o nosso grito seja recompensado com os méados da vitória. Este é o Poder do Perdão dos Pecados que Deus dispôs para aqueles que, feridos pela Morte no campo de batalha e retirados para recuperar forças, uma vez revividos, sejamos a sua glória perante todos os homens. E em que casa um filho se recuperaria melhor das suas feridas do que na do seu pai, e quem consolaria melhor o seu sofrimento do que a sua própria mãe? Por isso, Deus dispôs que a Igreja fosse Mãe e que os seus filhos não se sentissem abandonados em consequência das feridas sofridas pelo aguilhão da Morte.

Mas o que poderiam compreender deste Amor de Pai aqueles que se levantaram contra esse Pai para-Lhe negar a Sua Divindade e a Sua Glória, e contra a Sua Esposa abriram as suas bocas para que o Diabo expressasse o seu ódio contra o Rei dos Céus?

Grande e terrível será o Juízo contra aqueles que perseverarem na sua Confissão.

Contra eles e os seus discípulos presbiterianos de todo o mundo, a Doutrina de Deus e dos seus Servos e filhos permanece invicta: só Deus pode perdoar os pecados contra Deus.

A mal chamada Reforma foi, em todos os seus aspetos, um crime contra Deus: crime que só a confissão perante Cristo, ou seja, perante o sacerdote católico, pode ser perdoado. Quem não dobrar os joelhos perante Cristo, perecerá. Como se verá no Dia em que o meu Pai julgar «todos os santos».

JESUS CRISTO

A Reforma trouxe ao mundo um desprezo absoluto pelo modelo que Deus nos deu, para o qual devemos seguir e construir a nossa vida, para o bem da nossa alma eterna e do nosso ser como pessoas.

Se, no início, Deus nos deu os Seus filhos como imagem, uma vez superada a Queda e consumada a Redenção, deu-nos um Modelo de Eternidade ao qual se submete absolutamente toda a criatura. Deus poderia ter-nos dado outro filho para nos servir de Modelo, de Mestre, mas, sendo o seu Filho o Original a quem toda a sua Casa se conforma e tem por Espelho no qual se contempla e vê Deus no seu Ser, deu-nos o Filho na Carne para que, tendo-o em nós como Homem, nos inclinemos para Ele e, na medida das nossas forças — que são todas no Amor —, reconhecendo Deus em nós o seu Filho, se erga como Pai, e a Adoção seja perfeita, Plena e Eterna.

As nossas obras são as obras do Filho de Deus, o nosso Mestre, que, buscando a salvação de todos os homens na Verdade, nos tornou herdeiros da sua Doutrina, pela qual o seu Espírito é o nosso e a sua Busca é a nossa. Fora desta Doutrina não há filho nem servo de Deus.

Que obra boa maior há do que cumprir a Vontade de Deus? E essa Vontade é que todo o mundo se salve. E esta salvação consiste em que todo o mundo creia em Jesus Cristo.

Sendo toda a nossa existência ordenada a este propósito, a Vida torna-se Lei com a naturalidade da árvore que dá o seu fruto. Quem é Lutero, ou Calvino, ou qualquer outro homem, para erguer um muro entre nós e a Imagem da qual vivemos, e prender-nos com grilhões e correntes a convenções nacionais e confissões ideológicas aplicadas a questões eclesásticas? Não é todo o cristão um cidadão do Reino dos Céus? Obedeceremos aos reis e aos poderes da Terra ou ao Rei dos Céus?

A única obra de que Deus se gloria no homem é que o mundo creia no seu Filho. Árvore que dá o seu fruto, o fruto desta árvore temos-no vivo no Evangelho do Espírito Santo. Basta fazermos o que o Herói dos Evangelhos fez para que sejamos, para Deus, a sua glória perante os homens. «Dar de comer ao faminto, vestir o nu, consolar quem chora, visitar os doentes...» Estas são as obras pelas quais o homem é bom ou mau perante o seu Criador. Tudo o resto são doutrinas de hipócritas, como a daquele herói da Reforma que quis acabar com os pobres, encarcerando-os a todos.

Assim, esta Confissão dos Divinos afastou-se de Jesus Cristo, a quem já baniram da sua confissão, cujo Nome não mencionaram nem uma única vez, e, revestindo-se de espíritos angelicais, todos bondosos, dizem aos ignorantes o que é uma boa obra e o que não o é.

No fim de contas, essa boa obra consistia em dar-lhes o Poder e o Ouro.

Mas leiamos:

C.W. — «Boas obras são apenas aquelas que o Senhor ordenou na Sua santa Palavra, e não aquelas que, sem a autoridade da Palavra, são inventadas pelos seres humanos, devido a um entusiasmo cego ou sob qualquer pretexto de boa intenção. Essas boas obras realizadas em obediência aos mandamentos de Deus são os frutos e as evidências de uma fé viva e verdadeira: por meio delas, os crentes manifestam a sua gratidão, fortalecem a sua confiança, edificam os seus irmãos, adornam a profissão do evangelho, calam a boca dos seus adversários e glorificam a Deus; são obra Sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, a fim de que, dando fruto para a santidade, tenham como fim a vida eterna. A capacidade dos crentes para praticar boas obras não provém de forma alguma deles próprios, mas totalmente do Espírito de Cristo. E para que sejam capacitados para boas obras, para além das graças que já receberam, é necessária a influência real do próprio Espírito Santo, que opera neles o querer e o fazer segundo a sua boa vontade: no entanto, não devem tornar-se negligentes, como se não fossem obrigados a cumprir qualquer dever, a menos que haja um impulso especial do Espírito; mas devem ser diligentes em reavivar a graça de Deus que está neles. Aqueles que, pela sua obediência, alcançam o nível mais elevado possível nesta vida, estão longe de ser capazes de fazer mais do que Deus exige, pois falham grandemente no cumprimento do que, por dever, são obrigados a fazer. Através das nossas melhores obras, não podemos merecer o perdão dos pecados ou a vida eterna da parte de Deus, devido à grande desproporção que existe entre elas e a glória vindoura; e devido à distância infinita que existe entre nós e Deus, a quem não podemos beneficiar, nem satisfazer pela dívida dos nossos pecados anteriores; pelo contrário, quando tivermos feito tudo o que podemos, não teremos feito senão o que nos cabe por dever, e seremos servos inúteis; e porque, na medida em que são boas, provêm do Seu Espírito, e, uma vez que são feitas por nós, estão manchadas e misturadas com tanta fraqueza e imperfeição, que não podem suportar a severidade do julgamento de Deus.

No entanto, ao serem aceites as pessoas dos crentes por meio de Cristo, as suas boas obras também são aceites n'Ele, não como se as suas boas obras fossem, nesta vida, inteiramente irrepreensíveis e inquestionáveis aos olhos de Deus; mas porque Deus, contemplando-as no Seu Filho, se agrada em aceitar e recompensar aquilo que é sincero, ainda que acompanhado de muitas fraquezas e imperfeições. As obras realizadas por pessoas não regeneradas, embora, na sua essência, sejam coisas que Deus ordena e sejam de utilidade para si próprias e para os outros; no entanto, uma vez que não provêm de um coração purificado pela fé, não são feitas de forma correta, de acordo com a Palavra, nem para um fim correto, que é a glória de Deus. Portanto, estas obras são pecaminosas e não podem agradar a Deus, nem tornam uma pessoa apta a receber a graça de Deus; e, no entanto, a sua negligência em relação às boas obras é mais pecaminosa e desagradável aos olhos de Deus”.

C.R.Y&S. — Palavras das quais se depreende que a Obra de Deus, acreditar no Seu Filho, não tem qualquer valor. A verdadeira boa obra que se reivindica na Rebelião Inglesa contra Jesus Cristo é acreditar naquele que detém a Espada do terror. E é à ponta dessa espada que se dita o que são boas obras: de modo algum aquelas que são feitas à imagem de Jesus Cristo, mas sim as que são feitas à imagem da Lei de Moisés. Daí se vê que, ao desprezar a Lei de Cristo e regressar à Lei de Moisés como medida do Bem e do Mal, a Reforma foi uma rebelião contra Jesus.

A Imagem e Semelhança de Deus, à qual toda a Criação é chamada, é Jesus Cristo. E é esta Imagem que dá o seu fruto no Homem. A natureza da qual não tem na Lei de Moisés a sua raiz.

Moisés baseou a relação do hebreu com Deus no terror. Jesus Cristo baseou-a no amor. No primeiro, o temor a Deus tem a sua origem no terror a um Ser Divino a quem é impossível enganar. No segundo, o temor transforma-se naquele medo que quem ama sente de perder aquele que ama.

Dois mundos, portanto, muito diferentes. A Reforma preferiu o primeiro e abominou o segundo.

A partir desta escolha, a espada do Terror dita o que é boa obra e o que não o é.

O Pecado é grande. O Julgamento sobre ele será terrível. Quem se atrever a confessar esta escolha perante o Juiz Universal, que o faça. Quem se arrepender, que siga o exemplo de todas as ovelhas do Rebanho de Cristo e recorra ao Sacerdote para pedir Perdão por um Crime tão absurdo: desprezar Jesus e abominar Moisés.

É bom amar o irmão, mas maior ainda é amar o inimigo.

SEXTA PARTE

O DIREITO DIVINO À LIBERDADE E

O DEVER DE REVOLTA CONTRA A TIRANIA

Da leitura desta Confissão depreende-se que a Rebelião Presbiteriana impôs um novo modelo de religião, segundo o qual o judaico-cristianismo

, derrotado pela Igreja Católica, foi resgatado sob a ideologia da superioridade de uma raça anglo-saxónica que transforma Cristo na força que permite cumprir o que aos judeus foi impossível: viver sob a Lei de Moisés.

O regresso do puritanismo ao sábado judaico, a sua rejeição da cruz no batismo, a sua recusa em venerar o nome de Jesus Cristo, demonstram que a Rebelião Anglicana foi degenerando ao longo das décadas até se transformar numa religião isolacionista de carácter pronazi, que se erigiu sobre a letra da Bíblia como fundadora de uma nova religião, na qual a Lei do Decálogo anula a Lei de Cristo, e este passa a ser um deus totémico para justificar, no Novo Templo, o Ódio como fundamento da sua existência.

A Lei do Amor, a Lei de Cristo, é rejeitada e substituída pela Lei do Ódio. O ódio ao católico, o ódio à Europa católica, o ódio ao espanhol, ao francês e ao italiano — os três pilares da civilização europeia ao longo de 1 500 anos — é elevado a artigo de fé que distingue os novos santos e os separa da velha escola dos Santos Padres da Igreja, a quem condena como hereges predestinados ao inferno.

A descoberta é revolucionária. Calvino descobre que 1 500 anos a viver e a morrer por Jesus Cristo têm sido uma majestosa afronta ao Deus Oculto da Reforma. Este retira a Bíblia das mãos destas três nações e entrega-a aos seus novos adoradores, condenando ao inferno os seus antigos portadores.

Calvino e os seus adoradores morrem de rir e gozam com os predestinados ao inferno.

Segundo Calvino e os seus huguenotes britânicos, Deus ridicularizou os católicos. Durante

1 500 anos, escondeu-lhes que o destino da Bíblia era ser entregue a Lutero. Este facto é-lhes retribuído com o Inferno. Ao seu Novo Moisés, abre-lhe a porta e predestina-o a sentar-se no trono da Glória do seu Filho Unigénito.

Encontramos sempre uma maravilha em cada dia em que acordamos e ligamos o cérebro. Compreender como o génio de um Isaac Newton conseguiu ler esta Confissão e ficar tão indiferente como se fosse mais um bruto privado de juízo demonstra que o génio e a inteligência divina são dois mundos que não se cruzam. É compreensível que desse génio tenha nascido o ateísmo científico!

Não que devamos culpar ninguém por ser um animal por natureza. Mas cabe a Deus o julgamento sobre quem, tendo sido criado para ser Seu filho, prefere continuar a ser uma besta.

Julgar 1 500 anos de sacrifícios, sofrimentos, luta contra a Morte em defesa do Cristianismo; 1 500 anos a enfrentar corrupções papais, guerras de reis, pestes e epidemias; 1 500 anos a percorrer um caminho longo e estreito, repleto de obstáculos, contra os quais a Vitória veio sempre daquele que testou, a favor da Igreja e do seu Povo, a invencibilidade natural dos filhos de Deus; julgar 1 500 anos de História, condenando ao Inferno aquilo que Deus ergueu com tanto esmero, trabalho e paciência, não foi uma Reforma, foi uma Rebelião Aberta contra Jesus Cristo, contra o seu Testamento.

Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados. Esta é a Lei de Cristo.

Que o presbiterianismo e todos os seus adeptos julguem se esta foi a Lei que legitimou o ódio contra o povo católico britânico e europeu.

O julgamento de si mesmo não se enquadra nesta Lei. Pelo contrário, quem se julga a si mesmo à luz da Lei do Amor — pois como poderá amar o próximo quem não se ama a si mesmo? — aprende a aplicar essa misericórdia que tem para consigo mesmo aos outros, até alcançar a perfeição que a Lei exige.

Quem não se julga a si próprio e se dedica a julgar o próximo a partir do ódio pode acabar por condenar ao Inferno aquele que julga fora da Lei do Amor. E este ódio será revelado à medida que formos chegando ao fim destes artigos, escritos por «Divinos» e para «Santos».

Diz-se no próximo

O DIREITO À LIBERDADE

C.W. — «Aqueles que foram aceites por Deus no seu Filho Amado, eficazmente chamados e santificados pelo seu Espírito, não podem cair total nem definitivamente do estado de graça, mas certamente perseverarão nela até ao fim e serão salvos eternamente.

Esta perseverança dos santos não depende do seu próprio livre arbítrio, mas da imutabilidade do decreto de eleição, que decorre do amor gratuito e imutável de Deus Pai; da eficácia do mérito e da intercessão de Cristo Jesus; da permanência do Espírito e da semente de Deus no seu interior; e da natureza da Aliança da Graça. De tudo isto decorre também a certeza e a infalibilidade da perseverança.

No entanto, pode acontecer que os santos caiam em pecados graves, devido às tentações de Satanás e do mundo, ao predomínio da corrupção que ainda permanece neles e ao esquecimento dos meios da sua preservação; e que, por algum tempo, continuem nos seus pecados graves: pelo que incorrem na desgraça de Deus e entristecem o seu Espírito Santo, chegam a ser, em certa medida, privados das suas graças e privilégios, os seus corações podem endurecer-se e as suas consciências podem ser feridas, podem ferir e escandalizar outros e atrair julgamentos temporários sobre si próprios”.

C.R.Y&S. — Aquele que julga os outros, condenando-os ao Inferno, porque assim o dispôs desde a Eternidade o Deus Oculto que se burlou de 1 500 anos de Osios, Ambrosios, Agostinhos, Crisóstomos, Tomases e demónios da Cristandade Latina Invicta contra

romanos, bárbaros e muçulmanos, este juiz implacável não se priva de se sentar no Trono da Glória do Juiz Universal e, antes mesmo de se realizar o Juízo, já faz com que este Novo Povo — desde a eternidade predestinado à Glória daquele que se assenta no Trono de Deus — lance os seus raios de condenação para uns e de mel para os seus.

Nada de estranho. A lavagem cerebral tem muitas técnicas, depende de quem a pratica e dos cérebros que necessitam de higienização. O objetivo é o mesmo: o Poder, a Glória, o Ouro.

Embora a Doutrina de Jesus Cristo, transmitida aos seus Apóstolos, saliente repetidamente a necessidade de vigiar, de perseverar, de não nos deixarmos levar pelas modas e paixões dos séculos, de que todos estamos a trilhar o nosso caminho na Eternidade, e de que a forma como nos comportamos na Terra determina a medida do nosso comportamento nos Céus.

Todos viemos e estamos sujeitos a um mundo cuja lei é a de que consigamos, pelo menos, brilhar com um raio de luz da Estrela Divina, cuja Luz ilumina a todos. Todos estamos expostos a aprender, mesmo que isso nos custe muito esforço. Todos nascemos para ser eternos e temos de aprender a conviver não apenas com os nossos erros, mas também com os do nosso próximo. Nem Deus quer que aprendamos à base de castigos, nem quer impedir que, a cada ferida mortal, o regresso ao campo de batalha transforme o homem num guerreiro cada vez mais poderoso.

Vivemos num mundo sujeito à lei da ciência do bem e do mal. Fazer-se de santo, andar pela vida a fazer-se de santo, é de loucos. Acreditar que somos divinos, exigir ser considerados «Divinos», é de psicopatas perigosos. Aquele mesmo que nos criou disse-o: «Bom só é Deus».

Entre eles, superaram-se em brutalidade. Uns exigem ser chamados de «Sua Santidade», e outros de serem reconhecidos como «Divinos». E no fogo cruzado entre aqueles que abominaram a Lei do Amor, a Europa viu-se arrastada para a Primeira Guerra Mundial Europeia, a Guerra dos 30 Anos. Depois viria a Segunda: a Guerra dos Direitos Humanos. Assim que a porta se abriu, o Monstro do Fratricídio convidou-se, sem pedir permissão, para a Festa das Orgias Apocalípticas, na qual alemães e britânicos serviram às mesas. Mas, sempre porque assim era a Vontade daquele que, desde a Eternidade, nos predestina ao Fratricídio e às Guerras Mundiais «Ad Maiorem Dei Gloriam». De que se poderá acusar aqueles que foram os instrumentos do Deus Oculto da Reforma?

Este artigo sobre a santificação dos santos?

...Mais uma volta da «Máquina de Lavar Cérebros» que a Reforma Luterana pôs em funcionamento.

A sua continuação, «Da segurança da graça e da salvação», segue a mesma linha. Diz:

C.W. — «Embora os hipócritas e as pessoas não regeneradas se iludam em vão com falsas esperanças e presunções carnavais de estarem na graça de Deus e no estado de salvação (cuja esperança perecerá); no entanto, aqueles que verdadeiramente crêem no Senhor Jesus e O amam com sinceridade, procurando caminhar em boa consciência perante Ele, podem, nesta vida, estar certamente seguros de que se encontram no estado de graça e podem regozijar-se na esperança da glória de Deus, esperança que nunca os envergonhará.

Esta certeza não é uma mera convicção conjectural e provável, baseada numa esperança falível. É, antes, uma certeza infalível da fé, fundamentada na verdade divina das promessas de salvação, na evidência interior das graças a que essas promessas se referem, no testemunho do Espírito de adoção que atesta ao nosso espírito que somos filhos de Deus: Espírito que é o penhor da nossa herança e com o qual somos selados para o dia da redenção.

Esta certeza infalível não faz parte da essência da fé. Assim, pode acontecer que um verdadeiro crente tenha de esperar muito tempo e lutar contra muitas dificuldades antes de vir a partilhar desta certeza. No entanto, sendo capacitado pelo Espírito Santo para conhecer as coisas que Deus lhe concede gratuitamente, o crente pode obtê-las através do uso correto dos meios comuns, sem necessidade de uma revelação extraordinária. Por isso, é dever de cada um empenhar-se ao máximo para assegurar o seu chamamento e eleição, para que assim o seu coração se encha de alegria e paz no Espírito Santo, de amor e gratidão a Deus, e de força e júbilo nos deveres da obediência, que são os frutos próprios desta certeza; pois está muito longe de induzir os seres humanos à negligência.

A certeza da salvação dos verdadeiros crentes pode ser abalada de diferentes maneiras, diminuída e interrompida devido à negligência em preservá-la, por cair em algum pecado específico que fere a consciência e entristece o Espírito; ou por uma tentação repentina e veemente, porque Deus lhes retira a luz do seu rosto, permitindo, inclusive, que aqueles que O temem caminhem nas trevas e não tenham luz. No entanto, os verdadeiros crentes nunca são totalmente privados da semente de Deus, nem da vida da fé, nem daquele amor de Cristo e pelos irmãos, nem daquela sinceridade de coração e consciência do dever, a partir das quais esta segurança pode ser reavivada no devido tempo, por meio da ação do Espírito que, entretanto, sustenta os verdadeiros crentes para que não caiam no desespero total”.

C.R.Y&S. — A Lei do Ódio, da qual nasceu a Reforma, rompe o silêncio, tira a máscara e não mede palavras. Desde a primeira palavra, declara que o Mundo Cristão Europeu, com 1 500 anos de história, é um mundo de hipócritas condenados ao Inferno por obra e zombaria do Deus Oculto de Lutero e Calvino.

A Lei do Amor: «Não julgueis e não sereis julgados, não condeneis e não sereis condenados»?

Segundo estes «Divinos», Jesus Cristo não estava no seu perfeito juízo. Quem, com o seu Poder, se teria deixado conduzir ao Calvário por uma legião de bestas, das quais se teria livrado simplesmente dizendo à terra: «Abre-te e engula-os»?

Os judeus acreditavam que o Poder enlouquecera o Messias. Cromwell e os seus «Divinos» concordaram, na Santa Assembleia, que não foi o Poder que o enlouqueceu, foi o Amor. O Amor enlouqueceu-o. E eles não iriam cair nessa armadilha.

O Ódio era a Resposta. Ódio ao católico. Ódio à Europa católica invicta durante 1500 anos. Nem os romanos, nem os bárbaros, nem os muçulmanos conseguiram. Eles, sim, iriam conseguir: mandar aquele mundo de hipócritas do outro lado do Canal para o Inferno. Eles, sim, amavam sinceramente a Deus.

Recusavam-se a batizar os seus filhos perante a Cruz e a dobrar os joelhos em ato de adoração perante o seu Filho, mas a sinceridade com que amavam Deus, o seu Pai, era indiscutível, e aquele «Filhinho Amado» teria de engolir, com batatas fritas inglesas e hambúrgueres americanos, esta condenação contra a sua Esposa, uma «hipócrita» rejeitada pelo seu Sogro Eterno, que lhe retirava as arras do seu casamento com Cristo e as entregava a esta Nova Igreja fundada sobre a Rocha Indestrutível do Ódio «no testemunho do Espírito de adoção, que testifica ao nosso espírito que somos filhos de Deus: Espírito que é o sinal da nossa herança e com o qual somos selados para o dia da redenção».

Traduzindo: as garantias não são dadas entre cônjuges, mas sim aos filhos. A pergunta é óbvia: para cometer incesto?

Afirma o Confessor que Deus anula o Casamento do seu Filho com a Igreja Católica Invicta, cuja Celebração Nupcial para a Eternidade foi selada com as garantias do Sangue Latino, sobre o qual tudo está escrito, tanto no Evangelho como na História da Europa. E, ao abolir Deus o casamento do Seu Filho com a Sua Esposa Legítima, entrega as arras a uma nova Esposa, que, por sua vez, se declara filha daquele Casamento de Sangue. Demência? Os filhos revoltam-se contra a sua Mãe e condenam-na à morte?

Levam a sua brutalidade esquizoide ao ponto de exigir deitar-se com Deus em virtude de deterem as Arras da Esposa de Cristo!

Que discurso é este? De quem tem o espírito: do Filho do Homem ou do Advogado do Diabo?

Mas a questão não fica por aqui. A máquina de lavar continua a girar. E grita: «Esta certeza infalível na salvação não pertence à essência da fé». Diz o confessor presbiteriano.

Jesus Cristo diz: «Quem crê no Filho não é julgado, mas passa da morte para a vida eterna».

Quem é o Cristo e quem é o Anticristo? Quem fala em nome de Deus e quem não fala: Jesus Cristo ou o Confessor?

A certeza infalível da salvação daquele que crê no Filho e professa o Credo de Nicéia sem alterar nem um acento, sem retirar nem acrescentar nada, é verdadeira, todo-poderosa e irreversível.

Talvez seja necessário ensinar as congregações presbiterianas a ler e transmitir-lhes o Credo na sua íntegra. É muito provável que, da mesma forma que nós, católicos, estivemos afastados durante séculos dos textos originais das Confissões Protestantes, os povos protestantes tenham sido educados num Credo Niceno falso, censurado, recortado e recomposta para ser consumido por cérebros incapazes de exercer as suas faculdades de autoavaliação, mas todo-poderosamente aperfeiçoados para julgar o resto do mundo.

É de imaginar que saibam ler, mas a deficiência sofrida pelos seus cérebros durante a lavagem cerebral parece não lhes permitir ver a veracidade do Filho de Deus, cuja Palavra colocam em dúvida e negam que o Seu poder seja a fonte da segurança na salvação que reside na fé. «Quem crê em Mim não é julgado, mas passará desta vida para a outra».

E ponto final. Qualquer acréscimo é um ato maligno, qualquer supressão é uma traição à fé. Quem é o tolo que se trai a si próprio?

É preciso ser «divino» para ser tão tolo. Algo que se vê no último parágrafo deste artigo, quando confessa: «*A segurança da salvação dos verdadeiros crentes pode ser abalada de diferentes maneiras*»... Eureka. Aqui está alguém que descobriu a pedra filosofal. Estamos em guerra contra o Diabo, o Inferno e a Morte e este «divino» — ponham vocês o adjetivo — vem dizer que, no campo de batalha da Fé, nem tudo são rosas e aleluias. 1 500 anos de luta renhida contra a Morte, o Inferno e o Diabo, e vem este bruto dizer-nos que o que nos espera lá fora não é propriamente mel, pão e manteiga.

E...? É preciso perguntar-se.

E responder: «A quem vier a Mim, não o rejeitarei».

A Fé traz na sua natureza a própria essência da Vida eterna. Negar isto é o que o Confessor Presbiteriano afirma.

E fica tão tranquilo.

No artigo seguinte da sua Confissão, o presbiteriano continua sem passar da Lei do Terror para a Lei do Amor. E diz, a respeito da «Lei de» Deus:

C.W. — «Deus deu a Adão uma lei, como um pacto de obras, pelo qual o comprometeu, a ele e a toda a sua posteridade, a uma obediência pessoal, completa, exata e perpétua. Prometeu-lhe a vida se a cumprisse, e ameaçou-o com a morte se a violasse, e dotou-o do poder e da capacidade para a guardar».

C.R.Y&S. — Primeira falsidade.

A interpretação que faz do Paraíso bíblico é uma negação da Verdade. Deus não condicionou a Vida ao não comer, mas sim a Morte à transgressão.

Perante o Homem estavam a árvore da Vida e a árvore da Morte. O Homem tinha livre acesso à primeira e acesso negado à segunda. Comer da árvore da Vida não foi fruto de nenhum Pacto de Obra. O Homem era filho de Deus e, como filho de Deus, gozava do Direito Divino inerente à sua condição. Não sabemos se, na cultura britânica, se deve supor que os pais amam o seu filho como fruto de um Pacto de Obras: «Se fores bom, vou amar-te, e se fores mau, vou odiar-te».

No mundo latino-católico, o amor não se assina nem decorre de um pacto de obras. Os filhos têm o amor dos seus pais pelo simples facto natural de serem seus filhos. Tendo Deus formado o Homem à sua imagem e semelhança, não se deve entender que este amor dos pais católicos seja um ato revolucionário.

De modo algum.

O fruto tem a natureza da árvore a que pertence. Por conseguinte, Adão não vive no amor de Deus, seu Pai, como recompensa pelas obras decorrentes de um Pacto de Nascimento.

Deus é Pai e, como todo o pai, o nascimento é um ato de correspondência natural que vai do pai para o filho e do filho para o pai. Deus dá vida ao seu filho Adão sem que este tenha de lhe pedir nada. Será que um filho tem de pedir ao pai que o abraça? Ora, se for um pai que olha para o seu filho recém-nascido como se fosse um bicho, talvez que sim. Acusar Deus disso, não me atrevo.

Não sabemos como é que este Confessor se atreveu a dizer que, de facto, Deus é um mau pai e condicionou o seu amor ao filho à condição de este ser um bom rapaz. E diz isto quando se lê com os olhos da cara que Deus colocou diante de Adão a Árvore da Vida, cujo fruto ele comia à vontade e, se não tivesse cometido o erro, os séculos que teria vivido contar-se-iam em milénios. Não foi assim.

As tuas

culpas.

Aceites.

E com a fé dele, a nossa e a de todo o mundo. Agora, a Árvore da Vida é a fé. E quem comer do seu fruto não morre, mas vive eternamente.

O Perdão consumou-se. A Redenção teve lugar

Isto não provém de um Pacto de Obras, mas do Amor de Deus pelos seus filhos.

Negar isto é permanecer no território judaico-cristão invertido. A partir desta posição, dizem agora:

C.W. — «Após a queda de Adão, esta lei continuou a ser a regra perfeita da justiça e, como tal, foi dada por Deus no Monte Sinai em dez mandamentos e escrita em duas tábuas: os primeiros quatro mandamentos, que contêm os nossos deveres para com Deus, e os outros seis, que contêm os nossos deveres para com o homem».

C.R.Y&S. — Se o ponto de partida é falso, nem o ponto de chegada nem qualquer ponto intermédio podem ser verdadeiros.

Após a Queda, não houve qualquer Lei, exceto a lei dos animais. Abandonada a humanidade sob as rodas do Império da Morte, a única Lei que todos os povos nascidos da geração de Adão conheceram foi a de matar ou morrer. Ou matas ou és morto. Ponto final.

A Imagem do Ser Divino, que vimos encarnada no Filho do Homem, desintegrou-se na memória. A Evolução Criadora das bestas para o Homem afundou-se na sua origem, mas agora esta besta humana tinha como inimiga a sua própria espécie. A Involução começou e, com o passar do tempo, conduziu todas as famílias da Terra ao Abismo do Século XX.

Essa Besta nascida da Involução que deu início à Queda continua viva. E é o inimigo do nosso Século.

Assim, liderando o caminho para o Abismo, o Confessor segue o seu roteiro, dizendo:

C.W. — «Para além desta lei, comumente chamada de lei moral, agradou a Deus dar ao povo de Israel, como a uma igreja ainda em fase de formação, leis cerimoniais, que continham várias ordenanças típicas, em parte relativas ao culto, prefigurando Cristo, as suas graças, ações, sofrimentos e benefícios; e em parte expressando amplamente diversas instruções sobre os deveres morais. Atualmente, ao abrigo do Novo Testamento, todas estas leis cerimoniais estão revogadas».

C.R.Y&S. — A redução do Código Eterno de Conduta a meras leis morais é patética. Se não fosse pelo facto de conhecermos os antecedentes criminosos dos Confessores, empunharíamos o machado de guerra. A Sabedoria liberta-nos destes movimentos de ódio, sabendo que toda a geração daquele século ficou presa na Armadilha da Semeadura Maligna, criada durante o Sono daqueles Bispos de Roma entregues ao pesadelo da Pornocracia, pelo qual terão de responder perante o Senhor no Dia do Juízo. Pois ninguém se esqueça de que, embora a Fé seja Vida Eterna, quem, a partir da Fé, expõe à

blasfêmia o Nome de Deus se expõe à condenação. A menos que alguém negue a Escritura que diz que Satanás era filho de Deus.

A Fé, infalivelmente, oferece a Vida Eterna, mas, uma vez nesta Vida, cada um é livre para seguir Jesus Cristo ou Satanás. «Perdoai e sereis perdoados» não é uma quimera. Se não sabemos perdoar aqui na Terra, como poderemos viver sem perdão lá nos Céus!

Mas se alguém pensa como estes Confessores, que estão livres de todo o pecado e podem atirar a primeira pedra, que não se prive. Os «santos» devem cumprir o seu dever, mesmo que seja o próprio Jesus Cristo a repreendê-los.

Eis o que dizem estes, Palavra dos Divinos:

C.W. — «Aos israelitas, enquanto entidade política, Deus concedeu também diferentes leis judiciais, as quais caducaram juntamente com o Estado daquele povo. Por conseguinte, não vinculam agora nenhum outro povo, para além do que a equidade geral dessas leis exija.»

C.R.Y&S. — Será, portanto, Deus um juiz injusto?

Tanto quanto sabemos, e o seu Filho deixou isso muito claro, essas leis judiciais permanecem eternamente. Mas as suas consequências penais, destinadas a um povo que existia no meio de povos brutalizados até ao extremo, foram acompanhadas de medidas penais correspondentes à mentalidade da época. A lei contra o adultério não deixou de ser lei, foi submetida à Lei da Liberdade. «Vai e não peques mais» aboliu a pena de lapidação contra o adultério. Mas não o carácter de crime do adultério perante Deus. E assim aconteceu com as outras leis estabelecidas no código de Moisés; passaram de serem penalizadas de acordo com os tempos para serem atualizadas de acordo com o espírito do Filho de Deus, que, sem as revogar, as elevou à Lei da Liberdade, pela qual, sabendo o que é bom e o que é mau, rejeitamos o crime e, ao mesmo tempo, a sua correspondência penal de acordo com os tempos antigos.

A perfeição não está no medo da Lei, mas sim no amor à justiça.

«Não matarás» torna-se Lei Penal por causa daquele que faz dos seus braços um templo para o crime. Mas naquele em quem o Espírito de Deus fez a sua Fortaleza, a tentação não tem força e a Lei torna-se Natureza. Desta forma, a Lei da Liberdade aperfeiçoa a Criação e é Glória do seu Criador.

Perante esta Criação, não há Lei, nem Penal nem Moral, que possa tentar Deus, quem, como Criador, reveste a sua Criatura de invencibilidade.

Falar de lei moral é um disparate. A moral não tem força penal. E não obriga aqueles que não partilham a sua estrutura:

C.W. — «A lei moral obriga para sempre a todos, tanto aos justificados como aos que não o são, a obedecer-lhe. Isto não só no que diz respeito ao conteúdo, mas também no que diz respeito à autoridade de Deus, o Criador, que a instituiu. No Evangelho, Cristo de modo algum aboliu esta lei, mas, pelo contrário, reforçou a obrigação de a cumprir».

C.R.Y&S. — O Confessor erra ao transformar a lei moral num edifício universal que submete todos aqueles que não vivem de acordo com ela. A moral estende as suas máximas a quem desconhece a Lei da Liberdade Cristã. O cidadão do Reino de Deus rege-se pela Lei Cristã, tanto na vida pessoal como na familiar e na social.

A Ética e a Moral existem como rejeição a uma Lei Divina que torna desnecessário submeter a nossa convivência a um quadro jurídico sempre tiranizado pela mudança.

As realidades morais são circunstanciais; a existência cristã é eterna.
Regulamentar a Vida eterna por meio de princípios circunstanciais é mais uma quimera.

Fazer passar por leis morais aquilo que é Lei Eterna, com o propósito da salvação do próximo, não é mau. Desde que este Código de leis orais se traduza numa porta de acesso à Verdadeira Lei da Liberdade:

C.W. — «Embora os verdadeiros crentes não estejam sob a lei, como um pacto de obras, para serem justificados ou condenados por ela; no entanto, ela é de grande utilidade para eles, assim como para os outros; na medida em que a lei, como regra de vida que os informa sobre a vontade de Deus e o seu dever, os orienta e os obriga a caminhar de acordo com ela, revelando-lhes também as impurezas pecaminosas da sua natureza, dos seus corações e das suas vidas. De modo que, ao examinarem-se à luz da Lei, cheguem a uma convicção mais completa de humilhação e repulsa pelos seus pecados, juntamente com uma visão mais clara da necessidade que têm de Cristo e da perfeição da Sua obediência».

C.R.Y&S. — Manter esta posição relativamente ao genocídio irlandês, ao da população nativa norte-americana, às guerras civis nas ilhas e à Guerra Mundial europeia é, simplesmente, ser «o hipócrita» com quem este artigo se inicia. Analisar a questão para além deste facto é deixar-se arrastar pelo Diabo para uma discussão sem futuro. No parágrafo seguinte, revela-se esta transição regressiva britânica do cristianismo para o judaísmo, seguindo o caminho inverso do judaísmo para o cristianismo que os Apóstolos encerraram.

C.W. — «É igualmente útil aos regenerados para restringir as suas corrupções, uma vez que proíbe o pecado; e as suas ameaças servem para lhes mostrar o que os seus pecados ainda merecem e quais são as aflições que os esperam por causa deles nesta vida, apesar de estarem livres da maldição com que a Lei os ameaça. Da mesma forma, as promessas da Lei mostram-lhes a aprovação da obediência e quais as bênçãos que podem esperar quando a cumprem; mas não como algo que lhes é devido pela Lei, enquanto pacto de obras. Assim, se uma pessoa faz o bem e deixa de fazer o mal, porque a Lei a encoraja a fazer o primeiro e a desencoraja do segundo, isso não é prova de que esteja sob a Lei e não sob a graça».

C.R.Y&S. — Reduzir, mais uma vez, a Lei da Liberdade a um código moral é rejeitar o Espírito de Cristo.

Os usos da Lei, mencionados anteriormente, não são contrários à graça do evangelho, mas harmonizam-se suavemente com ela. Pois o Espírito de Cristo subjuga e capacita a vontade do ser humano para fazer, livre e alegremente, o que a vontade de Deus, revelada na Lei, exige que seja feito.

O DEVER DE SE LEVANTAR CONTRA A TIRANIA

A história do cristianismo, enquanto Reino de Deus na Terra, não pode ser compreendida sem Deus. Parece evidente. A redução dos acontecimentos revolucionários vividos pela Europa cristã e moderna a meros fatores humanos, desligados da Ação Constante do Criador na Sua Criação, implica uma auto-incapacitação intelectual na hora de ver o Movimento desses Acontecimentos no âmbito da História Universal da Humanidade. É evidente.

Compreende-se que, nos tempos antigos, durante os quais as nações viviam em condições de exílio umas em relação às outras e as suas relações se concretizavam exclusivamente através das ações das proezas bélicas dos seus reis e imperadores, a visão do desenvolvimento das civilizações rumo a uma civilização universal que integrasse a plenitude das nações do nosso mundo, devido a essa mesma alienação, fosse impossível acompanhar a ligação, no tempo, da evolução deste Movimento. É mais do que evidente. Enquanto continuarmos a adotar este método de desconexão, o caminho para este horizonte será penoso. Devemos despojar-nos da nossa herança animal e começar a contemplar-nos, enquanto Criação Universal, através dos olhos do nosso Criador.

A Guerra entre Deus e a Morte, que desceu do Céu para a Terra, não terminou com a Ressurreição. Basta olharmos à nossa volta para compreender isso. Deus refundou o seu Reino, os pilares da sua Criação, todo o edifício do seu Universo. Mas a sua Palavra estava

no ar. Deus criou o Género Humano para fazer parte do Seu Mundo. E a Palavra de Deus é Deus. Portanto, a Queda não podia, sob nenhum conceito, afastar eternamente o Género Humano deste Horizonte sem causar a revogação da Palavra de Deus enquanto Lei, do Verbo enquanto Deus.

Pretender redefinir a Palavra de Deus para uma realidade mutável, de modo que ninguém deva levar a sério a Sua Palavra — hoje Ele dá-a e amanhã retira-a —, objetivo almejado pelo Diabo, a Antiga Serpente, é pura loucura.

Certamente, a Transgressão libertava Deus desta realidade; o Homem já tinha sido formado à Imagem e semelhança dos Seus filhos. Mas a Ignorância que foi encontrada no Transgressor e a Maldade que foi descoberta no Traidor determinaram que Deus recolhesse a Sua Obra assim que a Liberdade que viria da Redenção se concretizasse.

Sobre a Natureza da Redenção já foi dito tudo o que era necessário dizer. A Teologia do Cordeiro de Deus como Sacrifício Expiatório pelo pecado do Príncipe, Adão, e do seu Povo, toda a Raça Humana, já tem autor. Cabe-nos falar sobre Nós.

Imbuir os seus filhos do Ódio de Deus pela Lei da Ciência do Bem e do Mal, ou seja, fazê-los compreender por que razão o seu Ser não pode suportar a Lei da Morte, não é algo que pudesse ser feito senão fazendo-nos viver esse fruto em toda a extensão e profundidade da sua Abominável Maldade. Deus, como Pai, nunca quis que esta Ação fosse necessária. Os seus filhos, das Criações que precederam a Nossa, já tinham conhecido a Guerra e tinham-se levantado contra a sua lei. Mas nunca tinham vivido o efeito desta Lei sobre um Mundo absolutamente Desprotegido contra os seus efeitos. Já consumada a Queda, e dispondo Deus para que nunca mais, na Eternidade, voltasse a ocorrer um Acontecimento desta Natureza, quis que esta Lição fosse levada ao extremo, para que nunca se apagasse da mente e do espírito da Sua Casa esta visão do Inferno na Terra.

Neste contexto, sem arrancar páginas do Livro da História, com o objetivo de que o sofrimento do Género Humano não se tornasse extremo ao ponto de impossibilitar o seu Regresso ao seu Criador, Deus quis igualmente acelerar os tempos, encurtar esta Tragédia. A Libertação Apocalíptica do Diabo insere-se nesta Sabedoria Paterna. Não podemos esquecer que, sendo nós filhos de Deus, e sendo que esta Tragédia se desenrola na nossa carne e no nosso ser, esta lição fica gravada a fogo na nossa Alma e no nosso Espírito de forma ainda mais profunda e indelével.

É necessário despojar-nos da nossa cobertura carnal e abrir os olhos ao Espírito, que, sendo de Deus, nos permite contemplar a Seta da História a voar de século em século.

Se, no início, o Traidor utilizou o Homem como um machado de guerra, com o pensamento de opor o Pai ao Juiz em Deus, no final, a destruição da Raça Humana tornou-se o seu objetivo. É este movimento preparatório que observamos ao longo do século XV e que, no século XVI, entrou na sua fase ativa. Pelo lado da Morte.

Do lado de Deus, observamos como Ele se preparou para a Batalha que viria a travar-se na Europa, e da qual dependeria o Futuro da Raça Humana, suscitando acontecimentos menores até os conduzir ao grande Acontecimento da Descoberta da América. Desta América veio o Ouro necessário para financiar a Guerra dos Impérios.

Agora era preciso conduzir esse ouro até às fronteiras com o Império Turco. A união de um príncipe eleitor alemão à coroa do Império Espanhol uniu ambos os impérios num só, fazendo com que o rio de ouro chegasse ao seu destino.

No que diz respeito aos recursos humanos, a escolha do povo espanhol para ser a ponte de acesso desse ouro às fronteiras com o Império Turco-Otomano não foi acidental. O vencedor do Império do Islão, o primeiro povo na história do mundo a derrotar os exércitos da morte, foi conduzido por Deus até essas fronteiras. Uma nação invicta colocou o melhor exército do mundo, naquela altura, na linha da frente do combate.

Do lado do Diabo, braço da Morte na História, a vitória que procurava — a destruição da Europa cristã às mãos dos turcos otomanos, um genocídio absoluto alimentado pelo ódio das massas islâmicas expulsas da Espanha católica para com a Europa cristã —; esta vitória no horizonte deveria contar, no campo do Inimigo, com um aliado interno que, provocando uma guerra civil fratricida, lhe abrisse as portas aos seus exércitos e, ao chegar a Roma, concretizasse ao vivo o sonho de Maomé: sentar-se no Trono de São Pedro.

O resultado da Grande Batalha entre Deus e a Morte, ou Guerra dos Impérios, já está escrito. A interpretação sobre a natureza destes acontecimentos por parte daqueles que se colocaram ao serviço da Morte não deve surpreender-nos. Os factos são os factos e não devemos dar-lhes mais voltas.

O apelo de Lutero e dos seus apóstolos para se colocarem ao serviço do Islão, com o único objetivo de ver a Igreja Católica destruída, consta dos anais da História da Alemanha e da Reforma.

A natureza do espírito que alimentava Lutero e a sua reforma está registada na sua sentença de morte total contra os camponeses da época.

A ligação brutal de Lutero como pai espiritual de Hitler está registada no seu julgamento contra os judeus apanhados naquela guerra fratricida.

O ódio era a fonte da qual se alimentava a alma daquele tolo que correu para um convento, fugindo de um raio durante uma tempestade que, segundo a sua mente retorcida, o acusava de estar a tirar proveito da alegre viúva, na casa da qual o malandro passou os seus anos de estudante.

A linguagem de Lutero e dos seus apóstolos distava-se da de Jesus Cristo e dos seus tanto quanto o Céu se distancia do Inferno. Não menos do que o dos «divinos puritanos de Cromwell». Afirmando seguir a Lei de Moisés e nela encontrar a sua santificação, zombavam abertamente dos seus Mandamentos. Aqueles que diziam venerar esses Mandamentos, «o “NÃO MATARÁS”»,

(desconheço se algum deles o fazia; a julgar pelos factos, pode-se dizer que não), cuja obediência era a causa da sua santificação, não hesitavam em banhar-se num mar de sangue. O genocídio irlandês, a guerra fratricida que já se arrastava há quase um século e as mortes com as quais ainda deveriam encher os seus cálices não se enquadravam nesse «NÃO MATARÁS»; e o que é ainda mais santificador, seguiam o exemplo de Jesus Cristo.

Foi a partir desta Imitação de Cristo que, santificados pelo sangue de todos aqueles que não pensavam como eles, continuaram a escrever «Da liberdade cristã e da liberdade de consciência»:

C.W. — «A liberdade que Cristo comprou para os crentes que estão sob o evangelho consiste na sua liberdade da culpa do pecado, da ira condenatória de Deus, da maldição da Lei moral; e em serem libertos da maldade do mundo presente, da escravidão a Satanás e do domínio do pecado; do mal das aflições, do aguilhão da morte, da vitória do sepulcro e da condenação eterna. A sua liberdade consiste também no seu livre acesso a Deus e em prestar-Lhe obediência, não por temor servil, mas por amor filial e de boa vontade. Todas estas liberdades eram também comuns aos crentes que se encontravam sob a Lei. Mas, no âmbito do Novo Testamento, a liberdade dos cristãos ampliou-se muito mais, pois estão livres do jugo da Lei cerimonial, à qual a igreja judaica estava sujeita; e têm maior confiança para aceder ao trono da graça, bem como uma participação mais plena no Espírito livre de Deus, do que aquela de que normalmente participavam os crentes sob a Lei.

Deus é o único Senhor da consciência; por isso, em questões de fé e adoração, libertou-a de doutrinas e mandamentos humanos que sejam contrários à Sua Palavra ou acrescentados a ela. De modo que acreditar ou obedecer, por convicção de consciência, a tais doutrinas ou mandamentos é trair a verdadeira liberdade de consciência; e a exigência de uma fé implícita e de uma obediência absoluta e cega é destruir a liberdade de consciência e também a razão.

Aqueles que, sob o pretexto da liberdade cristã, cometem e praticam algum pecado, ou nutrem algum desejo impuro, destroem assim o propósito da liberdade cristã, que consiste em que, tendo sido libertados das mãos dos nossos inimigos, sirvamos ao Senhor sem medo, em santidade e retidão perante Ele, todos os dias da nossa vida.

Aqueles que, sob o pretexto da liberdade cristã, se opõem a qualquer poder legítimo, ou ao exercício legítimo do mesmo, seja civil ou eclesiástico, resistem à ordenança de Deus. Pois os poderes que Deus estabeleceu e a liberdade que Cristo comprou não foram destinados por Deus para se destruírem, mas para se sustentarem e preservarem mutuamente um ao outro. Além disso, aqueles que divulgam tais opiniões ou mantêm tais práticas, uma vez que estas são contrárias à luz da natureza, aos princípios conhecidos do cristianismo (sejam eles relativos à fé, à adoração ou à conduta), ou ao poder da piedade; ou a tais práticas ou opiniões erradas, seja de acordo com

pela sua própria natureza, ou pela forma como as publicam ou mantêm, são destruidores da paz externa e da ordem que Cristo estabeleceu na Igreja; tais pessoas podem ser legitimamente chamadas a prestar contas e ser alvo de medidas disciplinares por parte da Igreja e através do poder do magistrado civil.»

C.R.Y&S. — A brutalidade intelectual que esta Assembleia reúne manifesta-se neste artigo, tal como em todos os outros que compõem esta Confissão; mas, neste artigo, superam-se a si próprios e revelam-se tão obstinadamente tolos que se condenam a si próprios, e fazem-no com tanta alegria que não podem deixar de nos inspirar outros sentimentos que não sejam a piedade e a misericórdia.

Os mesmos que se levantaram contra o Poder Estabelecido da Coroa de Inglaterra e condenaram à morte o rei, que supostamente Deus lhes tinha dado, juram sobre o Evangelho que aqueles que se rebelam contra os Poderes estabelecidos são demónios e estão sujeitos à condenação eterna.

É difícil conciliar esta Declaração Presbiteriana Inglesa com a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, onde se abençoa a revolta contra aqueles que, usando os Poderes estabelecidos por Deus, os transformam em instrumentos de tirania, contra os quais o Povo tem, não só o Direito, mas também o Dever Divino de se revoltar.

Um povo que, perante o tirano, prefere viver de joelhos a morrer de pé, é uma nação de cobardes sem futuro. A História Universal está aqui para o confirmar. Quem não se opõe ao Poder transformado no Diabo, ou seja, ao Poder de um tirano que governa por decreto como se fosse um deus, é uma nação que se condena à sua própria destruição.

Esta é a Grande Lição que a História Universal da Criação de Deus nos coloca diante dos olhos. O Homem, criado à Sua Imagem e Semelhança, não deve, sob nenhuma circunstância, ter medo da morte nem submeter-se aos seus tiranos. O direito de ser governado com justiça e liberdade vem acompanhado do dever de se levantar contra aqueles que usam os poderes estabelecidos para edificar uma tirania.

A grandeza do nascimento dos Estados Unidos da América provém deste dever elevado a declaração constitucional. A sua anulação pelos tiranos, no processo de construção da sua ordem nacional e mundial, obriga à revolução. E em toda a revolução corre sangue. Mas esta necessidade é superior ao seu efeito. E sendo Deus quem se levanta contra aqueles que usam o que Ele criou para criar um inferno para o Seu povo, o homem e a nação que não se levantam contra o seu inimigo condenam-se a viver nesse inferno, do qual só se libertarão através da destruição.

No caso da Reforma, a sucessão de acontecimentos determinantes do efeito final — a Guerra Mundial Europeia dos 30 Anos — e a sua preparação observam-se nos séculos imediatamente anteriores, especialmente a partir do ano 1000 da nossa Era. A vitória

do Cisma do Oriente, em 1054, deveria ter despertado todos os bispos e posto-os a par da profecia do seu Senhor.

Era mais fácil adormecer.

A Alemanha nega-se a si própria. É compreensível. Quem serviu com tanta fidelidade, e tantas vezes, o Diabo, é compreensível que queira enterrar o seu nascimento no esquecimento.

A Alemanha nasceu no dia em que Carlos Magno dividiu o seu Império em duas nações, a França e a Alemanha, que, tal como Caim e Abel, viriam a travar, ao longo dos séculos seguintes, uma guerra fratricida que duraria até ao fim da Segunda Guerra Mundial. Quem foi Caim e quem foi Abel, vê-se pelos acontecimentos. Não que a França fosse santa, apesar de o seu reino ser cristíssimo. Nem que a Alemanha fosse maléfica nos seus primórdios.

O desfecho demonstra que sim, que o papel de Caim coube à Alemanha.

Desde o seu início como nação, a Alemanha tentou fazer da Igreja Católica a sua concubina imperial. A Guerra das Investiduras foi perdida pela Alemanha. Deus levantou um dos seus servos, Gregório VII, para dizer ao imperador alemão «Vade Retro, Satanás».

Os séculos colocam cada um no seu lugar. O que Henrique IV não conseguiu com todos os seus exércitos, conseguiu-o um covarde que, disfarçado de frade, colocou as igrejas da Alemanha aos pés dos poderes públicos.

O exemplo espalhou-se como fogo e o sonho de Satanás — ser o Anticristo coroado sobre toda a Terra — concretizou-se. Bem, pelo menos sobre aquelas ilhas, outrora chamadas de Felizes. Para o realizar na sua plenitude, teria de derrubar os dois pilares fundamentais da Igreja Católica: Espanha e França.

Já conhecemos a história. Não vamos repetir-nos. Os Estados Unidos da América levantaram-se contra o Sonho Britânico e o seu Império teve de se contentar em ser um Império de Ladrões, saqueando seres humanos e recursos metálicos de todas as terras onde os seus soldados pisaram com as suas botas imperiais.

Ninguém, portanto, está predestinado ao Mal, a não ser aquele que ama o Mal e se entrega livremente ao Maligno em troca das 30 moedas de prata do Poder. O Dever de todo o filho de Deus é rebelar-se contra toda a tirania e não permitir que o Monstro cresça ao ponto de tornar necessária a Guerra Civil.

SÉTIMA PARTE: VADE

RETRO, SATANÁS

Os seguintes e últimos artigos desta Confissão Pré-histórica presbiteriana limitam-se a, depois de terem lavado o cérebro dos ignorantes, consolidar a tirania dos lavadores de cérebros. Depois de ter negado que a luz da natureza não é suficiente para conhecer Deus, afirma agora:

Primeiro Amém

C.W. — «A luz da natureza demonstra que existe um Deus, que tem senhorio e soberania sobre tudo, que é bom e que faz o bem a todos e, por isso, deve ser temido, amado, louvado, invocado, acreditado, servido e em quem se deve confiar, com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças. No entanto, a forma aceitável de adoração ao Deus verdadeiro é instituída por Ele próprio e está de tal forma limitada pela Sua própria vontade revelada, que não deve ser adorado de acordo com as imaginações e invenções dos homens, nem de acordo com as sugestões de Satanás; sob nenhuma representação visível, nem de qualquer outra forma que não esteja prescrita na Bíblia».

C.R.Y&S. — Compete ao tirano regular até à forma como os seus escravos se deitam e se levantam. Não parou de confessar que Deus é um demónio que distribui infernos a torto e a direito, exceto à Nova Raça Superior dos Eleitos do Norte e do Centro da Europa, a quem oferece o doce do Paraíso pelas suas belas caras, e agora vem dizer-nos que Deus é bom e que faz o bem a todos. Será que devemos supor que criar para enviar para o inferno é um bem? De passagem, nega que Jesus Cristo fosse a Imagem Visível de Deus, condena a Adoração da sua Imagem e declara-a produto de Satanás. Daí se deduz que quem tem fotografias dos seus entes queridos é um discípulo do Diabo. Mas os homens, que até muito recentemente não tinham câmaras, supriram esta carência através da representação ideal que o génio da pintura permite. Justificação? Nenhuma. É obra do Diabo. Ámen.

Segundo Amém

C.W. — «A adoração religiosa deve ser dirigida a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, e somente a Ele; não aos anjos, nem aos santos, nem a qualquer outra criatura. Desde a Queda, a adoração é feita por meio de um Mediador, mas não por intermédio de nenhum outro, senão apenas por intermédio de Cristo».

C.R.Y&S. — Parece que o Advogado do Diabo afirma que, antes da Queda — e deve inferir-se que o Confessor lá esteve naquela época —, antes da Queda os homens adoravam outros seres. Não é fácil saber isso. O Confessor sofre da loucura daqueles que, sem nunca terem saído do seu planeta, se atrevem a falar de mundos desconhecidos, e a fazê-lo com o absolutismo de quem ou se o ouves e concordas, ou te corta a cabeça.

De passagem, o Confessor condena o Amor e a Adoração pela pessoa amada.

Natural. De um soldado sanguinário, para quem o ódio é a fonte da sua força, não se deve esperar que exalte as virtudes do Amor. Tudo deve ser feito de acordo com o Pensamento da sua Espada.

Haverá algo mais natural do que adorar a pessoa que se ama? Isto, falando do ponto de vista humano. Ao invocar Deus, a maldade do artigo é pertinente.

Será que ignora que o Espírito Santo se fez homem? E, tendo-se feito homem e tendo um nome, há algo mais natural do que adorar esse Nome?

Se a Santidade é uma questão de Deus e se chamam «santos» a Pedro e a Paulo, quer-se dizer que a Adoração devida ao Amor deve ser negada a estes Homens que são para o Espírito Santo o que os membros são para o nosso corpo? Então, adorar Cristo, a Cabeça do Espírito Santo, não é um ato do Diabo, mas adorar o seu Corpo, sim?

A esquizofrenia homicida deste Confessor Pré-histórico é um fenómeno psicopatológico único na História da Europa. Um guerreiro sanguinário, com as vestes encharcadas de sangue, senta-se a fazer de teólogo, e fá-lo sabendo que toda a gente vê o sangue a escorrer-lhe da espada, com a qual escreve esta confissão na qual se afirma a declaração de guerra contra o mundo católico latino, na véspera do Tratado de Westfália que encerraria a Guerra dos Trinta Anos. A Europa daria por terminada essa guerra, mas o Reino Unido manteria para sempre a sua guerra contra a Europa. A história da Europa demonstra, através dos factos, o que as palavras puseram em ação.

Amém Terceiro

C.W. — «Sendo a oração, acompanhada de ação de graças, uma parte especial da adoração religiosa, Deus exige-a de todos os seres humanos. Mas, para que seja aceite, deve ser feita em nome do Filho, com a ajuda do seu Espírito, de acordo com a sua vontade, com compreensão, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança; e quando a oração é feita oralmente, deve ser numa língua conhecida».

C.R.Y&S. — O puritano declara-se ultra-pio. E, como bom hipócrita, não tem escrúpulos em acusar o seu inimigo católico de ser pio. Parece que toda a contenda anglicana se resumia a ver quem era mais pio. O mais alucinante é a referência à oração oral; em

que parte do corpo estaria ele a pensar? Será que os britânicos tinham descoberto como rezar com a ponta dos dedos dos dois pés? E claro, tal como às pulgas, era preciso domá-los. Por outro lado, o Confessor parte do pressuposto de que os britânicos falavam línguas desconhecidas, cuja prática adequada consistia em abster-se delas, para que todos pudessem recitar o Pai Nosso, mas não o deles, na Língua Comum dos anglo-saxões.

Que coisa mais doce do que o ódio! A

vingança? Quarto Amém

C.W. — «A oração deve ser feita por coisas lícitas, e por todo o tipo de pessoas que estão vivas e por aqueles que viverão no futuro, mas não pelos mortos, nem por aqueles de quem se sabe que cometeram o pecado de morte».

C.R.Y&S. — O ódio aos vivos deve ser acompanhado pelo esquecimento dos mortos. Pais, mães, avós, filhos, irmãos, todos devem ser enterrados na terra e, uma vez enterrados, devem ser enterrados na memória. Banidos do mundo e dos corações. Seja amaldiçoado, diz o Confessor, quem rezar pela alma dos seus pais, dos seus irmãos, dos seus filhos.

O espírito da tirania transborda por todos os poros deste Confessor sanguinário. Se se limitasse a dizer que não é conveniente rezar pela alma dos pais, nem manter viva a sua memória nos corações, bem, tudo bem, ainda se aceita. Mas o tirano amaldiçoa o amor pelos pais, pelos irmãos, pelos filhos. Será demoníaco rezar pela alma dos pais?

Qual é esse «pecado mortal» está implícito. Recusar-se a ajoelhar-se perante os divinos, claro. Prestem, pois, atenção às normas dos novos deuses:

Amém Quinto

C.W. — «Fazem parte da normal adoração religiosa a Deus: a leitura da Bíblia com temor piedoso, a pregação sã e a escuta consciente da Palavra, em obediência a Deus, com compreensão, fé e reverência; o canto dos salmos com graça no coração; bem como a devida administração e a digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo. Além disso, devem ser utilizados, de forma santa e religiosa, nos seus diferentes momentos e ocasiões: os juramentos religiosos, os votos, os jejuns solenes e as ações de graças em ocasiões especiais».

C.R.Y&S. — E ai daqueles que abrirem a boca para dizer «esta boca é minha»: Sexto Amém

C.W. — «Atualmente, segundo o Evangelho, nem a oração, nem qualquer outra parte da adoração religiosa estão vinculadas a algum lugar, nem são mais aceitáveis consoante o local onde são realizadas ou para o qual se dirigem. Pois Deus deve ser adorado em todo o lado, em espírito e em verdade, diariamente; tanto em privado, nas famílias, como em segredo, cada um por si. Assim também, de forma muito mais solene, nas reuniões públicas, as quais não devem ser abandonadas ou esquecidas voluntariamente ou por descuido, pois Deus, por meio da Sua Palavra ou da Sua providência, chama-nos a elas».

C.R.Y&S. — É preciso ser um burro para acreditar que Jesus Cristo mudou o último dia da semana para o primeiro.

Ámen Sétimo

C.W. — «Assim como é lei da natureza que, em geral, uma proporção adequada de tempo seja reservada para a adoração a Deus; assim também, na Sua Palavra, por meio de um mandamento positivo, moral e perpétuo, que obriga todo o ser humano, em todos os tempos, Deus estabeleceu especificamente um dia em cada sete, como dia de descanso, para ser guardado como santo para Ele. Desde o início do mundo até à ressurreição de Cristo, este dia era o último da semana, mas, desde a ressurreição de Cristo, foi alterado para o primeiro dia da semana, o mesmo que na Bíblia é chamado de Dia do Senhor, o qual deve continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão».

C.R.Y&S. — O judaico-cristianismo ao contrário: o cristão torna-se judeu. Todos beatos, todos santíssimos. A hipocrisia elevada ao trono de Deus. Retiram o Papa para se colocarem no seu lugar. E seguem o exemplo do filho de Salomão: «O meu pai governou-vos com punho de ferro; o meu dedão é mais grosso do que o punho do meu pai».

E Amém Oitavo

C.W. — «O sábado cristão é, portanto, guardado como santo para o Senhor, quando os seres humanos, após uma devida preparação dos seus corações e tendo resolvido antecipadamente os seus assuntos comuns, não só observam durante todo o dia um repouso sagrado das suas próprias tarefas, palavras e pensamentos relativos aos seus empregos e recreações seculares, mas também se ocupam, durante todo o tempo, no exercício da adoração pública e privada, e nos deveres de necessidade e misericórdia».

C.R.Y&S. — E agora vem o Aleluia.

Jesus Cristo disse: «Mas eu digo-vos que não jureis de forma alguma: nem pelo céu, pois é o trono de Deus; nem pela terra, pois é o escabelo dos seus pés; nem por Jerusalém, pois é a cidade do grande Rei; nem pela vossa cabeça jureis, porque não vos cabe tornar um dos vossos cabelos branco ou preto. Que a vossa palavra seja: Sim, sim; não, não; tudo o que for além disto provém do mal». Estes santíssimos divinos abolem a Palavra de Deus e declaram a sua como Divina.

Primeiro Aleluia

CV.W. — «Um juramento lícito faz parte do culto religioso. Através dele, uma pessoa, numa ocasião justificada, ao jurar solenemente, invoca Deus como testemunha do que afirma ou promete; e para que Ele a julgue de acordo com a verdade ou a falsidade do que jura.

As pessoas devem jurar apenas pelo nome de Deus, o qual deve ser usado com toda a reverência e santo temor. Portanto, jurar em vão ou precipitadamente por este nome glorioso e terrível, ou jurar de alguma forma por qualquer outra coisa, é pecaminoso e deve ser detestado. Além disso, tal como em assuntos graves e importantes, um juramento é autorizado pela Palavra de Deus, tanto no Novo Testamento como no Antigo; de modo que, quando uma autoridade legítima exigir um juramento lícito para tais assuntos, esse juramento deverá ser prestado.

Quem presta um juramento deve ter devidamente em conta a importância de um ato tão solene e, por isso, não deve afirmar nada além daquilo de que esteja plenamente convencido de que é verdade. Ninguém deve, tampouco, comprometer-se por juramento a qualquer coisa, mas apenas ao que é bom e justo, ao que acredita que o seja e ao que é capaz e está decidido a cumprir. Além disso, é pecado recusar um juramento relativo a algo bom e justo quando tal é exigido por uma autoridade legítima.

Um juramento deve ser prestado no sentido claro e comum das palavras, sem ambiguidades nem reservas mentais. Tal juramento não pode obrigar a pecar; mas, em tudo o que não seja pecaminoso, uma vez prestado, o seu cumprimento é obrigatório, mesmo que seja em detrimento próprio, nem deve ser violado, mesmo que tenha sido prestado a hereges.

O voto é de natureza semelhante à do juramento promissório e deve ser feito com o mesmo cuidado religioso e cumprido com a mesma fidelidade.

O voto não deve ser feito a nenhuma criatura, mas apenas a Deus. Por isso, para que seja aceitável, deve ser feito voluntariamente, com fé e consciência do dever, como forma de agradecimento pela misericórdia recebida, ou para obter aquilo que desejamos. Através desse voto, comprometemo-nos mais rigorosamente a cumprir os deveres necessários, ou outras coisas, na medida em que estas nos conduzam ao cumprimento adequado dos mesmos.

Ninguém deve jurar que realizará qualquer coisa proibida pela Palavra de Deus, ou que impeça algum dever nela ordenado, ou que esteja fora da sua capacidade e para cujo cumprimento não tenha qualquer promessa ou dom da parte de Deus. Neste sentido, os votos monásticos papistas relativos à vida celibatária perpétua, à pobreza professada e à obediência regular estão tão longe de ser graus de perfeição superior, sendo antes laços supersticiosos e pecaminosos nos quais nenhum cristão deve se enredar”.

C.R.Y&S. — Palavra de Deus: «Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falsamente, mas cumprirás ao Senhor os teus juramentos. Mas eu digo-vos que não jureis de forma alguma: nem pelo céu, pois é o trono de Deus; nem pela terra, pois é o escabelo dos seus pés; nem por Jerusalém, pois é a cidade do grande Rei. Nem jures pela tua cabeça, porque não está em ti tornar um dos teus cabelos branco ou preto. Seja a vossa palavra: Sim, sim; não, não; tudo o que for além disso provém do mal»

Entre a Palavra de Deus e a destes confessores sanguinários, que cada um escolha a sua posição. A minha é não discutir com o Advogado do Diabo. Sigo a Lei: «Vade retro, Satanás»

Segundo Aleluia:

C.W. — «Deus, o supremo Senhor e Rei de todo o mundo, instituiu os magistrados civis para que, sob a Sua autoridade, governem o povo, para a Sua própria glória e para o bem público. Para esse fim, dotou-os do poder da espada, para a defesa e o incentivo dos justos e para o castigo dos malfeitores.

É lícito que os cristãos aceitem e exerçam o cargo de magistrado quando para tal forem chamados. No exercício deste cargo, devem zelar especialmente pela piedade, pela justiça e pela paz, de acordo com as leis justas de cada Estado; assim, para esse fim, podem agora legalmente, ao abrigo do Novo Testamento, fazer a guerra em ocasiões justas e necessárias.

O magistrado civil não deve arrogar-se a administração da Palavra e dos sacramentos, nem o poder das chaves do reino dos céus. No entanto, tem a autoridade, e é seu dever, zelar para que a unidade e a paz sejam preservadas na Igreja, para que a verdade de Deus se mantenha pura e completa, para suprimir todas as heresias e blasfêmias, para impedir ou reformar todas as corrupções e abusos na adoração e na disciplina, e para que todas as ordenanças de Deus sejam devidamente estabelecidas, administradas e cumpridas. Para o melhor cumprimento de tudo o que precede, o magistrado civil tem o poder de convocar Sínodos, de neles estar presente e de assegurar que tudo o que neles for acordado esteja em conformidade com a vontade de Deus.

O povo tem o dever de orar pelos magistrados, honrar as suas pessoas, pagar-lhes impostos e outros direitos, obedecer às suas ordens legítimas e submeter-se à sua autoridade por uma questão de consciência. A infidelidade ou a diferença de religião não

invalida a autoridade justa e legítima do magistrado, nem isenta o povo da devida obediência a ele; da qual as pessoas eclesiásticas não estão isentas, e muito menos o Papa tem qualquer poder ou jurisdição sobre os magistrados, sobre os seus domínios ou sobre qualquer um dos seus súbditos; e ainda menos para os privar dos seus domínios ou das suas vidas, seja por os julgar hereges, seja por qualquer outro pretexto».

C.R.Y&S. — Todos de joelhos. A tirania convém ao tirano. Por isso, todos a calar.

Terceiro Aleluia

C.W. — *«O casamento deve ser entre um homem e uma mulher. Não é lícito a nenhum homem ter mais do que uma esposa, nem a uma mulher ter mais do que um marido, ao mesmo tempo... O casamento foi instituído para a ajuda mútua entre o marido e a mulher, para a multiplicação da humanidade por meio de descendência legítima e da Igreja com uma semente santa; e para a prevenção da impureza. É lícito a todas as pessoas dotadas de capacidade de entendimento darem o seu consentimento para casar. No entanto, é dever dos cristãos casarem-se apenas no Senhor; e, por conseguinte, aqueles que professam a verdadeira religião reformada não devem casar-se com infiéis, nem com católicos romanos ou outros idólatras. Os que são piedosos também não devem unir-se em jugo desigual, casando-se com quem seja notoriamente perverso na sua vida ou defenda heresias detestáveis.*

O casamento não deve ser celebrado entre graus de consanguinidade ou afinidade proibidos na Palavra de Deus. Tais casamentos incestuosos também não podem, em caso algum, ser legitimados por qualquer lei humana nem pelo consentimento das partes, para que essas pessoas vivam juntas como marido e mulher. [O homem não deve casar-se com nenhum parente de sangue próprio, nem com um parente da sua esposa que seja o mais próximo em termos de consanguinidade. A mulher também não deve casar-se com nenhum parente de sangue próprio, nem com qualquer parente do seu marido que seja o mais próximo por laços de sangue.]

O adultério ou a fornicção cometidos após o noivado, se forem descobertos antes do casamento, constituem motivo justo para que a parte inocente rescinda o noivado. No caso de adultério após o casamento, é lícito à parte inocente apresentar um pedido de divórcio e, após o divórcio, casar-se com outra pessoa como se a parte culpada estivesse morta.

Embora a corrupção do ser humano seja tal que lhe confira aptidão para elaborar argumentos com o objetivo de separar indevidamente aqueles que Deus uniu em matrimónio; no entanto, nada, exceto o adultério ou a deserção obstinada que não possa ser remediada pela Igreja ou pelo magistrado civil, constitui causa suficiente para a dissolução do vínculo matrimonial. Se for esse o caso, deve ser observado um procedimento público e

ordenado, e as pessoas envolvidas no mesmo não devem ser deixadas à sua própria vontade e discrição no seu próprio”

C.R.Y&S. — Mais papistas do que o Papa. Mais racistas do que Hitler. É natural que tenham ordenado a morte da Igreja Católica. O tirano não consegue aceitar viver à sombra de ninguém.

Aleluia Quarto:

C.W. — «*A Igreja católica ou universal, que é invisível, consiste no número total dos eleitos que foram, são e serão reunidos num só, sob Cristo, a sua cabeça; e é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que tudo preenche em tudo. A Igreja visível, que sob o Evangelho também é católica ou universal (não está confinada a um país, como o estava sob a Lei), consiste em todos aqueles, em todo o mundo, que professam a verdadeira religião, juntamente com os seus filhos; e é o reino do Senhor Jesus Cristo, a casa e a família de Deus, fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação. A esta igreja universal visível, Cristo concedeu o ministério, os oráculos e as ordenanças de Deus, para a reunião e perfeição dos santos nesta vida e até ao fim do mundo; e, pela Sua presença e pelo Seu Espírito, segundo a Sua promessa, torna-os eficazes para esse fim.*

A igreja universal tem sido, por vezes, mais visível e, outras vezes, menos visível. As igrejas locais, que fazem parte da igreja universal, são mais puras ou menos puras, consoante a forma como a doutrina do Evangelho é ensinada e abraçada, como os sacramentos são administrados e como a adoração é celebrada nelas com maior ou menor pureza.

As igrejas mais puras sob o céu estão sujeitas tanto ao erro como à impureza, e algumas degeneraram-se tanto que se tornaram, não igrejas de Cristo, mas sinagogas de Satanás. No entanto, haverá sempre uma igreja na terra para adorar a Deus de acordo com a Sua vontade.

Não há outro chefe da igreja senão o Senhor Jesus Cristo; nem o Papa de Roma pode, em sentido algum, ser o seu chefe. [...], mas é aquele anticristo, aquele homem do pecado e filho da perdição, que se exalta a si próprio na igreja contra Cristo e contra tudo o que é”

C.R.Y&S. — «Aquele, pois, que ouvir as minhas palavras e as puser em prática, será o homem prudente, que edifica a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e bateram contra a casa; mas ela não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Mas aquele que me ouve estas palavras e não as põe em prática será semelhante ao insensato, que construiu a sua

casa sobre a areia. Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e bateram contra a casa, que desabou com estrondo.»

1 500 anos deitados no lixo.

Nada conseguiu destruir a Obra do Sábio, a Igreja Católica. Mas ninguém pediu isso, porque Lutero, Calvino e Cromwell ainda não tinham nascido.

Quinto Aleluia:

C.W. — «Todos os santos que estão unidos a Jesus Cristo, a sua Cabeça, por meio do Espírito e por meio da fé, têm comunhão com Ele nas suas graças, sofrimentos, morte, ressurreição e glória. E, estando unidos uns aos outros no amor, têm comunhão uns com os outros nos dons e nas graças, e estão obrigados ao cumprimento dos deveres, públicos e privados, que conduzem ao seu bem mútuo, tanto no homem interior como no exterior.

Os santos, pela sua profissão de fé, estão obrigados a manter uma comunhão santa e solidariedade na adoração a Deus, e a cumprir os outros serviços espirituais que contribuam para a sua edificação mútua; bem como a socorrerem-se uns aos outros nas questões externas, de acordo com as suas diversas capacidades e necessidades. Esta comunhão deve estender-se, conforme a oportunidade se apresentar, a todos aqueles que, em qualquer lugar, invocam o nome do Senhor Jesus.

Esta comunhão que os santos têm com Cristo não os torna, de forma alguma, participantes da substância da sua divindade, nem os torna iguais a Cristo de modo algum, e afirmar qualquer uma destas duas coisas é ímpio e blasfemo. Nem a sua comunhão mútua, como santos, retira ou infringe o título ou a propriedade que cada um tem sobre os seus bens e posses”.

C.R.Y&S. — O corpo não participa da natureza da cabeça. Temos a cabeça de um homem e o corpo de um animal. É natural. No caso da Reforma, é o contrário: cabeça de animal e corpo de humano.

Sexto Aleluia:

C.W. — «Os sacramentos são sinais e selos sagrados da aliança da graça, diretamente instituídos por Deus, com o propósito de representar Cristo e os seus benefícios, e para confirmar a nossa participação n’Ele; e também para estabelecer uma diferença visível entre aqueles que pertencem à igreja e o resto do mundo; e para os comprometer solenemente no serviço a Deus em Cristo, em conformidade com a Sua Palavra.

Em cada sacramento existe uma relação espiritual, ou união sacramental, entre o sinal e a coisa significada, de modo que os nomes e os efeitos de um são também atribuídos ao outro.

A graça que se manifesta nos e por meio dos sacramentos, quando corretamente utilizados, não é conferida por algum poder que neles resida; a eficácia do sacramento também não depende da piedade ou da intenção de quem o administra; mas da obra do Espírito e da palavra da instituição, a qual contém, juntamente com um preceito que autoriza o seu uso, uma promessa de benefício para aqueles que o recebem dignamente.

No Evangelho, existem apenas dois sacramentos instituídos por Cristo, nosso Senhor, que são o batismo e a Santa Ceia. Nenhum deles deve ser administrado por alguém que não seja um ministro da Palavra legitimamente ordenado; no que se refere às coisas espirituais significadas e manifestadas, eram, na essência, os mesmos que os do Novo Testamento».

C.R.Y&S. — Heil, morituri te salutant.

Entre cinco e seis milhões de mortos na Guerra dos Trinta Anos. Além dos crimes cometidos entre 1517 e 1617. E estes Divinos falam de Oração, Santidade, Sacramentos. Agora vem a Glória.

O cálice da Missa Presbiteriana enche-se com o Sangue desses milhões de mortos. Saúde e longa vida.

Primeira Glória

C.W. — «O batismo é um sacramento do Novo Testamento, instituído por Jesus Cristo, não só para admitir solenemente a pessoa batizada na Igreja visível, mas também para que seja para ela um sinal e um selo da aliança da graça, de ter sido enxertada em Cristo, da regeneração, da remissão dos pecados e da sua entrega a Deus por meio de Cristo Jesus, para caminhar numa vida nova. Este sacramento, por instituição do próprio Jesus Cristo, deve perdurar na sua Igreja até ao fim do mundo.

O elemento externo que deve ser utilizado neste sacramento é a água, com a qual a pessoa deve ser batizada, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, por um ministro do Evangelho legitimamente chamado para tal. A imersão da pessoa na água não é necessária, pois o batismo é corretamente administrado através da aspersão ou da efusão de água sobre a pessoa.

Não só devem ser batizados aqueles que realmente professam fé e obediência a Cristo, mas também as crianças, filhos de um ou de ambos os pais crentes.

Embora o desrespeito ou a negligência em relação a este sacramento constituam um grande pecado, a graça e a salvação não estão, contudo, tão indissociavelmente ligadas ao batismo,

ao ponto de ninguém ser regenerado ou salvo sem o batismo, nem de todos os que são batizados serem indubitavelmente regenerados.

A eficácia do batismo não está ligada ao momento preciso em que é administrado. No entanto, através do uso correto desta ordenança, a graça prometida não só é oferecida, como é realmente manifestada e conferida pelo Espírito Santo àqueles (sejam adultos ou crianças) a quem essa graça pertence, segundo o conselho da própria vontade de Deus, no tempo por Ele estabelecido. O sacramento do batismo é administrado uma única vez a cada pessoa».

C.R.Y&S. — O batismo é desnecessário para a salvação. A redenção foi inútil. Segunda Glória

C.W. — «Nosso Senhor Jesus, na noite em que foi traído, instituiu o sacramento do seu corpo e do seu sangue, chamado a Santa Ceia. Este sacramento deve ser observado na Sua Igreja até ao fim do mundo, com o propósito de comemorar perpetuamente o sacrifício de Si mesmo na Sua morte, para selar nos verdadeiros crentes todos os benefícios da mesma, para a sua nutrição espiritual e crescimento Nele, para um maior compromisso com todas as obrigações que lhes são devidas a Ele, e para servir de laço e garantia da sua comunhão com Ele e uns com os outros, como membros do seu corpo místico.

Neste sacramento, Cristo não é oferecido ao Seu Pai, nem se realiza um sacrifício real para a remissão dos pecados dos vivos ou dos mortos. Trata-se apenas de uma comemoração daquela única oferta de si mesmo e por si mesmo na cruz, uma única vez para sempre, e é uma oferta espiritual a Deus da maior louvor possível por tal sacrifício. Assim, o sacrifício papal da missa (como eles lhe chamam) é a mais abominável afronta ao único sacrifício de Cristo, que é a única propiciação por todos os pecados dos seus eleitos.

Neste sacramento, o Senhor Jesus Cristo ordenou aos seus ministros que proclamassem ao povo a sua Palavra de instituição, que rezassem, que abençoassem os elementos do pão e do vinho e que os separassem assim do uso comum para um uso sagrado; que tomassem e partissem o pão, que tomassem o cálice e que (comungando eles próprios) ambos fossem dados aos comungantes; mas a ninguém que não esteja presente naquele momento na congregação.

As missas privadas, ou o receber este sacramento a sós, por um sacerdote ou por qualquer outra pessoa, bem como a recusa do cálice ao povo, a adoração dos elementos, a sua elevação ou o seu transporte de um lugar para outro para adoração, e a sua reserva para qualquer pretensão uso religioso, são contrários à natureza deste sacramento e à instituição de Cristo.

Neste sacramento, os elementos externos, devidamente separados para os usos instituídos por Cristo, têm tal relação com Cristo crucificado, como se fossem verdadeiramente o corpo e o sangue de Cristo, embora o sejam apenas sacramentalmente e sejam, por vezes, designados pelo nome daquilo que representam. No entanto, em substância e natureza, estes elementos continuam a ser, verdadeira e unicamente, pão e vinho, tal como eram antes.

A doutrina comumente chamada de transubstanciação, que sustenta que a substância do pão e do vinho se transforma na substância do corpo e do sangue de Cristo, pela consagração do sacerdote, crucificado e de todos os benefícios da sua morte. Portanto, o corpo e o sangue de Cristo não estão carnal e corporalmente no, com ou sob o pão e o vinho; mas estão real, embora espiritualmente, presentes nessa ordenança para a fé dos crentes, tal como os elementos estão para os seus sentidos externos.

Embora os ignorantes e os ímpios recebam os elementos externos deste sacramento, não recebem, contudo, o que estes simbolizam. Pelo contrário, ao participarem deles indignamente, tornam-se culpados perante o corpo e o sangue do Senhor, para a sua própria condenação. Por esta razão, todas as pessoas ignorantes e ímpias, uma vez que não são aptas a desfrutar da comunhão com Ele, são também indignas da mesa do Senhor e, enquanto permanecerem nessa condição, não devem, sem cometer um grande pecado contra Cristo, participar nestes santos mistérios, nem devem ser admitidas a eles.

C.R.Y&S. — Todos os católicos são filhos de Satanás. É nosso dever assassiná-los para glória do Senhor dos Divinos.

Terceira Glória:

C.W. — «O Senhor Jesus, como Rei e Cabeça da Sua Igreja, designou nela um governo nas mãos dos oficiais eclesiásticos, distintos do magistrado civil. A estes oficiais foram confiadas as chaves do Reino dos Céus, em virtude das quais têm poder, respetivamente, para reter e perdoar os pecados, para fechar aquele Reino àqueles que não se arrependem, tanto pela Palavra como pelas censuras; e para o abrir aos pecadores arrependidos, por meio do ministério do Evangelho e através da absolvição das censuras, conforme as circunstâncias o exigirem.

As censuras eclesiásticas são necessárias para resgatar e reconquistar os irmãos transgressores, para dissuadir outros de ofensas semelhantes, para purificar daquele fermento que pode contaminar toda a massa, para defender a honra de Cristo e a santa profissão do Evangelho; e para prevenir a ira de Deus, que, com justiça, poderia recair sobre a igreja, se esta permitisse que o Pacto do Senhor e os seus selos fossem profanados por infratores notórios.

Para melhor alcançar estes objetivos, os responsáveis da igreja devem proceder, por meio de admoestação, à suspensão temporária do sacramento da Santa Ceia e, consoante a natureza do crime e a indignidade da pessoa, à excomunhão da igreja»

C.R.Y&S. — É preciso destruir a Igreja Católica para ocupar o seu lugar. Ou alguém acredita que se pode ser rainha enquanto a rainha legítima estiver viva? O exemplo do assassino em série, Henrique VIII, aplicado à Esposa de Cristo.

Quarta Glória

C.W. — «Para uma melhor governação e para a maior edificação da Igreja, devem existir assembleias como as que são comumente designadas por Sínodos ou concílios. Assim como os magistrados podem legitimamente convocar um Sínodo de ministros e outras pessoas idóneas, para consultar e receber conselho sobre assuntos religiosos, da mesma forma, quando os magistrados são inimigos declarados da Igreja, os ministros de Cristo, por si próprios, em virtude do seu ofício, podem reunir-se em assembleias com outras pessoas idóneas delegadas pelas suas Igrejas.

Cabe aos sínodos e concílios resolver ministerialmente as controvérsias sobre a fé e os casos de consciência; estabelecer regras e instruções para a melhor ordem do culto público e do governo da sua igreja; receber queixas em casos de má administração e resolvê-las com autoridade. Estes decretos e determinações, se estiverem de acordo com a Palavra, devem ser recebidos com reverência e submissão, não só por estarem de acordo com a Palavra, mas também pelo poder com que são proferidos, como ordenança de Deus instituída na Sua Palavra para este fim.

Todos os sínodos e concílios, desde o tempo dos apóstolos, sejam eles gerais ou particulares, podem errar; e muitos já erraram. Por conseguinte, não devem ser tomados como regra de fé ou de prática, mas devem ser utilizados como um auxílio para ambas.

Os sínodos e concílios devem tratar e decidir apenas assuntos eclesiásticos; e não devem intrometer-se em assuntos civis que digam respeito ao Estado, a não ser por meio de humilde petição, em casos extraordinários, ou por meio de conselho para a satisfação da consciência, se lhes for solicitado pelo magistrado civil”.

C.R.Y&S. — Sem comentários. O leitor presbiteriano é tão ignorante que discutir com ele sobre a origem maligna da semente da qual nasceu a Reforma é como se Jesus Cristo estivesse a dialogar com o Diabo. «Vade retro, Satanás»

Quinta Glória:

C.W. — «Após a morte, os corpos dos seres humanos voltam ao pó e sofrem putrefação; mas as suas almas (que não morrem nem dormem), por terem uma existência imortal, regressam imediatamente a Deus, que lhas concedeu. As almas dos justos, tendo então alcançado a perfeição na santidade, são recebidas nos céus mais elevados, onde contemplam o rosto de Deus, em luz e glória, aguardando a plena redenção dos seus corpos. As almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde permanecem em tormentos e nas trevas absolutas, reservadas para o juízo do grande dia. Para além destes dois lugares para as almas separadas dos seus corpos, a Bíblia não reconhece nenhum outro. Aqueles que ainda estiverem vivos no dia final não morrerão, mas serão transformados, e todos os mortos ressuscitarão com os seus próprios corpos, e não com outros, mas com qualidades diferentes, e estes corpos serão unidos novamente às suas almas para sempre. Os corpos dos injustos, pelo poder de Cristo, serão ressuscitados para a desonra; os corpos dos justos, pelo Espírito de Cristo, serão ressuscitados para a honra; e serão tornados semelhantes ao Seu próprio corpo».

C.R.Y&S. — Ao demente, a sua loucura. Ao Diabo, a negação da doutrina de Deus. E

Glória Sexta:

C.W. — «Deus estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça por meio de Jesus Cristo, a quem o Pai concedeu todo o poder e autoridade para julgar. Nesse dia, não só os anjos apóstatas serão julgados, mas também todas as pessoas que viveram na Terra comparecerão perante o tribunal de Cristo para prestar contas dos seus pensamentos, palavras e obras, e para receberem de acordo com o que fizeram enquanto estavam no corpo, seja bom ou mau.

O propósito pelo qual Deus estabeleceu este dia é a manifestação da glória da Sua misericórdia, na salvação eterna dos eleitos; e da Sua justiça, na condenação dos reprovados que são ímpios e desobedientes. Nessa altura, os justos entrarão na vida eterna e receberão aquela plenitude de alegria e repouso que provém da presença do Senhor; mas os ímpios, que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho de Jesus Cristo, serão lançados para fora da presença da glória do Senhor e da glória do seu poder, para o tormento eterno, e serão castigados com a perdição eterna.

Assim como Cristo quis que estivéssemos firmemente convencidos de que haverá um dia de juízo, tanto para dissuadir todo o ser humano de pecar, como para o maior consolo dos piedosos em tempos de adversidade; da mesma forma, quis manter esse dia desconhecido, para que os seres humanos abandonem toda a segurança carnal e estejam sempre vigilantes, pois não sabem a que hora virá o Senhor, e para que estejam sempre prontos para dizer: «Vem, Senhor Jesus, vem depressa. Amén.»

C.R.Y&S. — Nesse Dia, tremerão de pavor.

CONCLUSÃO

«Todo o reino dividido contra si mesmo será devastado e toda a casa ou cidade dividida contra si mesma não subsistirá»

TERCEIRO LIVRO
A INTERPRETAÇÃO SOLA CONTRA
ZWINGLIO
O VENENO DA SERPENTE
ANÁLISE E REFUTAÇÃO DAS 67 TESES DE ULRICO ZWINGLIO

Em nome de Jesus Cristo:

Para que todos os homens conheçam o seu Criador, a inteligência é o Poder com que Deus dotou a sua Criação, de modo a que o Homem não possa voltar a ser enganado nem a Tentação tenha Poder sobre a vontade dos seus filhos.

Infelizmente, este Poder Divino com que o Criador dotou a Sua Criação é utilizado por muitos para fazer exatamente o contrário; em vez de rejeitar a Mentira, servem-se deste Poder para fazer da Mentira o meio por excelência para escravizar a vontade dos seus semelhantes. Seguem o caminho de Satanás, que, conhecendo as leis da Ciência do Bem e do Mal, usou a sua inteligência para afastar a Humanidade do seu Criador; e o que é ainda mais monstruoso, para tornar o Homem num inimigo de Deus e declarar guerra ao seu Reino.

Arrastadas para este campo de batalha, as nações de todas as épocas têm vindo a lutar, desde a Queda e Ruína do Primeiro Reino do Mundo — cujo rei foi Adão, pai de Noé, pai de Abraão, pai de David, pai de Jesus, filho de Maria de Nazaré, filha de Sara, filha de Eva —, no exército errado.

O Poder Divino que nos foi concedido para criar um Mundo alicerçado na Verdade, na Justiça e na Paz, devido ao Ódio e à Inveja de Satanás para com o Rei dos Céus, cujo Trono ele desejava tornar seu: esse Poder Divino transformou-se, nos nossos antepassados, naquilo que as garras e a força bruta são para as bestas. Nos nossos antepassados, a Inteligência deixou de ser um Poder Criador para se transformar num Poder Destruidor. O ser humano passou a assemelhar-se às bestas, entre as quais a mais letal, a mais perigosa, para si próprio, para todas elas e para a própria Terra.

Às vésperas do Segundo Milénio da nossa Era, especialmente no século XVI, a Inteligência procurou libertar-se da Lei através da qual esse Poder Criador tinha vindo a traçar o seu Caminho rumo à sua verdadeira Natureza. A Civilização Cristã, uma vez descoberto o Novo Mundo, encontrou-se à beira de dar um grande salto qualitativo na História. Assim, não

errado afirmar que, no início do século XVI, o Mundo Cristão Europeu se encontrava na mesma posição — embora as circunstâncias fossem diferentes — em que se encontrava o Reino da Mesopotâmia sob o comando de Adão, o seu primeiro rei, o Alulim da Lista Real Suméria. Aquele primeiro rei dos homens encontrava-se prestes a dar um salto histórico maravilhoso: a projeção das fronteiras geográficas naturais do seu reino para as Quatro Regiões da Terra. Ou seja, estender a sua civilização à totalidade das famílias do mundo.

Não foi possível. Interveio nesse projeto um fator antinatural, estranho, que se mantinha na alma de um «Deus Oculto», o qual, manipulando as circunstâncias da adolescência ontogénica que o Homem vivia, aproveitou-se da sua inocência para conquistar o seu pensamento e ligá-lo ao do Príncipe das Trevas, esse mesmo «Deus Oculto» que, sobrevivendo à sua própria decadência, fez sua a mente de outro homem, chamado Lutero. Escravizado por este «Deus Oculto», impôs-se no século XVI não a Lei da Fraternidade Universal em Deus Criador, mas sim a Lei da Ditadura dos príncipes, elevada à condição divina como caminho para a Civilização da Plenitude das Nações.

Para conquistar a Vontade daquele Primeiro Rei, filho de Deus, Adão, outro filho de Deus, Satanás, vestiu as vestes de um anjo enviado por Deus para abrir ao Reino de Adão a porta da Guerra Santa. Não pelo Amor, mas pela Guerra, o Primeiro Rei iria estender as fronteiras do seu Reino a todas as famílias da Terra. De acordo com aquele «Deus Oculto» que habita em Satanás, tal era a Vontade de Deus, e assim devia cumprir-se.

Milhares de anos depois, com a Redenção já iniciada, a Europa Cristã já consolidada, embora sob ataque mortal, e tendo posto os pés na outra margem do oceano, cumprida a Profecia do Senhor e Rei Jesus Cristo: com as suas pernas em ambas as margens do oceano, Satanás voltou à carga e, disfarçando o seu servo de enviado de Deus, semeou no Reino Cristão Europeu a semente da guerra civil fratricida que, se tudo corresse bem para o Inimigo do Rei Divino e do Homem, abriria ao inimigo, a partir de dentro, a porta para Roma. Uma vez destruído o Reino de Jesus Cristo na Europa, o trabalho de milhares de anos seria reduzido a pó, e a Civilização, afundada para sempre na bestialidade, nunca mais renasceria. Deus, Criador da Raça Humana, teria perdido a Batalha pela Salvação do Homem, e o Rei dos Céus, Jesus Cristo, teria de se ajoelhar perante Satanás, o seu Inimigo.

Escusado será dizer que um plano de destruição dessa magnitude não foi concebido da noite para o dia. Satanás levava séculos a planear essa batalha. O sonho dos bispos católicos, após a vitória sobre as convulsões medievais dos dois séculos anteriores, relaxou a vigilância dos cardeais, e, deixando-se levar pela confiança na invencibilidade, entregaram-se a todos os vícios e perversões contra os quais Cristo entregou a sua vida. A perversão do pensamento em que se instalaram — de que, enquanto permanecessem dentro da batina, nem mesmo o próprio Juiz Todo-Poderoso lhes poderia pedir contas pelos seus crimes, pensamento esse que foi a origem da Reforma quando foi usado precisamente contra eles — foi a causa do grito de guerra contra a Igreja que se ouviu tanto na Alemanha como na Itália e na Inglaterra.

Mas se os Servos da Igreja eram perversos e estavam convencidos de que, mesmo que violassem a Mãe de Cristo, não poderiam ser julgados por Cristo enquanto cometessem os seus crimes *ad maioren dei gloriam*; a maldade em que se instalaram os rebeldes protestantes foi confundir os servos com a Esposa do Senhor.

Os servos do Senhor são os servos da sua Esposa. O Sacerdote é Servo da Igreja; mas a Igreja é a Esposa do Senhor. E desde quando é que o Senhor e a sua Esposa podem ser condenados pela perversão dos seus servos?

Os servos responderão perante o seu Senhor pelos delitos que mancharam a Glória da sua Santa Esposa. São os servos, e não a Esposa, que se sentarão perante o Tribunal do Senhor para responder pelos seus crimes e delitos.

Foi esta realidade distintiva entre o sacerdote e a Igreja que os rebeldes protestantes, cegados por Satanás, não souberam compreender. O Senhor e Rei já o disse ao seu Povo: «Se o teu braço ou o teu olho te escandalizam, arranca-os, corta-os, pois mais te convém entrar no Reino de Deus manco ou caolho do que, com o braço e o olho doentes, seres lançado no Inferno».

Desde o Bispo de Roma até ao mais humilde sacerdote, todos são sacerdotes e, como tal, todos são servos da Igreja e, nessa qualidade, fazem parte do seu Corpo; mas, enquanto o sacerdote está sujeito à Lei do Senhor, e se, estando doente de malignidade, deve ser amputado do Corpo, a Igreja é a Esposa do Rei dos Céus e, como tal, permanece para a Eternidade ao lado do seu Senhor, de quem é o Corpo Visível perante o seu Reino Universal Eterno.

Não dizemos mais nada. Nem digo menos nada. A pornocracia maligna na qual os servos da Igreja caíram, enquanto o Rei dos Céus abria as fronteiras do seu Reino na Terra para o Novo Mundo, é do conhecimento de todos.

O historiador que ignora a imundície que aqueles servos lançaram sobre a Glória da Esposa do Senhor não é um historiador, é um miserável. Pretender anular a Lei do Senhor sobre o Seu Corpo em nome do serviço a servos enraizados no crime, transformando a batina num exorcismo contra o próprio Senhor e Juiz de toda a Sua Casa, não é próprio de historiadores, é próprio de escravos sem moral, sem lei, sem honra nem dignidade.

O dilema em que o Deus Oculto da chamada Reforma Protestante aprisionou uns e outros tem o seu reflexo original na Queda de Adão e Eva e no conseqüente fratricídio entre os seus filhos. Lembrem-se da Guerra dos Trinta Anos!

Obviamente, se os servos eram criminosos e serviram o Diabo na crença de que serviam a Cristo, os outros, acreditando servir a Cristo, serviram o Diabo ao oferecerem-lhe a cabeça da Esposa de Cristo numa bandeja aos príncipes deste mundo.

Certamente que Deus Pai previu esta contenda desde antes de libertar o Diabo da sua prisão, no início do segundo milénio da nossa era. O Seu Filho conhecia esta contenda interna e profetizou-a na parábola da semente maligna. Recordemo-la:

«O Filho de Deus propôs-lhes outra parábola, dizendo: O reino dos céus assemelha-se a alguém que semeou semente boa no seu campo. Mas, enquanto os seus servos dormiam, veio o inimigo, semeou joio entre o trigo e foi-se embora. Quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu o joio. Aproximando-se os servos do senhor, disseram-lhe:

Senhor, não semeaste semente boa no teu campo? De onde vem, então, o joio?

E o Filho de Deus respondeu-lhes: «Isso é obra de um inimigo.» Disseram-lhe:

Queres que vamos arrancá-la?

E o Filho de Deus disse-lhes: «Não, para que, ao tentarem arrancar o joio, não arranquem também o trigo. Deixem que ambos cresçam até à colheita; e, na altura da colheita, direi aos ceifeiros: “Peguem primeiro no joio e amarrem-no em feixes para o queimar, e recolham o trigo para o guardar no celeiro”».

Complementando esta Doutrina, o próprio Filho de Deus enviou um dos seus ministros para anunciar à sua Igreja o Decreto de Libertação do Semeador Maligno, o Diabo, após um milénio na Terra. Pois entende-se que a parábola provém de Deus e, sendo o espírito de Jesus o espírito da Profecia, na parábola Deus anunciava a SUA Sentença *ad eternum* contra Satanás no Juízo Final do Mundo Antigo, que seria seguida por um Decreto de Libertação temporária até ao seu Exílio da Criação. Quando a parábola foi proferida, o Campo Cristão ainda não existia, pelo que a Semeadura do Maligno só poderia realizar-se quando esse Campo incluísse o Cristianismo nos seus limites; e daí que, conhecendo o Filho, através da Profecia na parábola, o Decreto do Pai, Ele pedisse continuamente aos seus servos, os Bispos da cristandade, que se mantivessem vigilantes. Vigilância essa que, ao mesmo tempo, não poderia impedir a sua queda nesse Sono, que seria aproveitado pelo Semeador Maligno para semear o seu Joio Fratricida.

Ora, sendo a Profecia verdadeira, como se vê nos acontecimentos da divisão das igrejas, compreendemos que, assim como Deus nada faz no mundo sem os homens, e tudo faz nos homens, o Diabo não poderia fazer a sua sementeira maligna senão nos homens. Para tal, tal como já fizera no Éden, teria de tentar e conquistar para o seu projeto de destruição do cristianismo, destruição necessária para aniquilar a raça humana, como se viu que esteve prestes a acontecer no século XX, durante a Segunda Guerra Mundial, onde, mais uma vez, a Alemanha voltou a emprestar o seu corpo para que essa destruição se concretizasse; para realizar a sua Semeadura Maligna durante a Noite dos Bispos, Satanás teria de conquistar para a sua Semeadura um punhado de homens.

A questão é por que razão Deus libertou o Diabo, questão à qual já respondi em «*A História Divina de Jesus Cristo*». Voltando à resposta, digo que, dadas as circunstâncias da Libertação e estando no horizonte a Bandeira da Salvação da Plenitude das nações, Deus considerou necessário, por um lado, recriar no Século de Lutero o acontecimento que teve lugar no Século de Adão, para que o Futuro pudesse libertar-se e, revestido do Poder da Inteligência Jesucristiana, o nosso Século blindasse a Vontade do Género Humano com o Pensamento de Deus; e, por outro lado, mostrar ao Céu e à Terra o motivo da Sentença *ad eternum* contra Satanás e a sua geração de rebeldes à Lei do Criador, os quais, mesmo não tendo sido condenados e tendo a oportunidade de implorar misericórdia ao seu Juiz perante toda a Criação, preferiram, mais uma vez, ser banidos para o Inferno das Trevas Exteriores a continuar a viver num mundo onde a Luz da Verdade é o sol que dá vida a todos os seres.

O julgamento que os homens merecem por esta liberdade concedida por YAVÉ, DEUS PAI, para agir, segundo a Sua Sabedoria, no que for melhor para o universo dos povos — que, como filhos do Seu Braço e cidadãos do reino do Seu Filho, vivemos do Seu Amor pela Vida — não tem fundamento na Inteligência. Deus, em Jesus Cristo, julgará a todos, servos da Igreja e servos do Diabo. Não somos ninguém para julgar os homens que protagonizaram os acontecimentos do passado. Mas a inteligência foi-nos dada para descobrir a mentira e desfazer essas correntes pintadas de ouro pelo Diabo e pela Morte para atrair

todos os ignorantes para a mesma prisão na qual ficará encerrado para toda a eternidade o autor e «Deus Oculto» da Reforma, chamado Satanás.

As 67 teses de Zwinglio acompanharam as de Lutero no plano geral que o Diabo traçou, tendo em vista a destruição da Igreja Católica e a conquista de Roma pelo Império Otomano. Já sabemos como esse plano maligno terminou. O Império Otomano desapareceu da face da Terra. A Esposa do Senhor e Mãe da sua Descendência está mais viva do que nunca e, embora na sua velhice, tenha dado à luz descendência ao seu Senhor.

O que aconteceu, já passou. Não nos cabe a nós julgar ninguém, mas cabe-nos combater as mentiras que foram legadas às nações cristãs, para que, libertas delas, encontrem aberta a porta para a Fraternidade Universal perdida. E que, na Unidade, as nações descubram a Imagem do Homem em Deus, que foi apagada das suas almas pela Queda de Adão e pela Traição de Satanás.

Zwinglio, servo do Diabo, ainda que na sua ignorância, pois tanto ele como os seus companheiros de armas contra a Igreja acreditavam estar a servir a Deus; Zwinglio baseou o seu pensamento anticatólico (e, portanto, anticristão, como demonstrarei na análise das teses que publicou e defendeu, pisando o cadáver de todos aqueles que se lhe opuseram) nas 67 frases lapidares que se seguem e que vou dissecar para que, uma vez arrancada a máscara, se veja o rosto do verdadeiro autor e instigador da Rebelião Protestante contra a Esposa do Senhor, o seu Esposo Jesus Cristo e Deus, Pai de ambos os Esposos.

PRIMEIRA PARTE

«A ESPADA E A PALAVRA»

CAPÍTULO UM

1. Erram e ofendem a Deus todos aqueles que dizem que o Evangelho não vale nada se não for confirmado pela Igreja.

Começamos.

E pergunto: de que evangelho está a falar o autor desta tese? Terá existido, por acaso, algum outro evangelho além daquele que o Espírito Santo selou com o Seu Sangue e que, legado por Cristo à Sua Esposa Católica como herança eterna, Ela defendeu durante os XVI séculos que decorreram desde o Nascimento até à Reforma, e que continuou a defender na sua

Pureza Original desde o século XVI até aos nossos dias, e continuará a defender com a sua Existência pela Eternidade?

Porque o Evangelho da Igreja Católica tem um único Espírito: a saber, que o Filho Primogénito de Deus é o Unigénito de YAVÉ, DEUS PAI, gerado da sua Natureza Incriada, Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus, é esse mesmo Jesus que se encarnou em Maria, esposa de José, e que, tendo recebido do seu Pai Divino um Nome Novo, Cristo, subiu aos Céus para se sentar no Trono do Rei Universal com o nome Sagrado de JESUS CRISTO.

Este é o Evangelho de Deus, que, tendo sido negado desde o início por muitos, foi consolidado no Concílio de Nicéia com o Santo Credo Católico. Vitória Eterna que mais tarde os homens voltariam a negar, mesmo aqueles que se afastaram da Fé, não de forma frontal para não serem acusados de hereges, mas sim de forma subliminar, até que, com a Reforma, Arrio ressurgiu do túmulo para contaminar a mente cristã com a sua negação de que Jesus Cristo é Deus, o Filho Unigénito.

A História e os filhos de Deus sabem que o Evangelho que o Senhor Jesus, no seu Testamento, legou à sua Esposa, a Igreja Católica, foi confirmado por YAVÉ, DEUS PAI, no Concílio de Nicéia, reunido pelo Espírito Santo em Nome do Filho de Deus, para que fosse proclamado o CREDO ROMANO como o Sinal da Confissão Cristã Universal. E quem não o confessa nega a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.

Assim, tendo ficado estabelecido nesse Concílio por YAVÉ, DEUS PAI, que o Verdadeiro e Único Evangelho que desceu do Céu e se fez Carne é aquele que a Esposa de Cristo recebeu em herança das mãos dos Apóstolos: Como pode então existir outro evangelho que não seja aquele confirmado por Deus no Concílio de Nicéia como propriedade exclusiva e eterna da Santa Madre Igreja Católica Romana e Apostólica?

Pergunto: quantos evangelhos conheceram a sua idade de ouro desde que o primeiro de todos foi escrito pelo Espírito Santo?

Chamaram-lhes de apócrifos. Estes foram escritos por magos e judeocristãos que procuravam, uns manipular as massas e outros confundir os verdadeiros cristãos. A leitura desses panfletos anticristãos não deu frutos além de permanecer em círculos gnósticos sem futuro. No Concílio de Nicéia, o Espírito Santo, que habita na Esposa do Senhor, lançou ao fogo esses evangelhos da infância e dos pseudo-apóstolos, e confirmou como o Verdadeiro e Único Evangelho de Deus o Cânone Bíblico Católico, herança da Igreja, segundo o Testamento do seu Esposo e Senhor

Da mesma forma, o evangelho de Ário foi lançado ao fogo por Deus. E, juntamente com esse evangelho arriano, foram lançados ao fogo os diversos evangelhos que, envoltos em batinas, pretendiam provir de Deus. De tal forma que, uma vez entrada na sua Herança — «pois onde havia Testamento, era necessária a morte do Testador» —, a Igreja recebeu de Deus a Confirmação do Evangelho que lhe foi legado pelo seu Esposo, e ninguém pode vir com outro evangelho que não aquele que a Esposa do Senhor e Mãe da sua Descendência possui em Herança: a menos que venha do Diabo, o Inimigo da Coroa de Jesus Cristo: Esposo da Igreja e sua Cabeça Espiritual eterna. De modo que, quando Ela diz: «O Corpo de Cristo», e o Povo responde «Amém», o Povo acredita e vive que Ela é esse Corpo, do qual o Sacerdote é parte viva.

Consequentemente, quem foram esses ladrões que pretenderam incitar os homens a deserdar a Esposa, à qual o Senhor Deus, o nosso Rei Jesus Cristo, devia a sua Descendência?

Será que Deus deu ao Filho do seu Coração uma Esposa com as entranhas estéreis como terra seca que nunca dará fruto? Então, por que razão disse o Espírito Santo: «Toda a Criação aguarda com o coração na boca o nascimento dos filhos do Senhor, a Glória da Liberdade dos filhos de Deus por Herança»?

Mais uma vez: de quem foi o sangue derramado na Itália, Espanha, França e Grécia durante os três séculos que se estenderam desde a Ressurreição até ao Concílio de Nicéia? Não foi esse o preço que a Igreja Católica e os seus povos pagaram pelo evangelho em propriedade eterna? Pois, embora recebido em propriedade pelo Testamento do seu Senhor, o preço de o manter nas suas mãos e preservá-lo até ao fim dos tempos no seu Poder foi pago com o sangue italiano, espanhol, francês e grego. Assim, tendo confirmado o Evangelho ao preço do Sangue Católico Romano, quem era aquele ladrão que veio roubar à Igreja a sua herança?

Quem diz a verdade não ofende. A verdade ofende quem ama a mentira. Deus não erra; erra quem acredita que pode enfrentar Deus e pôr de joelhos o Criador do Universo.

Nesta Primeira Tese, o ladrão de almas que a assinou revelou as suas cartas, as suas intenções. A magnitude da hipocrisia com que assinou as suas teses revela-se na seguinte:

2. — Eis aqui um resumo do Evangelho: Nosso Senhor Jesus Cristo, o verdadeiro Filho de Deus, revelou-nos a vontade do seu Pai celestial e, com a sua morte inocente, redimiu-nos e reconciliou-nos com Deus.

A hipocrisia do lobo disfarçado de cordeiro não poderia ser mais evidente. A estupidez do povo a quem se dirige não é menos evidente.

Quem escreve apresenta a tese como se, durante 16 séculos, nenhuma nação nem nenhum homem tivesse ouvido palavras semelhantes, como se o Espírito Santo, através dos Apóstolos, não tivesse espalhado este evangelho pelas nações da Europa Romana.

Quem escreve, Zwinglio, considerava quem lia um animal incapaz de compreender uma única letra, e que preferia justificar a sua incapacidade intelectual arrancando-se voluntariamente os olhos. O leitor não queria ver que quem assinava era um ladrão de almas que, para abençoar o seu roubo, se apropriava do evangelho confirmado pela Igreja Católica no Concílio de Nicéia, recebido das mãos do Espírito Santo, que por sua vez o recebeu das mãos do Filho de Deus, a quem foi confiado por Deus, seu Pai, e por ambos, o Filho e o Espírito Santo, selado com Sangue e entregue em herança à Esposa do Senhor Jesus, de quem teria a sua Descendência, pela qual toda a criação manteria o seu coração num punho: o Punho de Deus.

Hipocrisia que o suíço revestia de sabedoria e, contando com o analfabetismo e a ignorância do leitor a quem escrevia, o suíço, ao afirmar o que sabia, ocultava o que não

dizia. Pois se Zwinglio tivesse realmente acreditado no que afirmava e tivesse conhecido a origem da Semente Fratricida que estava a semear, antes teria cortado as próprias mãos do que continuar a espalhar a Semente do Diabo na Suíça.

Cristo Jesus é o Moderador do Sacerdócio que desceu de Deus para abolir o sacerdócio aaronita e levar a Adoração à sua Perfeição eterna. Daí que a Igreja seja chamada de «O Senhor», pois Nela se cumpriu a Escritura que, desde a Queda, foi anunciada com a Redenção: «Buscarás com ardor o teu Esposo, que te dominará», E, uma vez encontrado, celebrada a Noite de Nupcias Eterna, consumou-se a Palavra do Criador na Unidade das duas pessoas no Matrimónio, tornando-se uma só coisa, neste caso, sendo um Matrimónio Espiritual: Cabeça e Corpo. E daí que o Espírito Santo não se cansasse de repetir que «Cristo Jesus é a Cabeça da Igreja», e o Colégio dos Sacerdotes, a Igreja, o seu Corpo.

Mas nós, os filhos, temos no Filho de Deus o nosso Rei, de modo que, para a sua Esposa, Cristo Jesus é «o Senhor», e para os seus filhos, nascidos deste Matrimónio Espiritual Eterno, é Jesus Cristo «o Rei».

Este é o Fruto do Evangelho do Espírito. E não só não há outro «evangelho» senão aquele confirmado por Deus e por Ele testemunhado à Esposa do seu Filho, o nosso Rei Jesus Cristo, como também quem prega outro evangelho vem do Diabo, e o seu rei e senhor é Satanás, sob cuja bandeira, como se verá ao longo desta análise, cavalgou o autor deste evangelho anticatólico. O seu anticristianismo é flagrante quando afirma:

3.-Por isso, Cristo é o único caminho de salvação para todos os homens que foram, são e serão.

Declaração atrás da qual o suíço escondeu a sua verdadeira face. Zwinglio não anunciava o Cristo de Deus, de quem o Espírito Santo, assinando a Sua Declaração com o Seu Sangue, afirmou repetidamente que Cristo Jesus é a Cabeça da Igreja, o Seu Corpo, de acordo com o Decreto Onisciente e Todo-Poderoso de YAVÉ, DEUS PAI: «Serão os dois um único Ser, uma única Realidade: Cristo».

Assim, sendo o Esposo o Caminho, não pode haver Caminho fora da Igreja Católica, a Sua Esposa. Ou será que se pode seguir a Cabeça, mas não o Corpo daquele a quem se segue? Porventura os Apóstolos não selaram a Unidade eterna entre Cristo e a Sua Esposa, para cujas Bodas foram convidados estando o Senhor entre eles? Não entregaram eles à Esposa o Testamento do seu Esposo, cujo Evangelho tem sido o dela desde aquele Dia até aos nossos dias?

O que Deus uniu com o Sangue do Espírito Santo pode ser separado pelo Diabo?

Uma criatura atreve-se a desafiar o seu Criador para um duelo até à morte e acredita, na sua loucura, poder vencer o Senhor do Infinito e da Eternidade, YAVÉ DEUS, Pai de Jesus Cristo?

A hipocrisia do signatário é a daquela Serpente Maligna que se aproximou de Eva com palavras envenenadas encerradas num frasco dourado. Zwinglio escreve: «Cristo é o único caminho da salvação». Aleluia! Palavras nunca ouvidas nas montanhas dos cantões suíços, palavras que nunca encontraram eco entre os grandes picos dos

Alpes suíços. «Senhoras e senhores: O Caminho é Cristo, ontem, hoje e sempre», e o povo selvagem das montanhas ajoelha-se e diz:

«Amém, amém, amém,

Lutero é Deus, e Zwinglio o seu profeta».

4.-Quem quer que procure ou indique outra porta está errado e é, inclusive, um assassino de almas e um ladrão.

De facto, o próprio Zwinglio, ao fechar a Porta da Igreja, o Corpo de Cristo Jesus, denuncia-se a si *próprio como assassino de almas e ladrão*. Pois de quem está ele a falar e a quem está a denunciar ao dizer isso?

Não está escrito no Evangelho, confirmado pela Igreja, que a Porta é Jesus, e que Jesus é o Cristo de Deus?

Estaria o orador a acusar a Igreja por ter mentido ao mundo e por lhe ter dito que a Porta para Deus, e consequentemente para a Vida eterna, era e é o seu Esposo, Jesus Cristo? Ou o que este Zwinglio pretendia era colocar outra porta para a vida eterna que não era nem podia ser outra senão ele próprio?

Pois sabemos que a Porta é o Verbo, que desceu do Céu e se fez Homem, Obra Maravilhosa de Deus, que já a tinha anunciado através do seu Profeta, dizendo: «Farei uma Obra Maravilhosa tal que, se vo-la contasse, não acreditariam nela». De facto, viram-na e não acreditaram nela.

Em vez de falar, Deus deu à Sua Doutrina um Corpo que se podia tocar, ver e com quem se podia falar. Cristo Jesus era essa Obra Maravilhosa anunciada pelos Seus Profetas. A Doutrina era Ele. Ele era a Porta. Uma Porta Viva, Divina. E quem traz outra doutrina e separa a Esposa do Esposo é um assassino de almas, um ladrão ao serviço do Inferno. É lógico, portanto, que o ladrão acuse o seu inimigo daquilo que ele próprio é, com o objetivo de confundir quem lê e, afastando-o da Porta do Paraíso, que é Cristo Jesus, conduzi-lo à porta do Inferno.

A fonte da astúcia daquele servo do Semeador Maligno revela-se na seguinte tese.

5. – Por conseguinte, todos aqueles que ensinam falsas doutrinas, afirmando que são iguais ao Evangelho ou que valem mais do que este, ignoram o que é o Evangelho.

E o que estava este servo do Semeador Maligno a fazer senão ensinar uma falsa doutrina segundo a qual Deus não deu uma Esposa ao Seu Filho?

Acaso, mesmo nas traduções destes servos malignos, não se lê que o Esposo estava entre os Convidados, os seus Discípulos? Quem era a sua Esposa?

Não foi o Espírito Santo quem o disse?: «Cristo é a Cabeça da Igreja». E, se é a Cabeça da Igreja, a Igreja é aquele Corpo no qual se cumpre a Palavra do Criador do Cosmos, Todo-Poderoso e Onisciente: «Procurarás com ardor o teu Esposo, que te dominará», ou seja, «será o teu Senhor». É nessa união que ganha vida a Palavra Todo-Poderosa de YAVÉ, DEUS PAI, quando diz: «Serão os dois, Esposa e Esposa, uma única coisa: um Ser Único, uma Realidade Indivisível e Eterna».

Não foi esta a Doutrina do Espírito Santo que, tornando-se Apóstolo à Imagem e Semelhança do Senhor, semeou a Semente da Vida eterna nas nações romanas? Que falsidade ensinou a Esposa de Cristo às nações europeias? Que Evangelho, diferente daquele que lhe foi testemunhado pelo seu Esposo, defendeu Ela durante os 16 séculos decorridos desde a Sua Ressurreição? De que estava a acusar este servo do Semeador Maligno a Esposa do Senhor? Estaria a manipular a pornocracia dos servos para matar a Esposa do Senhor?

Na verdade, esses servos responderão pelas suas condutas, cujos atos blasfemaram o Nome da Esposa, e o Julgamento do Senhor será conforme à Justiça. Mas como será o Julgamento sobre aqueles que usaram essa perversão dos servos para entrar na Casa do Senhor com o intuito de matar a Sua Esposa?

Que Deus os apanhe confessados nesse Dia, pois é justo que o senhor e os seus servos sejam sujeitos à mesma condenação.

Quem é, então, aquele *que ignora o que é o Evangelho*, senão aquele que não compreende que Cristo é a Doutrina de Deus feita Carne, cuja Carne é a Igreja Católica?, a sua Santa Esposa e Mãe da sua Descendência, conforme disposto por Deus Pai desde antes de ambos terem sido concebidos, conforme está escrito: «A tua Descendência tomará posse das portas dos seus inimigos».

Evidentemente, essa Descendência não se referia à Casa de Abraão, pois a sua nação foi destruída pelos seus inimigos. Mas sim à Casa de Cristo, à cuja Descendência Ele legou, no seu Testamento, a Vitória sobre os Inimigos do seu Reino.

Este é o Evangelho de Deus, pelo qual o seu Filho entregou a sua Vida. E, sendo Todo-Poderoso, dobrou os joelhos perante a Sabedoria do seu YAVÉ DEUS, o seu Pai, em cujo Coração a Esperança de Salvação de toda a humanidade lhe foi confiada em testamento à sua Esposa, a Igreja, de quem lhe viria, tal como a Sara na sua velhice, essa Descendência gerada para vencer.

Maravilhosa é a obra de Deus no seu Filho, do princípio ao fim. Obra contra a qual o Semeador Maligno se levantou e, contratando servos, a quem escondeu sob a batina, colocou nas suas bocas o veneno do Ódio com o qual conduziriam as nações cristãs à Guerra Civil Fratricida em que têm vivido desde a Rebelião Protestante até ao final do século XX.

Se Zwinglio e os seus irmãos no Anticristo tivessem conhecido a Sabedoria de Deus, teriam cortado a língua antes de proferir uma única palavra contra a Igreja Católica, a Esposa do Senhor, Cristo Jesus: o Verbo feito carne, o Evangelho, a Doutrina Viva de Deus no Corpo de Homem.

6.-Porque Cristo Jesus é o chefe e capitão prometido por Deus aos homens e enviado por Deus

Os servos do Semeador Maligno apropriavam-se da cristologia da Igreja para a lançarem contra a própria Igreja, erguendo-se como heróis perante um povo de ignorantes e brutos, intelectualmente incapacitados nas coisas do Céu e de Deus.

A batina foi a máscara que o Diabo deu aos seus servos para ocultar a origem da luz que iluminava os seus rostos. E, mesmo assim, nas suas palavras revela-se o desprezo pelo Filho de Deus, cuja Glória Divina reduzem a ser um mero *capitão e chefe* dos exércitos de Deus.

A Glória do Rei Todo-Poderoso que Deus concedeu ao Seu Reino, aos pés do qual colocou toda a Sua Criação e nas mãos do qual YAVÉ, DEUS PAI, depositou a vida e a morte de todos os povos da Sua Criação, Jesus Cristo: Deus Filho Unigénito, o Senhor que, com a Sua Palavra Onipotente, ordenou às infinitas estrelas dos Céus que ocupassem os seus lugares nas constelações do firmamento... a Glória do Senhor de tudo o que existe na Terra reduzida à de um mero *chefe e capitão*. A Glória do Filho Todo-Poderoso de Deus, que com o Seu Braço esmagou a Cabeça do Príncipe das Trevas e nos abriu o Caminho para a Árvore da Vida Eterna, cujo Fruto é o AMOR, a Glória do Filho pelo qual o Coração de Deus Pai bate, e o Seu Espírito vive na Felicidade... reduzida à mera glória de um *capitão e chefe*.

Eis o evangelho de Zwinglio. A tudo isto e a nada mais do que isto se reduziu o novo evangelho deste servo do Semeador Maligno. O orgulho dos brutos e selvagens montanheses alpinos foi salvo, exaltado e glorificado graças a este apóstolo deste novo evangelho, que fez descer o Filho de Deus do seu Trono e O rebaixou ao nível de qualquer outro homem, um *mero capitão e chefe*... É verdade, *prometido aos homens e enviado por Deus*...

7.-... para que ele fosse a salvação eterna e a cabeça de todos os crentes. Estes são o seu corpo que, sem Ele, seria um corpo morto, incapaz de empreender qualquer coisa.

Na verdade, só quem nunca leu os Padres da Igreja poderia aceitar uma única palavra deste mensageiro das trevas, como se este apóstolo maligno estivesse a pregar uma doutrina nunca antes ouvida. Tendo isto em conta, não é de admirar que estes mensageiros tenham cegado todos os povos que os seguiram, fechando a porta aos Padres da Igreja através do subterfúgio da «Bíblia Sozinha».

Evidentemente, a imprensa mal tinha sido inventada, e apenas 1% da população europeia da época sabia ler e escrever. Este pormenor é ocultado por todos os historiadores do século XVI. O analfabetismo da população europeia do século XVI era quase absoluto. E não apenas nas classes sociais mais baixas, mas também em muitas das famílias pertencentes às classes aristocráticas, que assinavam com um X.

O Renascimento, hoje tão célebre, foi um fenómeno das elites. Hoje maravilharmo-nos com os Miguel Ângelo, Rafael, Galileu e outros semelhantes, mas naquela época, na

prática, tanto o Renascimento como o Humanismo eram movimentos elitistas. A imensa maioria da população europeia era analfabeta, ignorante e, conseqüentemente, inculta.

A Rebelião Anticatólica fechou-lhe as portas ao Renascimento nas nações que, esmagadas pelo puritanismo protestante, bloquearam, por um lado, os caminhos para a difusão do conhecimento dos Padres da Igreja e, por outro, para a herança filosófica e científica clássica. Tinham a Bíblia, já não precisavam de ler mais nenhum livro.

O crime contra a civilização que, após a descoberta da imprensa, a Rebelião Protestante cometeu ao obstruir esses caminhos e reduzir tudo à Bíblia, como se a Bíblia tivesse sido descoberta e nunca antes conhecida, é um crime contra a Humanidade que, tendo como fruto a Guerra dos Trinta Anos, pesa sobre a consciência das nações que, ao cultivarem no futuro essa cegueira e o ódio que dela decorre, lançaram as bases para as Guerras Mundiais do século XX.

O cultivo das línguas clássicas que o Renascimento, com tanto esmero, entregou ao Humanismo — cultivo do qual se esperava que produzisse uma elevação da inteligência europeia através do acesso das nações à herança dos antepassados e às ciências clássicas —, foi traído por uma rebelião anticristã que se serviu da imoralidade de alguns servos blasfemos para continuar a aprisionar os povos cristãos na brutalidade que provém da ignorância.

A manipulação contra a Humanidade por parte daquele que considera uma Guerra Santa a destruição do inimigo que cria na sua mente, e faz depender a vida de todo o universo da sua própria, semeou no ódio às nações católicas aquele fanatismo que, com o passar do tempo, as conduziria a todas para o campo de batalha de Gog e Magog, onde o senhor desses rebeldes confiava em destruir a civilização cristã sob as botas de Estaline e Hitler.

Parece natural que alguns espertalhões se aproveitem da ignorância de tantos analfabetos para criar um sistema de vida no qual eles serão os novos deuses, viverão como tal e, como tal, matarão todos aqueles que se levantem para lhes arruinar o negócio. Sempre foi assim.

Os Escolhidos do «Deus Oculto» da Reforma Protestante mataram muitos e morreram repousando sobre as ondas do mar de sangue que derramaram em nome dos seus egos psicopatas. Psicopatologia que não admitia que ninguém lhes dissesse o que é a verdade e o que é a mentira. Psicopatologia pela qual eles estavam em comunicação direta com Deus e de Deus recebiam a ordem de matar todos aqueles que se opusessem aos seus desígnios de destruir a Igreja Católica.

Do Diabo não se podia esperar outra coisa, mas de homens criados por essa Igreja...

Quem nasce de um traidor torna-se traidor. O Mestre traiu Deus, os seus servos traíram a Esposa do Senhor. Como disse o sábio: «Nada de novo sob o sol». Porque dizer que, sem Jesus Cristo, todo o homem está morto, e pretender fazer crer que se está a dizer algo novo ao afirmar *«para que Ele fosse a salvação eterna e a cabeça de todos os crentes. Estes são o seu corpo que, sem Ele, seria um corpo morto, incapaz de empreender nada»*... soa a uma imbecilidade tão enorme que, a partir dela, compreendemos a imensidão da ignorância em que viviam os povos do século XVI.

Na verdade, Jesus Cristo é a Cabeça de toda a Criação por disposição do seu Pai. Ele é o Rei Eterno e Todo-Poderoso, o Juiz Universal Onisciente, o Senhor Onipotente e

Sumo Sacerdote Universal, Cabeça da Casa dos filhos de Deus, de modo que tudo o que existe tem vida por Amor a Ele.

Em suma, esta é a Doutrina do Espírito Santo dos «Padres da Igreja». Antes de a Semeadura Maligna ter começado na Alemanha, esta Doutrina já estava escrita; era o Legado dos chamados «Padres da Igreja».

No entanto, esta tese não se refere a esta Doutrina. De modo algum. O orador está a desafiar o Espírito Santo. Zwinglio não se refere à Glória do Filho de Deus, mas à de Cristo, Cabeça da Igreja, Igreja da qual ele renega, e, negando Deus, afirma que todos os homens, seguindo a loucura de Lutero e dos seus discípulos, todos os homens são sacerdotes.

Desculpe?, quer dizer que todos os israelitas eram sacerdotes?

O Antigo Templo de Jerusalém deu lugar a um Novo, que desceu do Céu. Cristo é este Templo. O Novo continua a receber o Nome do Antigo, «a Jerusalém que desceu do Céu», porque aquele Antigo foi o Protótipo do Novo.

O Antigo Templo de Jerusalém era o Coração e a Alma de uma Religião. Deus deu-lhe forma para que o Protótipo fosse o Original, à imagem do qual se ergueria o Novo.

E assim se fez. O Serviço Aarônico chegou ao fim e cedeu o seu lugar ao Sacerdócio Católico, ou seja, Universal. Pois sabemos que o sacerdócio aaronita se limitava ao povo de Israel; mas o cristão refere-se ao universo das nações, tanto deste mundo como do mundo de onde desceu o Filho de Deus; e daí que, depois de ter dado a conhecer o Evangelho aos filhos de Deus da Terra, Ele subisse ao Seu Mundo para o pregar aos filhos de Deus do Céu, nas Suas palavras: «Tenho outros rebanhos que é necessário que venham a mim».

Continuando com esta linha de raciocínio, no Antigo Templo, o Sumo Pontificado passava de pais para filhos. No Novo Sacerdócio, Deus institui um Sumo Sacerdote Eterno, que, sem passar por sucessão, torna-se Sumo Sacerdote Universal, Cabeça de todos os Sacerdotes Cristãos, todos servos de Deus, um Corpo Santo ao serviço do Novo Templo, Templo Vivo, Eterno, no qual se adora a Deus e perante o qual apenas o Sumo Sacerdote Divino pode permanecer de pé na Sua Presença.

É deste Novo Templo que Cristo Jesus é a Cabeça de todos os sacerdotes que sucedem ao sacerdócio aaronita por Disposição Divina: e este Templo é o Templo que o Semeador Maligno se propôs a derrubar. E contratou «o filho da perdição» para que, atacando o seu Edifício a partir de diferentes pontos, derrubassem as suas muralhas, abrissem portas por onde entrar e acabassem com a Esposa de Cristo.

Morto o Corpo, acabada a Cabeça.

Morto o Corpo, Cristo ficaria impotente para continuar a agir no mundo. Nas palavras deste discípulo do filho da perdição: *Deus seria um corpo morto, incapaz de empreender nada*. E era precisamente isso que procurava o «Deus Oculto» da reforma, senhor e mestre deste servo, tanto do suíço como do alemão, do inglês e dos seus outros irmãos de armas no Anticristo.

A loucura consiste em desafiar Deus. Desafiar Deus foi a perdição daquele que um dia foi chamado de filho de Deus, cujo nome é Satanás.

CAPÍTULO DOIS

É próprio das serpentes cuspir o seu veneno. Não foi por acaso que Deus chamou de Serpente aquele a quem até então chamava de filho, e a quem vemos mais tarde, mesmo depois de ter lançado o seu veneno, a apresentar-se perante Deus como se nada tivesse acontecido.

Os sábios de todos os tempos, na sua ignorância, interpretaram a palavra da Escritura à letra e, onde Deus chamou «Serpente» a Satanás, viram «uma serpente». E mesmo que os milênios vividos tenham demonstrado que os animais não falam, os sábios de todos os tempos, para encobrir a sua ignorância, afirmaram que tudo não passava de uma mentira, que nunca existiu um lugar chamado Éden... nem Deus existe... nem o Diabo existe.

Mas nós, filhos de Deus, sabemos que a condição natural dos eleitos, segundo o mundo, é colocar aquela máscara do Diabo, que escondeu o seu verdadeiro rosto para se apresentar como um anjo que vem em nome de Deus. Seguindo esta política maligna, os apóstolos do evangelho do Ódio, incapazes de ver o seu verdadeiro rosto no Espelho do Filho de Deus — que o Diabo escondeu por detrás da máscara da sabedoria, sob a qual «ocultou» as suas ignorâncias —, esses escolhidos do Semeador Maligno para levar a cabo a sua Semeadura da Divisão das igrejas — meio para conduzir as nações às Guerras Mundiais de Gog e Magog — nunca mais reconheceram outra Verdade além da sua própria e, por ela, juraram incendiar o mundo, seguindo em tudo o exemplo de Satanás, «o seu mestre, rei e senhor».

Zwinglio foi mais um entre os muitos que, pela sua conduta, foram a antítese de Cristo. Enquanto Cristo preferiu dar a sua vida a tirar a dos seus inimigos, eles pisaram o cadáver dos seus críticos; enquanto Cristo mostrou misericórdia para com o pecador, eles impuseram a pena de morte a todos os pecadores... E basta: «Pelas suas obras os conhecereis». E pelas suas obras digo que foram membros do Anticristo, o seu Senhor e Mestre. E, em obediência ao seu Mestre, este servo do Semeador Maligno escreveu o que se segue:

8.- Daqui conclui-se: Primeiro: Todos os que vivem em Cristo como cabeça são seus membros e filhos de Deus, ou seja, a Igreja ou comunhão dos santos, a esposa de Cristo, a «Ecclesia Catholica», isto é, universal.

A Doutrina de Deus é esta: O Seu Filho é a Cabeça de todos os Poderes do Seu Reino. Jesus Cristo é a Cabeça dos exércitos de YAVÉ, DEUS PAI; Jesus Cristo é a Cabeça do Tribunal de Justiça de Deus; Jesus Cristo é a Cabeça do Sacerdócio do Templo Universal, no qual se adora a Deus. Jesus Cristo é Rei, Juiz e Senhor. Uns são sacerdotes, outros são soldados, outros são ministros, outros somos cidadãos do Seu Reino. Então, de onde vem este veneno segundo o qual cada homem é um deus, ao mesmo tempo soldado, ministro, sacerdote e cidadão do Seu Reino? Cada homem é rei, senhor e sumo sacerdote da Casa de Deus? É isto que significa ser filho de Deus?

Tolos, sábios de infinita ignorância, a quem o vosso Amo e Senhor VESTIU COMO ENVIADOS DE DEUS: aquilo mesmo que dizeis ser é o que Satanás pediu e a quem Deus negou,

e, em rebelião, Satanás, essa Serpente Maligna, declarou guerra ao Seu Reino. Em que mente cabe que YAVÉ, DEUS PAI, Criador do COSMOS, cuja Perfeição ultrapassa a imaginação e a ciência de qualquer homem, conceba uma Estrutura Social assente nas bases de um Indivíduo que, ao mesmo tempo, é rei, juiz, sacerdote, ministro, pastor e cidadão? Perderam o juízo? Será que vale a pena discutir tal tese?

Se estivéssemos entre aquela multidão de bestas brutais que encheram os Alpes suíços no século XVI, certamente a pena de morte seria a nossa condenação. É o pagamento do Diabo aos seus inimigos. Que pagaríamos de bom grado, pois a glória dos santos é o Paraíso; mas o pagamento do Diabo aos seus servos é o Inferno. Portanto, se ainda houver algum demente que se considere rei, senhor, juiz, sacerdote, ministro e cidadão — ou seja, um clone do próprio Filho de Deus —, que dê um passo à frente.

Discutir esta tese é falar com um louco. Continuemos a analisar a sua loucura:

9.- Segundo: Assim como os membros do corpo nada podem fazer se não forem governados pela cabeça, também ninguém pode fazer nada se estiver no corpo de Cristo sem a sua cabeça, que é Cristo.

De facto, foi por isso que a destruição da Igreja, do sacerdócio católico e do Corpo de Cristo constituiu a prioridade do Diabo, transformando o Corpo, sem a sua Cabeça — Deus, o Filho Unigénito —, num poder sem força na Terra.

E aqueles enviados do Inferno cumpriram na perfeição a sua tarefa ao serviço do Semeador Maligno, o seu Senhor.

Se não alcançaram o seu objetivo, não foi por falta de empenho dos escravos da Serpente, por cujas bocas o veneno se espalhou em abundância por toda a Europa, conduzida como um animal à Guerra Fratricida dos Trinta Anos.

Tolos de infinita sabedoria, qual será sobre vós o Julgamento do Todo-Poderoso e Onisciente Jesus Cristo no Dia do vosso Julgamento?

Tolos enviados do Diabo que vos fizestes passar por Enviados do Senhor Jesus Cristo, esse Inimigo que pretendestes destruir destruindo o seu Corpo na Terra; querendo salvar a Honra de Cristo, comportastes-vos como o louco que, para acabar com a sua dor de cabeça, se decapita.

Eu digo que tremerão de pavor quando o Senhor, cuja Esposa procuraram destruir e cujo povo conduziram à Guerra Civil, vos despertar dos mortos e vos chamar para responder pelo vosso serviço ao Diabo.

E aí de vós, todos aqueles que acolheram nas vossas cidades o veneno da serpente como mel desceu do céu. Se aos vossos descendentes ainda restar um grama de inteligência, eles irão riscar-vos da lista dos seus antepassados.

Mas o crime dos servos do Semeador Maligno, dando por morto o Corpo separado da Cabeça, consumou-se quando, na sua loucura, se propuseram a criar um novo corpo à medida de cada um, dos quais eles próprios seriam as cabeças... E a cabeça deles

seria Cristo, elevando-se assim à condição de deuses, tal como a Serpente disse a Adão: «Sereis como os deuses».

Adão chorou com gritos que subiram ao Céu quando compreendeu o Engano e a Traição de que foi vítima. Aqueles servos do Diabo não choraram, mas dançaram a dança do Inferno sobre os milhões de cadáveres de cristãos sobre os quais se ergueram corpos, e sobre os quais eles seriam as suas cabeças... e as cabeças deles seriam Cristo, e a Cabeça de Cristo é Deus... Portanto, eles eram deuses e, como tal, tinham nas suas mãos o Poder da Vida e da Morte. E, no exercício desta divindade alcançada em vida, este servo de Satanás falava assim:

10.- Se os homens já agem insensatamente quando os seus membros agem sem contar com a cabeça e, conseqüentemente, se ferem uns aos outros e saem prejudicados, da mesma forma agem insensatamente os membros de Cristo se tentarem empreender algo sem a sua cabeça: Cristo. O que fazem é ferir-se a si próprios e sobrecarregar-se com leis imprudentes.

Quem é este que submete o Comportamento daquele que é Deus, Filho Unigénito, à conduta de seres que não passamos de um pedaço de barro cuja existência depende da Palavra de Deus?

Quem é este insensato que fala de Deus como se fosse um simples mortal a quem se pode acorrentar e pôr de joelhos?

Em vez de seguir o exemplo do Cristo de quem fala, em vez de gritar «VADE RETRO, SATANÁS», este tolo, tal como Lutero, tal como Henrique VIII, tal como Calvino, ajoelhou-se com o objetivo de ser deus por um dia. Na sua vaidade, desprovida do poder da cabeça, escreveu:

11.-Daí resulta que vemos como os preceitos promulgados por pessoas a quem chamamos «clérigos», relativos ao seu ostentação, às suas riquezas, ao seu estatuto, aos seus títulos e às suas leis, são a causa de toda a insensatez; porque não estão em conformidade com a cabeça.

Da serpente provém, na verdade, o veneno.

CAPÍTULO TRÊS

Não é um fenómeno dos nossos dias o facto de a Força da Opinião Pública exercer uma influência decisiva no comportamento dos indivíduos, das nações e do mundo. Ao

ao longo dos séculos da Europa Moderna, a Força da Opinião Pública tem sido uma realidade tão importante que chegou a tornar-se mesmo determinante nos nossos dias.

Antigamente, teria sido difícil descobrir a origem deste fenómeno, que hoje em dia é o melhor aliado dos Poderes Privados e Públicos.

O estudo da psicologia dos povos leva-nos a acreditar que a Opinião Pública, enquanto Força ao serviço dos Indivíduos e dos Estados, é um produto peculiar, inerente à natureza da génese da Sociedade. O sistema social criado sempre se baseou numa expressão imediata e explicativa dos movimentos internos e das expectativas que a nossa inteligência suscita, na sequência da nossa compreensão da natureza do Tempo.

Podemos acreditar, e não nos enganaríamos, que a opinião pública surgiu de fontes antissociais ligadas aos interesses ocultos de indivíduos e grupos responsáveis pela administração dos poderes do Estado. Com o objetivo de identificar o seu Governo com o Estado criado por todos e de vincular o futuro da sociedade ao futuro da relação com o poder que lhes foi confiado para a sua administração, os partidos políticos e as organizações privadas que sustentam esses partidos, em defesa do seu status quo, alimentam e semeiam ideias que se apoderam dos corações, obscurecem o pensamento, escravizam os espíritos e os transformam em meios anónimos, por meio dos quais se alcançam esses fins privados que os administradores escrevem para que sejam a sua história, a sua epopeia, a sua odisseia, o seu épico.

Uma vez criada a semente da Opinião Pública, as suas propriedades e características estão exclusivamente relacionadas com os seus criadores, que, valendo-se dos Poderes do Estado, expandem a sua criação até alcançar círculos cada vez maiores. A magnificência da sua força será medida pela sua vitória sobre a oposição que a Opinião Pública terá de vencer, até arrastar as massas ao ponto de se ajoelharem perante a Imagem Artificial da realidade criada em benefício dos seus autores. A realidade da imagem que injetam nos povos não precisa de estar em concordância com a Realidade que aqueles que lhe deram forma escondem dos nossos olhos, para alcançarem, por todos os meios, o fim que procuram. Uma vez detonada a bomba, a sua Força estende-se por círculos infinitos até moldar o comportamento de forma planeada e exponencialmente teleguiada, até atingir o fim desejado.

Embora o Poder se enriqueça à medida que cresce e se alimente constantemente da experiência de mentes cada vez mais livres e fortes, que, embora por sua vez sejam permeáveis ao bombardeamento das transformações dos tempos, a existência de espíritos independentes permite à Sociedade contar com homens que não só não se deixam influenciar por essas bombas sem núcleo natural, como também, pela própria força das suas inteligências, reagem contra elas com energia invencível. Graças à sua batalha contra os interesses privados desses grupos de Poder que fazem dos Estados alavancas ao seu serviço para alcançar o Olimpo das suas utopias egocêntricas, a Civilização move-se num campo de ação em constante metamorfose. Graças a eles, o que inicialmente foi criado e lançado para moldar o comportamento de povos e nações fracassa como doutrina, transformando-se em bolhas sem consistência histórica.

Sendo a Opinião a razão dos ignorantes, o fenómeno da sua manipulação, em vez de a combater e elevar a razão ao nível da Inteligência, não pode ser nem deixa

de ser um crime dos Poderes Privados e Públicos contra o Futuro da Civilização e o Bem-estar da Sociedade.

Obviamente, a força da sociedade para enfrentar a deriva da civilização nas mãos de grupos de poder ancorados em egos alheios ao Tempo Universal tem vindo a crescer na mesma medida em que esse poder tem vindo a crescer. A História da Civilização é um livro aberto do qual se pode aprender como se tem vindo a formar este fenómeno a que chamamos Opinião Pública. Mas é no século XVI, com a ajuda da Imprensa, recém-saída da forja de Prometeu, que, com maior potência e clareza, podemos detetar a influência e o uso desta Força.

É desnecessário afirmar que a imprensa foi o motor sem o qual aquilo que poderia ter ficado a ser apenas o capricho de um advogado frustrado que se fez frade se transformou numa verdadeira rebelião das massas. E embora, pessoalmente, eu duvide muito da opinião das universidades de que a rebelião luterana tenha sido o início da Idade Moderna — o que, ao furar essa bolha, deve ser visto, e eu vejo, na Descoberta da América —, não deixa de ser verdade que a Idade Moderna, centrada no Novo Mundo, ao desviar dos acontecimentos europeus toda a força do exército e do Estado mais poderoso da época — o Estado e o Exército espanhóis —, tornou possível o impossível: que uma rebelião isolada se transformasse num maremoto de proporções fraticidas colossais.

A descoberta da imprensa ao serviço da opinião pública europeia e a descoberta das Américas ao serviço da civilização, privando a Europa dos melhores teólogos e capitães da época, foram os braços que abriram as portas a uma Europa sem Núcleo Divino.

Ora, quem impõe a sua ideia, seja pela boa ou pela má, é quem escreve a História dos acontecimentos vividos. E foi assim que uma Opinião Pública baseada numa reação sangrenta contra a Cúria Vaticanense desencadeou um Mal Maior do que o Mal que pretendia curar.

Mas, independentemente destas forças naturais, os historiadores da Reforma fecharam os olhos à Grande Verdade que estava em jogo. A Reforma Protestante consistiu na ruptura e destruição de uma civilização fundada sobre uma religião universal que, durante quinze séculos, moldou o pensamento das nações europeias. Este, e nenhum outro, foi o objetivo para o qual foi posta em marcha a Rebelião Protestante do século XVI.

E ao fecharem os olhos à Grande Verdade — que o Movimento, conduzido de forma teleguiada para a Guerra Fratricida dos 30 Anos, tinha o Cristianismo como o castelo a derrubar —, os historiadores, tanto católicos como das igrejas nascidas daquela Rebelião contra a Civilização Católico-Europeia, esquecem-se de um pormenor fundamental, da mais alta importância: O Cristianismo foi fundado por Deus e pelo Seu Filho, pelo que a pergunta impõe-se: como é que uns e outros conseguiram afastar Deus do Conflito? Como foi possível escrever uma História do século XVI sem iniciar a sua narrativa com a Presença do Deus Criador da Civilização Cristã, e tratar os acontecimentos como se o Filho de Deus estivesse morto e a Sua Ressurreição tivesse sido apenas isso, uma lenda?

Portanto, assumindo como realidade a história da humanidade enquanto um capítulo na história da criação do universo, e a fundação do cristianismo e da Igreja enquanto um capítulo na história da vida do Filho de Deus, sob que

pressupostos se pode penetrar no mistério da Origem da Reforma, afastando das suas fontes a existência do Inimigo de Deus e do seu Reino?

Após a Ressurreição, deixou de existir o Inimigo contra quem foram escritas estas palavras? : «VADE RETRO, SATANÁS».

Deduzindo: Mentiu o Filho de Deus na sua Revelação Final, aquele livrinho apocalíptico com o qual Deus encerrou o seu Livro, profetizando a Libertação desse Satanás sob a forma de Semeador Maligno?

Mentiu YAVÉ, DEUS PAI, no seu Filho ao profetizar a Semeadura Maligna?

Recorde-se que «o espírito de Jesus é o espírito da profecia»? E, depois Dele, o mundo não conheceu mais nenhum profeta.

A Profecia é um Atributo do Ser de Deus. Nenhum profeta falou jamais em nome próprio. Falar em nome próprio teria sido uma ação esquizofrénica, egocêntrica e maligna. O Profeta foi e é YAVÉ, DEUS PAI. ELE foi o Senhor dos Profetas. Seja porque, sendo Todo-Poderoso e Onipotente, pode anunciar o futuro no presente, seja porque, sendo Onisciente e infinitamente Sábio, conhece os efeitos no futuro das causas presentes, não existe Profeta fora de YAVÉ, DEUS PAI. A profecia é um Atributo do Seu Espírito. Daí que, quando com toda a naturalidade o Servo de Deus escreve: «O espírito de Jesus é o espírito da profecia», não esteja a falar de um profeta por encomenda, mas de um Profeta pelo Espírito, ou seja, da mesma Natureza de YAVÉ DEUS, o seu Pai.

Com «Jesus», os Profetas passam para a História.

Não será a profecia que distinguirá a Nova Religião; será o espírito de Inteligência, que começa imediatamente a manifestar-se e atinge o seu estatuto cristão natural em Santo Agostinho. A propriedade, o atributo que constituirá a essência e a substância do Cristianismo, será o espírito de inteligência. Não é por acaso que todas as ciências e artes, o direito e a jurisprudência encontraram na Civilização cristã um terreno extremamente fértil, ao ponto de podermos afirmar, sem qualquer complexo, que sem o Cristianismo o mundo não teria superado a Queda e a Destruição da Civilização Romana.

Sem a Igreja, a Jornada da Civilização desde o Egito, a Suméria, a Babilónia e Israel até ao Renascimento Europeu nunca teria ocorrido.

Sem o Cristianismo, aquela «corrida de estafetas» em que a República Romana recebeu da democracia grega o testemunho da civilização; sem a intervenção da Igreja Católica na história do mundo, a civilização nunca teria superado a queda do Império. O género humano teria sido enterrado definitivamente sob a pele de uma besta suicida que não deixaria de matar até se devorar a si própria.

Resulta, portanto, um fenómeno surpreendente que os protagonistas dos acontecimentos religiosos do século XVI e os seus historiadores, tanto de um lado como do outro, tenham deixado de lado, alienado da contenda aquilo que faz do cristianismo a única religião verdadeira do universo: A Presença de Jesus Cristo à direita de YAVÉ, DEUS PAI, e do Seu Império sobre o desenrolar dos acontecimentos que o Diabo, o Inimigo do Homem e de Cristo, estava a conduzir para o fim que tinha forjado na sua mente: a destruição da Casa que

o Filho de Deus fundou na Terra e os Seus Irmãos no Espírito edificaram... refiro-me à Igreja Católica.

Igreja contra a qual Ulrico Zwinglio se levantou e, dirigindo-se aos seus compatriotas com a mesma astúcia daquela Serpente que se aproximou de Eva afirmando vir em nome de Deus, curiosamente vinha para destruir o que Deus criou.

Porque na mente daqueles enviados do Inimigo de Cristo estava a ideia de que Deus tinha decretado a destruição da Casa fundada pelo Filho das suas entranhas incriadas, e escolhia para que lhe construíssem uma casa de acordo com as suas mentes e nações estes novos apóstolos, que declaravam falso o Evangelho do Espírito Santo, segundo o qual a Igreja Católica é a Esposa do Senhor Jesus, esse mesmo Jesus de quem se lê que o seu Espírito é o da Profecia, de modo que não há Profeta depois Dele, e sendo o Filho de Deus, pela sua Palavra, o Futuro torna-se Presente. Daí que, quando se diz «Disse Deus», se escreva imediatamente «e assim se fez», independentemente do percurso da Palavra até à Ação Consumada. E é aqui que reside a Fé: NÃO no Conhecimento de como as coisas se fazem, mas na Crença todo-poderosa de que a Palavra de Deus é Deus.

O Conhecimento que conduz à Vida Eterna é o Conhecimento perfeito do Filho de Deus. Que se fez carne para que o Evangelho não fosse uma doutrina religioso-filosófica, mas sim uma contemplação viva dos seus fundamentos. Este é o Evangelho do Espírito Santo que o Testador legou à sua Esposa e sem cuja assinatura não pode haver outro, nem houve, nem haverá.

Ignorando este Conhecimento, tanto Lutero como Zwinglio e Calvino introduziram outros evangelhos, tornando-se os chefes das suas igrejas, e quem tivesse a sua própria opinião — ou seja, quem não pensasse como eles — era *ipso facto* condenado à morte.

A inteligência das nações europeias naquele século não era propriamente muito elevada. O Renascimento foi um movimento tipicamente latino que não chegou à Alemanha. Se a História tivesse seguido o seu curso natural, também teria chegado. O ódio contra a civilização católica exorcizou essa influência.

A imprensa ao serviço da Reforma, devido ao analfabetismo e à ignorância das massas, transformou o evangelho do ódio protestante na força criadora de uma opinião pública descaradamente exposta a boatos contra o Evangelho do Espírito Católico; força e opinião que serviram a Lutero e aos seus comparsas como cavalo de Tróia.

Prosseguindo com o seu ataque de separação de Cristo Jesus da sua Igreja — tendo visto nas teses anteriores que o fim almejado pelos reformadores não era outro senão criar uma igreja própria sobre a qual se erigissem como chefes, sonho que Henrique VIII concretizou —, Zwinglio continuou a escrever:

12.-Por isso agem insensatamente, embora não por causa do chefe (já se estão a envidar esforços, pela graça divina, para restabelecer o valor do chefe), mas dizemos que agem insensatamente porque já não estamos dispostos a suportá-lo, mas desejamos ouvir apenas o que o chefe diz. (Referindo-se aos preceitos promulgados por pessoas a quem chamamos «clérigos», relativos ao seu ostentação, às suas riquezas, ao seu estatuto, aos seus títulos e às suas leis, causa de toda a insensatez)

A egolatria que o suíço expõe nesta tese é imperdível. A intenção subliminar oculta que ele revela não o é menos.

Zwinglio só quer ouvir *o que a cabeça lhe diz*, mas não aquela Cabeça do sacerdote — pois ele próprio era sacerdote —, que é Cristo Jesus; Zwinglio só ouvia o que a sua própria cabeça lhe dizia porque partia do princípio de que a sua Cabeça era Cristo e, em última análise, ele próprio era Cristo; e, sendo a sua cabeça a de Cristo, todo o mundo devia ouvi-lo a ele, porque, tal como Cristo, ele também estava em comunicação direta com Deus. Não sabemos por que motivo, mas entende-se que Zwinglio só queria ouvir *o que a sua cabeça tinha para lhe dizer*, porque a sua cabeça era Cristo, e Cristo dizia-lhe que tinha de destruir a Igreja Católica e condenar à morte todos os católicos... se estes não se ajoelhassem perante ele. No final das suas teses, como veremos, o «divino Cristo suíço» comuta a pena de morte para a condenação de reduzir os católicos à condição de cães abandonados nas ruas... num exercício de caridade cristã para com esses hereges irrecuperáveis.

Daí se percebe que o Maligno Semeador Suíço partia do princípio de que ou a sua cabeça era a de um deus, logo: infalível e onisciente, ou que alguém falava à sua cabeça e ele ouvia e seguia a palavra da Voz que lhe entrava por essa cabeça. Na sua opinião, a *atuação insensata* da Cúria decorria de não ouvir a voz daquele que lhe falava na sua cabeça e lhe dizia o que devia fazer. Essa Voz era a única que ele queria ouvir e, sendo ele o mensageiro dessa «Voz Oculta» que não falava a mais ninguém além dele, todo o mundo devia ouvi-lo para agir corretamente. Porque:

13.- *Ao ouvi-la, aprende-se a conhecer a vontade de Deus de forma clara e precisa, e, graças ao Espírito de Deus, o homem é atraído para Deus e transformado n'Ele.*

Reparemos que não diz «lendo-a». Zwinglio insiste: «ouvindo-a».

Ao ouvir a Voz que lhe falava na sua mente, Zwinglio sentia-se em comunicação direta e viva com Deus, que lhe revelava a Sua vontade, que era destruir a Fé Católica e aquele Evangelho da Igreja Romana que, durante 16 séculos — tendo iniciado a sua jornada a partir de e por meio do próprio Jesus Cristo —, se tinha espalhado por todas as nações do Velho Mundo e, naqueles dias, punha os pés no Novo Mundo.

Os pés da Igreja são os pés de Jesus Cristo e, naquele século, finalmente os colocava no Novo Mundo, das solas dos quais nasceram as igrejas da América Latina.

Será que aqueles reformadores estavam cegos, ou não queriam ver o milagre da descoberta do Novo Mundo?

Mas de que evangelho estavam a falar aqueles servos do Inimigo de Cristo? Acreditaram realmente que, enquanto o Senhor fazia seu o Novo Mundo, Deus entregava à destruição o Mundo que tanto trabalho Lhe custara erguer das ruínas do Império Romano?

A Voz que falava diretamente aos Reformadores e Teólogos e os colocava em comunicação direta com aquele «Deus Oculto», de quem recebiam a Vontade de Deus: destruir

a Casa de Cristo na Terra, não era a Voz daquela Serpente que, com o seu veneno, convenceu Eva a declarar-se a favor da Guerra, depois de ter desfrutado do Amor?

14.- *Por esta razão, todos os cristãos deveriam dedicar a máxima atenção para que, em todo o mundo, fosse pregado exclusivamente o Evangelho.*

No Evangelho está escrito que a Igreja edificada pelo Espírito Santo dos Apóstolos é a Esposa do Senhor, aquele Jesus de quem se diz que o seu Espírito é o da Profecia; e, ao fechar Deus o seu Livro, uma vez revelado que o Filho de Deus é o Verdadeiro Deus do Verdadeiro Deus, encerrou-se a Era dos Profetas. Nunca mais o Mundo conheceria outro Profeta.

Este é o Evangelho dos Apóstolos que a Igreja herdou. E viveu na convicção de que os Milagres e os Profetas pertenciam à Bíblia. Daí em diante, era o espírito de inteligência no Homem que deveria lutar pela Civilização e pela salvação do género humano. Luta que não estaria isenta de tensões e revoluções, que já se manifestaram na Era dos Apóstolos. São Pedro foi o primeiro a manifestá-lo quando escreveu: «A vossa fé, provada, mais preciosa do que o ouro, que se corrompe, ainda que refinado pelo fogo». Corrupção cuja continuidade a História das Igrejas admira «para louvor, glória e honra de Jesus Cristo», o seu Fundador, o mesmo que, ao inaugurar a sua Fundação, profetizou que a sua Casa seria submetida à prova de maremotos, terramotos, tempestades, dilúvios e todo o tipo de tragédias, cuja vitória seria celebrada em louvor à sua glória e honra.

Será que aqueles que, tal como o suíço, tinham comunicação direta com Deus, não sabiam isto?

Declarando-se infalíveis e oniscientes, pois se a sua Cabeça era Cristo e Cristo é Deus, sendo eles o seu corpo, participavam da sua infalibilidade e onisciência, segundo a lógica, não sabiam eles ler com «a razão clara» o que Deus Pai tinha revelado ao seu Filho, e que, para os ouvintes, se tornava profecia, a saber, que a sua Igreja, a sua Casa na Terra, aquela que Ele construiria, seria exposta a todo o tipo de inimigos que se levantariam até à morte para derrubar as suas muralhas, saquear os seus tesouros e reduzir a escombros o Edifício do Novo Templo?

A História do Cristianismo, da Civilização Cristã, da Europa e do Mundo estava escrita. A Memória dos 16 séculos decorridos desde a Encarnação e a Ressurreição até aos dias da Semeadura Maligna estava registada e aberta à leitura em todas as universidades europeias. Bastava abrir esses livros para ver de que maneira e de que forma a Casa fundada por Jesus Cristo tinha sido exposta, até então, a ataques mortais por necessidade. Todos os estudantes de Teologia da época estavam a par da História da Igreja e da Civilização Europeia, desde o Século de Cristo até ao Século dos Reis Católicos. Acreditar que aquilo que nem o Império Romano nem o Império Muçulmano conseguiram durante séculos pudesse ser alcançado pela Liga das Nações Protestantes só cabia na cabeça do Diabo. Obviamente, por necessidade, o Príncipe da Morte tinha de fazer o que lhe era natural: destruir a Casa do seu Inimigo, Jesus Cristo. A sua loucura não tinha cura. Acreditou que poderia pôr Deus de joelhos sobre o cadáver do seu filho Adão; depois, acreditou que poderia pôr o seu Filho de joelhos perante os reinos deste mundo; e continuava a acreditar que poderia destruir a Casa de Deus na Terra através da divisão

fratricida das nações europeias graças à Reforma. Tudo natural naquele que tinha escolhido, por vontade própria, ser príncipe no Inferno em vez de Cidadão no Reino de Deus, tal como todos os filhos de Deus fizeram ao colocar as suas coroas aos pés do trono de Deus, abdicando em honra da glória do Filho Unigénito e Primogénito de YAVÉ, DEUS PAI, o nosso Rei Jesus Cristo; mas absolutamente antinatural naqueles que, sendo filhos de homens e mulheres, estabeleceram como objetivo das suas existências destruir o indestrutível: a Casa que o Filho de Deus construiu para o seu Pai na Terra. Esta loucura, acreditar que poderiam desafiar Deus e o seu Filho, foi o que o «Deus Oculto» de Lutero comunicou aos seus apóstolos do Ódio até à Morte. Loucura contagiosa que se espalhou por todas as nações europeias. A Semente deu o seu fruto e gerou a Guerra dos 30 Anos, ferida incurável que, sempre aberta, acabaria por conduzir o Mundo à Guerra Mundial Absoluta, da qual o Príncipe do Inferno esperava obter a destruição da Raça Humana.

O «Deus Oculto» precisava de manter a sua verdadeira natureza escondida aos olhos dos seus servos. Estes, cegos pela glória daqueles que conseguiriam derrotar o Filho de Deus, destruindo o que Ele criou, seguiram em frente sem parar para compreender que Caim era o modelo de cristão que estavam a implementar, à medida que afastavam cada vez mais Cristo da consciência da Europa.

Buscando a salvação de alguns poucos, a dos Escolhidos por Deus para o Céu, predestinados DESDE ANTES DA ETERNIDADE PARA A VIDA ETERNA no Paraíso, trabalharam para a destruição de muitos.

15.- *Pois a nossa salvação consiste em acreditar no Evangelho e, pelo contrário, a nossa condenação consiste na incredulidade. E isto porque o Evangelho contém claramente toda a verdade.*

E a Verdade, toda a Verdade e nada mais que a Verdade é esta: que o Senhor, Cristo Jesus, é o Esposo da Igreja Católica. E quem se levanta contra a Esposa, levanta-se contra o seu Esposo.

Não está isto escrito? Ou será que o suíço não sabia ler? Pois está escrito: «Onde há testamento, é necessária a morte do testador». Daí surge a seguinte pergunta: quem não tem Esposa, nem Filhos, nem familiares a quem deixar herança, que testamento deveria assinar?

Portanto, se há testamento e morte do testador, há Esposa e descendência. A primeira à maneira como Cristo esteve em Eva, e a segunda à maneira como Isaac esteve em Sara.

Sobre a primeira, Deus disse: «As portas do Inferno não prevalecerão contra ela», e sobre o segundo: «Tomarão posse das portas dos seus inimigos».

Quem faz o testamento é Deus e, como desde o Princípio existe o Fim, tanto a Esposa como a Descendência estavam presentes no Ser do Esposo, embora no Tempo fossem Futuro.

Destruir a Mãe na Esposa era destruir a sua Descendência. O fogo da Voz do «Deus Oculto», que falava aos Reformadores nas suas mentes, tinha este destino:

Ao matar a Esposa, o Diabo mataria no seio dessa Descendência nascida para vencer todos os seus inimigos, e cujo Nascimento «toda a criação aguardava ansiosamente»

Longe estavam os Reformadores deste Evangelho do Espírito Santo «falado em privado entre os perfeitos».

16.- No Evangelho e a partir do Evangelho aprende-se que as doutrinas e os preceitos humanos não ajudam em nada para a salvação.

Contra esta Voz do «Deus Oculto» dos Reformadores, basta trazer à tona a Voz do Deus Visível, quando disse e diz: «Se não víssemos as obras que faço em nome do meu Pai, não acreditariam».

Vêm de que forma as obras são necessárias para a salvação das almas?

Cristo não veio para se salvar a si próprio, mas para salvar os outros. É cristão aquele que segue o seu Exemplo e, de acordo com o seu Evangelho, realiza obras à imagem e semelhança das do Filho do Homem, em benefício da salvação das almas daqueles que não O conheceram ou daqueles que ainda não acreditam. Quem nega o valor das obras realizadas em Cristo para a salvação do género humano nega a Deus, rejeita Cristo e torna-se um anticristo.

Cristo não precisou de nenhuma obra para ser salvo. O cristão não precisa das suas próprias obras para ser salvo; foi salvo pelas obras de Jesus Cristo. Sendo a Sua projeção na carne, o cristão vive de acordo com o mesmo princípio da salvação pelas obras realizadas pelo Filho de Deus no Homem. Este é o Evangelho do Espírito Santo. É o Evangelho da Igreja desde o seu nascimento. E será o seu Evangelho para toda a eternidade.

Dito isto: como é que a Carta do Apóstolo Santiago poderia soar ao anticristo como Palavra de Deus? : «A fé sem as obras de Cristo é fé morta».

Que obras são essas, senão: «Alimentai o faminto, vestai o nu, cuidai dos doentes, socorrei os órfãos e as viúvas, não mateis, não cometais adultério, não invejeis, não julgueis o vosso próximo, perdoai, amai os vossos inimigos, não roubeis, não prestem falso testemunho, amem a paz e a justiça, sejam misericordiosos, amem a Deus acima de todas as coisas e ao vosso próximo como a vós mesmos, honrem o vosso pai e a vossa mãe, santifiquem o domingo, amem os vossos irmãos, conduzam os vossos filhos à fé...»

Este é o Evangelho da Igreja, herdado do seu Esposo e defendido e difundido pelas quatro partes do mundo. Cada um responde pelas suas obras.

Se, por causa delas, as almas se perderem, serão julgados por esse delito, sejam papas, cardeais ou bispos.

Se, pelas tuas obras, salvars a alma do teu próximo, pela alma dele serás honrado e louvado perante Deus.

E se, pela salvação de uma alma, forem apagados os muitos pecados de um homem, assim está escrito, e de acordo com esta Palavra seremos julgados todos os homens; servos, como povo de Deus, a realidade é óbvia: pela condenação do teu próximo por causa das tuas obras,

pensamentos e palavras, tu serás condenado. A sentença contra aqueles que perdem os outros e se creem protegidos pela Fé está escrita: «Afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade». Que cada um, pois, se julgue a si mesmo antes de ser ressuscitado dentre os mortos.

E bem-aventurado aquele a quem o Senhor não imputa pecado.

CAPÍTULO QUATRO

Zwinglio dixit:

a) são as autoridades civis, e não o bispo, que devem deter o poder, mesmo em assuntos espirituais; e a Bíblia, e somente ela, deve traçar as diretrizes para a reorganização de toda a vida cívica.

Depois de ler este programa lapidário contra a Liberdade Social, o Crescimento da Civilização e o direito do Criador de dirigir a Sua Criação no Tempo, de acordo com a Sua Sabedoria e Amor pela Vida que Ele próprio cria, tudo o que resta é queimar as 67 Teses deste autor demente que quis aprisionar o Género Humano entre as capas de um Livro cujo Fim Sagrado é erguer a cabeça do Homem, orientá-lo para o seu Criador, e é aí que a Bíblia cumpre e consuma a sua função Divina.

Assim que o Criador e a Sua Criação se unirem pelo Amor à Vida de ambos, a Bíblia alcança a sua Glória, a sua Maravilha, a sua Divindade. Pois não é apenas Deus quem ama a Vida do Homem, mas também o Homem quem ama a Vida de Deus. O Amor do Criador pela sua Criação e da Criação pelo seu Criador é uma Força Viva de Poder eterno e infinito. Quem ama o Criador e odeia a sua Criação é inimigo de ambos. Uma pessoa que pretende erguer um muro intransponível entre o Criador e a Criação, fazendo da Bíblia esse muro, esse homem não vem de Deus, nem fala em nome do nosso Criador; esse homem é um pobre diabo que, em algum ponto do seu percurso existencial, perdeu o rumo e, para compensar isso, reivindicou o Poder Absoluto, exigindo para si esse Poder que cabe à Igreja no domínio do Espírito.

«Às autoridades civis», diz ele, «compete a autoridade sobre o Espírito». Este pobre diabo, consciente de que nunca poderia deter esse poder espiritual que pertence a Cristo e apenas a Cristo — sendo Jesus a sua Cabeça e a Igreja Católica o seu Corpo —, quer usurpar esse poder através de um golpe de Estado religioso contra a autoridade civil. E, uma vez entronizado nesse poder, reivindicar a Autoridade de Cristo para, a partir do Poder da espada, condenar à morte todo aquele que se opuser à sua Teocracia.

Esta é a interpretação do programa do reformador suíço. Não há outra. Diz-o, letra por letra: a sua intenção era ser um deus e, conhecedor do bem e do mal, ser igual aos deuses que a Serpente, ao falar com Eva, queria que Adão fosse.

O suíço não tem papas na língua, mas o que mais admira é ver a brutalidade dos seus compatriotas alpinos que, tendo este programa anticristão diante dos olhos, passaram para o seu lado e se lançaram na guerra civil, imitando Caim.

Compreende-se que, para alcançar este poder, para ser um deus, o suíço teria de lançar um ataque frontal contra aquele a quem Deus concedeu a autoridade no domínio religioso no seio do mundo cristão. A sua tese seguinte confirma-o:

17.- Cristo é o eterno e único Sumo Sacerdote. Daí deduzimos que aqueles que se proclamaram «Sumos Sacerdotes» não só se opõem à glória e ao poder de Cristo, como até O rejeitam.

Voltamos ao mesmo ponto. Se o Sumo Sacerdócio, a sua propriedade existencial, tal como se vê no Templo da Jerusalém bíblica, se baseia em ser o único sacerdote que se aproxima de Deus, a quem mais poderia corresponder este Sumo Sacerdócio Eterno senão aquele que está em Deus, o seu Filho Amado?

Por Natureza Divina, Jesus Cristo é, nesta ordem, o Sumo Pontífice Eterno. Mas nós, os homens — acreditamos que talvez os protestantes não o sejam —, somos mortais. Não que o nosso espírito possa morrer, pois, tendo sido criados à Imagem e Semelhança do Filho de Deus, participamos na sua Imortalidade por meio da Vida Eterna. Se Aarão fosse da mesma Natureza Divina que Jesus Cristo, o sumo sacerdócio teria sido seu *para sempre*. Mas, sendo a Religião uma Adoração perpétua a Deus, ao morrer o sumo sacerdote, outro sumo sacerdote é nomeado pelo Templo. Caso contrário, a Adoração Perpétua da Criação ao seu Criador seria interrompida, e o povo afundar-se-ia na condição dos animais. Com a transferência do Templo de Jerusalém para Roma, a Natureza Sagrada da Religião permanece, e a Adoração Perpétua, pela Natureza do Sumo Pontífice, Jesus Cristo, adquire a propriedade da Vida Eterna.

Esta sucessão de Jesus a São Pedro e de São Pedro ao Bispo de Roma não anula nem priva o Filho de Deus da sua Natureza de Sumo Pontífice Eterno, pois isso seria afirmar que o Filho de Deus já não poderia apresentar-se perante o seu Pai, um argumento satânico sobre o qual nem sequer me deterei. Sendo Cristo Jesus o Sumo Pontífice do Novo Templo, a sua Natureza Divina abre-se ao Sacerdócio Universal Cristão, de modo que todos os Bispos, tanto o de Roma como os seus irmãos no Templo, fazem parte do seu Corpo, e, em virtude da visibilidade desta Natureza Universal do seu Sumo Pontificado Eterno, o Filho de Deus eleva Pedro como Sucessor no cargo de «Sumo Sacerdote» que Aarão ostentou perante Israel, para que a Renovação do Género Humano seja visível perante as nações da Terra e do Céu pela Redenção de Cristo.

Zwinglio proferiu mentiras porque provinha do pai de todas as mentiras, para falar em seu nome e, ao destruir a Sucessão, atacar o Templo de Deus, deixando-o sem Sumo Sacerdote da Adoração Perpétua do Filho de Deus. Pois, de facto, Aarão apresentava-se perante Deus em pessoa, mas São Pedro, o seu Sucessor na Adoração de Deus, apresenta-se perante o Filho de Deus, o que demonstra que a Glória de Jesus Cristo não só não é diminuída, como é exaltada perante toda a Criação. Por isso, todos os Poderes do Céu,

como vemos no Epílogo do Livro de Deus, a Bíblia, proclamam a Glória do Cordeiro de Deus, ou seja, do seu Filho.

Quando o suíço afirma que aqueles a quem os Poderes da Igreja chamam de «sumos sacerdotes» rejeitam a glória de Cristo, o suíço mentiu, estava a mentir, e mentiu porque a sua fonte foi o pai de toda a mentira.

São Pedro e os seus sucessores (Sumos Sacerdotes) respondem perante Jesus Cristo (Sumo Pontífice Universal Eterno), e ninguém, a não ser Jesus Cristo, permanece de pé perante YAVÉ, DEUS PAI.

A Adoração do Filho pelo Pai concretiza-se no Templo Católico: Adoração pelo Filho e pelo Pai. Assim como Jesus Cristo ama a Deus com o Amor de Filho, a Igreja ama Jesus Cristo com o Amor de Esposa; desta forma, o Amor é o Vínculo Todo-Poderoso e Eterno que engendra o Mistério da Trindade, onde o Pai é YAVÉ DEUS, Senhor dos Profetas de Israel, o Filho é Jesus, Senhor da Igreja, e o Espírito Santo é Cristo, cujo Corpo é a Igreja. E sendo Jesus e Cristo a mesma Pessoa, que todos conhecemos como Deus Filho Unigénito, o Sacerdócio Católico ergue-se na Eternidade para a Adoração Perpétua do Filho de Deus, pois «quem não adora o Filho, não adora o Pai que O enviou».

Uma mentira não se sustenta a não ser apoiando-se noutras mentiras. O que se segue demonstra-o:

18.- Cristo sacrificou-se a si mesmo uma vez e o seu sacrifício vale eternamente como ativo, expiatório e realizado pelos pecados de todos os crentes. Isto permite reconhecer que a própria missa não é um sacrifício, mas sim uma memória do sacrifício e, ao mesmo tempo, a confirmação da redenção que Cristo realizou para o nosso bem.

Cristo foi sacrificado por Deus, o seu Cordeiro Expiatório: e foi oferecido pelos pecados do Mundo cometidos na ignorância da natureza íntima dos acontecimentos anteriores à Criação do nosso Universo, que desencadearam, por meio da traição de Satanás, a Queda do Primeiro Homem.

Será que um Cordeiro pode sacrificar-se a si próprio? Não cabe ao seu Senhor e Mestre realizar esse sacrifício?

Evidentemente, sendo um Cordeiro Espiritual, Jesus poderia ter-se recusado a ser esse Cordeiro oferecido por Deus em expiação pelos pecados do mundo cometidos por ignorância. Que Ele possuía esse poder de livre arbítrio, vemos no Jardim do Getsêmani, onde Jesus abre o seu coração e pede ao seu Pai que, se fosse possível, Lhe permitisse passar daquele cálice. Mas, na sua Adoração Eterna a Deus, inclina-se perante o seu Pai e oferece o seu Sangue para que, pelo seu Sangue, seja consumada a Redenção da Transgressão de Adão, cometida na sua ignorância; pois, se não tivesse havido ignorância, o Espírito Santo não falaria de Transgressão, mas sim de Traição à maneira de Satanás.

Cristo não ofereceu o Seu Sangue pelos crentes e apenas e unicamente PELOS CRENTES. Isso sim é «rejeitar a Glória de Jesus Cristo». Deus ofereceu o Seu Cordeiro pelos pecados do mundo inteiro, pois todos os homens ficaram presos no Pecado devido à Ignorância, e em virtude dessa Ignorância todos são redimidos.

Portanto, o autor suíço mente quando afirma que Deus sacrificou o Seu Cordeiro em benefício dos crentes. Esta mentira rejeita o Poder Universal da Redenção de Deus, que abrangeu, na Sua Glória, o mundo inteiro. O Espírito Santo afirma-o abertamente: «De tal modo amou Deus o mundo que deu o Seu Filho Unigénito para que fosse salvo». O Espírito Santo não mente. O reformador, sim, mente quando afirma que a redenção pelo Sangue do Cordeiro de Deus foi derramada exclusivamente para a salvação dos eleitos protestantes. Ao dizer isto, o reformador despreza Deus, rejeita a Glória do Seu Filho e ataca frontalmente o Espírito Santo.

Mas rapidamente a serpente escondida no reformador coloca a máscara e diz:

19. Cristo é o único Mediador entre Deus e nós.

Aleluia! A Europa descobria as Américas; o Quarto dos Novos Apóstolos, encarregados de semear o novo evangelho, descobria a pedra filosofal que permitiria ao seu «Deus Oculto» destruir a Casa que Jesus Cristo e os seus Irmãos edificaram.

O Orgulho diz que Deus é o princípio do pecado. Os reformadores eram deuses e apresentavam-se perante Deus sem pedir permissão nem bater à porta. Segundo a sua doutrina, Cristo é uma Pessoa e Jesus é outra. Cristo não é Jesus, afirmam. Cristo não é Deus, dizem. Assim, não sendo Jesus o Cristo, não precisavam de Jesus para chegar a Deus. Assim, ao afirmarem Cristo, negavam Jesus, a quem afastam do seu caminho para Deus.

Mas, pelo Espírito Santo, sabemos isto:

O Filho é Deus, o

Filho é Jesus,

e Jesus é o Cristo. Cristo

é Deus.

Em que delírio argumentativo estava este servo do Semeador Maligno a aprisionar o povo suíço? Será que alguém acredita que a Semente do Semeador Maligno seria um grão de joio diferente da Mentira?

Deus estabeleceu o Seu Sumo Sacerdote, primeiro Aarão, até à vinda de Cristo, e depois Jesus, para permanecer para toda a eternidade na Sua Presença, e estes apóstolos do evangelho da Mentira dizem que não precisam de ninguém para se apresentarem perante Deus.

Que orgulho infernal, ter o coração impregnado do sangue de Satanás!!

Pretendem apresentar-se perante Deus de igual para igual, usar Cristo como porteiro encarregado de anunciar a sua entrada no Santíssimo Santuário, no Tabernáculo do Senhor Todo-Poderoso do Infinito e da Eternidade, Criador do Cosmos e de todos os Mundos que preenchem o Seu Reino dos Céus. Como é possível ser tão insensato!

Enfim:

20.- *Deus quer conceder-nos todas as coisas em nome de Cristo e daí deduz-se que também não precisamos de outro Mediador no Além.*

A brutalidade é própria do bruto. O Reino de Deus, diz este bruto, não se baseia num Edifício Social cujo Núcleo de Poder Universal é a Coroa do seu Filho. De modo algum, diz este quarto apóstolo do evangelho da Mentira. O crente suíço e os seus colegas protestantes entrarão no Templo do Altíssimo, perante cuja Presença o próprio Cosmos se ajoelha, e, conversando à vontade com o próprio Deus Filho Unigénito, apertarão a mão do Criador do Universo.

A demência continuava a dar a si própria nomes. Desta vez, adotou o nome de Zwinglio. E com este nome afirma que «Cristo não vive em nós», que Cristo é um Mediador em cujo Nome nos é concedido absolutamente tudo. E se é tudo, que Jesus saia do caminho, que todos invadam a Sua Cidade e O destronem do Seu Trono. Não há outra autoridade senão a do Povo.

Ámen.

Com o seu aleluia:

21. *Se aqui, neste mundo, oramos uns pelos outros, fazemo-lo confiando que, somente por Cristo, tudo nos será concedido.*

Não rezem pelos inimigos (estão todos predestinados à fogueira do inferno), nem pelos pecadores (estão-o porque são pecadores), nem por aqueles que não acreditam para que acreditem (não acreditam porque assim o estabeleceu Deus desde a eternidade e não vão ir contra o decreto do Todo-Poderoso); rezem uns pelos outros, todos santos, todos maravilhosos, todos deuses.

«Hipócritas, se não superarem a justiça dos fariseus, não entrarão no reino de Deus». O Sangue de Cristo não foi derramado por todos os homens, apenas por vós, os crentes, pois antes mesmo de existir o pecador Adão, o Sangue do Cordeiro de Deus já estava predisposto para que nele cozinhassem a carne dos vossos inimigos. Esses papistas imundos!

22.- *Cristo é a nossa justiça e, disso, deduzimos que as nossas obras, desde que sejam boas, ou seja, realizadas em Cristo, são boas obras; mas não o são se as realizarmos por conta própria.*

Cristo é a vossa justiça? Foram vocês que sacrificaram o Cordeiro de Deus? Foram vocês que O enviaram do Céu para que, no Seu Sangue, se manifestasse o amor de Deus pelo mundo inteiro? E como é que, sendo vocês esse Deus que é Amor, o Amor se transformou em Ódio dentro de vós?

A história dos crimes dos Reformadores está escrita. Que Deus criou o Homem à imagem e semelhança do seu Filho, também. Quem foi o Original à imagem e semelhança do qual os Reformadores cometeram os seus massacres, os seus genocídios contra os camponeses, os seus crimes contra os seus opositores? Foi Jesus Cristo esse Original? Ou foi Satanás, pai de toda a mentira e dos homicídios cometidos na Terra desde a Queda até aos nossos dias?

A hipocrisia dos reformadores foi absoluta. Afirmaram que os seus crimes e homicídios eram cometidos em Cristo. Afirmaram que Cristo assassinou os seus inimigos, matou os seus opositores, derramou sangue em abundância e, seguindo o Seu exemplo, deram-Lhe fielmente glória sobre os cadáveres dos seus inimigos papistas.

Mas na tese seguinte, a hipocrisia torna-se divina:

23. Cristo pôs de lado os lucros e as glórias deste mundo e, disso, deduzimos que aqueles que, em nome de Cristo, acumulam riquezas, Lhe causam um grande prejuízo; pois invocam-No como pretexto para a sua avareza e arbitrariedade.

Estaria ele a falar da Suíça?

E à hipocrisia junta-se a imbecilidade mais patológica quando escreve:

24. — Como nenhum cristão é obrigado a realizar obras não ordenadas por Deus, pode, em qualquer momento, consumir os alimentos que lhe agradarem. E daí deduzimos que a permissão para saborear queijo e manteiga é um engano papista.

Não sei por onde começar a lidar com este touro. Se fosse o Minotauro, a aventura valeria a pena. Mas era uma cabra, daquelas que dão queijo e manteiga. Até na sopa viam o diabo, mas não era o diabo, era o Papa.

Que loucura!

25.- O cristão não depende de datas ou locais determinados, mas sim do contrário. Por conseguinte, quem indica datas e locais priva o cristão da sua liberdade.

Tanta estupidez é demais para mim. Basta a cada dia o seu próprio esforço. A moral desta tese: Todos a trabalhar os sete dias da semana, os 354 dias do ano, e maldito seja aquele que se afaste do seu lugar e se conceda uma peregrinação a Santiago, a Jerusalém, a Roma, à China. E maldito seja aquele que descanse no Natal, na Páscoa e nas festas religiosas obrigatórias. Todos escravos, até à morte.

Aleluia.

CAPÍTULO CINCO

O Pensamento é a fonte de onde provém a energia que move os lábios para produzir aquilo a que chamamos «a Palavra». Todos os mamíferos têm boca e garganta, mas o único mamífero em que se manifesta este Poder, «a Palavra», é o ser humano. Quero dizer, a existência da Palavra não tem tanto a ver com o facto de se ter boca e garganta, mas sim com o cérebro do Mamífero Sapiens, no qual as cordas vocais se desenvolvem com um único fim: conferir ao Pensamento o «poder de manifestação». Este Poder é «a Palavra».

Este «facto», a Palavra como Poder Natural do Ser Humano, é a Verdadeira Descoberta do Mundo Grego Clássico. Desde Sólon até Aristóteles, a Palavra passa por uma evolução maravilhosa, única na História do Mundo Antigo, na qual o Poder do Pensamento se torna Realidade e molda a estrutura da Sociedade e do Estado. A base daquele Ato Histórico que marcou o rumo da Civilização na direção do Nascimento do Cristianismo assentava o seu Poder naquilo a que hoje chamamos *Realpolitik*. Ou, o que dá no mesmo, o Pensamento Individual e o do Corpo Social Clássico não estavam confinados entre as paredes de uma Ideologia. Essa liberdade permitia aos pensadores alargar os horizontes do seu pensamento e, em conjunto, determinar o rumo dos acontecimentos que lhes cabia viver e pôr em prática, quer se tratasse de uma invasão das suas fronteiras, quer de uma projeção da sua ação para além dos limites do Estado.

O Mundo Grego foi uma sociedade criada por e para filósofos políticos. Em contrapartida, o Mundo Romano baseou o seu poder não tanto no pensamento, mas sim na força da espada. Onde o Mundo Grego colocou o pensamento, o Mundo Romano colocou a espada; a palavra tinha de servir à espada.

Observando a evolução desde a Roma Antiga até à República, constatamos que o crescimento do Estado romano se baseou na luta pelo Direito. Todas as revoluções da Idade Média romana basearam-se na conquista da igualdade de direitos entre as classes sociais. Na Idade Moderna romana, a Palavra limitou-se a servir o *Império* da Espada.

Com o Cristianismo, o Pensamento renasce como fonte da Palavra. «A Palavra é Deus». Deus torna-se a Fonte de onde provém o Pensamento. Dir-me-ão que este Renascimento foi uma necessidade. Contra a Espada desembainhada na mão de César, o cristão teve de fazer da Palavra a sua «espada».

Foi esta Revolução que o Filho de Deus desencadeou. O Poder do Homem não está na espada, está na sua Palavra. A palavra é o que define o Homem. E foi por isso que os Padres da Igreja e os historiadores do cristianismo viram na Vitória da Civilização Clássica a Preparação para o Advento de Cristo.

Daí em diante, na guerra entre o paganismo e o cristianismo, este oporia à força da espada o poder da Palavra. Os Padres da Igreja Católica não desistiram até que o paganismo caísse aos seus pés, e Deus, como Fonte do Pensamento

Humano, foi reconhecido pela Civilização como a Única Fonte que abre ao Pensamento do Homem um Horizonte sem limites.

Esta foi a esperança que animou o espírito cristão e que, em Santo Agostinho, encontrou a manifestação mais visível do pensamento cristão para, sem a espada, vencer todos os sistemas ideológicos que, sob uma máscara religiosa, pretendiam acorrentar o pensamento dos homens às paredes dos seus interesses privados. Em termos literários, são mais conhecidas as «*Confissões*» e a «*Cidade de Deus*» do que os escritos de guerra contra o paganismo, nos quais esta Coluna do Templo Cristão baseou a sua glória.

Chegaram as invasões e a queda da civilização aos pés do cavalo de Átila. A civilização encontrou o seu refúgio nos braços da Igreja. O Direito, a Teologia e o Estado encontraram nela a sua caverna de inverno, onde passar a longa noite que se avizinhava até ao seu renascimento. O advento de São Tomás foi o canto do galo da manhã que anuncia o novo dia. Das alturas do Céu, Deus tinha revelado o Seu Pensamento com a força de um rio que, descendo de altos picos e ao tocar o vale, estende majestosamente o seu curso, vivificando campos secos e baldios. A Palavra e Deus fizeram-se Homem de uma vez por todas. Era preciso continuar a beber desse Rio da Vida da Inteligência Divina, porque nas suas águas o Pensamento contém toda a Ciência e Sabedoria.

Esta é a Doutrina Cristã por excelência: «Deus é a Fonte, o Princípio e a Origem do Pensamento Cristão». «A Palavra e só a Palavra é a essência e a substância do Ser Humano». «O recurso à espada é um ato de Negação de Deus, pelo qual se nega que o Homem tenha sido criado à Sua Imagem e Semelhança».

A questão que aqui nos leva a refutar as teses deste apóstolo do Evangelho da Mentira, que o protestantismo fez seu, é a seguinte: Que «Deus» foi a Fonte do Pensamento Protestante?

Desde o primeiro momento, o primeiro dos Quatro Apóstolos do Evangelho da Reforma revelou ao mundo que a sua Fonte era um «Deus Oculto». Ora, vemos que Deus nunca se esconde do Homem, mas revela-Se na Plenitude do Seu Amor e Poder àquele que O procura.

Quem foi esse «Deus Oculto» dos Apóstolos do Evangelho da Reforma? Em quais dos filhos de Deus, tanto Apóstolos como Padres da Igreja, lemos que Deus Pai é um «Deus Oculto»? Em quais dos filhos de Deus, nos quais o Verdadeiro Espírito do Filho de Deus habitou, lemos que eles recorreram à espada para vencer o anticristianismo no qual o paganismo se encerrou?

Se, então, Deus gera todos os seus filhos à imagem e semelhança do seu Unigénito, como é que os Apóstolos do Evangelho da Igreja Católica preferiram morrer a matar, e, em contrapartida, os Apóstolos do Evangelho da Reforma escolheram matar em vez de morrer?

«Pelas suas obras os conhecereis». E estas referem-se à Palavra. Pois se a Palavra é a manifestação mediata do Pensamento, as obras são o resultado final da sua existência. Assim, quem não vive como Cristo não é de Cristo, e quem mata, tal como o Diabo matou Adão, é de Satanás. Nisto não há meio-termo. Entre morrer ou matar, a escolha é a de Cristo.

Como disse anteriormente, a história dos homicídios dos Apóstolos do Evangelho da Reforma está registada. Sabemos que os seus discípulos, valendo-se das universidades, tentaram apagá-las e justificá-las, identificando a Igreja com o Anticristo, a Babilónia do Apocalipse, etc., palavras muito próprias do Semeador Maligno, fonte de ódio sem limites, cujas águas os seus servos beberam como se fossem leite. Se fosse preciso incendiar o mundo, que assim fosse.

Entrando já no assunto, observamos ainda que todos os Apóstolos do Evangelho da Reforma eram filhos da burguesia da época. Sem serem a elite do Renascimento — que nenhum deles conheceu —, nem do Humanismo, embora o Humanismo os aclamasse, os Quatro Apóstolos da Reforma Maligna alimentaram-se da inteligência mais atual do momento, pão reservado para a poderosa classe burguesa nascente. Alimentados com esse pão, manipularam as massas analfabetas da época. A ignorância, neste caso dos povos alpinos, revela-se na sua incapacidade intelectual para analisar algumas teses nas quais Zwinglio manifestou o seu ódio contra a Igreja fundada por Cristo, cuja análise lhes teria permitido descobrir a identidade do Deus Oculto a quem tanto o suíço como o alemão serviram.

É retórica acusar o inimigo dos males dos quais o acusador se orgulha. A melhor defesa sempre foi o contra-ataque, acusando o inimigo de sofrer dos males de que é acusado. Uma vez que ninguém melhor do que o próprio acusado conhece a intimidade dos males de que é acusado, ninguém melhor do que ele para expor esses males em toda a sua virulência contra quem se sente escandalizado.

Zwinglio, tal como Lutero, fez desta regra o seu altar-mor. Leiamos a sua Vigésima Sexta Oração Sagrada:

26. — O que mais desagrada a Deus é a hipocrisia. Portanto, tudo o que o homem faz para aparentar ser melhor do que os outros é pura hipocrisia e merece ser posto em causa. Nisto estão incluídos os hábitos ou vestuário, os símbolos (cruzes, etc.) cosidos à roupa, a tonsura, etc.

Será que ser melhor do que os outros é ser hipócrita? O corredor que corre, em qualquer ramo das ciências, das artes, do direito ou da religião, para ser o melhor perante os tribunais dos homens e de Deus, é um hipócrita?

Já só com estas duas questões, nem vale a pena continuar a comentar a hipocrisia que Zwinglio propaga. Mas admitamos. O que é a Criação e a Civilização senão um movimento de superação constante no Tempo e no Espaço? Ser melhor quando o que se vê é mau ou pior é um Dever Sagrado.

Ninguém pode ser melhor do que Deus, mas todos temos o dever de ser melhores do que aqueles que nos precederam, porque todos estavam acorrentados à Mentira, à Corrupção e à Ignorância. «Ser melhor» no campo do Bem é um Dever Cristão. É preciso ser um melhor Papa, um melhor Bispo, um melhor Crente, um melhor Pensador, um melhor Político, um melhor Cientista, um melhor Defensor dos direitos do Homem e da Vida. Será isto ser hipócrita?

O hipócrita de Zwinglio esconde a sua hipocrisia por trás da máscara das vestes. Sabemos bem que não desejamos a ninguém o destino do Diabo, mas não podemos permitir que a Semente dos Apóstolos do Evangelho da Reforma continue ativa. Este é o Dia em que a Profecia se tornará realidade: «O Senhor dirá aos seus servos: Colhei o joio e reunai-o em feixes para o queimar».

Ser melhor «no campo do Bem» é o motor da civilização. Esta tese não só vai contra Cristo e a Igreja, como também ataca a própria civilização. Não menos do que a seguinte proclamação anticristã:

27.- Todos os cristãos são irmãos de Cristo e irmãos entre si, e nenhum deve considerar-se superior aos outros perante Deus. Isto significa que as ordens religiosas, as seitas e os movimentos revolucionários cristãos não têm razão de ser.

Mentira. O Evangelho do Espírito Santo ensina que todos os cristãos somos filhos de Deus, pelo que a segunda parte da primeira frase não faz sentido, pois Deus ama todos os seus filhos com amor de Pai. Mas Deus gerou uns para serem irmãos de Cristo (os seus apóstolos) e sentou-os ao seu lado como ministros todo-poderosos do seu Reino; a outros torna-os sacerdotes e dá-lhes o espírito de Esposa para que vivam eternamente na Adoração a Deus; a outros torna-os filhos do Rei para trabalharem na Sua Casa na Liberdade que provém do Amor ao Seu Pai; e a todos nos torna Cidadãos do Seu Reino para desfrutarmos e nos regozijarmos com a Liberdade sem limites daqueles que vivem para desfrutar da vida dos filhos de Deus.

Quanto à segunda frase, repete novamente o seu ataque contra a Civilização. O Cristianismo é Revolução na sua essência e substância. No seio da História da Civilização, Jesus Cristo é a Revolução. Condenado a viver pela Espada, o ser humano foi resgatado para a Palavra que provém do Pensamento de Deus. A Inteligência Divina derrama-se sobre o Homem e conduz-o para as Ciências, as Artes, o Direito, sempre em avanço, sempre em luta, sempre vitorioso. É na Era de Cristo que têm lugar todas as revoluções que fizeram do Mundo Contemporâneo o que ele é, e é neste campo que continua a viver o Espírito da Revolução Cristã que marcou um Antes e um Depois. Todos, até mesmo os inimigos, foram vencidos pela Era de Cristo. De que estava então a falar este Apóstolo da Mentira?

Inúteis, diz ele, foram as ordens religiosas medievais nas quais o tesouro das letras encontrou refúgio?

Não foram elas que pegaram no testemunho do Apostolado e levaram o Evangelho às regiões europeias ainda selvagens? Os Anskar, Bonifácio, Francisco de Assis, etc., foram desnecessários? E os que lhes sucederam e levaram o Evangelho às Américas e ao Extremo Oriente?

Quem se creia ser este Zwinglio para dizer a Deus o que era ou não necessário para o bem da salvação do género humano?

E, no entanto, na sua frase seguinte, ao dizer «*é justo tudo o que Deus permitiu e não proibiu*», o hipócrita contradiz-se a si próprio: nega imediatamente o que acabou de negar.

28.- *É justo tudo o que Deus permitiu e não proibiu. Por conseguinte, o casamento é algo lícito para todos os homens.*

Pois se Deus permitiu a criação e a existência das ordens religiosas, das quais se serviu para difundir o Seu Evangelho — factos registados nos livros de História —, quem é quem, seja qual for o seu nome, para abolir aquilo que Deus abençoou?

E é que, quando a Hipocrisia e o Orgulho andam de mãos dadas, não se pode esperar nada de bom. A quem abençoa cabe encerrar a ocasião, e quem retira a Deus e amaldiçoa o que Ele abençoou, fá-lo em seu próprio nome e terá de responder perante Deus pela sua maldição contra o que Deus pôs em movimento. Na civilização, há duas forças motrizes que atuam no seu seio: Deus e o Diabo.

Quem ama Deus, ama a Sua Criação; quem odeia a Sua Criação, ama o Diabo. Não há outra regra: «com Deus ou contra Deus».

Quanto ao casamento dos sacerdotes, a controvérsia surgiu de uma alma hipócrita: Deus abençoou a procriação e a multiplicação das famílias humanas antes de chamar Adão e Eva. Primeiro abençoa e depois produz. Adão foi o primeiro homem a chamar Deus de Pai, o primeiro homem a quem Deus chamou de «meu filho». O seu nascimento não se deu por encarnação, mas pela bênção. O sexo reprodutor foi uma bênção para todas as famílias humanas. Assim, o primeiro homem, contrariamente ao Evangelho da Reforma — que retoma o judaísmo contra o qual Jesus Cristo se levantou —, não caiu por causa da concupiscência. Sendo o ato sexual reprodutor abençoado, a carne, sob a Lei da bênção, não podia ser a causadora da maldição. Fazer da concupiscência, que surge após a Queda, a raiz do pecado que mereceu a maldição — doutrina judaica que a Reforma adotou —, é negar Cristo e rejeitar Jesus.

Observamos que, sendo a Morte de Jesus Cristo o protótipo da Morte de Adão, por projeção divina, vemos na Virgindade do Filho de Maria o Discurso de Deus sobre a Causa da Queda de Adão, o seu filho mais novo, que em nada e para nada teve a ver com essa Concupiscência que, encontrando terreno fértil nos Reformadores, os arrastou para este terreno a ressuscitar do seu túmulo a doutrina judaica sobre a Origem do Pecado de Adão. Se o Amor era e é o fruto da Árvore da Vida, a Guerra é e era o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, da qual, ao comer — sendo a morte inerente à Guerra —, morreria quem dela comesse; facto que o Filho de Deus deixou claro quando disse a Pedro: «Quem mata com a espada, pela espada morre».

O casamento é algo lícito para todos os homens e mulheres em virtude da bênção de Deus: «Criem-se e multipliquem-se, e encham a Terra». Se alguém souber como é que esta multiplicação poderia ocorrer sem o contributo do ato sexual reprodutor, que o diga.

Adão e Eva, nascidos dos seus pais, viveram sob a Lei da Bênção, não da Concupiscência. Esta entra no mundo como consequência da Queda.

Ora bem, será que os Reformadores condenavam Jesus Cristo pela sua Virgindade Sagrada e o desprezavam por não se submeter à Lei da Bênção?

Parece mais do que evidente que, em Jesus Cristo, a humanidade tem aquele Modelo Original Divino no qual se cumpre «Façamos o Homem à nossa Imagem e à nossa Semelhança»: no entanto, em Jesus Cristo temos o Deus Todo-Poderoso, Filho Unigénito. E só a um demente lhe pode ocorrer ser quem ELE é: Sacerdote, Rei, Senhor e Juiz Universal. Desde o início, o Espírito Santo disse que Deus faz de uns sacerdotes, de outros mestres, sábios, etc. E, ao ser o que é, cada um encontra a sua felicidade. O Sacerdote tem na Virgindade de Cristo o seu Modelo. O Sacerdócio Católico é um Povo à parte, tal como o era a Casa de Aarão entre as Tribos de Israel; Deus separa e reserva o Sacerdócio Cristão para a Adoração do seu Filho, e por isso torna-se Imaculado à Imagem e Semelhança do seu Senhor.

Não é menos verdade que o Espírito Santo disse: «Quem se acender, que se case». Mas transformar esta Lei da Misericórdia numa Lei da Maldição contra o Sacerdócio Católico é amaldiçoar o Senhor, à cuja imagem e semelhança Deus gerou a Igreja Sacerdotal. Portanto, os apóstolos do evangelho da reforma odiaram Cristo e amaram o Diabo, o seu verdadeiro senhor, cujo único objetivo é a destruição da Casa daquele que lhe esmagou a cabeça, o nosso Rei e Pai, Jesus Cristo.

29.-... e daqui deduzimos que aqueles que se autodenominam «clérigos» pecam se, tendo percebido que Deus não admite a sua continência, não a remediem casando-se.

O hipócrita encontra na hipocrisia a sua glória e fala do Deus que não ama; e, por não O amar, descobre que não O conhece, pois quem conhece Deus ama-O por uma razão natural da sua alma. E, a partir da sua maldade (pois ninguém que se intitule cristão pode justificar os seus pecados com a ignorância, uma vez realizada a Redenção), e fingindo ser sábio, considera Deus maléfico ao acusá-Lo de chamar ao sacerdócio para, depois, desprezar aquele a quem chamou em virtude da virgindade a que foi chamado.

A incontinência refere-se ao estado civil de solteiro ou casado de quem, tendo livre acesso à ação natural, se mantém, por vontade própria — ou por circunstâncias —, afastado do contacto com o outro sexo. Chamar à Virgindade Consagrada de Cristo «incontinência» é colocar na própria boca as palavras do Diabo e amaldiçoar Deus por ter dado ao Homem o Poder e a Força de ser Semelhante a Cristo no Sacerdócio Divino ao qual se consagrou livremente e no uso da plenitude das suas faculdades físicas e mentais.

Mas quem não nasceu deste Espírito e se declara sacerdote age como aquele filho maldito de Deus que, fazendo-se passar por Enviado de Deus Pai, arrastou o Primeiro Homem para a Morte.

A Virgindade de Cristo pertence aos seus Sacerdotes, pois, sendo Ele a sua Cabeça e Eles o seu Corpo, em tudo são uma única coisa, a Esposa e o Esposo, unidos em Santo Matrimónio eterno por Deus. Tal era a Doutrina do Espírito Santo. Então, do que estava a falar este tolo quando escreveu:

30.- *Aqueles que fazem voto de castidade fazem uma promessa ingênua ou insensata. E por isso, aqueles que fazem tais votos agem de forma traiçoeira para com os homens piedosos.*

Quem se creia ser este tolo para entrar no reino de Deus, calar o Rei e Deus, seu Pai, e dizer-lhes na cara o que deve ser e o que não deve ser, o que é bom ou o que é mau, o que é pecado ou o que é cristão? Como é que aquela nação de guerreiros admirados em toda a Europa pôde tornar-se tão covarde a ponto de se ajoelhar perante um hipócrita desta espécie?

Todos os historiadores que mereceram ser chamados de mestres nesta ciência observaram a incontinência concupiscente dos reformadores. Lutero, Henrique VIII, Calvino, Zwinglio foram invincivelmente dominados pela força sexual, que elevaram ao extremo de a converter na razão das suas vidas, a causa pela qual incendiaram o mundo inteiro.

O voto de castidade é um ato de renúncia temporária que pode ser rescindido à vontade, em prol da salvação da alma. Qualquer pessoa pode fazer um voto de castidade por uma causa humana ou sagrada. Não há nada de mal nisso. Nem em fazê-lo, nem em ultrapassá-lo, *com distinção* ou sem *distinção*. «Quem se queimar, que se case», para que o medo de reconhecer a sua fraqueza não lhe leve a alma. Deus ama todas as suas criaturas; algumas são mais fortes e outras mais fracas, *o que conta é o seu Amor de Pai*.

O voto de castidade é um ato que se contrai voluntariamente e está sujeito à razão natural. A virgindade do sacerdote é um ato de vocação de Deus, pelo qual o homem nasce do Espírito de Santidade do seu Senhor para vencer e ser invencível.

Infelizmente, o sacerdócio medieval levou a aristocracia a apoderar-se da Casa do Senhor, a encerrar a Esposa de Cristo nas masmorras das suas maldades, e não pararam até expulsá-la da sua Casa e apropriarem-se dos seus bens. Os apóstolos do Evangelho da Reforma uniram-se àquela aristocracia maligna e, servindo o inimigo de Cristo, abriram a porta àquele bando de ladrões que não hesitaram em empunhar o machado da guerra e sacrificar no campo de batalha os milhões de seres enterrados pelos seus credos malignos desde 1517 até 1647.

A fama de violador que perseguiu Zwinglio merecia bem a morte de todas as testemunhas que pudessem levantar a voz contra a sua conduta perversa e maléfica.

SEGUNDA PARTE

A DOUTRINA DA EXCOMUNHÃO JESUCRISTÃ

Diz o Evangelho do Espírito Santo que, aos 12 anos, Jesus se apresentou no Templo com a nobre intenção de se revelar e ser investido como rei, de acordo com a sua herança davídica. O Espírito Santo continua a escrever posteriormente sobre a Necessidade da Morte de Cristo, já profetizada por Deus desde os dias desse mesmo rei David, cuja coroa o Menino Jesus foi reclamar no Templo. A conclusão de ambos os capítulos conduz-nos à Palavra que Deus dirige ao seu Filho a partir do seu Livro, quando escreve: «Não sejas como um cavalo sem freio», o que revela que, antes de o seu Filho vir do Céu, esse Pai já tinha previsto esta irrupção no Templo do seu Filho Jesus. Até esse ponto, Deus conhecia o seu Filho. E, por O conhecer, Ele podia prever que a Sua irrupção na História do nosso Mundo se realizaria sob o signo da Ira contra o inimigo do Homem. Jesus entraria no nosso mundo, conforme o que está escrito, como Rei dos reis e Senhor dos senhores, sobre o seu Cavalo de Guerra e disposto a lançar-se contra os exércitos do Inimigo do seu Pai. Não era esse o Plano de Salvação Universal que Deus concebeu após a Queda.

Mas, para além deste pormenor, o ponto em que devemos fixar a nossa atenção ao abordar o capítulo do Menino no Templo diz respeito à sua idade. O Menino tinha 12 anos. Já de si um fenómeno estranho, que as crianças abrissem a boca perante os Anciãos, e ainda mais estranho que lhe fosse permitido falar entre os Anciãos do Templo; o ponto em que devemos centrar a nossa atenção é precisamente nessa idade. Certamente, a partir dos 14 anos, os filhos de Israel eram considerados adultos. E, como adultos, era-lhes permitido falar perante os adultos. Estamos a falar do caso em que, aos 14 anos — a idade legal em que o israelita atingia a maioridade perante o seu povo —, ele tivesse algo a dizer. Nunca se registou um caso semelhante e foi precisamente esta excepcionalidade que permitiu ao filho de José e Maria fazer uso da Palavra.

Desta liberdade de que Jesus fez uso, compreendemos duas coisas:

A primeira é que, devido à sua aparência física, todos os Anciãos e os presentes deram por certo que aquela Criança tinha completado 14 anos.

A Segunda: o facto de lhe ter sido permitido continuar a falar revela-nos o que o filho de Maria e José lhes ia revelar, que Ele era o Messias, que Ele vinha de Deus, o seu Pai, e que conhecia todas as coisas. E, de acordo com a sua sabedoria, ao falar-lhes das coisas do Céu e da Terra, deixou-os a todos boquiabertos, ao ponto de lhes concederem um terceiro dia, no qual, tendo-lhes demonstrado que Ele era o filho de David das Escrituras, deveriam tomar a decisão final de o investir como o herdeiro legítimo do Reino de Israel.

Já contei em «*A História Divina de Jesus Cristo*» de que forma aquele fenómeno chamou a atenção do próprio Simeão, que o teve nos braços logo após o seu nascimento, e, cheio do Espírito Santo, veio ao Templo para dizer ao Filho de Deus que tal, proclamar-se rei de Israel de acordo com as leis dos homens, não era a Vontade de Deus, seu Pai. Era Ele, o Filho de Deus, quem devia retirar-se até que a Plenitude dos tempos chegasse, pois a Necessidade da Morte do Cordeiro de Deus era uma Lei.

Quero dizer, durante a Grande Batalha que a Esposa do Senhor, daquele mesmo Menino que foi anunciado pelo Espírito Santo no Templo, e perante o qual Jesus se inclinou em obediência a Deus Pai, das quais ela se ocuparia; os teólogos dos primeiros séculos caíram na heresia porque quiseram colocar Jesus num lugar e Cristo noutro: esquecendo-se de que não há duas pessoas, um Cristo por um lado e um Jesus por outro, e enquanto afirmavam que as Escrituras são a única fonte do pensamento cristão, cegaram-se a si próprios e, onde está escrito e se lê que Cristo é o novo nome de Jesus, e daí falarmos de Jesus Cristo, e o Espírito Santo, para reafirmar este Novo Nome dado por Deus ao seu Filho, chama-o de Cristo Jesus; contra a Escritura que levantavam contra a Esposa do Senhor, e contra o Espírito Santo continuavam a ver no Messias e Redentor duas pessoas, Cristo de um lado e Jesus do outro. Foi este raciocínio herético que o Diabo resgatou do túmulo onde a Igreja o tinha enterrado por desígnio do Espírito Santo, e, de acordo com esta fonte anticristã, observamos em todas as teses dos Apóstolos do Evangelho Maligno da Reforma Protestante que todos eles falavam sempre de Cristo, mas que, quanto a Jesus, se serviam apenas dele como referência, esquecendo-se de que Cristo é o Novo Nome que Deus deu ao seu Filho Jesus, de modo que, se não tivesse havido Jesus, o Cristo não teria podido nascer.

Sabemos, pela Doutrina da nossa Santa Mãe Igreja Católica, que o Filho e o Espírito Santo se tornaram um único Ser. Pois, antes da sua Encarnação, colocou-se em dúvida que o Espírito Santo do Pai habitasse no Filho. Mais ainda, toda a gravidade da Queda, a Traição de Satanás e dos seus aliados no homicídio de Adão, filho de Deus, teve nesta dúvida a sua origem. Qual seria a resposta do Filho Amado do seu Pai à Proibição e à Pena de Morte correspondente contra todos aqueles que fizessem da Guerra, fruto da Árvore Proibida, o seu pão de cada dia?

Toda a Criação manteve, durante os milénios seguintes, o coração em suspenso, a respiração contida até o pulso quase parar, à espera da resposta do Filho Amado do seu Pai. Conhecemos a RESPOSTA de Jesus, que foi dizer perante o Céu e a Terra: «EU SOU JESUS CRISTO; quem me vê, vê o Pai». Daí que a Igreja tenha escrito: O Espírito Santo é Deus. Portanto: O Filho é Deus, o Pai é Deus; duas Pessoas, um Único Deus Verdadeiro.

Apagando esta Unidade Perfeita entre o Pai e o Filho no Espírito Santo, razão pela qual tudo o que vem de Deus vem do Filho, Unidade cuja Inteligência não foi compreendida pela Igreja de Bizâncio, que, no seu orgulho, para chegar a Deus, quis afastar o seu Filho, seguindo cuja regra herética custou à Igreja Ortodoxa Bizantina a sua destruição, o novo evangelho protestante, mais subtil no seu poder retórico, repetiu o mesmo argumento, mas separando Jesus de Cristo, de tal forma que o homem tem como modelo Cristo, o homem, mas não Jesus, o Filho de Deus, esquecendo-se assim, de forma maligna, que não há divisão no Filho, pois ELE é Jesus Cristo.

É por isso que nas suas teses se fala sempre de Cristo, mas nunca, ou o menos possível, de Jesus Cristo. Esta razão herética já a vimos nas teses anteriores do apóstolo protestante suíço, e continuaremos a encontrá-la no nosso caminho como uma pedra maligna cuja natureza é fazer-nos cair aos pés do Semeador Maligno.

Seguindo o seu evangelho herético, o semeador suíço do Joio do Ódio — nos cujos ramos a Europa permaneceria até à Segunda Guerra Mundial — escreve na sua 31.^a tese:

31.- *A excomunhão não pode ser decretada por uma única pessoa, mas pela Igreja, ou seja, pela comunhão daqueles com quem o possível excomungado convive, juntamente com aquele que vigia, ou seja, o pastor.*

A origem da excomunhão reside no Testamento do Senhor à sua Esposa, a quem Ele confere o poder de «perdoar os pecados». As palavras são: «O que ligares na Terra será ligado no Céu, e o que desligares na Terra será desligado no Céu». Daí se vê a unidade que Deus gera entre o Esposo e a Esposa, que os Apóstolos do Evangelho dos Santos traduzirão na unidade entre o Corpo e a Cabeça. Assim como o Corpo e a Cabeça são uma única realidade, assim também entre o Senhor e a Sua Casa.

Este Poder Supremo é concedido ao Chefe dos Pastores dos seus rebanhos, São Pedro. Não sem antes unir a si todos os seus irmãos no sacerdócio, sendo ele a Cabeça de todos. E é por isso que, ao longo da história, a excomunhão é assinada e selada pelo Sucessor de São Pedro, mas em unidade com todos os seus irmãos no sacerdócio pastoral. E só é assinada contra aquele que, fazendo do Poder do Perdão dos pecados a sua panaceia, cai no delito do templo que Deus destruiu. A saber: «pago o preço do delito antes de o cometer e, com esse preço, compro o perdão».

A hipocrisia maligna em que se instalou o Antigo Templo não podia ser mais escandalosa. Não só perante Deus, mas também perante os homens, como se vê no episódio de Antíoco IV Epifânio. Porque, independentemente da maldade na reação do selêucida, a repugnância que a existência de um sacerdócio que se proclamava santo e o único verdadeiro entre as nações provocava nos povos gentios, e ver que, entre esses santos, se devoravam vivos por serem os administradores do tesouro do Templo...

Depois, o Poder de Amar e Desamarrar, ou seja, da Excomunhão, sendo uma Sentença que une o Céu à Terra, o Senhor ao Chefe dos seus Pastores, pois é a São Pedro e aos seus Irmãos na Liderança do Corpo Pastoral que é legado este Poder Infinito; se fosse colocado nas mãos de cada pastor, teria como efeito a desintegração absoluta desse Corpo, pois, uma vez que cada um se valesse de um Poder que vincula à Eternidade, cada um usá-lo-ia de acordo com os seus interesses e nunca com os de Deus, que é a Salvação do Gênero Humano.

Por outro lado, observamos que, ao legar este poder a Pedro, o Senhor fá-lo na qualidade de Chefe dos seus Pastores; ou seja, este poder de atar e desatar, a excomunhão, refere-se exclusivamente à atividade pastoral, isto é, à unidade da doutrina do Evangelho que desceu do Céu para a salvação da Terra. Daí se depreende que a tese seguinte não provém de Jesus Cristo, que em caso algum foi o «Deus Oculto» da Reforma. Leiamos

32. – *Só pode ser punido com a excomunhão quem causar escândalo público e notório.*

O despotismo tirânico que o autor destas teses reivindica para si não tem limites. Pretende fazer do pecado dos homens causa de condenação eterna. Este apóstolo da zizânia maligna reivindica para si o poder de condenar à morte aqui na Terra por pecados

que o Sacerdote de Cristo tem o poder de absolver, e quer condenar ao Inferno quem, por pecados de conduta — que não se referem à doutrina pastoral —, é perdoado pela absolvição sacerdotal.

Zwinglio afasta o rebanho de Jesus Cristo dos seus pastores legítimos e nega ao Filho de Deus o poder de absolver ou condenar os homens em razão dos seus pecados cometidos não contra a doutrina que veio do Céu, mas contra as suas próprias almas.

A excomunhão refere-se à sentença de Deus contra Satanás e os seus irmãos na rebelião contra o Espírito da Doutrina Divina sobre a igualdade na fraternidade de todos os seus filhos. O perdão dos pecados refere-se às ofensas que, pela nossa conduta, nos causam mal a nós próprios. E por isso vemos que a excomunhão na História da Igreja ocorre sempre em resposta às doutrinas teológicas que pretenderam suplantar ou modificar a Doutrina do Céu. Nunca foi imposta contra os pecados a que todos estamos sujeitos devido às circunstâncias do mundo. Estes pecados dependem da absolvição do pastor da comunidade. A excomunhão só pode provir do Pastor dos pastores, em comunhão com os seus irmãos na preservação apostólica eterna da Doutrina de Jesus Cristo. Assim, quem for levantado no Dia do Juízo sob essa sentença será condenado por ela à sentença contra Satanás.

Escusado será dizer que um Poder tão infinito, que implica a Eternidade, não podia ser deixado nas mãos de um Indivíduo; daí que o Senhor tenha designado São Pedro como Chefe dos seus Irmãos no Espírito, ao mesmo tempo que a todos lhes concedia, por Comunicação, esse Poder que os une a Jesus Cristo e faz deles, Nele, um Único Ser com Deus.

Para infelicidade dos suíços, o Poder Absoluto de um tirano foi concedido a Zwinglio e Calvino, que não hesitaram em condenar à morte todos aqueles que se opuseram à sua semente maligna, cuja doutrina anticristã lhes valeu a excomunhão que o Espírito Santo lançou contra os inimigos da Doutrina de Jesus Cristo

TERCEIRA PARTE

A SEGUNDA MORTE: INFERNO E PURGATÓRIO

57. A verdadeira Sagrada Escritura nada diz sobre um Purgatório após a morte.

58. Julgar os mortos cabe exclusivamente a Deus. 59. Quanto menos Deus nos revelou sobre estas coisas, tanto mais devemos guardar-nos de tentar saber algo a respeito delas»...

A tragédia que a Queda do primeiro dos filhos de Deus nascidos na Terra infligiu a todos os homens, com a sua transgressão abrindo à Morte a porta do Futuro das nações, foi registada nas mitologias dos nossos antepassados como

A Caixa de Pandora foi uma tragédia de tal magnitude que todo o Cosmos foi arrastado para a beira do Abismo da sua Destruição. A elevação do Homo Sapiens à Filiação Divina ocorreu a partir de um estado natural de alta dimensão, no qual o Homem se ergueu como senhor entre e acima de todos os animais e de todas as espécies vivas. O seu coração e a sua mente tocavam as estrelas quando os filhos de Deus «não desta criação» (em termos científicos modernos: seres inteligentes de outros mundos) desceram do Céu, aproximaram-se dos Homens e semearam nas suas almas a Semente da Imortalidade. Não havia nada a fazer para receber a Imortalidade de que eles próprios já desfrutavam; era um Presente de Deus aos seus filhos, do Criador dos Céus aos filhos da Terra. Estas palavras: Inferno, Purgatório, não faziam parte do vocabulário daqueles filhos de Deus, nem do dicionário dos filhos dos homens.

Com a coroação do Primeiro Homem, que chamou Deus de Pai e de quem recebeu de Deus o seu novo nome: Adão, a morte ficou para trás. A imortalidade era um facto. Não havia volta a dar. A perda da Imortalidade só poderia advir como consequência de uma Rebelião contra a Lei do Reino de Deus. Obviamente, no coração e na mente da Geração de Adão, filho de Deus, rei, tal Transgressão nem sequer lhes passava pela cabeça; o seu Mundo era uma Criação Maravilhosa e o Futuro do seu Reino era Divino.

Mas não era apenas no vocabulário e no dicionário dos filhos de Deus, incluindo o nosso Adão, que as palavras «Purgatório» e «Inferno» não tinham cabimento: no Ser de um entre todos eles, cujo Nome era Jesus, e cuja Cabeça ostentava a Coroa do Rei dos reis e Senhor dos senhores de todos os filhos de Deus — cada um rei do seu Mundo —, tais palavras nem sequer existiam em gestação.

O Inferno, o que era isso? E, no entanto, na Sentença que o Seu Amado Pai proferiu contra Satanás, a cabeça da Serpente, é decretado o Exílio para toda a Eternidade da Criação de Deus. Para onde iria este Condenado? Para que lugar das Trevas Exteriores que rodeiam o Cosmos seria a Serpente Satânica banida para sempre? Por que razão essa Sentença tão severa? O que se estava a passar? O que tinha acontecido? Por que razão não havia Perdão por ter tentado Adão? Que acontecimento se tinha verificado para ser considerado «imperdoável para toda a eternidade» aos olhos de Deus, que é Amor? O que tinha feito Satanás para merecer do Pai Amado tal Condenação de Exílio para toda a eternidade dos confins do Cosmos?

Na *«História Divina de Jesus Cristo»*, Livro Segundo, narrei a história das guerras dos filhos de Deus durante os Dias da Criação e como, querendo Deus Pai pôr fim àquela situação, revolucionou o Ato Criador, visando a participação de todos os seus filhos no Espírito do Criador. Não foi em vão que Ele os conduziu a todos para o outro lado das Fronteiras do Campo das Galáxias e lhes revelou o Abismo coberto pelas Trevas, resultado da destruição do Cosmos Não Criado por Ele próprio. Estas Trevas cobrem o Infinito nas três dimensões naturais. No seu Centro, o Cosmos Criado por Deus expande-se como um oceano animado de existência própria, duplicando as suas dimensões pela Eternidade. Fora destas margens, a matéria está morta; um cosmos reduzido a escombros estende o seu cemitério até ao infinito. Como seria ser lançado para aquele Abismo coberto pelas Trevas, caindo eternamente até pisar o Infinito?

O terror apoderou-se dos filhos de Deus. A palavra «Inferno» entrou no dicionário daqueles por cuja causa Deus Pai se viu obrigado a submetê-los a uma condenação de exílio dessa natureza. No caso do Primogénito de todos, o Filho do seu Pai, esta

palavra não encontrou lugar; o Seu Coração e a Sua Mente estavam na Criação da Terra, e ao dizer «HÁ LUZ», a luz fez-se, acontecimento que narrei no *Terceiro Livro da História Divina de Jesus Cristo*.

Uma vez separada a Terra das Trevas e criada a Abóbada das Constelações, Deus pôs fim à História das Guerras dos seus filhos, promulgando a Lei da Proibição, sob pena de morte, ou seja, de Exílio Eterno da sua Criação, contra quem se levantasse contra o seu Império e se atrevesse a comer do Fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, ou seja, fazer da Guerra um *modus vivendi*.

Aconteceu o que aconteceu. E todos sabemos o que aconteceu. Acreditando aqueles filhos rebeldes (sobre os quais Deus disse a Moisés que se deitaram com as filhas dos homens e delas nasceram os heróis de tempos muito antigos, produzindo, a partir do cruzamento de raças de diferentes criações, os males consequentes); na crença de que o Amor de Pai em Deus seria mais forte no Criador do que o Juiz em Deus, rebelaram-se contra a Lei do Império e utilizaram o primeiro Homem como um machado de declaração de guerra. Quando o Homem compreende isto, manipulado pelo seu desespero, implora Vingança a Deus, e Deus, como Pai e como Juiz, não só a concede como jura uma Sentença de Exílio Eterno contra «aquela geração de filhos rebeldes».

O Antigo Testamento regista os acontecimentos da guerra entre Deus e os seus filhos rebeldes, com o objetivo de impedir que se reunisse aquele Tribunal no qual a sentença seria oficialmente assinada. A salvação do homicida e fraticida Satanás residia em derrotar o filho de Eva, pela mão do qual Deus satisfaria a vingança clamada por Adão.

Já sabemos o que aconteceu. A vingança consumou-se. O Tribunal do Céu, sob a presidência do Juiz, Deus Pai, reuniu-se, como vemos no Apocalipse, e a sentença foi proferida. O Mundo Antigo foi julgado. As palavras que Deus foi escrevendo através dos seus profetas concretizaram-se. O Primeiro Julgamento e a Primeira Morte atingiram as nações do mundo antigo.

Mas a Sentença Final desse Mundo foi deixada nas Mãos do Filho de Deus, Jesus Cristo.

Assim, encerrando a questão do Purgatório, as nações do Mundo Antigo, julgadas por aquele Tribunal presidido por Deus Pai, dormem em tremor, à espera da Celebração do Juízo Final, em que a Segunda Morte as atingirá ou...

Que tremenda responsabilidade Deus depositou no seu Filho Amado: condenar ao exílio eterno um mundo cujo pecado foi herdado e, lançado aos pés dos cavalos da Morte, viu a sua alma transformada num campo amaldiçoado, cujo solo serviu de terreno fértil para o joio maligno do ódio, que deu origem à árvore da guerra.

No entanto, o Seu Pai não podia nem queria deixar de revelar ao Seu Filho Amado a verdadeira dimensão monstruosa da prisão na qual ficariam encerrados no Infinito, para toda a eternidade, os filhos da Terra que fossem condenados à Segunda Morte. Este Juízo Final seria Seu.

O Julgamento realizado contra os filhos «que não são desta criação» já estava selado. E embora o Maligno tivesse sido libertado durante algum tempo na Terra, a Sentença de Exílio Eterno era Irrevogável e seria cumprida no seu tempo.

Dito isto, pode um Juiz ser Perfeito se não conhecer a natureza da Condenação que profere?

Eis, portanto, que Deus quis conduzir de mão o Seu Filho Amado para que conhecesse a natureza desse Inferno, inerente ao Exílio da Criação para toda a eternidade. E foi por isso que o Espírito Santo, que veio do Filho, em Nome de Deus, desceu como Língua de Fogo e comunicou aos seus irmãos, os nossos Apóstolos, o Conhecimento Vivo que habita no seu Espírito; e, vivendo desde então neles, levou-os a viver e a morrer pela Salvação do Género Humano.

Ao partirem, a sua Sabedoria, transmitida em privado entre os perfeitos, permaneceu nos seus últimos discípulos e gerou na Igreja o Conceito de Inferno e Purgatório, sobre os quais, não tendo uma Imagem Perfeita, mas sendo a sua Raiz de natureza Divina, permanece ao longo das gerações para que todos lutemos por conquistar o Coração deste Juiz Universal, pois a Vida na Imortalidade está nas Mãos do nosso Salvador, Senhor, Rei e Pai, e as almas do nosso próximo estão nas nossas, através das nossas obras — de pensamento, palavra e ação —, procurando conquistá-las para o Amor de Deus.

Quando a Reforma e os seus apóstolos insensatos afirmam que...

«A verdadeira Sagrada Escritura nada sabe sobre um Purgatório após a morte. Julgar os mortos cabe exclusivamente a Deus. Quanto menos Deus nos revelou sobre estas coisas, tanto mais devemos guardar-nos de tentar saber algo a respeito delas»...

... não era o Espírito que desceu de Deus, Pai e Filho, e que, desde o Pentecostes, espalhou a sua Mensagem de Salvação Universal por toda a Terra, que falava através deles.

O Mundo Antigo, na dimensão da Primeira Morte, aguarda o Juízo Final, no qual se decidirá a sua Absolvição ou a sua Segunda Morte: reunir-se com o Maligno no Inferno. Até a este Juízo, Deus quis que a Plenitude das Nações se levantasse e, ajoelhando-se perante o Juiz Universal, implorasse Misericórdia por um Mundo lançado ao Império da Morte pela Maldade daqueles que, tendo alcançado a Vida Eterna, preferiram vivê-la sem Deus a vivê-la à Luz da sua Lei.

O facto de servos corruptos e perversos terem usado os seus bispados e papados para comprar essa salvação com metal, aproveitando-se da ignorância dos povos, não retira nem acrescenta nada ao Acontecimento do Sonho, no qual aguardam a Segunda Morte aqueles que viveram o Primeiro Julgamento. Não conheceram o Redentor e adormeceram nas suas faltas. Este mesmo Redentor será quem os ressuscitará para lhes dar a conhecer a sua Sentença Final.

Que Deus queira que encontremos Graça aos Seus olhos e que a Plenitude das Nações venha a ser um único Povo, e, Unidos num único Reino Divino, alcancemos a Vitória mais Maravilhosa a que podemos aspirar: Conquistar o Coração do nosso Criador para que a Sua Palavra, origem da Vida do Ser Humano, na Sua Misericórdia, conceda à Humanidade, a Sua Criação, a Vida Eterna na Sua Absolvição.

QUARTA PARTE.

O CONFLITO ENTRE AS DUAS AUTORIDADES: A CIVIL E A ECLESIAÍSTICA

I

Perante Deus, não há necessidade de abrir o livro da vida daqueles que, dizendo vir em Seu Nome com os frutos das suas obras, demonstram a falsidade da sua pretensa origem. Desde que a Inteligência, na sua forma primária de Filosofia, elevou o pensamento analítico, nós, pensadores, fomos impulsionados pelo espírito cristão a concentrar a nossa força nas palavras e, sem necessidade de penetrar na vida íntima dos seus autores, a desvendarmos a Verdade que eles projetaram sobre a História.

Ninguém deve esquecer que tudo o que se faz no Presente tem repercussões no Futuro. Caminhamos e vivemos na Dimensão da História Universal. Uma obra escrita continua a dar frutos ao longo do Tempo. Cabe à Inteligência que emana de Deus penetrar no seu âmago e perceber a sua natureza. Se o seu fruto for o Ódio e a Guerra, essa obra não provém de Deus; se for de Paz e Fraternidade, a sua Origem está no Criador de toda a Vida.

Assim, e embora na questão da vida íntima de Zwinglio, tal como nas vidas dos outros apóstolos da Rebelião Protestante, os interesses dos seus herdeiros tenham prevalecido sobre a Verdade, transmitindo ao mundo biografias em que o joio foi descartado e nos foram apresentados os semeadores do Ódio e das Guerras que assolaram a Europa nos séculos XVI e XVII como mensageiros do Amor Divino; deixando de lado, por agora, esta manipulação perversa da verdade histórica, o facto fundamental sobre a Origem das suas Declarações Históricas — se de Jesus Cristo ou do Maligno —, sem necessidade de recorrer a esses contos para deficientes intelectuais que são as biografias oficiais de Martinho Lutero, Henrique VIII, Calvino e Zwinglio; apenas pelas palavras, podemos abrir caminho até esse núcleo e determinar a verdadeira fonte de onde jorraram.

Os frutos estão contidos nas sementes. As sementes são a origem desses frutos. Independentemente da mão que assine as suas declarações, estas contêm no seu seio uma realidade histórica própria: abrir a casca e ver o núcleo que faz dessa semente um germe maligno ou divino é a função de todo o espírito de Inteligência.

Fosse Zwinglio ou qualquer outra pessoa a assinar as palavras que se seguem — sendo a autoria uma questão irrelevante no que diz respeito aos seus frutos —, basta confrontá-las com a Sabedoria revelada por Deus no Seu Filho para retirar a máscara ao cordeiro e ver, na sua monstruosa realidade, o lobo.

Leiamos:

34. O alarde que ostentam as «autoridades eclesiásticas», como se costuma dizer, não tem qualquer fundamento na doutrina de Cristo; 35. mas, pelo contrário, as autoridades civis e seculares têm poder e fundamento na doutrina e nos atos de

Cristo. 36. Esse poder autoritário que a autoridade eclesiástica pretende exercer pertence, na realidade, às autoridades seculares, desde que estas sejam cristãs.

Na primeira frase, a 34, o autor reveste-se de santidade invocando a simplicidade dos Apóstolos. Escusado será dizer que a Rebelião Protestante se baseou numa corrupção dos Servos da Esposa do Senhor, corrupção visível a todos os olhos e exposta ao escândalo na contenda de Savonarola contra Alexandre VI. É tolice afirmar que, se o Colégio dos Pastores Romanos se tivesse submetido à Reforma que o Espírito Santo lhe pediu nos Concílios de Basileia e de Constança, essa situação de corrupção perversa não teria degenerado na pornocracia dos bispos do final do século XV e início do século XVI. Mais tolo ainda é acreditar que essa pornocracia foi exclusiva da Cúria italiana. A pornocracia dos bispos alemães superou largamente a dos bispos italianos. Lutero deveria ter tirado a trave do seu próprio olho antes de se escandalizar com o cisco no olho alheio. Mas ninguém é perfeito quando o verdadeiro motor da sua vida é a ambição. Ambição de ir mais longe que, no caso de Lutero, atingiu o limite com o seu cargo de professor universitário e, no caso de Zwinglio, com o seu cargo de pároco alpino. Uma camisa demasiado estreita para tantos músculos!

O pompa das «autoridades eclesiásticas» não foi, de forma alguma, uma invenção do episcopado. Veio com a própria civilização medieval. O vestuário e os seus adornos revelavam a posição de cada um numa sociedade medieval estruturada em três classes perfeitamente delimitadas, às quais se juntaria mais tarde a burguesia, dando início à Idade Moderna. Cada um encaixava-se no «espartilho» natural que lhe correspondia, de acordo com a posição social própria da época. Um rei sem a sua coroa não era um rei; um bispo sem a sua mitra não era um bispo. As corporações de artesãos tinham igualmente o seu próprio aparato. A única classe social isenta de toda a ostentação exterior era a classe pobre; ou seja, a imensa maioria.

Ainda nos nossos dias, o vestuário marca a posição social. Um militar sem o seu quepe não faz sentido. Um juiz sem a sua toga não é da justiça. Um Papa sem o seu anel não é Bispo de Roma.

Escusado será dizer, mas é preciso dizê-lo: dessa tendência antinatural de fazer do ouro e da prata o fundamento da posição social surgiu a corrupção em todas as classes sociais da Idade Média. Os homens perderam o sentido divino da sua existência. Desprezaram a função providencial do seu trabalho na sociedade, onde ninguém é mais do que o seu próximo, porque cada um tem a sua tarefa providencial, graças à qual toda a sociedade cresce como uma árvore, forte, saudável e robusta.

O mal não nasceu nas *autoridades eclesiásticas*; impôs-se na Civilização durante a última fase do Império Romano e foi adotado pelo Império Bizantino, que cultivou esta ostentação na Corte de Constantinopla até transformá-la numa ciência, a mais sagrada das artes.

Não observamos, na época do Bispado Romano de Gregório I, o Grande, tal ostentação semelhante à bizantina. O rasto da queda do Bispado italiano nessa curva de corrupção é detetável no século X, quando as famílias aristocráticas italianas se apropriaram do Bispado; ação que mais tarde as grandes famílias alemãs imitariam e levariam ao grau de perversão que descobrimos na Alemanha de Lutero.

Trata-se, portanto, de um protesto muito louvável contra *a ostentação das autoridades eclesiásticas*, que, por mandato divino, estão obrigadas à simplicidade apostólica, para a qual não existe o ouro, mas sim Jesus Cristo, o seu Senhor, de quem lhes provém a grandeza e a autoridade.

Mas se a este protesto contra *a ostentação das autoridades eclesiásticas* se tivesse limitado a esta tese, nada se poderia dizer contra o seu autor. Infelizmente, o autor suíço aproveitou este defeito, natural a todas as classes altas da sua época, para lançar imediatamente um ataque frontal contra a Igreja. E falar contra a Esposa é falar contra o seu Esposo, Jesus Cristo, a sua Cabeça; ou será que se pode partir a perna a uma pessoa sem ofender a sua cabeça?

Falou o cordeiro, e logo a seguir falou o lobo, dizendo:

mas, pelo contrário, as autoridades civis e seculares têm poder e fundamento na doutrina e nos factos de Cristo.

A astúcia da Serpente é venenosa. Ela quer fazer crer que a autoridade eclesiástica tem o seu *poder e fundamento* na ostentação das vestes e não em Cristo, e que, tendo desprezado este fundamento divino, as autoridades eclesiásticas passaram a basear o seu poder e fundamento nessa *ostentação*. O que é uma falsidade absoluta.

O *fundamento e o poder* da Autoridade Eclesiástica são Cristo. O facto de o bispo usar ouro ou não usar nada acrescenta nem retira nada à Autoridade que recebe de Cristo, e só um bárbaro e um ignorante podem acreditar que uma mão com um anel é mais preciosa do que a Mão Nua de Cristo.

A causa da rebelião legítima contra a ostentação dos Servos de Cristo teve lugar quando eles próprios puseram de lado a Mão Desnuda de Cristo e preferiram a mão com anel. Aqui sim houve legitimidade para um protesto. Mas usar essa legitimidade para cortar a Mão de Cristo só poderia ter origem no Maligno.

A segunda parte da sentença — *que as autoridades civis e seculares têm poder e fundamento na doutrina e nos factos de Cristo* — é coisa de crianças de peito. Basta recordar o que está escrito: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus».

Mas o que este rebelde pretendia era tirar a Deus o que Lhe pertencia e, conseqüentemente, escreveu imediatamente:

Esse poder autoritário que a autoridade eclesiástica pretende exercer pertence, na realidade, às autoridades seculares, desde que estas sejam cristãs.

Ignoro se quem lê esta tese possui inteligência ou é simplesmente um repetidor de doutrinas que lhe chegam e cuja existência se reduz a servir como escravo a um poder cujo *fundamento* é a destruição da construção, por Deus, de um templo para a adoração do Seu Filho.

A negação da doutrina de Cristo que Zwinglio faz é absoluta. A rejeição da Palavra Divina, que ordena a existência de ambos os poderes — o civil e o eclesiástico — numa coexistência cristã pacífica, é total.

Zwinglio defendia a teocracia e, embora se recusasse a admitir que a sua doutrina se referisse à de Lutero, neste capítulo ambos foram companheiros de armas ao serviço do Semeador Maligno. Apenas o Maligno poderia ser a origem de uma doutrina que nega o Evangelho de Jesus Cristo, que ordena a coexistência de ambos os poderes.

Observamos que, embora no início, em Israel, existissem ambos os poderes — rei e sacerdote —, no final da sua história o povo judeu não reconheceu mais do que uma única autoridade: a teocracia do Templo, à qual foram delegados tanto o poder civil como o poder religioso. Foi essa Teocracia que provocou o confronto mortal com o Poder selêucida e determinou a independência com os Macabeus, para regressar à Teocracia na sua forma monárquica com os Asmoneus.

Deus não podia permitir tal invasão de um poder por outro e decretou a destruição do Templo de Jerusalém.

Com o advento de Jesus Cristo, procedeu-se à separação de ambos os poderes, que permanecerão para sempre em coexistência no seio do Reino de Deus, para toda a eternidade, e que na Terra ficariam sujeitos aos conflitos naturais até que finalmente se chegasse a essa coexistência, enriquecedora para ambos os poderes, o civil e o eclesiástico.

Vemos como a história destes dois milénios passados tem sido uma transcrição destas lutas anunciadas na doutrina de Jesus Cristo. O capítulo da Reforma Protestante significou uma negação da doutrina cristã-jesuítica em favor do Poder Civil, com o intuito de transformar a Esposa de Cristo numa escrava ao serviço dos príncipes deste mundo; e, por o ter feito, a Reforma degenerou imediatamente numa rebelião contra Deus: Pai e Filho.

Os genocídios contra os católicos perpetrados pelas teocracias monárquicas protestantes — uma imitação da teocracia asmoneia elevada ao modelo imperial — estão registados; o seu *delirium tremens* final foi a Guerra dos Trinta Anos; no entanto, a apoteose suprema protestante só se concretizaria no século XX, em que os ódios semeados naqueles dois séculos protestantes deram finalmente o seu fruto maligno e infernal: as Guerras Mundiais.

Nesta fase da História, qualquer leitor percebe que a separação dos dois poderes, o civil e o eclesiástico, e a sua coexistência pacífica ao serviço das nações são a base e o fundamento da nossa civilização cristã. A História demonstrou às nações de origem teocrática protestante que aquela aniquilação dos dois poderes divinos, o civil e o eclesiástico, não tem, não teve nem terá outro sentido senão a destruição da civilização.

A ambição de Zwinglio e dos seus companheiros de armas de serem mais do que um professor de teologia e um padre de paróquia conduziu-os à perdição.

II

Falar de Poder Civil ou Secular e de Poder Eclesiástico implica-nos no Conhecimento Verdadeiro da Estrutura do Reino de Deus na Eternidade, modelo de toda a estrutura social no Universo. Mas registre-se a sua negação antes de prosseguirmos. Zwinglio escreveu:

37.- Todos os cristãos, sem exceção, devem obediência à autoridade secular, 38.- desde que esta não ordene coisas que vão contra Deus. 39.- Por isso, as leis da autoridade secular, na sua totalidade, devem estar em conformidade com a vontade de Deus, de modo a protegerem o oprimido, mesmo que este não levante a voz.

Resolvendo o negativo de forma positiva, podemos dizer:

«Todo o cristão deve obediência à autoridade eclesiástica... desde que esta não vá contra a Autoridade Civil criada por Deus... de modo que, procedendo ambas de Deus e estando ordenadas para a coexistência fraterna em prol da Paz das Nações, ambas estão sujeitas ao mesmo Espírito Social Criador da Civilização... que delega à Autoridade Civil a Administração da Justiça e à Autoridade Eclesiástica a defesa da Verdade Divina”.

O contrário, anular uma das duas Autoridades estabelecidas por Deus para o bem do Seu Reino, é um ato maligno cujo fruto é a guerra.

É evidente que todo o homem é cidadão do reino de Deus e, como tal, independentemente da sua posição social, quer pertença à autoridade civil ou eclesiástica, toda a conduta está sujeita à Justiça e, inversamente, o pensamento de todos está sujeito à Verdade Divina; de tal forma que tanto quem se considera acima da Justiça por pertencer ao corpo eclesiástico, como quem se considera não sujeito à Verdade Divina por pertencer ao corpo civil: ambos são culpados de crime perante Deus. Pois a Justiça sem a Verdade é uma quimera, a porta para a corrupção, para a ditadura e, finalmente, para a guerra civil. E a Verdade sem a Justiça conduz ao despotismo teocrático daquele que se coloca para além do bem e do mal e, acreditando-se igual a Deus com a sua patologia maligna, perverte a Imagem de Deus no Homem.

Que caiba à autoridade civil ou secular promulgar as leis de acordo com a Vontade de Deus, como diz o Rebelde suíço, quando tiver sido abolida a Autoridade eclesiástica na qual essa Verdade Divina vive e se manifesta, e isto independentemente da conduta dos seus representantes, seguindo sempre, neste ponto, a Sabedoria de Jesus Cristo: «Faze o que eles dizem, mas não imites o que fazem»; seguir esta tese de concentração das duas Autoridades Divinas através da anulação de uma delas é hastear a Bandeira da Rebelião contra o Criador do Reino do seu Filho, que instituiu uma Autoridade Religiosa Universal ou Católica e uma Autoridade Secular ou Civil, fazendo repousar numa a Verdade e na outra a Justiça. O fruto da coexistência de ambas é a Paz de Jesus Cristo, ou seja, sustentada pelo Rei e Sumo Pontífice Universal: Jesus Cristo, em quem ambas as Autoridades se apoiam.

Consequentemente, reduzir ambas as Autoridades a uma única é levantar-se em rebelião aberta contra a Coroa do Filho de Deus, o Único em quem ambas as Autoridades podem existir e, tendo n'Ele o seu Tronco e a sua Fonte, ambas desfrutam da vitalidade da sua Natureza Divina.

A malícia do rebelde suíço revela-se na sua seguinte tese, quando escreve:

40. Apenas a autoridade civil tem o direito de condenar à morte sem provocar a ira de Deus. Mas só pode condenar à morte aqueles que, publicamente e notoriamente, escandalizam contra o que Deus ordenou.

Tese na qual se vê a abolição da doutrina de Jesus Cristo, que revogou a pena de morte dizendo:

«Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; quem matar será réu de julgamento». Mas eu digo-vos que todo aquele que se irritar contra o seu irmão será réu de julgamento; quem lhe disser «raca» será réu perante o sinédrio e quem lhe disser «louco» será réu da Geena de fogo. Se, pois, fores apresentar uma oferta perante o altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem algo contra ti, deixa ali a tua oferta perante o altar, vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão e depois volta para apresentar a tua oferta. Mostra-te conciliador com o teu adversário enquanto caminhas com ele, para que ele não te entregue ao juiz, e o juiz ao oficial de justiça, e sejas colocado na prisão. Em verdade te digo que não sairás de lá até que pagues o último cêntimo».

Doutrina na qual se vê como a Justiça é estabelecida entre homem e homem, e a Pena de Morte é deixada ao Tribunal de Deus, de modo que aqui na Terra o espírito da Fraternidade seja o tribunal entre o ofendido e o ofensor, e o tribunal de justiça seja aquele que determine a causa, dada a impossibilidade de reconciliação. Tribunal Civil que é destituído do Poder sobre a Vida, que cabe exclusivamente a Deus; por essa destituição e reversão ao Criador da Vida, a sentença de morte fica abolida.

Ao restabelecer a pena de morte como poder divino nas mãos da autoridade secular, os rebeldes protestantes, jurando vir de Deus, levantaram-se contra a doutrina do Seu Filho, ficando assim condenados perante Deus por seguirem o exemplo de Satanás, cuja rebelião teve como causa a rejeição da coroa de Jesus Cristo.

Não é por acaso que, nas nações europeias finalmente conquistadas pela doutrina católica, a pena de morte acabou por ser abolida, enquanto permaneceu nas nações onde a rebelião protestante se erigiu como templo da autoridade secular.

Mas o que realmente revela o espírito maligno que, em Zwinglio, foi a sua fonte, é na segunda parte da sua tese, na qual afirma que a Autoridade Secular deve erguer-se como braço armado contra aqueles que se opõem à sua doutrina rebelde. Citemos:

... Mas só pode condenar à morte aqueles que, publicamente e de forma notória, escandalizem contra o que Deus ordenou.

Primeiro, afirma que apenas a Autoridade Civil detém o poder legítimo para condenar à morte, rejeitando assim qualquer julgamento contra si por *heresia*; e

imediatamente afirma que esse poder civil deve ser usado contra os *hereges* que rejeitem a sua Reforma Protestante. Daí se depreende que quem determinará o que constitui ou não escândalo contra o que Deus ordenou será ele; ele, Zwinglio, será Deus na Terra por um dia, e será ele, o Deus suíço, quem decretará quem deve morrer e quem deve viver, de acordo com a sua doutrina sobre o que constitui ou não escândalo para Deus, logo, para ele.

O limite que Zwinglio impôs à sua ambição foi o trono de Deus. Ele, e só ele, decretava a abolição da Igreja Cristã Milenar e erigia-se como o Deus cuja Palavra seria a Fonte sobre a qual repousariam a Vida e a Morte nos territórios idólatras que o proclamariam como seu deus na Terra.

Nesse espírito maligno, continuava a avançar para suplantar o Filho de Deus no Trono do seu reino, dizendo:

41.- Se, de forma justa, a autoridade civil aconselhar e ajudar — aconselhamento e ajuda pelos quais prestará contas perante Deus —, está também obrigada a prover ao sustento corporal daqueles que por ela foram julgados. 42.- Mas se, pelo contrário, as autoridades civis agirem à margem da regra de Cristo, é vontade de Deus que sejam destituídas. 43.- Resumindo: o melhor e mais firme governo legislativo é aquele que governa de acordo com a vontade de Deus, enquanto o pior e mais fraco governo é aquele que age apenas de acordo com o seu próprio arbítrio.

Sendo a pretensão da sua ambição ser aquele que ditaria o que é a vontade de Deus ou o que não é a vontade de Deus, depois de recorrer ao seu veneno amável e generoso que cuida dos condenados, levanta imediatamente a bandeira da rebelião até à morte contra aqueles que se opõem à sua doutrina divina; caso todos se deixassem destituir voluntariamente, como amigos; caso contrário, ferro e fogo, pois se o alemão estava disposto a incendiar o mundo inteiro em defesa da sua verdade, o suíço não ficaria atrás.

A terceira proposição mantém a mesma linha maligna. Ele, Zwinglio, é o intérprete da vontade de Deus; logo, o melhor governo será aquele que for administrado de acordo com o seu critério, e quem não o fizer, para o inferno. Que homem santo! E, como um santo, prosseguiu:

44.- Os verdadeiros adoradores invocam Deus em espírito e em verdade, sem se vangloriarem perante os homens. 45.- Os hipócritas realizam as suas obras para que os homens as vejam; mas já receberam a sua recompensa. 46.- Assim, os cânticos no templo e o facto de pregar muito, mas sem devoção e apenas para ganhar dinheiro, são coisas feitas em busca do louvor dos homens ou por mero afân de lucro.

Quem pretendia ser um deus, para o fazer teria de roubar ao Filho de Deus as suas palavras. O que nos diz que, tendo essas palavras sido repetidas durante 1 600 anos até se tornar enfadonho ouvi-las, o facto de soarem novas aos ouvidos suíços — sem querer qualificá-los de «ouvidos de burro» — revela-nos, de facto, o nível de analfabetismo em que os Alpes viviam naqueles dias. Um analfabetismo que, por um lado, explica a deficiência intelectual necessária para que esta semente maligna encontrasse solo fértil. E, por outro lado,

confirma-nos a natureza do leito de corrupção sobre cujo colchão se tinha deitado para dormir o Colégio dos Pastores do Rebanho do Senhor. Se não tivessem deixado de cumprir as suas obrigações de vigilância, estes semeadores do evangelho do Ódio não teriam encontrado terreno onde plantar as suas Guerras Religiosas.

Mas esse Sonho dos Bispos já tinha sido anunciado pelo Filho de Deus, Jesus Cristo, na Parábola do Joio Maligno e, posteriormente, confirmado por Ele próprio, como Profeta Divino, no seu Apocalipse, avisando-os de que o Diabo seria libertado no Segundo Milénio.

Mas o Tempo, para os mortais, tem um valor distinto do valor que perdura pela Eternidade. Se para Deus um século é um dia, para nós um século é uma vida. E se, para Aquele que é Indestrutível, as vicissitudes das guerras dos séculos são episódios breves — bastando-Lhe um vírus para ser destruído —, uma única linha desse episódio pode ser uma eternidade de sofrimento. Foi por isso que Deus quis que o seu Filho visse esta realidade humana sujeita à Lei da Morte. Pois como poderíamos depositar nas mãos de quem não sofreu no seu próprio Ser esta Realidade o Poder do Juízo Final Universal?

Nisto acontece o que acontece com todas as coisas e todos sabemos por experiência própria. Todos já o dizemos: não sabemos o que é a dor da perda de um ente muito querido até a sofrermos nós próprios; até lá, observamos aqueles que a sofrem como se fossem seres de outro mundo; de repente, a morte bate à tua porta e desmorona-se aquele teu mundo tão perfeitamente blindado contra a dor dos outros.

Deus não quis que o Seu Filho se sentasse no Tribunal do Juízo Final sem saber o que é a Vida do Homem sujeito à Lei da Morte. E daí que o Espírito Santo tenha dito que «Deus quis aperfeiçoar o Seu Filho», levá-lo à Perfeição. Pois se antes Deus diz: «EU SOU DEUS e nenhum outro será formado depois de Mim», revelando assim, como Pai, que o seu Filho não percorrerá o Caminho que Ele viveu até SER AQUELE QUE É, esta Determinação Eterna não implica que a sua Formação como Rei, Senhor e Juiz ficasse fora do Amor do Pai, que educa o seu Filho para o seu próprio Bem e para o Bem de todo o seu Reino.

E, ao torná-lo Homem, encarnou-nos ao vivo o Homem que Ele criou no Princípio e em função da cuja Existência criou os Céus e a Terra. De modo que não pode haver Homem senão à Imagem e Semelhança do seu Filho, e, nesta ordem, a Educação de todos os povos deve orientar a sua construção para a Formação deste Homem, Imagem e Semelhança do Filho de Deus, em cada um de nós. Pois naquele em quem Deus vê o Seu Filho, Deus vê um filho, e por este Amor desfruta da Natureza daquele que é filho de Deus à Imagem do Seu Filho, por quem e em quem participa da Vida segundo a sua Natureza Indestrutível.

Esta é a Doutrina com a qual o Espírito Santo revolucionou a História, lançou os alicerces da nossa Civilização, a impregnou da sua Indestrutibilidade e lhe comunicou a sua Invencibilidade. Se nós não conseguimos ver a Imagem do Filho de Deus neste Zwinglio, como poderá Deus ver nele o seu Filho Amado!

Basta ler a seguinte tese para perceber isso:

47. Todo o homem deve preferir deixar-se matar a escandalizar o cristão ou levá-lo à desgraça.

O que nos leva a perguntar: se ele escandalizou toda a cristandade, por que não se deixou matar e, em vez de se sacrificar, seguindo o exemplo de Jesus Cristo, preferiu matar todos aqueles que se lhe opunham?

Foi isso que Jesus Cristo fez: matar os seus inimigos?

Os crimes dos suíços estão registados e, embora justificados pelo facto de essa ter sido a Vontade de Deus — matar todos aqueles que se opunham às suas ambições de serem «como os deuses» —, no Dia em que forem chamados perante o Tribunal do Seu Filho, responderão pelos seus crimes. Porque «Pedro, quem mata com a espada, morre pela espada».

QUINTA PARTE

A INSTITUIÇÃO DIVINA DA CEIA SAGRADA DO SENHOR

Pois se Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna no Amor ao seu Filho; tanto amou o Filho a Deus e ao mundo que não hesitou em sacrificar-se como Cordeiro para que, no seu Sangue, todos encontrassem n'Ele a Porta aberta para a Vida Eterna.

E se não se tivesse sacrificado como Cordeiro, ninguém teria sido salvo. Se esse Filho não tivesse amado a Deus com força infinita, o Seu Juízo recairia sobre todos os homens, sem oferecer misericórdia nem ter piedade, devido à ausência total e absoluta de esperança de encontrar em Deus um Coração Terno e um Espírito cheio de Compaixão pela Tragédia do Género Humano.

Foi este Coração e este Espírito que o Filho de Deus descobriu no seu Pai e, conquistado pela Sua ternura e compaixão, glorificou-O perante o Céu e a Terra, entregando a sua Vida nos Seus braços.

Por isso, diz o Salvador ao iniciar a Santa Ceia:

*Pai, chegou a hora; glorifica o teu Filho,
para que o Filho te glorifique,
conforme o poder que Lhe concedeste sobre toda a carne,
para que a todos aqueles que Tu Lhe deste, Ele lhes conceda a
vida eterna. Esta é a vida eterna,
que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro,*

e a Jesus Cristo, que enviaste.

E, na verdade, a imagem que se tinha de Deus no mundo dos hebreus era a de um Legislador Todo-Poderoso e severo, cuja transgressão da Palavra acarretava a pena correspondente. O poder de Deus, e não o seu amor, era a cortina que lhes cegava os olhos.

A experiência milenar tinha endurecido o coração e a mente dos filhos de Abraão, tornando impossível, tanto para judeus como para pagãos, ver em Deus aquele Maravilhoso Criador dos Céus e da Terra; Céus e Terra nos quais a Manifestação do seu Amor pela Criação se torna visível e chama todas as Criaturas para o seu Paraíso.

Para isso, para nos revelar esse Coração Divino no Criador Todo-Poderoso do Cosmos, Deus enviou-nos o seu Filho, que, sendo o Filho das suas entranhas, conhecia essas entranhas como se fossem as suas próprias. Foi por isso que judeus e pagãos, ambos forjados no fogo dos milénios das guerras dos impérios, tendo todos uma pedra no lugar do coração, o Amor de Deus não conseguia penetrar naquele escudo sangrento atrás do qual todos se protegiam da Maldição, que pesava sobre todas as nações desde os dias da Queda do primeiro dos reinos que a Terra conhecera.

Quebrar esse escudo, derrubar esse Muro, fazer com que a Verdadeira Luz do Conhecimento Verdadeiro do Criador Divino preenchesse o vazio e exterminasse as trevas da ignorância que a Morte tinha semeado em todos os corações do mundo, essa Vitória só o Filho de Deus podia entregá-la ao Seu Amadíssimo Pai, por Amor ao qual colocava nos Seus Braços a Sua Glória, a Glória do Rei dos reis e Senhor dos senhores do Seu Império.

Não é, portanto, em vão que, conhecendo este Amor Todo-Poderoso, de Filho para Pai, Jesus Cristo disse:

Agora, Pai, glorifica-me junto a ti

com a glória que eu tinha junto a ti antes de o mundo existir.

Glória, de facto, que vemos restaurada e multiplicada perante o Céu, quando todos os Poderes da Casa do Criador do Universo e do Cosmos proclamaram a uma só voz:

Aquele que está sentado no Trono e ao

Cordeiro, a bênção, a honra, a glória e o

império pelos séculos dos séculos

Assim, o Pai faz sentar o Filho no seu trono como Deus e Senhor, de modo que a adoração devida ao Pai seja a devida ao Filho, e quem não adora o Filho não adora aquele Pai que o fez sentar à sua direita para receber a mesma adoração e glória que o Deus Criador dos Novos Céus e da Nova Terra, Senhor do Infinito e da Eternidade.

É, portanto, a Ceia do Senhor a Comemoração da Vitória que revolucionou e reestruturou o Universo, como se, a partir da Sua Vitória, este tivesse sido fundado de novo e, a partir dela, a Criação tivesse sido reconfigurada num Espírito Maravilhoso: fazer do Amor do Criador pelo Seu Filho Jesus Cristo o Fundamento da existência de todas as coisas.

E quem não ama o Filho de Deus não ama o seu Pai, e não entrará no seu Paraíso, pois apenas os Cidadãos do seu Reino, cujo Rei Universal e Eterno é esse Filho, Jesus Cristo, entrarão no Paraíso de Deus e desfrutarão da Vida eterna.

Aqueles, portanto, que abominaram e abominam a Ceia do Senhor, a MISSA CATÓLICA, e declararam e declaram que a Missa é uma abominação, rebelam-se contra esta Vitória; e, por terem conduzido os crentes às portas do Inferno por causa desta rebelião, responderão perante o Juiz Universal, esse Jesus Cristo em cujo nome, segundo eles, aboliram a Missa e a declararam uma invenção da sua Esposa, a Santa Igreja Católica.

A MISSA CATÓLICA foi instituída como instituição sagrada pelo Filho Todo-Poderoso de Deus, Jesus Cristo, cuja Voz Onipotente foi obedecida pelos Céus e pela Terra, e, sendo reconhecida pela Palavra do Filho do Senhor: o Espaço, o Tempo e a Matéria foram ordenados segundo a Sua Palavra, de acordo com a Sabedoria Onisciente do Seu Pai.

A Ceia Sagrada foi o Canto de uma Vitória Eterna que toda a Criação celebrou com Alegria infinita e será celebrada pela Eternidade por todos aqueles que a amam. Quem não celebrar esta Vitória não entrará no Paraíso de Deus. Pois, embora a Esperança da Salvação Universal seja a Graça do Pai para com a Humanidade, o Espírito Santo não hesitou em dizer: «A esperança que se vê não é esperança». Palavra contra a qual os inimigos da Esposa do Senhor se conjuraram e se rebelaram contra a Sua Sabedoria, semeando nos corações e nas mentes o joio da «Salvação pela Predestinação» e pela «Fé sozinha», exatamente como, apesar de serem discípulos do Diabo pelo conhecimento racional de que Cristo é Filho de Deus, Jesus deve afastar-se e deixar entrar no Paraíso até mesmo «aqueles que violam a Mãe da Igreja, a Santíssima Virgem Maria».

Contra a Sabedoria de Deus, que nos chama a mantermo-nos numa luta constante pela salvação própria e de todos, esses rebeldes que se levantam contra o Filho de Deus invocando Cristo, acreditando-se vencedores do Diabo e da Morte, conduzem aqueles que os seguem às portas da sua condenação eterna. Mas a Porta para a Vida eterna do Paraíso é a Vitória de Jesus Cristo, cuja Glória é celebrada no Ato Sagrado da Missa Católica, e quem abomina este Ato de Alegria abomina a Deus.

O Julgamento do Rei sobre todos vós que estivestes e permanestes alheios a esta Vitória é de Condenação. Cada filho conhece o seu pai, e, como tal, digo-vos que, se não abominardes aqueles que vos conduziram às portas do inferno e continuardes a afirmar que a Missa é uma abominação, não entrareis no Reino do meu Pai. O Reino do Filho de Deus é um reino de Alegria e Honra, Dignidade, Força e Sabedoria, nas palavras de Deus:

de poder, riqueza, sabedoria, fortaleza, honra, glória e bênção.

Tendo, pois, no Tesouro da Palavra Escrita, que nos foi legada por Revelação, a Joia do Conhecimento Pleno da Natureza daquele que se assenta à Direita de Deus como Rei Todo-Poderoso, quem foram aqueles e quem são estes que, mesmo sabendo que Deus glorificou o Seu Filho Amado ao ponto de O sentar no Seu trono, se atreveram a confessar — e continuam a confessar, para a sua condenação eterna e a dos que os seguem até às portas do Inferno — as seguintes palavras?:

50.- Só e exclusivamente o próprio Deus perdoa os pecados por meio de Cristo Jesus, nosso Senhor. 51.- Quem permite que a criatura humana perdoe pecados retira

Deus da Sua glória para a conceder àquilo que não é Deus. Isto é, no fundo, pura idolatria. 52.- Daí que a confissão dos pecados feita perante um sacerdote ou simplesmente perante o próximo não deva ser considerada como perdão dos pecados, mas sim como um pedido de conselho prudente e bom.

Tolos, filhos de uma pedra, de inteligência pervertida, que só reconhecem como verdade aquilo que brilha com a cor das pedras; filhos de bárbaros sem amor pela Civilização nem pelo próximo, piores do que os vossos pais das cavernas e mais animais do que os selvagens contra os quais decretastes o extermínio em nome das vossas confissões malignas, pois, tal como esses animais que repetem mecanicamente as palavras que lhes são ensinadas, assim vós repetis os versículos da Bíblia, sem compreensão para entender o que pronunciáis com os vossos lábios; nunca lestes o que está escrito? :

O que ligardes na Terra será ligado no Céu.

Será que, por causa de alguns servos indignos, que serão julgados pelos seus crimes, o Poder do Filho de Deus pode ser abolido? Querem destronar o Filho Todo-Poderoso do Criador do Cosmos com base na vossa adoração perversa e sem limites pelas pedras?

Não sabeis que o Perdão dos pecados foi concedido por Deus a Aarão e aos seus irmãos e que só eles podiam perdoar as ofensas contra o Céu e a Terra por meio de um sacrifício sangrento, e que esse Poder não podia ser abolido pela indignidade dos servos, mas apenas por Deus?

Em que, então, revolucionou o Filho de Deus a religião, senão no facto de, através do sacrifício de um Cordeiro Divino, o Poder permanecer e a necessidade de sangue animal ter sido abolida?

Será que sois bestas sem inteligência? Nunca lestes o que está escrito? :

«Quem carecer de sabedoria, peça-a a Deus».

Mas vós já éreis sábios, e para alcançar a felicidade suprema só vos faltava o Poder; e de quem o obter, senão tirando-o ao Filho Todo-Poderoso de Deus?

A vossa loucura andava a par com a vossa ambição; assim vo-lo fará saber o meu Pai no dia em que vos chamar a julgamento, para escândalo desses vossos apóstolos que pretenderam abolir a Glória de Deus, esbofeteando o Seu Filho com a luva da Fé Predestinada desde a Eternidade para a vossa salvação e condenação dos outros.

Como bestas sem inteligência, esta ousadia maligna alucinou-vos o cérebro sem juízo que herdastes dos vossos pais, e aplaudistes o orgulho daqueles falsos santos, servos do Diabo, que ousaram abolir tudo o que o Filho de Deus e o seu Pai edificaram para a salvação de todos os homens.

Mas eis que aquele que não quiser a Salvação, que faça a sua vontade e siga Satanás para o Exílio, escolhido por sua própria vontade em nome do seu Orgulho.

Vejam a sua loucura: um punhado de barro que aspira a sentar-se no Trono do seu Criador! Respondam a vocês próprios: não é loucura invejar Deus? Que tipo de patologia se deve diagnosticar a quem sonha em arrebatá-lo ao Filho de Deus a Sua Glória?

O Filho de Deus dá e vós dizeis-Lhe: «Vade Retro, Jesus Cristo»?

Será que sois maiores e mais sábios do que o Filho Unigénito Todo-Poderoso do Criador do Cosmos, que, sabendo-se negado por Pedro, nem por um instante ousou pôr em dúvida a Sabedoria do seu Pai Onisciente?

No entanto, vós não só pusestes em dúvida essa Sabedoria perante a qual o Espaço, o Tempo e a Matéria se ajoelham, como, em desprezo aos Sucessores daquele Pedro, negastes e continuais a negar a Deus o Poder de manter a Sua Eleição. O que respondereis ao Filho de Deus quando Ele vos chamar a julgamento, alegando que Ele é o culpado do vosso delito por não ter tirado a Pedro a sua Glória no dia em que este O negou?

Filhos da Reforma, a vossa mãe foi uma cadela bárbara que se prostituía nas montanhas e nas florestas com aqueles que a violavam; e vieram vocês a falar de Santidade, vós, bastardos concebidos na cama de uma raposa?

Desde o início negastes o Filho de Deus e não deixastes de vos rebelar contra a Sua Coroa, até que finalmente vos declarastes reis sobre os Seus povos e senhores sobre os Seus rebanhos. Celebrastes as vossas orgias em guerras amaldiçoadas, nos cujos rios de sangue mergulhastes o cálice que distribuístes até embriagar os vossos adoradores. O Julgamento do meu Pai sobre as vossas congregações será o do fogo sobre os vales secos.

Os vossos pecados são como uma cordilheira que desce até aos infernos. Enquanto subis procurando destronar o Rei da Eternidade, afundais-vos até aos abismos onde Satanás tem o seu trono. Assim disse-me o meu Deus, o Rei: «Concedi-lhes um tempo; tu, filho, levanta a voz e faz com que ouçam a trombeta da salvação até que seja dada a ordem de fechar as portas; as virgens que não forem encontradas lá dentro serão entregues às trevas».

A Glória do Filho é a Glória do Pai e, assim como o Pai concedeu a Aarão e aos seus irmãos o Poder de perdoar os pecados, por meio de um sacrifício sangrento, assim também o Filho concedeu-o a Pedro e aos seus irmãos; pois nada faz o Filho que não lhe seja mostrado pelo Pai, e o Pai mostra ao Filho tudo o que faz, e tal como vê o Pai agir, assim age o Filho.

Por isso houve um Juízo do Mundo Antigo e, de acordo com essa Lei, haverá um Juízo Final. E aquele que se considere imaculado de todo o pecado que se apresente perante esse Filho Todo-Poderoso, a quem o Pai revela o facto de ser Deus. Aquele que não se considere um deus e não sofra da loucura de Satanás, de se crer capaz de se medir num duelo com o Rei do Universo, que corra e se agarre a um irmão de Pedro e lhe peça a absolvição.

A Santa Madre Igreja tem abertas as Portas do Céu e quem não entrar por elas não conhecerá a Luz do Paraíso de Deus.

O que vos dizer? Não lestes o que está escrito?:

*Eu dei-vos a minha palavra, e o mundo odiou-vos,
porque não sois do mundo, assim como eu não sou do
mundo.*

Filhos de bárbaros sem cérebro, em vez de homens à imagem e semelhança dos filhos de Deus, cumpristes o Mandamento, e isso vos será reconhecido perante o tribunal de Deus: «Honrai os vossos pais»; e, em honra deles, assim como eles odiaram os Apóstolos, assim também vós os odiastes nos seus sucessores. Os vossos pais arrancar-vos-ão o

coração e amaldiçoar-vos-ão por vos terdes rebelado contra Aquele que tem o Poder de os salvar e, pelo vosso orgulho maldito, condenastes-os sem remissão.

Este apóstolo suíço, tal como o alemão, o inglês e o outro suíço, serão chamados a julgamento, acusados de terem vindo de Satanás para conduzir as nações às portas do Inferno.

«Quem estiver isento de pecado, que atire a primeira pedra». Quem não estiver, que fuja, porque há na Terra quem possui as Chaves do Céu. Pois se grande é o crime de terdes odiado aquele que vos deu a conhecer a Palavra de Deus, ainda maior se torna o crime de terdes quebrado a Unidade que, no Dia da sua Vitória, o Criador da luz que dá vida aos vossos olhos pediu ao seu Pai, dizendo:

Mas não rogo apenas por estes, mas por todos os que crêem em mim por meio da sua palavra, para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós, e o mundo creia que tu me enviaste.

O vosso pecado não consiste apenas na ruptura da Unidade; a vossa ofensa é sem limites, pois, com a vossa divisão, fechastes o Caminho para a Porta da Vida eterna àqueles que, por causa da vossa divisão, desprezaram a Salvação em Nome daquele Senhor que dizeis adorar. A condenação desses infelizes pesa sobre as vossas cabeças, e no dia em que ela cair e vos esmagar, não conhecereis outra luz senão a da glória de Satanás nos infernos.

Eu, filho de Deus, celebro a Glória do meu Rei e elevo o meu Canto ao Céu. Quão bela foi a tua Vitória, que deleite para os sentidos ter a tua Coroa diante de mim. Como uma ovelha que corre atrás do seu Pastor, como um guerreiro que salta à ordem do seu Rei, como um passarinho que faz o seu ninho nos ramos da Árvore da Vida, nada temo, nada me assusta, nada me perturba. O teu Nome é a força de todas as criaturas do Paraíso do teu Deus; no teu Trono, todos os cidadãos do teu reino têm a sua Alegria e a sua Liberdade. A minha felicidade é plena.

Tu, Rei, o Amor de Deus rodeia-te; os Seus Braços são a tua Glória, os Seus Olhos a fonte da tua Paz. O que querem de nós, filhos do Ódio, adoradores das pedras, senhores da guerra? Não precisamos de nada, temos tudo. As vossas paixões e as vossas ambições são rios que desaguam no mar dos mortos. Sois fantasmas do Passado, cadáveres que escaparam das valas comuns e que se recusam a ser banidos do vale dos vivos. Não há lugar para vós na casa da Alegria. Odeiais a Paz e amais as Riquezas.

A Igualdade que provém do Amor a Deus e ao próximo detesta-vos. Para vós, a alegria da Fraternidade em Deus, o nosso Criador, é como uma prostituta com uma doença mortal. Sois deuses, quereis viver como deuses e, como deuses, estais dispostos a matar todos aqueles que se levantem contra a vossa glória mortal.

Mas ouvi de Deus, meu Rei, uma Voz a convocar a celebração de uma Vitória que a Eternidade acolheu nos seus braços, e tal como uma mãe que adora o seu filho o embala com beijos que nunca se esgotam, assim o Filho de Deus é o seu Menino, a sua Glória, e eis que todos os povos da Criação correm para se unirem à comemoração da Fundação do Reino de Deus.

A Criação aguardou ansiosamente esta Festa durante séculos e séculos. Já ninguém se lembrará do Juízo. As lágrimas serão de alegria. As palavras, de felicidade. Dos Exilados não se fará menção. Eles viverão apenas na memória dos Santos.

Somos apenas passarinhos nas margens do Rio da Vida. O que têm a ver conosco a ambição e a paixão desses loucos que sonham em sentar-se no Trono do Filho de Deus? Abri as asas, amigos, levantai voo, irmãos, o Paraíso não tem fim e, onde quer que vamos, seremos bem-vindos. Somos todos Um. Uma única Criação. Cidadãos do Reino do Filho de Deus.

Já lavei os meus pecados. Eram vermelhos como o escarlate e agora a minha alma brilha branca como a lã. Jesus Cristo é a Porta do Paraíso e a Chave está nas mãos da sua Esposa, a Santa Madre Igreja Católica. Chamam-lhe o Perdão dos Pecados. O que Ela desata na Terra fica desatado no Céu.

«Padre, pequei em pensamento, palavra e omissão»...

«Eu absolvo-te em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo»... «Ámen».

É o Poder que Deus concedeu aos seus servos. Mas quem estiver isento de pecado que atire a primeira pedra. Aquela que foi acusada de adultério é a Esposa do Senhor. Que Deus os receba em paz!

E que a cada dia baste o seu esforço.

SEXTA PARTE

A NATUREZA SAGRADA DO SACERDÓCIO À IMAGEM E SEMELHANÇA DE CRISTO

33. Se alguém acumulou bens por meios injustos, esses bens não devem servir para benefício dos templos, dos conventos, dos frades ou das freiras, mas devem ser destinados a pessoas indigentes, ou seja, necessitadas.

É, portanto, evidente que a Justiça é obra de Deus, e creio que foram o Seu Filho, ou seja, o Pai e o Filho, que disseram que muitos se sentarão no reino de Deus, enquanto outros, que se creiam ter o seu lugar garantido na Mesa do Céu, serão expulsos. Pois os filhos do mundo são mais astutos do que os filhos da Fé. Dito isto, comecemos.

Em primeiro lugar, toda a riqueza proveniente do crime é um delito perante o Tribunal de Deus. Deus não aceita subornos. Deus não se deixa comprar. Pelo contrário, quem

tenta ou acredita que pode fazê-lo, aprofunda o seu crime. Portanto, a primeira coisa a fazer é não procurar a riqueza por meios ilícitos cujas raízes sejam o sangue e o crime. Matar com uma mão e querer ser absolvido pela outra, enquanto a mão ensanguentada continua no seu caminho, é imperdoável perante Deus.

São Paulo só foi absolvido dos seus crimes porque a mão criminosa abandonou a sua tarefa homicida e se colocou ao serviço da Vida. Acreditar que se pode continuar a matar e, ao mesmo tempo, servir a Deus não é próprio dos santos, é coisa de bestas. E as bestas não têm lugar à Mesa de Deus, porque nela só se senta a Criação à Imagem e Semelhança do Filho de Deus, o Modelo Eterno a partir do qual toda a Imagem adquire a sua existência. E não acreditamos que essa conduta — com uma mão condeno-me e com a outra salvo-me — fosse aquilo que vimos naquele Filho.

Observamos que este comportamento era próprio do Antigo Templo, no qual o homicídio premeditado era pago antecipadamente e, com o sacrifício de um animal, o carrasco comprava a sua absolvição. A perfeição maligna desse sistema levou Deus a abominar o Templo de Salomão e a ordenar a destruição do Sacerdócio aaronita.

Afirmar, então, que estão absolvidos dos seus crimes aqueles que, com uma mão, se enriquecem através do crime e da transgressão, desde que deixem a favor dos pobres o fruto da sua conduta maligna, é, sem dúvida alguma, restaurar as funções do Antigo Templo. A Reforma nega Cristo e ressuscita Aarão.

A Santidade baseia o seu Princípio no Nascimento do Espírito de Cristo no homem.

Na verdade, comete um crime imundo quem, tendo sido gerado para manter vivo o Modelo à cuja Imagem e Semelhança todos devemos ser edificados, ao fazer o contrário do que se deve, se torna um escândalo para muitos. «Por vossa culpa, a Glória de Deus é blasfemada», e não se compreende que quem assim age acredite que poderá sentar-se à Mesa do Paraíso, seja como sacerdote, seja como filho de Deus, pois toda a Criação, sem exceção entre uns e outros, nem por origem nem por ofício, está sujeita à Lei Universal do Espírito Criador, pelo qual todos, sem exceção, somos cidadãos do Reino do seu Filho e, como tais cidadãos, vivemos à luz da mesma Justiça e Lei.

Querer ser a exceção a esta Lei foi a causa da rebelião da casa dos filhos de Deus liderada por Satanás, sobre os quais Moisés disse: «Geração de filhos rebeldes...»

A Justiça de Deus não se compra nem se vende. Os muitos crimes não podem ser perdoados por Cristo com base em trinta moedas de prata. E não porque Cristo não tenha o Poder, mas porque o seu Espírito é o de Deus e Deus fez do seu Verbo a Lei.

Só abandonando o caminho do delito e do crime como meio de obter riquezas é que o homem pode apresentar-se perante o seu Juiz, confiando em alcançar a Graça do Perdão. E enquanto se permanecer no delito, querer buscar a Graça através da oferta do fruto do sangue, seja ao templo ou aos pobres, como sugere o autor desta Tese, não salva o delinquente da sua condenação.

Esta salvação, que a Reforma propõe, nega o Novo Templo e restaura o Templo Antigo.

Outra coisa será que, com base na maldade de alguns servos que escolheram o caminho de Judas em vez do dos Discípulos — devido à participação nessa conduta maligna —, se invoque a

Reforma invoque uma *causa bellis* para se levantar em rebelião contra aquele que, conhecendo as negações de Pedro, abençoou a Eleição de Deus. Bênção que esse Filho já anunciou ao dizer que o seu Pai era maior do que Ele.

Contrariamente a esta Declaração, os Reformadores levantaram-se para se declararem superiores ao Filho de Deus. A quem surpreende, então, que dessa semente tenha nascido o nazismo?

A Doutrina Divina diz que só abandonando o caminho do delito é que o homem pode reconciliar-se com o seu Criador e apresentar-se perante o Tribunal do seu Filho com a esperança de receber a Graça da Absolvição Final.

O que convém, portanto, a esse homem que ganhou as suas riquezas de forma ilícita é conquistar o perdão, fazendo dessa riqueza a chave para o seu lugar à Mesa do Paraíso, ou seja, fazendo com que, ainda em vida, ela chova sobre aqueles que precisam de alguém que os proteja contra aqueles que, sendo o que ele foi, não têm intenção de se abrigar na Graça da Fé.

Ora, é evidente que quem se entrega premeditadamente a este caminho condena-se a si próprio, pois querer usar a Graça de Deus para semear o mundo de sangue e desolação nas almas não é próprio de Cristo. E é precisamente esta porta de hipocrisia maligna que a Reforma abre, ou, como diria o seu primeiro apóstolo: «Peca, mata, assassina, rouba, viola e viola até mesmo a Mãe de Deus, porque o Sangue de Cristo lava todos os teus delitos e crimes». Se isto veio de Deus ou do Diabo, que cada um o defina.

Eu apenas sei, porque aquele que me concebeu para Deus me gerou no seu espírito de Inteligência, que sobre tais pessoas recai a condenação escrita para Satanás. Quem, de forma premeditada, busca riquezas ilícitas, depositando a esperança de que comprará o seu Juízo, revertendo parte delas para os pobres ou para o Templo, é objeto de Condenação perante Deus. E, como todos sabemos, o Filho faz o que o Pai Lhe mostra, e o que o Pai Lhe mostrou é o que Ele faz. Assim como Deus é incorruptível, também o é o Seu Filho. A quem surpreende, então, que a nação da Suíça, fundada sobre este evangelho maligno, se tenha tornado o tesouro da riqueza estabelecida sobre o crime e a infração? Pois, uma vez que vive do Sangue Inocente, esse Sangue Inocente se levantará no Juízo para condenar a nação estabelecida sobre esse fundamento maligno.

55. Quem disser que ao homem arrependido não é perdoado este ou aquele pecado; quem disser tal coisa não age em nome de Deus nem de Pedro, mas de Satanás.

O arrependimento que não implora a Graça de Cristo, ou seja, o Perdão de Deus, que só Deus pode oferecer, ao não receber a Graça da Absolvição Divina — a única que liberta a alma dos frutos do pecado —, não pode operar a ressurreição do homem que foi morto pelo pecado. Portanto, eu, filho de Deus, afirmo, contra este apóstolo de Satanás, que o Arrependimento que não se confirma no Perdão de Cristo, que vive no Templo da sua Esposa, fica exposto ao Julgamento. Pois quem não aceita nem deseja o Perdão de Cristo na Terra não pode esperar a Graça da Absolvição Eterna perante o Juiz que, enquanto homem, rejeitou.

O Arrependimento é o Chamado de Deus para o Templo, onde Cristo habita, para receber o Seu Perdão, gratuitamente, em virtude do Poder que Deus concedeu ao Seu Servo, o Novo Sacerdócio instituído pelo próprio Jesus, o Seu Sumo Pontífice Universal Eterno, sendo a Igreja o Seu Corpo, de modo que toda ela participa do Seu Poder, concedido por Deus a Ele, o seu Esposo e Senhor.

Sem o Arrependimento, a Graça é, certamente, uma semente que cai em solo estéril. Pois quem procura o perdão de Cristo sem se arrepender do seu delito revela perante Deus que permanecerá no seu comportamento, e pela persistência no seu delito torna-se abominável à Sua Justiça, de tal forma que, ao enganar o Servo, não engana o seu Senhor, que será quem o julgará finalmente, e perante a Sua Presença terá de responder pela persistência no delito.

Cabe ao Servo de Cristo administrar a Sua Graça. É ao seu Senhor que Deus conferiu a Sua Glória, colocando nas Suas Mãos o domínio sobre toda a Sua Criação. No entanto, Deus não criou o Diabo; logo: os servos do Semeador Maligno não são a Sua Criação. Se não se ajoelhar perante Cristo, todo o homem expõe-se à condenação daquela «geração de filhos rebeldes» de que falou Moisés, e sabemos que foram os filhos de Deus, tendo Satanás como seu Chefe, que, acreditando que poderiam pôr Deus de joelhos com base no Seu Amor de Pai, foram imitados pelos seus discípulos da Reforma, os quais, destinados ao Inferno, acreditaram que poderiam pôr Cristo de joelhos com base no Conhecimento de que Jesus é o Filho de Deus.

A lógica da Reforma foi maligna porque, interpretando erroneamente a Palavra do Filho, quando este diz que «quem n'Ele crê não é julgado, mas passa para a vida eterna», eles aproveitaram-se dessa afirmação e pregaram que, independentemente dos crimes, genocídios e guerras fratricidas cometidos livre e voluntariamente, desde que se confesse que Jesus é o Senhor, anulam o Poder de Deus para julgar o Mundo. Foi esta lógica que levou aquela geração de filhos rebeldes, «não desta criação», como disse mais tarde São Paulo, a declarar guerra a Deus, na crença de que o Amor do Pai pelos seus filhos anularia em Deus a Sua Justiça.

De nada vale o arrependimento, então, se não for confirmado pelo Sacerdote de Cristo, que vive no Templo da sua Esposa. O arrependimento sem a Graça do Perdão, que faz chover sobre a alma a Reconciliação com Deus, o seu Criador, não dá o fruto do Amor pelo qual a Vida eterna entra no ser e lhe ergue a cabeça perante o seu Rei Divino.

Esta Verdade Eterna é comprovada pela elevada criminalidade que os Reformadores puseram em prática, cujo fruto foi o Dilúvio de Sangue que se abateu sobre as nações da Europa.

Concluindo, o Arrependimento não conduz à Vida eterna se não receber a Graça do Perdão de Cristo. O homem não pode perdoar a si próprio nem perdoar aos seus semelhantes no que diz respeito à vida eterna. O homem não é o Senhor da vida eterna; é Jesus Cristo, a quem Deus colocou como Rei Todo-Poderoso no Trono do seu Reino.

56. Quem, apenas por dinheiro, perdoa certos pecados, faz causa comum com Simão e Balaão e é um verdadeiro apóstolo do diabo.

A blasfêmia nesta tese é manifesta. «De graça o recebestes, dai-o de graça». O perdão de Cristo é oferecido gratuitamente pelos seus sacerdotes.

Ao Primeiro de todos os Sacerdotes do Novo Templo, Jesus, vemos-O a perdoar os pecados sem pedir nada em troca, exceto aquele «Vai e não peques mais». Já vemos que, de acordo com a perversão da Lei do Antigo Templo, quem acabara de pagar a sua absolvição por um delito cometido com o sangue de um cordeiro, mal consumado o sacrifício, pagava ao sacerdote a compra de outro cordeiro, a fim de se absolver do próximo delito. Esta abominação é aquela que Deus anunciou que derrubaria e foi a abominação contra a qual o Seu Filho se levantou e pôs fim.

A santidade não está em perdoar a profusão de pecados, mas em que se cumpra a Palavra: «Vai e não peques mais». Assim, quem perdoa a profusão de pecados ao pecador prepara a sua condenação, tal como o próprio insensato que confia em salvar-se fazendo do Perdão de Cristo uma panaceia para o crime.

Acusar Cristo de vender o seu Perdão é blasfemar contra Deus. E isto é feito exclusivamente pelo Diabo e pelos seus apóstolos.

Manipular a questão das indulgências para negar o poder de Cristo foi uma rebelião em toda a regra contra o Senhor, de quem diziam que, enquanto pronunciassem o Seu Nome, poderiam ser mais maus do que o próprio Satanás: pois, tendo Deus dado a Sua Palavra de que quem acreditasse no Seu Filho Jesus passaria da Terra para o Céu sem passar pelo crivo do Juízo Final, ao manterem esse Nome nos lábios, zombam daquele que leva esse Nome e, tendo o Seu Pai dito isso, o Seu Filho não pode dizer uma palavra contra eles!

A malignidade diabólica da lógica da Reforma manifestou-se no seu clímax supremo na Guerra dos Trinta Anos, mas só atingiu o seu êxtase glorioso com a Segunda Guerra Mundial.

As indulgências não tinham em conta o perdão de Cristo aos vivos. E, por isso, o facto de os seus servos perdoarem os pecados, cumprindo o que lhes cabe, é independente de o pecador querer expiar a sua ofensa, transformando o fruto do seu pecado numa oferta a Cristo. Será Deus, no seu Filho, quem julgará a todos: servos, filhos e povo. Nem o servo pode deixar de administrar o Perdão, nem o povo deixar de pedir essa Graça. Quem quiser usá-la para zombar de Deus, enfrentará Deus após a sua Morte. A nenhum homem cabe julgar os nossos semelhantes, muito menos julgar Cristo.

60. Não considero errado que uma pessoa aflita implore pela graça de Deus para os mortos. Mas determinar que se reze numa data específica e com intenção lucrativa não é humano, mas sim diabólico.

A primeira pergunta que alguns se fazem ao ler esta tese, tal como as outras, é a seguinte: Mas quem se achavam eles, os mal chamados Reformadores, para julgar 16 séculos de luta cristã para superar a ignorância, sair da barbárie e continuar a trilhar o caminho para a perfeição daqueles que estão conscientes de que nasceram para ser o Reflexo Vivo da Imagem do Filho de Deus perante todos os homens?

Ao ler as obras desses reformadores, ficamos maravilhados com o facto de, sendo eles o oposto da Imagem Viva desse Filho — como se vê pelas suas guerras, pelos seus ódios sangrentos e pelas suas condenações criminosas contra aqueles que não seguiam a sua lógica —, mesmo sendo eles o oposto daquele Jesus em quem o Amor, na defesa da Verdade e da Paz, fazia da Palavra a sua única Força; mesmo sendo a sua antítese, pregando o Ódio, o Crime, o Pecado e as guerras de extermínio dos seus inimigos, mesmo assim exigiram ser chamados de DIVINOS e ser considerados SANTOS.

Este hipócrita diz: *«Não considero que seja mau que uma pessoa aflita reze pelos mortos, implorando a graça de Deus.»*

E quem é que ele pensava que era para determinar perante Deus o que é bom e o que é mau? Será que o Criador tem de se ajoelhar perante a sua Criação? Foi precisamente isso que Satanás quis fazer. E, acreditando que, ao brincar com o Amor de Deus enquanto Pai, poderia conseguir isso, conjurou-se *para sempre* à rebelião aberta contra o seu Espírito. Vemos isso no encontro de Jesus com esse Satanás. «Adora-me de joelhos e dar-te-ei todos os reinos do mundo».

Foi isso que Henrique VIII fez: ajoelhou-se perante Satanás e aceitou das suas mãos o Império que Jesus rejeitou. Pois sabemos que o Seu Império foi concedido por Deus aos Reis Católicos. Nem à Inglaterra, nem à França, nem à Alemanha. Estas três nações rebelaram-se contra o Império de Deus na luta contra o Império que o Inferno ergueu para destruir Cristo na Terra, enquanto a Reforma O matava no Homem.

Então, quem foram estes hipócritas que abominaram os seus pais e vieram proibir-nos a todos de incluir os nossos nas nossas orações e, pensando que todos fomos sujeitos à Lei da Morte, de implorar a Deus pelas suas almas?

Quem são estes hipócritas para imporem a sua lei de abominação para com os pais e blasfemarem contra a Igreja por determinar atos que competem apenas aos filhos daqueles cujos progenitores dormem à espera do Juízo da Eternidade?

Será que queremos ver os nossos pais condenados ao Exílio da Criação? Parece que estes hipócritas, com a alma dura como uma rocha saída das entranhas do fogo da terra, não permanecem no amor pelos seus pais e, abominando aqueles que lhes deram a vida, assim que os enterram, apagam a sua existência dos seus corações.

Corações perversos, forjados nas forjas do Ódio da Reforma contra Cristo e a Sua Esposa, não hesitaram em invocar sobre si a Maldição de Deus sobre aqueles que retiram do Seu Livro uma parte ou um capítulo:

«Eu testemunho a todos os que ouvem as minhas palavras da profecia deste livro que, se alguém acrescentar algo a estas coisas, Deus acrescentará sobre ele as pragas escritas neste livro; e se alguém retirar algo das palavras do livro desta profecia, Deus retirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa que estão escritas neste livro».

Estes hipócritas, filhos de bárbaros em guerra com a Civilização Cristã desde a sua própria origem católica romana, para justificar a sua maldade arrancaram do Livro de Deus partes e capítulos inteiros, entre os quais o dos Macabeus, sem o qual é impossível compreender os Prolegómenos finais da Pré-história do Cristianismo, por um lado, e a Oração pelos pais que dormem, por outro. Não está escrito, por acaso:

«Honrarás o teu pai e a tua mãe».

E também:

«NÃO vim para revogar a Lei».

Mas estes hipócritas vieram SIM para a revogar e, ao negarem a Oração pelos pais que dormem, negaram a honra e o respeito devidos àqueles que nos colocaram no Caminho da vida eterna; e por eles pedimos, de coração aberto, àquele que nos ama como Pai Nosso, que, como Juiz, tenha misericórdia dos pecados que, expostos todos à Lei da Ciência do Bem e do Mal, eles e nós, cometemos.

Cada um, portanto, conhece aquele a quem serve, e quem melhor pode conhecer o seu pai do que um filho?

Não foi um servo de Deus, e muito menos um filho, quem escreveu: *«Mas determinar que se reze numa determinada data e com intenção lucrativa não é humano, mas sim diabólico.»*

O servo conhece o seu Senhor, e o filho o seu Pai. Se ao Senhor e Pai acusaram de ter um demónio e de servir o diabo, o que se poderia esperar dos servos de Satanás!

Exatamente o seguinte:

61. A Sagrada Escritura nada sabe sobre esse carácter especial que os sacerdotes acabaram por se apropriar.

Nega que Cristo seja Jesus. E, mesmo sendo Jesus o Verdadeiro Deus do Verdadeiro Deus, nega que Cristo, o Sumo Pontífice do Novo Sacerdócio, Cabeça da Igreja dos Sacerdotes, de quem o sacerdote recebe a sua Realidade; nega que este Sacerdócio tenha qualquer carácter especial.

Nega que a Sagrada Escritura fale deste Novo Templo, deste Novo Sacerdócio.

Quem, senão Satanás, pode negar o que o Espírito Santo escreve na sua Carta aos Hebreus? Quem, senão os apóstolos de Satanás, pode negar que Cristo é a Cabeça da Igreja e que, sendo Ele o Sumo Pontífice do Novo Templo, o seu Corpo é um corpo de sacerdotes à Sua Imagem e Semelhança?

Nesta tese, não só se nega que Cristo seja Jesus, como se nega que Jesus seja o Cristo, o Sumo Pontífice Divino que Deus concedeu ao Seu Novo Templo, e de cujo Carácter Especial, «diz o ignorante», todo o Seu Corpo recebe o seu Ser.

A Sagrada Escritura está impregnada da vinda deste Cristo, de quem, tanto no Céu como na Terra, ninguém, exceto os confidentes de Deus, sabia quem seria. Nem o próprio Satanás, aquele que se apresentava perante Deus como quem anda em casa, o sabia; daí que, quando se depara com o Filho de Eva, não faz a menor ideia de que está perante Jesus, o Filho Primogénito de Deus, a quem ele, Satanás, conhecia como o Rei dos reis e Senhor dos senhores do Império do Céu, na medida em que ele próprio, Satanás, era príncipe desse Reino e tinha por Rei dos reis esse mesmo Jesus. O Maligno não fazia a menor ideia de quem era, na verdade, Aquele que lhe disse «VADE RETRO, SATANÁS».

O Cristo, que segundo a carne deveria nascer de uma filha de Eva, foi Encarnado pelo Filho Unigénito Todo-Poderoso do Senhor e Criador do Cosmos. Antes de começar o Duelo da Vingança, o assassino de Adão já estava morto. Ele não sabia disso e acreditava que se estava a enfrentar um homem nascido como qualquer outro. E, no entanto, a Lei era clara:

«Pelo sangue de um filho de Deus, Deus exigirá vingança das mãos de outro filho de Deus».

Eis o Mistério da Encarnação.

Assim, se tivesse sido elevado ao Sumo Pontificado Cristão Universal um homem nascido da carne de outro homem, o corpo sacerdotal católico não teria podido participar do Carácter Sagrado daquele que, pelo Amor de Deus à Sua Criação, veio a receber como Novo Nome: «Cristo».

Porque Deus amou tanto o mundo que nos deu o seu Filho para que, por Ele, fôssemos salvos. E o Filho amou tanto o seu Pai que tomou para si esse Novo Nome, para que, no seu Sangue — o Sangue de Cristo, o seu Sangue —, o seu Corpo Sacerdotal recebesse o Carácter Sagrado do Poder de Perdoar os Pecados, o maior Poder que existe sobre a face da Terra, pois é o Poder de Deus de ligar no Céu o que for ligado na Terra, e desligar no Céu o que for desligado na Terra.

Ao negar este Poder ao Corpo de Cristo, a Reforma negou que Cristo fosse Jesus e que, não sendo Jesus o Cristo, o poder de perdoar os pecados fosse coisa dos homens, e não de Deus. Por isso, a Confissão é abolida como Sacramento e a Graça que provém do Perdão Divino é desprezada e blasfemada como uma Abominação.

Como já foi dito: tais senhores, tais servos. Se o senhor chamou ao Esposo «filho de Satanás», como não iriam os servos desse senhor maligno chamar à Esposa?

Ninguém se apropria do Poder de Deus. Deus concede-o àqueles que ama, para que manifestem o Seu Amor a todas as Suas criaturas.

49. O maior escândalo que conheço é que se proíba os clérigos de casarem e, em contrapartida, se lhes permita, mediante o pagamento de dinheiro, ter relações com prostitutas.

Condenar toda uma geração por causa de um homem é considerar-se Deus Todo-Poderoso e Onisciente. Querer amaldiçoar toda uma civilização em crescimento, que se estava a libertar da mais profunda barbárie, por causa de um período de corrupção, é próprio de um juiz impiedoso, de um historiador sem humanidade.

É, portanto, curioso que, na época do célebre Humanismo, tenha surgido a corrente mais desumanizante e desumanizadora conhecida até então na Civilização Cristã, que fez do homem a besta mais perigosa e que estava a caminho de se tornar a besta mais letal que os séculos vindouros viriam a conhecer. Não menos curioso é o facto de os líderes do Humanismo não se terem levantado para desmascarar tais mestres do Ódio, do Crime e da Guerra Santa.

Nesta tese, este apóstolo da Reforma, seguindo a doutrina dos seus irmãos em Satanás, nega mais uma vez Cristo como Cabeça da Igreja e nega que a Igreja seja uma Criação de Deus.

Nega a doutrina do Espírito Santo, desde São Pedro e São Paulo até São Agostinho e São Tomás.

Nega que Cristo seja a Encarnação do Espírito Santo, que vive no Pai e no Filho.

E nega a Criação à Imagem e Semelhança de Deus. Neste caso, a Criação do Sacerdócio Cristão à Imagem de Cristo Jesus, Sumo Pontífice, à cuja Imagem e Semelhança é gerado no homem o Sacerdócio Católico.

A Imagem é o Modelo a partir do qual se gera o Reflexo que dá vida ao homem. Tendo Deus disposto que o Modelo do Novo Sacerdócio fosse o Sacerdócio de Cristo Jesus, a Virgindade de Cristo faz parte do Carácter do seu Corpo, gerado por Deus para a Adoração do seu Filho perante toda a Criação. Pois a Adoração que o Filho presta ao Pai, em corpo e alma, é a Adoração que a sua Esposa oferece a Deus no seu Senhor e Esposo.

A rejeição da virgindade do sacerdote é a rejeição da onisciência, do todo-poder e da sabedoria de Deus Pai e Filho, que dispuseram a criação sobrenatural deste Corpo Santo, no qual a veracidade de Deus no Filho e do Filho em Deus fica estabelecida perante toda a Criação, para que a mentira nunca mais encontre solo fértil no seu Reino.

O Sacerdócio Católico é um Corpo Consagrado, gerado sobrenaturalmente na Conceção Virginal de Cristo, nascido para ser o Templo Vivo no qual a Veracidade Divina do Filho — cuja põe em dúvida nega a Veracidade do Pai — esteja presente para toda a eternidade perante todos os povos da Criação.

A Igreja Sacerdotal Católica, à imagem e semelhança da sua Cabeça Sagrada, é o Templo da Veracidade Divina.

Negar esta natureza sobrenatural sagrada que faz do Sacerdote o Templo Vivo do Espírito Santo é negar o Poder de Deus para gerar este Corpo Sobrenatural que, em alma e corpo, pertence ao seu Senhor.

Quanto ao resto, ou seja, que há quem se desvie e seja necessário permitir que se casem, sem serem excluídos do Povo de Deus, mas sem participar da Plenitude de Cristo, isso já foi dito pelo Espírito Santo. Quanto ao outro aspeto, ou seja, que aqueles que se desviam se declarem inimigos do Modelo Divino que Deus concedeu ao Corpo Sacerdotal de Cristo, isso é uma abominação que não provém de Deus, mas do Diabo.

Assim, aqueles que caem tentados pela Serpente e querem justificar a sua fraqueza blasfemando contra o Nome da Esposa do Senhor, saibam que estão a declarar guerra à Criação de Deus, que determinou que o Sacerdote Cristão tivesse no Sacerdócio de Cristo Jesus o seu Modelo Vivo.

Tudo o que se afaste deste Modelo não provém de Deus.

A Ordenação Divina tem os olhos postos na Eternidade, não se dissolve uma vez passada a vida na Terra. O Sacerdote na Terra permanece Sacerdote no Céu: Templo Vivo do Espírito Santo, no qual se manifesta a Veracidade da Natureza Divina de Jesus Cristo, Rei e Senhor.

De facto, quem quiser casar-se, que o faça, mas não exija continuar a participar da Plenitude de Cristo. Ora, quem, por Amor a Deus, quiser continuar a trabalhar pela Salvação de todos, tem no Senhor um Rei que o amará para sempre como Cidadão do seu Reino.

Quanto ao facto de alguns servos desonrarem o seu ofício e serem motivo de escândalo para o povo, isso nada retira à Criação de Deus, e os seus delitos devem ser imputados apenas a eles próprios. Nenhum cristão pode nem deve sentir a sua fé e a força da sua esperança ameaçadas por causa de um caso isolado de corrupção, sobretudo quando o Espírito Santo já nos disse que a fé, mesmo que purificada, se corrompe. Isto diz respeito àqueles em quem ela se corrompe, pois se fosse em todos, nenhum de nós existiria.

Assistimos, no nosso tempo, à luta entre essa corrupção e a santidade. Que a vitória seja do Senhor, disso não devemos duvidar. Quem deve tremer são aqueles que utilizaram o ofício como uma muralha atrás da qual esconder os seus crimes.

Assim, se é mau ofender Cristo imitando os piores homens, pior ainda é levantar-se contra Deus e rejeitar Cristo como Modelo do Sacerdócio Cristão. Estes terão de responder perante Deus quando forem chamados a julgamento.

Que Deus vos encontre confessados, pois, pela Unidade que quebrastes, tereis de responder pelas inúmeras almas que, scandalizadas pelas vossas guerras e crimes, foram afastadas da Porta da Vida Eterna.

SÉTIMA PARTE

A DOCTRINA DO ANTICRISTO

O que é o Evangelho? É a palavra de um homem que decide moralizar por conta própria e por sua conta e risco, e em seu próprio nome, sobre a conduta moral dos outros homens? Foi Jesus Cristo uma nova espécie de Sócrates?

Perguntas deste tipo poderiam acumular-se na nossa mente. Na verdade, todas as respostas que foram procuradas e encontradas fora da Doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana foram dadas a título particular, porque tomaram o Herói do Evangelho por mais um santo, um filho de Deus como qualquer outro, ou um sábio como tantos outros, com uma mensagem particular e uma visão muito concreta do que é o homem.

Nos casos mais alucinantes, viram-no como um mago, uma espécie de curandeiro, um feiticeiro e até mesmo um servo de Satanás. O Espírito Santo cortou pela raiz essas visões que adaptavam Jesus Cristo aos seus interesses e pensamentos, esquecendo — uns por insensatez e

outros por estupidez, que não é Deus quem deve servir o Homem, mas sim o Homem quem é chamado a servir a Deus.

Quando o autor destas 67 Teses escreve:

48. Se alguém, por fraqueza ou ignorância, se sentir escandalizado, não se deve deixá-lo na sua fraqueza ou ignorância, mas é preciso fortalecê-lo, para que não considere pecado aquilo que não é pecado.

Ao escrever isto, o autor, o suíço Zwinglio, esquece-se de que está a falar porque existe Jesus Cristo e, ao falar desta forma, está a referir-se ao Evangelho, reduzindo ambos à categoria de meros produtos da realidade humana.

O Evangelho não é um produto humano, nem Jesus Cristo foi, nem é, nem será uma criação do homem. Jesus Cristo não foi um santão, nem um mago, nem um sábio ao estilo dos homens. O Evangelho de Jesus Cristo não é um «Diálogo» platónico, nem um tratado filosófico. E quem esquece isto cai no abismo em que caíram os Reformadores; um abismo de insensatez, ignorância e estupidez no qual estas teses se afundaram e arrastaram consigo os analfabetos, os brutos e, em potencial, os fraticidas nos quais esse potencial se tornou ato, como bem demonstram e evidenciam as Histórias dos séculos XVI e XVII.

O Evangelho tem a sua origem na boca de Deus Pai. Jesus Cristo, o seu Filho, não se cansava de o dizer: o seu Pai tinha-o enviado para nos dar a conhecer a Doutrina do seu Pai, que Ele tinha ouvido da sua boca e guardado no seu ser durante os anos da sua vida na Terra.

O Evangelho não é uma invenção do próprio pensamento de Jesus Cristo. O Evangelho não é um compêndio revolucionário mortal que rompe com a moral do Antigo Testamento. Deus dá um Corpo à sua Doutrina, torna-a Homem. Cristo Jesus é essa Doutrina feita Homem, que fala com palavras de Homem para que todos os homens a ouçam.

«O Verbo fez-se carne, e o Verbo é a Palavra de Deus».

Jesus Cristo é o Templo Vivo no qual a Palavra de Deus habitou desde que foi enviada ao nosso Mundo para nos dar a conhecer a Doutrina da Vida Eterna. E antes de partir, o Filho construiu para a Palavra do seu Pai um Corpo Vivo no qual essa Doutrina viverá para sempre, pela Eternidade: é a Igreja Católica, o seu Corpo, a sua Esposa, cuja Doutrina será o Evangelho de Deus aqui na Terra e na eternidade no Céu.

Ao afirmar o que o suíço disse acima, o autor rompe com Deus e com o seu Filho, reduz a Doutrina Divina a mera doutrina dos homens e, a partir dessa posição, ergue-se como superior ao próprio Jesus Cristo, a quem afasta para se colocar no seu lugar.

A Doutrina de Deus Pai é a Doutrina do seu Filho: a Doutrina do Pai e do Filho é a Doutrina que vive na Igreja, entre os homens aqui na Terra e entre os filhos de Deus no Mundo de onde desceu Jesus Cristo, Rei e Senhor sobre todos os povos da Criação de Deus.

Como homem, sem invocar o Espírito de Deus, e falando aos homens sobre a conduta moral, as palavras do suíço não retiram nem acrescentam absolutamente nada ao Evangelho; são o som de um cão-flauta que busca fama e, através da fama, o Poder para fazer o que os poderosos sempre fizeram: viver às custas do suor dos outros.

Não há nada a objetar! Cada um, dentro da Lei Natural, é livre para, sem se afastar da conduta cristã cujos princípios afirma seguir, aspirar a ser mais perfeito. O problema surge quando se pretende afastar a Doutrina da Eternidade, dada por Deus a todos os povos do Seu Reino e aos Seus filhos, e dar lições a partir do Trono do Filho de Deus, que é o que Suíço faz nestas Teses, para o seu mal e para o mal daqueles que o seguiram.

O que é pecado e o que não é pecado está estabelecido no Evangelho. Qualquer um que pretenda acrescentar aos seus Princípios Divinos os seus próprios axiomas morais rebela-se contra o Legislador Supremo do Universo, cuja Lei tem a sua origem no Amor pela sua Criação.

Estranha foi a forma como os Reformadores se apresentaram como a Manifestação Viva desse Amor do Criador... apelando à destruição criminosa de todos os católicos. Por este crime terão de responder perante o Tribunal do Filho de Deus.

Pelas guerras que proclamaram contra os seus irmãos da Europa, aqueles Reformadores e príncipes que se autoproclamaram chefes das igrejas nacionais e, a partir desse estatuto de divindades entre os homens, se levantaram contra a Esposa de Cristo, eles e os seus povos terão de prestar contas perante um tribunal cuja Lei, «NÃO comas, pois no dia em que comeres, morrerás», é Lei Sagrada. Porque aqueles orgulhosos filhos de bárbaros, mesmo sabendo que o Filho de Deus preferiu morrer a matar, não seguiram o Seu exemplo; preferiram seguir o exemplo de Caim, ser discípulos de Satanás e matar o seu próprio irmão.

Sabemos que Deus é Amor, e Deus vive em Jesus Cristo. E não há neste mundo, nem haverá no mundo eterno, quem nos afaste da Sua Doutrina de Fraternidade sem limites entre todos os povos da Criação. E quem quer que semeie no Reino de Deus a Semente do Ódio ao próximo é Inimigo de Deus e da Sua Criação.

Somos Criação de Deus, filhos do Barro, que, pelo Seu Poder Infinito, Ele elevou até nos tornar participantes da Sua Natureza Eterna, e pelo Seu Amor de Pai Criador somos sustentados na Eternidade do Seu Paraíso. E quem quer que levante o machado de guerra contra o seu próximo é réu de Julgamento.

Assim, seguindo o seu complexo patológico de superioridade moral, não sobre os homens, mas sobre o próprio Deus Filho Unigénito, Criador e Nosso Pai, Jesus Cristo, o suíço continuou a escrever:

54. Cristo suportou todas as nossas dores e sofrimentos. Quem atribuir aos atos de penitência aquilo que só pertence a Cristo está errado e ofende a Deus.

Aqui vemos que alguém que não reconhecia o Filho Unigénito Todo-Poderoso do Criador do Cosmos e Senhor da Eternidade, YAVÉ DEUS, como Verbo de Deus, a sua

DOUTRINA ENCARNADA, anula com a sua demência maligna a Palavra desse Filho: «Vai e não peques mais».

Pelo contrário, seguindo um reformador após outro, a Penitência é abolida e, em seu lugar, ergue-se a Nova Lei: «Peca, peca, peca, até que o pecado te saia pelos olhos, pois pela Fé todas as tuas impurezas são perdoadas pelo Poder do Sangue do Cordeiro de Deus».

E esta doutrina satânica e imunda ergue-se como Reforma contra a Sabedoria do Espírito Santo, que chama todos à Ressurreição pela Graça do Batismo operada na Alma e no Ser de todos os homens.

A Doutrina é firme. A Penitência é o Ato da Vontade pelo qual a queda na Ofensa a Deus, aos seus filhos e aos homens é banida da alma. Nascida desta Doutrina, a Amada Igreja do seu Senhor absolve do Pecado e abre-lhe, através da Penitência, a Porta àquele que, saboreando o bem que é o seu Salvador e o Amor que repousa sobre o seu coração enquanto Deus Filho, se volta com todas as suas forças para corrigir os seus passos e seguir as pegadas daqueles que limpam o campo e abriram o Caminho para o Paraíso.

Esquecendo esta Doutrina, mas conhecendo os brutos dos Alpes, o suíço atreveu-se a falar de Penitência, anulando a Doutrina do Espírito Santo, e, seguindo o exemplo dos seus irmãos de armas na sementeira maligna da Guerra Fratricida Internacional Europeia, a dos 30 Anos, que, pela «fé só», se abriam a todos os crimes — crimes a imputar ao Sangue de Cristo —, este Zwinglio abolia a necessidade da penitência como ato pessoal de superação da fraqueza: na promessa de resistir à tentação e nunca ceder perante o pecado.

O servo do Semeador Maligno afirma que a força do cristão não vale nada, que seguir a doutrina do «Vai e não peques mais» não foi uma instituição divina. Pelo contrário, a Glória do Sangue de Cristo manifesta-se, segundo esses servos do Maligno, em voltar a pecar, e pecar e pecar, sem qualquer temor do Juízo de Deus, porque o Sangue de Cristo perdoa ao batizado todos os crimes que venha a cometer após o batismo.

Jesus Cristo disse: «Vai e não peques mais». Os Reformadores disseram: «NÃO sejam idiotas, aquele judeu era um louco; vão-se embora e voltem a pecar, quanto mais, melhor. Porque quanto mais pecarem, mais se manifesta a grandeza do Poder da redenção».

Assim até Adolfo Hitler.

Quem peca e não faz penitência, ou seja, não apresenta perante Deus o firme propósito de vontade de não voltar a cair no abismo que o levou à confissão, expõe-se ao Juízo por rebelião contra a Doutrina do Evangelho.

A saber: o Batismo é uma Ressurreição para uma Vida Nova que gera na Criação um Homem Novo, no qual o Pecado (a Ofensa a Deus, aos filhos de Deus e aos homens) é banido para toda a eternidade. Aquele que ressuscita pela fé morre para o pecado, faz da palavra do seu Deus, «Vai e não peques mais», a sua Lei, e tem como Lei a Sua Palavra: «NÃO comas; no dia em que comeres, morrerás».

Assim, aqueles que, tendo sido ressuscitados para a Vida Eterna, acreditam que a fé os imuniza contra o fruto da árvore amaldiçoada — que é o ódio, porta de entrada para o fratricídio e a guerra —, unem-se a Satanás.

Aos que se deixaram seduzir pela Doutrina do Anticristo, que Deus vos encontre confessados e com a Penitência superada com Vitória no Dia do Juízo, porque, de outra forma, sereis julgados de acordo com o Tentador Maligno, a quem vos entregastes neste mundo em troca de fama e glória.

Vós que tendes inteligência, julgai se há alguma verdade na seguinte tese:

62. A Sagrada Escritura também não reconhece outros sacerdotes além daqueles que pregam o Evangelho.

O que é que isto significa? Que o sacerdócio não é uma obra de Deus Pai e Filho? Que o sacerdócio de Jesus Cristo não foi uma santíssima escolha de Deus? Que o Evangelho não é mais do que uma moral humana e, conseqüentemente, qualquer um pode torná-lo seu e desenvolvê-lo de acordo com o seu entendimento e época?

Então, o mais perverso e maligno pode pregar o que lê e, por essa pregação, ser chamado de Sacerdote à Imagem e Semelhança de Cristo?

Significa isso que não foi instituído um novo templo após a destruição do antigo e que cada um pode erguer o seu? E que, por conseguinte: a Igreja não foi obra de Deus Pai e, não tendo sido, qualquer pessoa pode criar a sua própria igreja, uma vez que Jesus Cristo fez o mesmo?

Acaso Deus não anunciou, antes de a Maravilhosa Obra acontecer, o que iria realizar, de tal forma que, se a contasse àqueles que não a conheceram, estes não acreditariam na Obra que Ele iria realizar?

Que parte da Fundação do Cristianismo, desde a Encarnação até à Ressurreição, não se enquadra nessa Obra Maravilhosa da qual a Igreja Católica tem sido Testemunha desde o Princípio até aos nossos dias e continuará a sê-lo pela Eternidade? Será que o Reformador rejeita a Encarnação, a necessidade da Eleição do Filho das suas entranhas não criadas para realizar essa Obra Maravilhosa que, sendo esse Filho «Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro», cabia a Ele, em pessoa, realizá-la em união com o seu Pai?

Será que Deus ergue o Modelo do Novo Sacerdócio, Cristo Jesus, e o Reformador rejeita este Modelo Divino?

Não foram todos os pregadores do Evangelho escolhidos, um a um, por Deus em Pessoa? Rejeita o Reformador a necessidade da eleição divina para o sacerdócio à imagem e semelhança de Cristo Jesus, o Sumo Pontífice do Novo Templo para a adoração de Deus Pai?

Então, Deus foi um completo idiota, porque, podendo ter deixado a pregação nas mãos de qualquer um, afastando da Sua Obra o Seu Amor de Pai, entregou o Seu Filho aos lobos?

As consequências desta tese eram imundas, e a sua maldade espalhou-se pelos campos europeus, fazendo chover sobre os seus povos uma guerra mundial abominável, pela qual todos os príncipes e os Reformadores terão de responder perante o Tribunal Final do Filho Todo-Poderoso de Deus.

Mas o Reformador não era um idiota, embora afirme que Deus o é quando escreve:

63. Quanto a estes últimos, ordena que sejam honrados, ou seja, que lhes seja proporcionado o necessário para o seu sustento.

Como pregador da Reforma, e não do Evangelho, o suíço queria viver do suor alheio. E viver como merecia um Divino Pregador da Reforma protestante. E, como se viu — e sabemos que qualquer um podia declarar-se «divino pregador do novo evangelho do ódio contra o irmão católico» —, Caim tornou-se o Mestre a seguir, o Modelo do Novo Sacerdócio Protestante.

Enfim, o Inferno aceita no seu reino todos os pregadores das maravilhas da Guerra; quanto mais veneno tiverem na boca, maiores e mais gloriosos são.

Assim, ao revelar o Inferno a bondade do seu veneno, o Reformador regressa para atirar para a lama a Doutrina de Deus, Pai e Filho, reduzindo-a a uma simples filosofia moral, dizendo:

64. A todos aqueles que reconheçam os seus erros não se deve castigá-los, mas deixá-los viver e morrer em paz; e no que diz respeito aos rendimentos de que, como sacerdotes, vinham a usufruir, que esta questão seja encarada com caridade cristã.

Como bom suíço, para quem o Ouro era a Mãe do Cordeiro da Reforma, ao sacerdote católico, se este se reconvertisse e deixasse de ser lixo à imagem e semelhança de Cristo, não havia necessidade de o matar, bastava deixá-lo morrer em paz; e, uma vez expulso do seu ofício, também não era preciso deixá-lo morrer como um cão abandonado na rua; como bons cristãos praticantes da nova caridade reformada, bastaria dar a esse herege confesso o pão duro que sobraria aos «novos pregadores divinos» — «uma questão de caridade cristã».

Aquele que não se regenerasse, uma vez que o oposto do Anticristo é Cristo, e o oposto da Vida é a Morte: o túmulo era o que lhe convinha.

O pregador do Evangelho do Ódio não devia esquecer que é Deus, segundo a sua Doutrina Maligna, quem, desde a Eternidade, decreta a morte e a vida de todos, e sendo Ele o único culpado pela morte de todos, a Ele e somente a Ele deve ser imputado o crime contra os católicos, de modo que quem morre fá-lo porque essa é a sua parte no Teatro da Salvação, e quem mata não comete crime, mas nisso revela-se a mão de Deus para a glória dos seus servos caínitas.

Portanto:

65. No que diz respeito àqueles que não reconhecem os seus erros, Deus julgá-los-á de acordo com a Sua justiça divina. Consequentemente, não lhes devem ser aplicadas punições corporais, a menos que se comportem de forma tão desconsiderada que não haja maneira de os tratar de outra forma.

À medida que o Lobo se aproxima do fim da sua «pregação», vai tirando a pele de ovelha e começa a soltar pela sua boca o veneno da Serpente que conduziu o Género Humano à Ruína com aquelas palavras amaldiçoadas: «NÃO, não, pois sereis como os deuses, conhecedores da ciência do bem e do mal». Traduzindo. Quem não faz a guerra não pode sentir-se como um deus. É na guerra e pela guerra que o homem é elevado à condição dos deuses.

Escusado será dizer que Jesus Cristo, ao rejeitar aquele fruto amaldiçoado, deixou de ser «um deus», estado eterno que os Reformadores alcançaram graças à sua guerra de ódio até à morte contra os católicos.

E ignorando esta Realidade, diz o pregador do Inferno que Deus julgará aqueles que se resistiram a comer daquele fruto amaldiçoado e que, em vez de se proclamar Rei, se deixou conduzir para o Matadouro do Calvário e dos Circos Romanos. O Reformador aplaude Caim e cospe sobre o cadáver de Abel. Satanás era o seu Mestre.

Enfim, não lhe bastando retirar o sacerdócio e afastar Cristo do seu caminho, ergue-se também como profeta:

66.- Agora, todos os hierarcas eclesiásticos têm de se humilhar e erguer a cruz de Cristo, em vez de levantar o cofre do dinheiro. Se não o fizerem, afundar-se-ão; porque o machado já está colocado junto às raízes da árvore.

De facto, a Declaração de Guerra contra o Sacerdócio à Imagem e Semelhança de Cristo Jesus já tinha sido assinada pela Alemanha e pelos países da sua órbita. Agora cabia à Suíça e à França assiná-la. A guerra era inevitável. O machado já tinha sido levantado para destruir a Árvore da Vida da Igreja Católica. O Reino Unido, a Alemanha e os Países Baixos, os países escandinavos e da Europa Central, todos unidos, juntamente com a Suíça e a França, contra o Sacerdócio à Imagem e Semelhança de Cristo; nem mesmo Deus poderia impedir que a Liga das Nações Protestantes, numa Guerra dos Trinta Anos, derrubasse aquilo que a Ele custou dezasseis longos séculos a erguer.

Tanto trabalho para nada. Tantos mártires... para quê?

Eles, o Corpo do Anticristo, cuja Cabeça era Satanás, o Diabo, a antiga serpente, o Dragão que aterrorizou o Império do Paraíso de Deus em duas guerras universais antes da Criação do nosso Mundo, eles, os Reformadores e os seus príncipes, iriam conseguir derrubar o Templo Vivo do Espírito Santo, de onde se espalhou por todas as nações da Terra o Nome do Filho Unigénito e Primogénito de Deus: Jesus Cristo.

67. *Se alguém desejar discutir comigo sobre os juro do empréstimo, o dizimo, as crianças não batizadas ou a Confirmação, estou disposto a responder de bom grado. Mas que ninguém tente discutir comigo esgrimindo argumentos sofisticados ou invocando charlatanices humanas, mas que reconheça de antemão a Sagrada Escritura como único juiz, para que a verdade seja encontrada ou se mantenha firme, se, como espero, já tiver sido encontrada. Ámen. Que Deus esteja connosco! Ámen.*

Jesus Cristo é o MESTRE UNIVERSAL de todos os filhos de Deus. Será que Ele discutiu com Satanás?

Nós, os Seus Discípulos no Espírito da inteligência, formados à Sua Imagem e Semelhança, não discutimos com os servos de Satanás.

CONCLUSÃO

Quem quiser salvar-se, que se arrependa e faça Confissão e Penitência, pois foi para isso que Deus revelou a Sua Vontade de unificação de todas as igrejas, para que todas as igrejas façam Confissão e, obedecendo a Deus, avancem, deixando para trás as doutrinas com as quais foram enganadas pelo Diabo, a quem acolheram como Mestre e Senhor, se tornem uma só coisa com a Igreja Católica, Tronco da Árvore da Vida, cujo fruto é a Fé em Jesus Cristo, cuja Doutrina se resume a um único Princípio: «Ama a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo». Pois quem odeia o próximo não ama a Deus, e quem não ama a Deus não entrará no Paraíso.

Quem quiser submeter-se ao Julgamento do Filho Unigénito e Todo-Poderoso de Deus, que o faça. Mas lembre-se da Doutrina de Deus:

«Senhor, fizemos muitos milagres em teu nome». A

resposta foi:

«Afastai-vos de mim, vós que praticais a maldade; ide para o Inferno com o Diabo». Quem ama a Deus, ama o seu próximo. E o ódio é o oposto do amor.

Deus é Amor, mas é também um Fogo que, no seu Zelo pela sua Criação, devora tudo o que se aproxima para a destruir.

NÃO há salvação para as igrejas fora da obediência à Vontade Unificadora de Deus. As «virgens» que não forem encontradas dentro da Casa do Esposo, a servir a Esposa do Senhor, não entrarão no Paraíso de Deus.

QUARTO LIVRO
CONTRA CALVINO
ANÁLISE DO SÍNODO DE DORT

O SURGIMENTO DA REBELIÃO PROTESTANTE

Tendo estudado politicamente a origem da Reforma e incluindo a religião como parte da história, posso afirmar que a Igreja e o Estado foram os dois pilares originais sobre os quais se fundou a civilização europeia. Reduzindo a origem da Reforma a questões puramente humanas, fruto dos erros e acertos das gerações que a precederam e que causaram a divisão entre o Norte e o Sul — uma rebelião política disfarçada de razões religiosas —; estudada sociologicamente desta forma, a Reforma foi uma fraude. A predominância do fator político, do Estado sobre a Igreja, na orientação do movimento histórico revelou a sua marca na Guerra dos Trinta Anos.

É verdade que a Reforma, enquanto movimento religioso, foi um conceito clamado a plenos pulmões pelas igrejas europeias desde o Grande Cisma de Avinhão, e, tendo sido rejeitada «a reforma moral dos bispos» pela Igreja italiana, e porque esse «grito» foi rejeitado, elevou essa «necessidade» à esfera do utópico, um sonho inatingível para aqueles que, escandalizados com a transformação da Igreja italiana num Poder Temporal em competição com os reis da Europa, viram frustradas as suas aspirações a uma «Reforma Moral» do Alto Clero Europeu.

A Reforma dos Membros da Igreja ocorreu. Mas ocorreu única e exclusivamente em resposta à Rebelião Política do Centro e do Norte da Europa contra a intromissão do Papado, enquanto Poder Político, no governo dos reinos que, até então, se encontravam sob a Autoridade Espiritual da Igreja Católica. A transformação dessa autoridade legítima pela Igreja cardinalícia italiana num poder político internacional, com aspirações determinantes na política dos reis, foi um pavio a pedir fogo no início do século XVI. A partir do momento em que alguém aproximasse a tocha dessa mecha, o descontentamento explodiria e faria voar pelos ares a legitimidade da autoridade espiritual do papado, que passaria ipso facto para os reis. Sem esta explosão política, que a História conhece como «a Reforma», a rebelião doutrinária luterana nunca teria passado de uma luta entre sotas. A astúcia de Lutero consistiu em compreender que

sem conquistar o poder político para a sua causa, o seu destino seria o de Savonarola, Huss e tantos outros que acreditaram poder fazer tremer de medo o Alto Clero italiano e os seus ramos europeus, todos intimamente ligados à rede que o Alto Clero italiano tinha tecido nas nações sujeitas à autoridade pontifícia medieval.

De forma alguma, por exemplo, quando nasceu o Século da Reforma, se diferenciava a conduta moral dos príncipes da dos bispos alemães. Assim, sem trinta moedas de prata em troca, aqueles príncipes não teriam mexido um dedo para salvar o «Savonarola alemão» da fogueira. O mérito de Lutero residiu em compreender isso e em oferecer-lhes, em troca, todos os bens da Igreja Católica. Neste sentido, Lutero foi um ladrão de almas e, como tal, apelava ao poder político para que abençoasse o seu assalto à Igreja, entrando não pela porta, mas pela janela, de onde lhes abria a porta e lhes entregaria o tesouro das igrejas.

A «Reforma», enquanto tal, tal como ficou registada nos livros de História, não existiu. Lutero acendeu o pavio de uma rebelião política, mascarando a sua causa com razões religiosas.

Dito isto, temos de viajar através dos séculos e desmontar os mitos que os rebeldes vitoriosos teceram nas redes universitárias sob a sua bandeira, com o objetivo de ocultar a verdadeira natureza da divisão fratricida de uma Europa que tinha caminhado unida, embora com os seus altos e baixos, ao longo dos 1200 anos que decorreram desde o Concílio de Nicéia até ao Concílio de Trento.

Os livros de História Universal, mesmo que queiram ignorar a existência do Cristianismo como o Poder Espiritual Criador da Civilização Europeia, da qual surgiu o Mundo Moderno, se não por honra profissional, pelo menos por dever académico, e mesmo que o façam com relutância, vêm-se oprimidos e tirânicamente obrigados a falar da existência dessa Força Colossal, a Igreja Católica, que tirou a Civilização da Barbárie e a colocou às portas do Renascimento.

Os historiadores contemporâneos, para não serem tildados de conservadores, costumam minimizar a influência do catolicismo na criação do Renascimento, ao ponto de a transformar numa linha quase invisível; que, de qualquer forma, sempre segundo as suas eminências universitárias, foi precisamente a Igreja Católica a causa todo-poderosa da Idade das Trevas. Esta contradição não causa qualquer complexo à mediocridade intelectual dos historiadores académicos.

Segundo esses tipos, o cristianismo não teve qualquer importância na criação das forças determinantes da explosão renascentista, mas foi sim um poder obscuro e onipotente, sob cuja influência maligna a civilização permaneceu na Idade Média por mais tempo do que a Europa merecia. Poder do qual, se não tivesse sido libertada pela Rebelião Protestante, a Europa possivelmente nunca teria escapado da «Rede Demoníaca da Grande Prostituta Católica» (uma linguagem muito própria dos discípulos de Jesus Cristo, claro, que segue a regra «Ama os teus inimigos»).

E dizem e ensinam esses intérpretes da História Europeia do Século XVI, naquela sua frustração desesperada de quem, esperando um «Novel» de Mediocridade Absoluta e Incapacidade Intelectual mais servil aos interesses políticos das igrejas protestantes, se viram relegados à posição de eternos aspirantes, que a sua palavra vai para a missa, e, se não for, a missa será exterminada, porque a verdadeira Origem da Verdade não é o Templo, mas sim a Universidade.

O facto histórico inegável é que a Igreja Católica — e, durante os primeiros dezasseis séculos do cristianismo, dizer «catolicismo» era o mesmo que dizer «Europa» —, durante esses dezasseis séculos, o cristianismo nunca conheceu a paz. Desde o seu início, foi perseguido pelos judeus. Desde a sua infância, foi atacado sem trégua nem piedade pelo Império Romano. Nasceu ao ar livre e cresceu nas catacumbas. Quando começou a andar, não teve medo do martírio. A civilização foi submetida a uma transfusão de sangue vivificante, tal como já tinha sido anunciado à Europa: «O primeiro Homem foi alma vivente; o último, espírito vivificante».

O sangue católico regou um corpo que estava a morrer sob a pressão dos séculos, reavivou-o, conquistou-o e deu-lhe forças para se manter vivo sob a Grande Besta que se aproximava do Extremo Oriente e vinha para não deixar pedra sobre pedra. Mas durante esses séculos de preparação para o dia seguinte à Queda do Império, que já esperavam e sabiam que viria a acontecer, pois assim lhes foi dito: «Afastai-vos da Grande Babilónia, a Prostituta que faz comércio com todas as nações da Terra»; enquanto aguardavam que a Queda do Império Romano acontecesse — pois a Palavra é Deus, e Deus diz e assim se faz —, os inimigos surgiram contra a Igreja Católica a partir das suas próprias fileiras. Mal ela levantava uma pedra, surgia outro anão mental com complexo de eleito divino para ser o próximo Bispo de Roma; caso contrário, incendiava o mundo!

A história das batalhas contra os «escolhidos» que a Igreja Católica travou durante seis séculos está escrita. Judaísmo, gnosticismo, pelagianismo, maniqueísmo, arianismo... Não quero polemizar, reabrir feridas, invocar fantasmas. Para tudo há um tempo. Que fique registada a Palavra do seu Fundador: «Se a mim me perseguiram, também a vós perseguirão, porque, assim como eu não sou deste mundo, também vós, por amor a mim, não o sois». Escusado será dizer que essas Palavras não se limitaram aos seus Doze Apóstolos; a Igreja Católica e o Cristianismo estavam incluídos na sua profecia. Mas não apenas para aqueles séculos. A Igreja Católica e o Cristianismo estão a ser perseguidos até aos dias de hoje, XXI séculos depois, diante dos nossos olhos. E, no entanto, a Palavra continua a ser de Deus: «Não somos deste mundo», logo: «Por isso o mundo odeia-nos».

Esta tem sido a Doutrina dos Santos desde que os Apóstolos, perante os seus carrascos, confessaram: «Sim, acreditamos no Filho de Deus, que se encarnou na Virgem Maria, morreu e ressuscitou ao terceiro dia, e está sentado à direita de Deus como Rei, Senhor e Juiz, e virá julgar os vivos e os mortos». Por repetirem essa mesma Confissão dos Santos, estão hoje a ser assassinados milhares de cristãos em numerosas nações que pedem tolerância para as suas religiões nas nossas terras, enquanto nas suas próprias terras massacram os nossos irmãos sem misericórdia nem piedade.

«Deus julgará os vivos e os mortos».

Acreditávamos nisso ontem, acreditamos nisso hoje; sem a Igreja Católica, não existiria nem o cristianismo contra o qual se rebelar, nem a fé com a qual enriquecer através da pregação protestante. A negação dos historiadores contemporâneos e dos políticos vivos, que engoliram sem se afogar o elefante da perseguição contra os cristãos, enquanto se afogam com o mosquito da crítica contra os carrascos, é contrária a esta afirmação divina: fora da Igreja Católica não há salvação.

Dito isto, ou seja, que a cristandade teria vivido numa paz harmoniosa e numa felicidade edénica desde a sua fundação até ao século XVI, compreende-se que a rebelião protestante e a divisão fratricida entre o Norte protestante e o Sul católico foram mais um capítulo no Grande Livro da sua história. Tanto as nações europeias como as suas igrejas viveram

esses 16 séculos num estado constante de extermínio e sofrimento civil interno. Se retomarmos a dialética própria daqueles tempos e voltarmos a comparar a Igreja a uma barca, não nos enganamos ao afirmar que essa barca esteve sempre em perigo de naufrágio. Nem nos enganamos ao comparar esse perigo com o capítulo de Jesus Cristo «na barca» com os seus apóstolos. Se Ele não estivesse ali, com eles, a barca teria afundado. Mas Ele estava com eles.

Nesta ordem divina, a Rebelião Luterana pode ser comparada àquele que, da praia, contempla como aquela Barca é sacudida pelas ondas, ignorante, na sua malícia e ódio, de que aquele que dorme tão tranquilamente sobre as redes daqueles pescadores era, é e será eternamente: nem mais nem menos do que o Todo-Poderoso Filho de Deus, Criador da Luz do Génesis, espera que a barca se afunde e salta e grita de alegria.

Hoje, cinco séculos mais tarde, depois de ter sofrido a Guerra Civil do Caim protestante contra o Abel católico na chamada Guerra de Extermínio dos Trinta Anos, não parece que essa Barca Católica se tenha afundado. «Homens de pouca fé: judeus, romanos, bárbaros, hunos, muçulmanos, turcos e vós próprios, como um Caim em brasa sedento de SANGUE CATÓLICO, ainda acreditam que o Filho de Deus vai saltar daquela Barca e deixar que os Pescadores se afoguem?»

Geração rebelde, Ário, um servo de Satanás que não conseguia aceitar a Verdade que toda a Criação proclama com um Aleluia todo-poderoso: «Tu és o Filho Vivo de Deus», foi o vosso pai. Rejeitastes a Fé e abraçastes a Razão.

Ário foi o primeiro cristão protestante. «Jesus Cristo não passou de mais um homem, mais santo, mais bom, mais perfeito, adornado com todas as virtudes dos deuses, mas, afinal de contas, um homem», disse o Anticristo.

A Razão por si só não consegue compreender a Confissão de Fé: «Uma Virgem dará à luz e o seu Filho será chamado Deus connosco». Por isso foi a Fé, e não a Razão, que conquistou o Império.

E vós, geração rebelde, discípulos de Ário, quisestes conquistar a conquistadora invocando a vossa deusa: «A Razão por Si Só». E assim como o vosso mestre mergulhou o Velho Império numa guerra civil religiosa, assim vós mergulhastes o Novo Império na vossa guerra civil religiosa. De tal pai, tal filho!

Mais um capítulo que abriu no Grande Livro da História Universal do Cristianismo. Que ainda continua, mas cujo Fim já está escrito; «Homens de pouca fé», ao falar aos ventos, o mar acalmou-se. Esse será o vosso Fim. E este será o vosso epitáfio: Lutaram contra as Portas que Deus abençoou, dizendo: «As forças do Inferno irão chocar-se contra as tuas muralhas».

Mas, embora nascidos para fracassar, o destino a que aquela geração rebelde se entregou, a Predestinação por ordem da Eternidade, arrastou-os a continuar a torcer pelo Impossível, para que Aquele que dormia tão feliz na Barca não acordasse. Esperança de tolos! O Mestre esteve sempre ali. Constantino, Clóvis, Carlos Martel, Pelágio, Carlos Magno... Orígenes, Santo Agostinho, os Crisóstomos... o Rei da Europa esteve sempre ali, foi sempre e será sempre «Deus connosco».

Quem, portanto, acredita que a Igreja Católica, contra a qual aquela geração rebelde se levantou numa guerra fratricida, viveu durante 16 séculos a morrer de riso ao sol de uma paz interminável, esse pobre ignorante sofre de um cérebro acometido por uma deficiência intelectual motora muito perniciosa.

Quem ensina a História da Civilização separando o Estado da Igreja esquece-se de que a Religião Católica tem como Rei e Sumo Pontífice Universal a mesma Pessoa: «Jesus Cristo, Deus conosco».

O confronto a morte entre o Estado e a Igreja, patrocinado pela Rebelião Protestante, foi, a curto prazo, o início e a origem da Guerra dos Trinta Anos e, a longo prazo, das Guerras Mundiais. O ódio que Lutero, Calvino e os seus companheiros de armas semearam nas nações europeias perdurou durante os cinco séculos seguintes e envenenou as relações políticas entre os Estados europeus, até os arrastar para a orgia das Guerras Mundiais, desencadeadas na Europa e alastradas ao resto do mundo.

INTRO

Desde o seu próprio início, o espírito de divisão e de ódio para com os católicos — cuja origem familiar está registada no Livro da Vida do Cristianismo desde as suas origens —, o protestantismo expandiu o seu círculo de ódio e homicídio às correntes reformadoras nascidas da sua semente maligna. A Biblioteca da História Universal do Cristianismo reúne nos seus livros as guerras de condenação que os «novos santos» europeus travaram em nome da sua Boa Nova contra a Doutrina do Espírito Santo. Tendo sido a Origem do Protestantismo a semente da Divisão entre as nações europeias, mal os príncipes ergueram barreiras em torno desses campos de Zizânia, o ódio que até então era canalizado contra a Igreja Católica, uma vez confinado entre as muralhas nacionais, voltou-se contra aqueles em quem o Espírito Santo da Unidade Universal do Cristianismo no Deus Amor tinha sido expulso e, em seu lugar, acolhido o espírito da divisão maligna do Deus Oculto de Lutero e do Deus do Terror de Calvino.

Os sínodos e as condenações que uns aos outros lançaram à cara, enviando-se mutuamente para o inferno como se tivessem destronado da Sua Glória o Juiz Universal, Todo-Poderoso e Onipotente, o Nosso Rei Jesus Cristo, e como se, por direito da Predestinação Absoluta, tivessem sido elevados ao Trono do Filho de Deus, estão escritos e foram reunidos em Artigos e Capítulos deste tipo do Sínodo Confessional de Dort.

Como já disse, as suas guerras — luteranos contra anabatistas, puritanos contra anglicanos tradicionais, todos contra todos pela Supremacia Absoluta da Teocracia Intelectual do Espírito Anticristão — estão reunidas nos livros da Biblioteca da História Universal do Cristianismo; livros que os seus sucessores no Deus do Terror calvinista e no evangelho do Ódio luterano se têm cuidado muito bem de não oferecer aos rebanhos, da lã dos quais vivem como deuses, à custa da ignorância patriótica dos seus rebanhos de infelizes.

O Ser Humano, o Homem Cristão, não tem outra Pátria senão o Reino de Deus. Tudo o que anule esta Afirmação provém do Anticristo.

Não é, portanto, nesta Análise Jesucristiana dos Artigos de Dort, do meu interesse descrever os genocídios e os homicídios que, em nome do «DEUS AMOR», cometeram os pais da Reforma; esse Deus, o nosso Deus, julgará, de acordo com a Sua Onisciência e Sabedoria, todos aqueles que, desprezando a Sua Oração pela Unidade Universal do Seu Povo, se rebelaram contra o Seu Coração e, sem temor de YAVÉ DEUS, o seu Pai Eterno e Criador do Cosmos, mancharam o Seu Nome e a Sua Glória com os seus crimes e as suas guerras.

A Doutrina do Deus Amor está escrita. A Árvore da Vida dá o Fruto da Paz, sem o qual toda a Criação se afunda no Pó. A Árvore da Morte produz a Guerra, e ao alimentarmos-nos dela toda a vida se afunda no Inferno. «Pelos frutos, pois, os conhecereis».

Pelos frutos conhecemos cada um, quem é quem e o que é o quê. Quem estiver cego, que permaneça na sua cegueira. Quem quiser ver, que veja, pois foi para isso que veio o Filho de Deus, o nosso Criador, para nos devolver a Inteligência.

O fruto da Árvore da Reforma foi a Guerra dos Trinta Anos, e quem quiser submeter-se ao Juízo Final, que o faça; não derramaremos uma lágrima por aqueles que forem expulsos da Criação, nem olharemos para trás para conhecer o seu inferno: cada um predestina-se à Vida ou à Morte pelas suas Palavras e Pensamentos. E isto também está escrito: EU não julgo ninguém, cada um julga-se a si próprio pelas suas obras.

A questão da predestinação do Deus do Terror calvinista – foi o ponto que foi debatido na cidade de Dordrecht entre os «novos santos» holandeses e os seus irmãos europeus. Este «julgamento» — que eles disfarçaram sob a máscara de «sínodo» — teve lugar entre 13 de novembro de 1618 e 9 de maio de 1619.

A Guerra Fratricida Cristã Mundial já tinha sido declarada e a contagem dos milhões de seres humanos que a Morte iria ceifar, até atingir os cinco milhões, já tinha começado. Este genocídio fratricida não impediu que os semeadores malignos, que agora colhiam a sua colheita entre as nações europeias, continuassem a devorar-se uns aos outros com os seus julgamentos anticristãos, nascidos do espírito de divisão, inimigo do Espírito de Unidade que encontrou o seu Templo nos Apóstolos, e estes lhe ergueram um Templo de Pedra, entre cujas Muralhas essa Unidade vivesse pelos séculos dos séculos.

Cegados pelo ódio luterano, na sua caminhada pelas trevas guiados pelo Deus do Terror calvinista, os semeadores malignos continuaram a julgar-se uns aos outros, de costas para a Grande Tragédia da Divisão das igrejas, cujo fruto, a guerra entre irmãos, devoraram avidamente na crença diabólica de que o homicídio de Caim contra o seu irmão Abel era da vontade divina.

Aconteceu que daquela raiz maligna calvinista surgiu um ramo que não podia admitir em toda a sua extensão essa Predestinação Calvinista Teocrática Absolutista que transformava Deus Pai na Fonte e na Origem de cuja Vontade Criminal surgiu o Fratricídio Caínico. O dissidente, uma espécie de novo demónio, segundo o julgamento dos santos holandeses, chamava-se Arminio. Aquele Arminio não era um pregador daquela Paz e Amor que se fez Homem em Jesus Cristo e, enchendo o Ser dos seus Discípulos, abriu uma Nova Era na Terra. De modo algum. Arminio simplesmente quis corrigir essa visão de Deus

como fonte de terror, para que, ao colocar-lhe a máscara do amor, a Guerra Cainita dos Trinta Anos fosse travada por amor e não por ódio.

Mas deixemos que outra mão escreva sobre o cerne da questão **dos Cânones de Dort**, também anteriormente intitulados: *A Decisão do Sínodo de Dort sobre os Cinco Pontos Principais da Doutrina em Disputa nos Países Baixos*

«A Decisão do Sínodo de Dort sobre os Cinco Pontos Principais da Doutrina em Disputa nos Países Baixos é popularmente conhecida como Os Cânones de Dort. Consiste em declarações doutrinárias adotadas pelo Grande Sínodo de Dort, que se reuniu na cidade de Dordrecht em 1618-1619. Embora se tratasse de um sínodo nacional das Igrejas Reformadas dos Países Baixos, tinha um caráter internacional, uma vez que era composto não só por delegados holandeses, mas também por vinte e seis delegados de outros oito países.

O Sínodo de Dort foi convocado com o objetivo de resolver uma grave controvérsia nas igrejas holandesas, desencadeada pelo surgimento do arminianismo. Jacobo Arminio, um teólogo e professor da Universidade de Leiden, questionou o ensinamento de Calvino e dos seus seguidores em vários pontos importantes. Após a morte de Arminio, os seus seguidores apresentaram as suas posições sobre cinco desses pontos na «Protesta de 1610». Neste documento, ou em escritos posteriores mais explícitos, os arminianos ensinavam que a eleição se baseava na fé prevista, que a expiação era universal, que a depravação era parcial, que a graça era resistível e que existia a possibilidade de uma queda da graça. Nos Cânones, o Sínodo de Dort rejeitou estas posições e proclamou a doutrina reformada relativamente a estes pontos: a eleição incondicional, a expiação limitada, a depravação total, a graça irresistível e a perseverança dos santos.

Os Cânones têm um caráter especial enquanto decisão judicial sobre os pontos doutrinários em disputa durante a controvérsia arminiana.

Os Cânones têm ainda um caráter limitado, na medida em que não abrangem a totalidade da doutrina, mas centram-se nos cinco pontos doutrinários em disputa. Cada um dos pontos principais consiste numa parte positiva e numa parte negativa, sendo a primeira a exposição da doutrina reformada sobre o tema e a segunda uma repudição (reprovação ou rejeição) dos erros correspondentes. Embora, na forma, sejam realmente quatro pontos, falamos propriamente de cinco pontos, porque os Cânones foram estruturados para corresponder aos cinco artigos do protesto de 1610. Os pontos principais três e quatro foram combinados num só, sendo sempre designados como pontos principais III/IV.”

Os cinco pontos arminianos que desencadearam a ira dos calvinistas holandeses, da raça superior dos eleitos da Nova Cristandade dos Santos, capacitados pelo seu Deus do Terror para matar Abel sem lhes causar aquele velho problema de consciência que, na Bíblia, levou Caim a matar o seu irmão, são os seguintes:

1.- Livre arbítrio ou capacidade humana. Embora a natureza humana tenha sido totalmente afetada pela queda, Deus, na Sua graça, capacita a vontade do pecador para que este, livremente, se arrependa e acredite, ou se recuse a fazê-lo. Cada pecador, capacitado pela graça de Deus, tem liberdade para acreditar ou recusar-se a acreditar, e o seu destino eterno depende da forma como usa essa liberdade. A liberdade com que Deus capacita o homem caído consiste em poder escolher livremente entre o bem e o mal na esfera do espiritual. O pecador pode cooperar com o Espírito de Deus e ser regenerado, ou resistir à graça de Deus e perder-se para sempre. O pecador necessita da assistência do Espírito Santo, mas não precisa de ser regenerado pelo Espírito antes de poder acreditar, uma vez que a fé é um dom de Deus que o homem pode receber ou rejeitar livremente, e que precede o novo nascimento. A fé é um dom de Deus; e o homem pode recebê-la e exercê-la para a vida eterna, ou rejeitá-la para a condenação.

2.- Eleição condicional. Deus escolheu para a salvação, antes da fundação do mundo, todas as pessoas que, assistidas pela Sua graça capacitadora, acreditam em Cristo. Isto deve-se ao facto de Deus ter previsto que esses indivíduos responderiam positivamente ao Seu chamamento, arrependendo-se e acreditando em Cristo. Deus escolheu apenas aqueles que Ele previu de antemão que acreditariam voluntariamente no evangelho, assistidos pela Sua graça resistível.

3.- Redenção universal ou expiação geral. A obra redentora de Cristo oferece a todos os homens a oportunidade de serem salvos e garantiu a salvação de todos aqueles que tinham acreditado e perseverado até à morte de Cristo, bem como a salvação de todos aqueles que viriam a acreditar e a perseverar após a morte de Cristo. Apesar de Cristo ter morrido por todos os homens, apenas aqueles que n'Ele crêem são salvos. A Sua morte é suficiente para a salvação de todos os homens, mas apenas eficaz naqueles que crêem.

4.- O Espírito Santo pode ser resistido de forma eficaz. O Espírito Santo convence o mundo do pecado e faz tudo o que foi determinado para levar cada pecador à salvação. O chamado do Espírito, no entanto, pode ser resistido, uma vez que o homem é feito livre pela graça de Deus. O Espírito não regenera o pecador até que este creia; a fé (que é um dom de Deus que o homem pode receber ou rejeitar livremente) precede o novo nascimento. Deus determinou que o seu chamamento, por meio do Espírito Santo, possa ser livre e voluntariamente aceite ou resistido. O Espírito Santo atua eficazmente, levando a Cristo apenas aqueles que não lhe resistem. O Espírito não concede vida até que o pecador responda, arrependendo-se e acreditando voluntariamente em Cristo. Deus, portanto, determinou que a Sua graça não atue de forma irresistível; pelo contrário, ela pode ser resistida pelo homem.

5.- A perda da graça ou a perda da salvação. Alguns arminianos acreditam que o ser humano, uma vez salvo, não perderá a sua salvação, enquanto outros pensam que a salvação pode ser perdida por não se perseverar na fé.

Numa visão de conjunto, Arminio e os seus seguidores mantiveram a posição do seu «Profeta» Calvino. Mas, sendo o espírito da divisão a mãe do protestantismo e não aceitando o valor universal da doutrina do Espírito Santo — que sustentou, alimentou e fez crescer a inteligência da Europa no seio da sabedoria de Jesus Cristo, sem que por isso deixássemos de distinguir entre doutrina e conduta —, alimentados pelo mesmo espírito de divisão

maligna, como se vê nos seus frutos criminosos, contra os quais não se levantaram de forma alguma, mesmo vendo como os campos da Europa estavam a ser regados com o sangue dos seus filhos, em nome daquele Lutero Malvado e Perverso que afirmou estar disposto a incendiar a Cristandade e o mundo inteiro se o seu Evangelho não fosse aceite; perante os frutos das suas doutrinas, o grito de guerra das forças do inferno que devoravam famílias e povos, este Sínodo de Nicéia calvinista não se reuniu para se escandalizar com os frutos das suas palavras e pensamentos. De modo algum. Reuniram-se porque entre eles se abriu uma brecha que punha em causa o Dever e o Direito dos protestantes de matar em massa todos os católicos e qualquer um que se opusesse aos seus princípios teológicos.

Essa divisão tinha de ser colmatada. Não se podia pôr em dúvida o Direito e o Dever da Guerra Santa Protestante, chamada Guerra dos Trinta Anos, que acabara de começar e da qual esperavam colher a Destruição da Casa edificada por Aquele Sábio chamado Jesus Cristo.

Eles eram a Força Bruta Bestial que, lançada contra aquele Edifício que tinha resistido durante 16 séculos a todo o tipo de ataques monstruosos — e nenhum deles tinha conseguido derrubar as suas Muralhas —, conseguiria o que nenhuma dessas forças predecessoras conseguiu fazer: derrubar o Edifício criado por Jesus Cristo, a Casa da sua Esposa, a Igreja Católica.

Eles iriam mesmo fazê-lo.

Este foi o objetivo almejado pelo Sínodo de Dort perante a oportunidade que a Guerra dos Trinta Anos lhe colocava diante: a destruição da Casa construída por Jesus Cristo, sobre cujos ataques Ele próprio, na qualidade de Deus Filho, deixou claro, dizendo que o Edifício que, na Sua Sabedoria, iria construir em união com o Seu Pai seria submetido a uma Prova. Esta seria a Grande Prova Final, aquela que atacaria o Edifício a partir de dentro.

Os «predestinados a serem os protagonistas dessa Prova Final» pensaram e acreditaram que a Vitória lhes pertenceria; a Igreja Católica passaria em breve a ser história, um conto de velhas na Nova Biblioteca Universal da Nova Era que acabara de começar na Europa; e, sobre as suas ruínas, a Origem da Reforma ficaria estabelecida em Deus. Pelo contrário, se a Igreja Católica sobrevivesse a uma Destruição Dirigida por Deus, isso significaria que a Origem da Reforma era o Anticristo. Portanto, a Guerra que acabara de começar não pararia até reduzir a ruínas a Estrutura da Igreja Católica; consequentemente, era preciso convocar todos ao Martírio como porta de entrada para o Paraíso.

Este era o espírito dos reunidos no Sínodo de Nicéia dos calvinistas daquela Nova Europa dos Santos, a ser construída pela Nova Raça Superior, desde a eternidade escolhida, que finalmente encontraria na Alemanha de Hitler a sua encarnação perfeita.

A análise das conclusões que compõem estes Artigos ou Capítulos só pode ser realizada a partir do espírito de inteligência que provém da Sabedoria de Deus, cujo Espírito de Unidade Eterna nos foi revelado: «Quem vê o Filho, vê o Pai». Portanto, quem despreza Jesus Cristo, despreza Deus. E, mutando mutandis, quem recusa seguir os Princípios da Doutrina do Amor, rejeita o Evangelho do Espírito Santo: «Amarás a Deus acima de todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo». Se declarar guerra ao Próximo, ao irmão, faz parte deste Princípio da Vida Eterna, que cada um julgue por si. Cabe-me a mim fazer o que Deus quer, que é trazer à luz a Mentira e o Veneno da Serpente nas doutrinas do protestantismo.

Tendo analisado os cinco artigos arminianos que motivaram a necessidade de convocar uma reunião do tipo nicena para conter o mal — permitir que o Amor minasse o Ódio, a principal força motriz da Guerra em curso —, passemos à resposta dos Artigos da Raça Superior dos Novos Eleitos de Deus para destruir a Casa que o seu Filho construiu na Terra.

SOBRE A DOCTRINA DA ELEIÇÃO DIVINA E DA REPROVAÇÃO.

1.- *Uma vez que todos os homens pecaram em Adão e se tornaram culpados de maldição e morte eterna, Deus não teria cometido injustiça para com ninguém se tivesse querido deixar toda a humanidade no pecado e na maldição, e condená-la por causa do pecado, de acordo com estas palavras do Apóstolo: ...Para que toda a boca se cale e todo o mundo fique sob o julgamento de Deus... pois todos pecaram e estão privados da glória de Deus (Rom. 3:19, 23). E: Porque o salário do pecado é a morte... (Rom. 6:23).*

A mentira brota da primeira frase. O que é natural: um rio contaminado, sem afluentes que o alimentem nem contribuições externas que o contaminem, tem na sua nascente a origem do veneno que transporta.

Se todos os homens se tivessem tornado *culpados de maldição e condenação eterna*, a Redenção e a Salvação teriam sido e seriam um ataque de Deus contra a Sua própria Divindade.

Ao ler, observa-se que, no momento em que Deus profere a sentença contra o Primeiro Homem, a condenação é temporária, e é o próprio Deus quem convoca a Redenção — isto é, a Liberdade e a Bênção — quando Cristo ainda se encontrava no ventre de Eva, e este Redentor e Salvador a uma distância de milhares de anos de Adão.

De que condenação e maldição «*ad infinitum et ad eternum*» estava este Sínodo a falar? Referia-se à História da Queda tal como foi escrita por Deus, transmitida-nos pelo povo de Israel e mantida pela Igreja Católica na sua pureza original; ou referia-se o autor dortiano a uma história que eles próprios inventaram e para a qual precisavam de afastar o Deus de Cristo e elevar, em seu lugar, o Deus de Calvino?

O Verbo é Deus, e o Verbo é a Palavra de Deus. Portanto, Deus não *pode amaldiçoar à condenação eterna* e, mais tarde, revogar essa sentença sem arrasar a glória da Sua Palavra, de tal forma que, se o fizesse, a Doutrina de Cristo «Seja o teu Sim, sim; e o teu Não, não»: ficaria, por esta disposição antinatural, sem realidade divina.

Desde o próprio Princípio, a Sagrada Escritura diz: «Disse Deus, e assim se fez». Daí que o Espírito Santo tenha escrito: A Palavra é Deus.

Se tivesse amaldiçoado o Homem à condenação eterna, essa sentença não poderia ter sido revogada sem que Deus jogasse a glória do seu Verbo ao vento das circunstâncias. De facto, vemos que a sentença de condenação eterna contra Satanás, «a antiga serpente»,

permanece. E pela mesma razão. A Palavra de Deus é Deus. Este é o Mistério na Sabedoria do Verbo Divino. Que vemos vivo em Deus Filho, o Verbo encarnado. Jesus diz e assim se faz. Ele levanta os paralíticos, devolve a visão, faz andar os coxos, dá a fala e a audição, e ressuscita os mortos. A Sua Palavra é Deus.

Consequentemente, se Deus tivesse amaldiçoado o Homem à condenação eterna, como afirma na sua Confissão o Anticristo de Dort, não poderia ter havido Redenção nem Salvação. E, pelo contrário, se Deus tivesse abolido o que a sua Palavra estabeleceu, a condenação eterna de Satanás poderia ter sido levantada.

Escusado será dizer que matar Cristo era o que Satanás esperava conseguir. Condenado a ter a cabeça esmagada pelo Redentor, filho de Adão, caso esta Vitória não tivesse sido alcançada, a Palavra de Deus teria deixado de ser Deus e Satanás teria encontrado na Queda do Verbo a sua Salvação.

Mais inútil ainda é salientar a demência maligna que o possuía. Que uma simples criatura possa pôr de joelhos o seu Criador, Deus, é demência maligna absoluta e irremediável.

Dito isto, uma vez desmascarada a mentira e a falácia anticristã na primeira frase, sendo a primeira palavra que sai daquela boca dortiana uma declaração anticristã, que necessidade há de prosseguir, navegando por estas águas tenebrosas!? A maldade desta afirmação é anticristã na medida em que destrói a Imagem de Deus, Criador e Pai, Juiz Incorruptível de Sabedoria Infinita, cuja Onisciência Lhe permite escrutinar as causas e as razões, a fim de poder estabelecer um Julgamento baseado na Verdade dos Factos. Quando afirma: *«Deus não teria cometido injustiça para com ninguém se tivesse querido deixar toda a humanidade no pecado e na maldição...»*, o Sínodo está a negar Jesus Cristo, a Luz da qual nos veio a todos a Justiça da Redenção. E o que é mais grave: está a negar que Deus seja Amor e que o Amor seja Deus.

O que é compreensível, pois quem não conseguiu compreender, ou não consegue compreender a Doutrina do Verbo Divino, não consegue entender o que se quer dizer quando se afirma que «Deus é Amor». E é nesta Dimensão do Amor que o Criador se abre à sua Criação, Deus senta-se como Pai entre os seus Filhos e ama-nos com coração de Pai. Afirmar, portanto, que este Pai, em quem o Amor é Deus, pode tanto dar miséria a um filho como dar-lhe glória, segundo o seu capricho, é negar este Fundamento da Doutrina da Salvação, é derrubar a Coluna do Templo, daquele Templo de que o Filho de Deus disse: «Fazei-o, em três dias eu o reconstruirei».

Ai daqueles que o fizeram.

Compreende-se, então, que, naqueles que foram movidos pelo Ódio, e cujo único fim da sua Rebelião era alcançar o Poder, a Imagem do Deus Amor que Jesus Cristo encarnou não encontrasse compatibilidade para ser assumida pela declaração de Guerra Total e Absoluta até ao último homem, que as igrejas calvinistas e as suas irmãs luteranas declaravam à Igreja Católica.

NÃO se pode acreditar e pregar o Amor e, ao mesmo tempo, declarar e abençoar a Guerra, por esta bênção que se tornou Guerra Santa.

O Deus de Jesus Cristo, que assume como sua a Queda do seu filho Adão e jura pela Glória do seu Nome que o homicida encontrará o que merece no dia da Vingança; um Deus que se sente afetado pela morte do seu filho Adão, esse Deus «não se encaixava» naquele Deus «que não tem paixões» da Reforma, e que hoje diz «Sim» e amanhã diz «Não», limitando o seu Poder Infinito à dimensão da relação com a sua Criação.

Porque se Deus pusesse um pé nesta dimensão, seria o próprio Deus quem atiraria a sua glória para o lodo.

A dignidade de Deus, Criador do Cosmos, cuja relação é com o Infinito e a Eternidade, não pode conceber outra relação com a sua criatura viva senão na dimensão do amor. Nesta, Deus torna-se Homem, torna-se Amigo, torna-se Esposo, torna-se Pai.

E este artigo nega precisamente esse Amor Todo-Poderoso que se acende como Fogo e, falando a partir do Fogo, diz: «Eu sou aquele que sou». Palavra na qual a Dignidade Divina se situa na Eternidade e no Infinito. Não é o Homem que se torna Deus, é Deus que se torna Homem... por AMOR.

Neste artigo nega-se esse Fogo no qual a Dignidade de Deus se manifesta sob a forma de uma sarça e que vem até nós com o seu Filho, pois: «O zelo pela tua Casa consome-me».

Neste texto maligno, a imagem de Deus é a de um tirano todo-poderoso que tanto devora um mundo como o deixa viver. Ao Deus de Calvino nada importa; Ele está acima de tudo e de todos. Que o seu filho mais novo, Adão, tenha sido esfaqueado pelas costas, e daí? Será que foi Ele, Deus, a ser esfaqueado? Pode Deus ter o peito traspassado pela lança da traição?

Deus não teria cometido injustiça contra ninguém se tivesse querido deixar toda a humanidade no pecado e na maldição... afirma este servo do Anticristo. Então, a Redenção não se baseava na Justiça?

Segundo esta confissão maligna, a Redenção baseou-se no capricho de um Tirano Onipotente que mata o tempo criando um para ser a vítima e outro para ser o seu carrasco.

O Deus Amor de Jesus Cristo e dos seus Apóstolos, segundo este santo dortiano, foi uma farsa, uma mentira, um embuste. A Justiça da Redenção foi uma Mentira, um teatro.

Segundo este artigo, toda a Bíblia foi uma mascarada, um baile de carnaval em que Deus vestiu a máscara de um rei cujo reino tem na Justiça os seus fundamentos, pedra incorruptível e indestrutível da sua civilização, quando a verdade foi que Deus provocou a Queda e contratou o assassino e a sua vítima para que interpretassem a Queda. Não se pode conceber maior aberração anticristã.

Deus é Poder, diz Calvino. Deus não é Amor. Deus é Poder Infinito, e Poder à imagem e semelhança do Poder dos reis da Terra. Tal como estes estão acima da Lei, e a Justiça é a sua Palavra, assim Deus faz com o seu Poder o que bem lhe apetece, sem que a sua Vontade se baseie em qualquer Espírito de Justiça. O espírito que move Deus, segundo este Artigo, é o de um déspota de Poder Infinito, que faz com o seu Poder o que lhe apetece

apetece; submeter o seu Braço à Força Animal própria de um Ser Inferior, essa Força que moveu Jesus Cristo, e que se chama AMOR, não é própria da Dignidade do Deus dortiano.

Mas o hipócrita dortiano, na sua inveja do santo niceno, não tem escrúpulos em transformar a Palavra do Amor numa lança com a qual dilacerar o peito do cristão:

II. Mas, nisto manifestou-se o amor de Deus para conosco: em que Deus enviou o Seu Filho unigénito ao mundo... para que todo aquele que n'Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna.

Ou seja, o hipócrita dortiano afirma que o facto de nos ter dado o Seu Filho foi uma decisão baseada no capricho do Seu Poder. E para dar ao diabo a máscara com que lhe ocultar o rosto, cega o animal ignorante a quem se dirige esta Semente de Discórdia, dizendo que nos enviou o Seu Filho para que vejamos Nele o «Amor».

Como é que isto se entende! Muito simples: mato por amor a Deus. Faço a guerra por amor a Cristo.

Como é que se pode conciliar a Justiça da Redenção em Jesus Cristo, na qual Deus reconhece a ignorância de Adão, por um lado, e aceita a Sua responsabilidade na traição de Satanás, por outro?, porque Deus sabia que aquela Besta já tinha atacado antes e, segundo a Lei, por um lado devia sacrificar a Besta e, por outro, oferecer um Cordeiro Imaculado em expiação pela ignorância da sua Vítima, nós, o Género Humano.

Esta é a Doutrina da Justiça do Amor, movida pela qual o Filho Todo-Poderoso de Deus, aquele Deus cuja glória este calvinista hipócrita manchou com o sangue do seu irmão católico, e porque a Justiça é o Fundamento do Espírito de Deus, Jesus Cristo ajoelhou-se perante o Criador do Cosmos, o seu Pai, e, oferecendo-se como o seu Cordeiro Expiatório, com o seu Sangue derrubou o Muro entre Deus e o Homem, estabelecendo a Inocência de Deus na formação da Traição da Serpente e a Ignorância do Homem quanto ao conhecimento do verdadeiro Rosto de Satanás.

Foi o Amor de Deus como Pai que se acendeu sobre o cadáver do seu filho mais novo, a Raça Humana, e, transformando-se em Fogo devorador, estendeu até ao Infinito e à Eternidade a Condenação contra o Homicida e Inimigo do seu Espírito. Este é o Fogo que consumia o seu Filho e, estendendo o seu Coração para o Céu, abriu a Porta do seu Paraíso à Humanidade... POR AMOR.

O fraticida, versado no crime mais abominável que existe — matar o seu irmão —, distorce a Palavra da Vida para justificar a sua Guerra Santa até à morte e abençoar o Ódio como força de genocídio, por Deus, segundo ele, ordenado desde a Eternidade; genocídio santo para o qual os Escolhidos são chamados com um apelo irresistível. Recusar-se a matar Abel é uma rebelião aberta contra esse Deus, cujos fundamentos de justiça são o seu próprio capricho; capricho baseado no seu Poder Infinito, déspota tanto mais absoluto quanto o seu Poder é Infinito, Poder que faz do Deus Justo da Bíblia uma quimera e da própria Bíblia um livro imundo, adequado apenas para escravos adoradores do Terror como caminho para a sobrevivência na eternidade.

Todo o homem que não veja na Justiça o Fundamento do Espírito da Salvação, ao ponto de podermos dizer em voz alta e de peito aberto: «Deus é Justiça», e que, pelo contrário, baseie a sua Fé no Terror de um Ser Todo-Poderoso que exige matar o irmão como porta de entrada para o paraíso, venha de onde vier esse homem, esse homem não entrará no Paraíso de Deus.

Insisto: Deus é Amor; a relação de Deus, enquanto Poder, é com o Espaço, a Matéria e o Tempo, ou seja, com o Cosmos... Qualquer homem que se coloque numa relação com Deus na dimensão do Poder é um homem que perdeu o juízo, que não está no seu perfeito juízo. Essa é a relação em que aqueles filhos rebeldes, liderados por Satanás, quiseram situar-se. Deus, no seu Amor de Criador, tentou falar-lhes como Pai: «Nenhuma criatura pode colocar-se perante Deus, o seu Criador, de igual para igual». E concedeu a todos — a eles e a nós —, e assim permanecerá para toda a eternidade, uma Lei Onipotente que, ao afastar-nos dessa dimensão, nos aproxima do Seu Coração; e, ao dizer «NÃO comas, pois morrerás», quis estabelecer este Princípio Ontológico Vital Universal. É no Amor de Pai que nós, Criaturas, alcançamos a nossa Plenitude e encontramos a Vida eterna no Coração deste Criador Maravilhoso que venceu a Morte e superou a Imortalidade, revestindo a sua Criação de vida eterna à Imagem e Semelhança do seu Filho.

Bendito seja Deus, porque, ao tornar-nos todos familiares do seu Filho, fez de nós filhos de Deus; e, sendo família do seu Filho, participamos na Vida deste Filho Todo-Poderoso e Eterno, de quem dizemos: «Deus verdadeiro de Deus verdadeiro».

É, portanto, o Amor a Origem da Redenção, e a possibilidade declarada no artigo inicial: «*Deus pôde ou não pôde...*» é um escândalo maligno perante o Espírito Santo de Deus.

É por isso que a seguinte afirmação é uma semente de discórdia maligna. Pois, tendo sido dado o Evangelho do Amor e tendo sido anunciado a todas as nações durante 16 séculos, surge este pobre ignorante para proclamar a pregação deste «novo evangelho», no qual o Filho, que é Amor, não é nada e apenas Deus, que é Poder, é tudo.

Jesus Cristo é posto de lado. Só Deus é importante. Mas vejamos como ele manipula a Palavra de Deus e a coloca ao serviço do Diabo.

*Para que os homens sejam conduzidos à fé, Deus, na Sua misericórdia, envia **mensageiros desta boa nova** a quem Lhe agrada e quando Ele quer; e, por meio do ministério desses mensageiros, os homens são chamados à conversão e à fé em Cristo crucificado. Como, então, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como pregarão se não forem enviados?*

«*Esta boa nova*», diz o niceno dortiano. Deus, diz ele, aboliu a Boa Nova do seu Filho: «Deus é Amor».

A Boa Nova de Jesus Cristo é declarada obsoleta pelo Sínodo Conciliar Calvinista. A *Nova Boa Nova* é: «Deus é Poder».

E este Poder é motivo de Terror para todos. Terror perante o qual só se pode sobreviver extirpando da Fé o AMOR, para que o seu lugar seja ocupado pela Raça Superior dos Predestinados, investidos do poder de matar todos aqueles que não se ajoelhem perante esta **Nova Boa Nova**.

E, seguindo o Poder à sua vontade, Deus escolhe como seus novos apóstolos quem Lhe apetece.

NÃO há geração pelo Espírito à imagem e semelhança de Jesus Cristo nos seus apóstolos. Agora, o Novo Modelo de Apóstolo é «o niceno-dortiano». Jesus Cristo já se foi, o apostolado tocado por Deus à imagem e semelhança do seu Filho foi abolido, dissolvido. Jesus Cristo não é o Modelo de nada nem de ninguém. O Novo Homem Protestante é criado à imagem e semelhança de Calvino, de Lutero, de Henrique VII, de Zwinglio. Eles são o Modelo Divino, à cuja imagem e semelhança Deus determinou, seguindo esta **nova boa nova** — ou seja, **este novo evangelho** —, que o Novo Homem seja criado.

O Homem Católico, aquele que teve Jesus Cristo como Modelo Divino à cuja Imagem e Semelhança fomos criados, esse Modelo é declarado ultrapassado. Uma Nova Boa Nova, um Novo Evangelho, produz um Novo Homem, o Homem Superior, Predestinado por Deus para ser o Carrasco do seu irmão católico; este deve morrer, dar lugar ao Novo Homem.

Um Novo Evangelho requer uma nova igreja, uma nova religião. A Igreja Católica edificada por Jesus Cristo deve ser destruída, demolida, abatida. Por isso, a Guerra que tinha começado era Santa. Nenhum protestante calvinista devia sentir qualquer problema de consciência perante a Guerra Civil Europeia em curso.

Deus, esse Deus que é Poder, tinha-a escrito desde a Eternidade; o momento tinha chegado e o Carrasco Calvinista devia empunhar o ferro e cortar a cabeça — e não apenas a orelha — ao Homem Católico. Porque a Lei de Jesus Cristo: «Pedro, guarda a espada, pois quem mata com o ferro morre pelo ferro», essa Lei tinha sido abolida. A Nova Lei era: «Mata até não restar nenhum inimigo vivo».

Lutero estabeleceu a sua Lei: «Peca até que o pecado te saia pelos olhos».

Calvino impôs a sua: «Mata com o ferro os predestinados a morrer, porque tu és o Carrasco, és o braço de Deus na Terra, e quem pode resistir a Deus Todo-Poderoso? Faz o teu trabalho, sê fiel, sê obediente, mata até que o teu corpo se afogue em sangue, o sangue dos teus inimigos católicos».

Eram os primeiros dias da Guerra dos Trinta Anos. Era preciso sustentar o Braço Fratricida, dar-lhe forças, alimentar os seus músculos, revestir a sua consciência de bestialidade absoluta.

Porque, caso contrário:

A ira de Deus recai sobre aqueles que não acreditam neste Evangelho. Mas aqueles que o aceitam e abraçam Jesus, o Salvador, com fé viva e verdadeira, são libertados por Ele da ira de Deus e da perdição, e dotados da vida eterna.

De facto, se colocarmos Maomé no lugar onde este concílio calvinista coloca Jesus, ver-se-á que está a apelar ao Homicídio Sagrado como porta para o Paraíso, ou seja, está a apelar ao Martírio aos seus fiéis: «Se aceitares esta Nova Boa Nova e morreres matando o Inimigo Católico : és um Mártir, e a Deus reserva o Paraíso aos Mártires pela Causa deste Novo Evangelho».

Os trinta anos de produção em massa de mártires estavam assegurados.

Mas observamos que este Mártir é o Anti-Mártir Cristão. O Mártir Cristão era aquele que sacrificava a sua Vida em Nome da Fé. Nunca se ouviu, em toda a História do Cristianismo pré-protestante, que um assassino fosse chamado de Mártir. Este tipo de mártir tem sido próprio do Islão. Morrer matando o inimigo cristão era a porta do Paraíso no Império Islâmico. Continua a ser a porta do Paraíso na Jihad contemporânea. No Espírito de Jesus Cristo, este tipo de mártir não tinha lugar no seu Reino; todos os mártires cristãos escolhem morrer em vez de matar.

Neste Novo Evangelho calvinista, a escolha é a oposta: matar é a porta do Paraíso de Deus.

Com esta escolha e este apelo ao fratricídio, fica claro que o Concílio de Dort foi o Concílio do Anticristo.

«A ira de Deus recai sobre aqueles que não acreditam neste Evangelho...»

A causa ou culpa dessa incredulidade, assim como a de todos os outros pecados, não está de forma alguma em Deus, mas no homem. Mas a fé em Jesus Cristo e a salvação por meio Dele são um dom gratuito de Deus; como está escrito: «Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, pois é dom de Deus» (Ef 2, 8). E também: «Porque a vós foi concedido, por causa de Cristo, não só crer n'Ele...» (Fil. 1:29).

Vê-se que o espírito de Dort era mestre na manipulação da palavra escrita. A frase de Paulo aos Filipenses não termina aí, onde se lê:

«Porque vos foi concedido não só crer em Cristo, mas também sofrer por Ele, travando o mesmo combate que vistes em mim e agora ouvis de mim».

A interpretação é clara e cristalina; não permite desinformação. A Fé e a Renúncia à Violência formam um todo que não admite fraturas. A origem é a Cruz. Não é porque os séculos passam que a Lei do Espírito é abolida. A Fé nasce para lutar contra a Lei do Mundo com o Exemplo de Jesus Cristo. São Paulo está a seguir esse Caminho porque é o Único Caminho para a Porta do Paraíso. E esse Caminho é aquele que todo o Homem de Fé, arriscando a sua Vida, escolhe desde o momento em que se declara filho de Deus à imagem e semelhança do seu Filho Jesus Cristo.

Este Concílio coloca na sua boca o Nome do Filho de Deus em vão. E o que é mais terrível, invoca-O para armar o Braço Fratricida, cujo sangue servirá ao Mártir Calvinista para pagar a Cérbero a sua entrada no Paraíso.

E, citando São Paulo, o dortiano volta a distorcer a Verdade, ocultando o espírito de onde nasce a Letra. Pois São Paulo diz:

«Pois pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus»,
verdade divina, mas afirma imediatamente:

«Não provém das obras, para que ninguém se glorie; pois somos obra sua, criados em Cristo Jesus, para praticar boas obras, que Deus de antemão preparou para que nelas andássemos».

Daí se vê que Lutero foi um servo do Anticristo, tal como Calvino, o seu companheiro de armas.

Na verdade, a Redenção é obra de Deus para a salvação do homem e, uma vez que o cristão está vivo, este realiza obras à imagem de Jesus Cristo, na esperança de que, assim como os seus discípulos creram pelas obras de Jesus Cristo, aqueles que ainda não conheceram o bem que é ser filhos de Deus venham a crer pelas obras do cristão.

Assim, a fé surgiu pelas obras de Deus para gerar o cristão e, uma vez gerado, este prossegue a obra da salvação do género humano, realizando obras à imagem e semelhança de Jesus Cristo — obras que não são realizadas para a própria salvação, que já foi realizada por Deus, porque Jesus Cristo não precisava de ser salvo pelas obras que realizava, mas sim para a nossa salvação; e assim, seguindo o seu exemplo, as obras de Jesus Cristo em nós são, para o nosso próximo, testemunho do amor de Deus e força de salvação realizadas em nós por Deus para a salvação da plenitude das nações.

Quem nega o valor destas obras nega Jesus Cristo. Quem nega Jesus Cristo faz o contrário e, em vez de morrer, opta por matar; esse é o anticristo.

EXPLOÇÃO DA PRIMEIRA GUERRA FRATRICIDA EUROPEIA, COMUMMENTE DENOMINADA «GUERRA DOS TRINTA ANOS»

A Guerra dos Trinta Anos foi a última batalha travada pela Reforma. A guerra teve quatro fases: *Período palatino* (1619-1623); *Período dinamarquês* (1625-1629); *Período sueco* (1630-1632); *Período francês* (1635-1648). Nestas fases e ao longo delas, o eleitor

Palatino, a Dinamarca, a Suécia e a França assumiram sucessivamente o papel principal. Foi aos poucos que a guerra se foi complicando, até acabar por envolver no seu campo de batalha todas as nações europeias da época. As causas determinantes que fizeram com que se prolongasse até se tornar indefinida na mente dos habitantes que a sofreram foram:

Em primeiro lugar, a estreita união entre os dois ramos da Casa de Áustria e do partido católico; o partido adversário, movido pelo «Espírito da Divisão», não era homogêneo.

E, em segundo lugar, a inação da Inglaterra, a intervenção tardia da França, a fraqueza material da Dinamarca e da Suécia, entre outros fatores.

A crueldade daquela Guerra Religiosa, que ceifou entre 4 e 5 milhões de homens, além de mutilados, viúvas e órfãos, deveu-se, em essência, ao facto de os exércitos participantes não serem milícias feudais contratadas ou convocadas para uma batalha ou ação específica; eram exércitos permanentes, cujo profissionalismo os seus soberanos não conseguiam sustentar; por isso, viam-se obrigados, com a bênção dos seus contratantes, a viver às custas dos países onde se instalavam. Ou seja, viviam às custas da ruína dos países; violações, confiscações, assassinatos, humilhações... Perante essa situação de miséria e violência criada contra eles, os camponeses preferiram ser soldados a serem vítimas desses exércitos; e passaram a vender a sua força ao serviço do primeiro exército que lhes pagasse, sem se importarem com a bandeira. O resultado foi a criação de dois exércitos sem pátria a percorrer o território alemão, obedecendo a inimigos que disputavam qual deles tinha o projeto mais fantástico de vitória e conquista; já não eram apenas os reis, mas também os próprios particulares que se entregavam ao sonho de serem imperadores nos seus próprios pedaços de terra.

Sob a tempestade que ela própria criou, a Alemanha viveu no olho do furacão de sangue, sem temor de Deus e sem consciência de que o seu derramamento de sangue era a consequência da sua própria luta anticristã contra a Europa milenar. Movida pelo Espírito de Rebelião contra a Civilização, força constante desse povo desde a sua entrada na História sob o nome de Bárbaros, e que permaneceria ativa até ao Terceiro Reich, uma vez terminado o período de paz de sessenta anos de que a Europa desfrutou, com os seus altos e baixos, o imortal Espírito Bárbaro alemão despertou do seu silêncio sob a nova forma do Espírito de Divisão, regressando o alemão ao que mais agradava ao bárbaro: fazer a guerra. Volta a hastear a bandeira antecatólica e convoca todas as nações para o campo de batalha. Logicamente, houve uma nova série de acontecimentos, mas sempre parte integrante da mesma cadeia de acontecimentos que criou o Espírito de Divisão Protestante.

Por volta de 1618, Filipe II já fazia parte da história. Após a sua morte, a paz instalou-se na Europa. Seja porque a evolução de Solimão, o Magnífico, pressionou a Casa da Áustria a manter um status quo protestante-católico em equilíbrio, seja porque, como se chegou a suspeitar, o próprio Maximiliano II (1555-1576) era protestante de coração, o facto é que a mão estendida ao protestantismo desequilibrou essa balança e deu asas a uma corrente fundamentalista interna que se mantinha adormecida, à espera de que esse equilíbrio se rompesse.

Rodolfo II, sucessor de Maximiliano, de quem se dizia que era um idiota e que se apaixonava mais pela alquimia do que pela política, mas menos do que pela coroa, devoto da astrologia, sobre cujo tema, tão profundamente científico, gostava de conversar com Tycho Brahe, entre outros charlatões, bruxos, magos, marionetistas da palavra e

imbécis de todos os tipos; despreocupado aquele Rodolfo II, Imperador das Tolices, com os afazeres do Governo naqueles tempos de paixões silenciadas, à espera do momento de gritar a palavra, entre todas as palavras, a mais bela na garganta de um povo bárbaro: GUERRA; os *jiihadistas* protestantes aproveitaram a idiotice do imperador e da sua corte de tolos para estreitar laços entre si, e criar, às escondidas, uma Liga entre a Áustria, a Hungria e a Boémia, que deveria fazer regressar o Deus das Florestas Negras do seu túmulo para, na sua forma de Deus Oculto de Lutero e Deus do Terror de Calvino, expandir abertamente a sua estrela de destruição pelas nações europeias ao grito de «Morte ao Catolicismo».

Rodolfo II, o Tolo, favoreceu essa causa. O seu sucessor no império e irmão, Matias, não conseguiu evitar o que se previa como inevitável.

O império, no seu conjunto, respirava o fogo da guerra. Os protestantes continuavam a sonhar com o império universal luterano-calvinista e, aproveitando-se das circunstâncias, conquistaram para a sua causa os territórios de Aquisgrã e Donawerth, ao mesmo tempo que desafiavam o imperador a manter os seus privilégios nos seus domínios.

A luta pela sucessão de Cleves e de Juliers entre protestantes e católicos, bem como a destituição do arcebispo de Colónia, somadas a outros conflitos locais, complicaram a coexistência pacífica desfrutada durante os últimos sessenta anos. O Império dividiu-se definitivamente em duas facções em conflito mortal.

Henrique IV de França, aquele de quem se dizia que «París bem vale uma missa», amigo dos protestantes, preparava-se para atirar lenha para a fogueira invadindo a Alemanha quando foi assassinado (1610). Digamos também que a Noite de São Bartolomeu de 1572 e o massacre dos protestantes em França constituíram um escândalo a nível internacional europeu que colocou os protestantes do Império em pé de guerra; o que tinha acontecido em França podia acontecer-lhes a qualquer momento; não se podia permitir que os católicos recuperassem forças. Daí os seus movimentos no sentido de uma defesa armada capaz de passar à ofensiva ao menor grito de guerra da Liga Protestante.

Matias (1612-19) herdou, juntamente com o Império, os seus conflitos internos. Conflitos que não soube resolver na origem. De facto, um ano antes da sua morte, o grito de guerra da Liga Secreta Protestante convocou todos os Novos Santos às armas.

A Boémia, o que hoje é a República Checa, em protesto contra a eleição de Fernando II como rei (1618), revoltou-se em defesa da sua religião. A ordem do novo rei para interromper a construção em massa de templos protestantes desencadeou a ira dos Novos Santos. A 23 de maio de 1618, os representantes da aristocracia, incitados pelo conde de Thurn, capturaram dois governadores imperiais, Jaroslav Martinitz e Wilhelm Slavata, juntamente com o seu secretário Philip Fabricius, no castelo de Hradcany

, em Praga, e atiraram-nos pelas janelas, apesar de o que caíram suavemente sobre um monte de estrume que se encontrava no fosso do castelo. Slavata desmaiou, mas nenhum deles ficou gravemente ferido. Os boémios alegaram que era um *costume antigo do seu país* atirar pela janela os ministros corruptos. Mobilizaram tropas e, não querendo reconhecer Fernando II, «discípulo dos jesuítas», como sucessor de Matias, entregaram a coroa a Frederico V, eleitor do Palatinado, genro do rei de Inglaterra e sobrinho do governador da Holanda.

Foi neste ambiente envenenado que todas as forças dos Predestinados a serem os Carrascos dos seus irmãos europeus — chamados desde a Eternidade pelo Deus Oculto de Calvino e Lutero para decapitar o Corpo de Cristo — convocaram um Sínodo ao estilo de Nicéia, no qual a Guerra Total foi coordenada, embora a sua natureza secreta de comício estivesse dissimulada sob a redação destes Artigos, cuja essência, nascida do Espírito da Divisão, revela a substância anti-cristã que estavam a espalhar pela Europa.

Jesus Cristo, Filho de Deus, o Modelo Divino à cuja Imagem e Semelhança o Homem foi criado, foi definitivamente repudiado. O Ensino de Jesus Cristo foi desprezado e, acima da sua Doutrina, foi erigida a Interpretação Subjetiva e Individual da Bíblia, que torna desnecessária até mesmo a Existência de Deus.

A fé por si só, a Bíblia por si só, o homem por si só: esta foi a cadeia evolutiva do pensamento protestante que tornou a paz impossível e arrastou todos para a guerra total.

E parece evidente que, ao rejeitar Jesus Cristo como Modelo Espiritual, à cuja Imagem e Semelhança o Homem nasce, se rejeitassem também os Padres e Doutores da Igreja, cujas mãos, movidas pelo Espírito Santo, deixaram por escrito tudo o que diz respeito ao Conhecimento Perfeito do Filho de Deus e à Sabedoria da Salvação. Os povos deveriam ter-lhes lido para resolver as dúvidas e esclarecer as obscuridades da época. Os Reformadores manipularam, utilizaram e tiraram partido da invenção tardia da imprensa para expulsar da consciência cristã os Padres e os Doutores da Igreja e colocarem-se eles próprios no seu lugar. Assim, quando a imprensa se generalizou e os livros patrísticos puderam ser de uso público, as mentes dos povos já estavam pré-formadas para a rejeição absoluta e total de todos os Padres e Doutores da Igreja, os quais, abominando a guerra e o fratricídio, foram condenados ao ostracismo literário pelos apóstolos da guerra do Novo Evangelho luterano, anglicano e calvinista.

O Sínodo de Dort foi o Desprezo Final ao Espírito Santo, a sua expulsão da Consciência das nações europeias. Todos deviam abraçar a *Nova Boa Nova* do Deus do Terror que cria Carrascos e Vítimas, e eles, os protestantes, deviam sentir-se glorificados por terem sido predestinados a ser isso mesmo: o Carrasco dos seus irmãos, e não as vítimas.

Deus, como vemos no Seu Livro, fala muito pouco. Tanto é assim que o Milagre, entre todos os milagres, o maior é o fenómeno de uma Doutrina que mal cabe em dez páginas, elevada ao auge da Sabedoria mais Perfeita e Pura jamais concedida. Todos os sábios e aspirantes a santos, criadores de religiões e igrejas, filósofos e cientistas de todas as épocas, perante este fenómeno, ficaram perplexos e, incapazes de acreditar que este Milagre tivesse um suporte real, optaram por lhe virar as costas. A ignorância reveste-se de muitas formas. O Suporte Material Real Universal desse Milagre é a Igreja Católica. Por isso, não há Salvação fora dela.

Ao contrário do nosso Criador e Mestre Divino, aqueles que O desprezaram e acreditaram que poderiam tecer uma Doutrina infinitamente mais perfeita e pura do que a Dele, incapazes de possuir inteligência, recorreram à Bíblia para compensar a sua demência e, afirmando uma Mentira, rodearam-na de dezenas de frases lapidares, na crença de que na profusão de palavras reside a graça.

Por isso, cada artigo desta Confissão de Fé Anticatólica, que nasce no seio do crime contra a humanidade, elevando uma raça superior até ao Terceiro Reich, cujos membros acabarão por se matar entre si até devorarem as suas almas, estende a sua desgraça sobre pontos e pontos nos quais aprisionar, na sua rede de divisão, os ignorantes.

Caim tem de matar Abel, é esta a Confissão de Fé que o Primeiro Artigo impõe, e a recusa de Caim em fazê-lo acende a ira de Deus e a condenação ao inferno contra o infiel.

Esta é a Conclusão do Primeiro Artigo dos Novos Santos Apóstolos do Novo Evangelho Luterano Calvinista. Após os cinco pontos analisados, o Confessor prossegue com a sua manipulação anti-apostólica dos Textos do Espírito Santo. E aqui, e dado que a redundância não beneficia senão aos tolos, e a fim de lhes demonstrar a caridade cristã que consiste em revelar-lhes a mentira em que têm vivido por medo da espada dos seus pastores, passarei ao Segundo Artigo deste Manifesto Jihadista, convocando todos os fiéis para a Guerra Santa contra a Fé Católica, natural ao mundo europeu há dezasseis séculos.

SOBRE A DOCTRINA DA MORTE DE CRISTO E DA REDENÇÃO DOS HOMENS POR ESTE

Deus não é apenas misericordioso em grau supremo, mas também justo em grau supremo. E a Sua justiça (tal como Ele Se revelou na Sua Palavra) exige que os nossos pecados, cometidos contra a Sua majestade infinita, não sejam apenas castigados com castigos temporários, mas também com castigos eternos, tanto na alma como no corpo; castigos dos quais não podemos escapar, a menos que a justiça de Deus seja plenamente satisfeita.

Neste artigo e nos seus pontos correspondentes, o Confessor recorre à Doutrina dos Santos Católicos que forjaram a Teologia da Igreja, uma política dialética que se observa nas outras Confissões daquela época, quando, após imporem o Novo Evangelho, cada uma das Confissões se refugiou imediatamente no credo católico por excelência, a fim de mascarar o verdadeiro rosto por trás das suas oferendas, o rosto desse Deus Oculto que puxava os fios para conduzir a Civilização Europeia à sua ruína.

É evidente que quem não tem inteligência, quem é analfabeto e nunca leu a Biblioteca dos Santos, esta ação viral de extrair o Núcleo da Verdade Católica para o implantar na Semente Maligna da Divisão das igrejas, devido à natureza da sua deficiência intelectual, devia parecer-lhe — e até deve parecer-lhe — um fenómeno divino. O facto é que os povos nos quais foi semeada a Semente Maligna da Divisão das Igrejas eram povos analfabetos, povos que, em toda a sua vida, nunca tiveram uma Bíblia nas mãos e muito menos, como digo, acesso à Biblioteca dos Santos. Não digo isto para os condenar, mas para os compreender. É fácil manipular quem não tem conhecimento sobre o assunto em questão. Conscientes deste facto, os líderes da Rebelião Protestante criaram as suas próprias Bíblias e, erguendo à sua volta «as Muralhas da Bíblia Única», proibiram o acesso desses povos — uma vez generalizada a imprensa — à Biblioteca dos Santos Pares e Doutores da Igreja Católica, precisamente por isso:

porque eram católicos, e todos os católicos eram demónios, predestinados por Deus ao Inferno.

Não há nada pior do que um ignorante que faz da sua ignorância uma sabedoria. Fazer-lhe compreender que é um escravo ao serviço de senhores que venderam a sua alma ao diabo, e que ele próprio é uma dessas trinta moedas de prata, pode revelar-se exaustivo.

No entanto, e mesmo procurando no Credo Católico a sua legitimação teológica, o Confessor Dortiano não pode, dada a sua origem calvinista, atribuir a Jesus Cristo a glória de REDENTOR, essa glória perante a qual todo o Céu O proclama digno do trono de Deus; e é por isso que, no ponto seguinte, se refere a JESUS CRISTO como MEDIADOR.

*Mas, uma vez que nós próprios não podemos satisfazer e libertar-nos da ira de Deus, por esta razão, movido pela Sua infinita misericórdia, Ele deu-nos o Seu Filho unigénito como **MEDIADOR**, o qual, a fim de satisfazer por nós, foi feito pecado e maldição na cruz por nós ou em nosso lugar.*

Nesta sentença, não só se menospreza a Glória do Redentor Imaculado, como se afirma que Ele foi feito *Pecado e Maldição*. Pois se «foi feito», isso significa que era um Pecador, e se «foi feito» Maldição, isso significa que era um Amaldiçoado.

Evidentemente, a fonte de quem fala assim do Redentor Imaculado só pode ser o Anticristo, cuja rebelião teve origem na inveja deste Redentor, imaculado desde a eternidade em virtude do Espírito do seu Pai. Afirmar *que os pecados cometidos em Adão exigem ser castigados com castigos temporais e também com castigos eternos, tanto na alma como no corpo*, é um insulto absoluto e uma ofensa imunda contra a natureza de Deus Pai, insulto e ofensa que nos revelam a sabedoria absurda e a completa ignorância do confessor dortiano sobre o verdadeiro conhecimento do Filho de Deus, que, se tivesse lido os doutores e os Padres da Igreja, teria podido alcançar e, com essa compreensão, ter-se poupado de se ver agora nesse quadro daqueles que cometeram *pecados contra a Sua majestade infinita*.

Majestade Infinita que, nos lábios e nas mãos deste Confessor, não tem qualquer significado e surge desprovida de qualquer contexto espiritual. Pois parece mais do que evidente que a Ofensa contra Deus cometida pelo ANTICRISTO não foi contra a Sua Majestade, mas sim contra o Seu Amor de Pai. Acreditar que um pai humano possa, devido a uma Ofensa do seu filho pequeno, chegar ao ponto de o torturar até à morte, não é apenas patético, é também desumano. Assim, se nós, pais, sendo maus e imperfeitos, nem mesmo num momento de loucura nos deixaríamos levar pela ofensa do nosso filho até ao extremo demoníaco de o torturar durante toda a vida e culminar a crueldade com a sua morte, quem é este Confessor que ofende Deus afirmando que Deus é esse Pai de crueldade infinita, capaz do mais terrível?

A resposta é óbvia: só quem acredita que Deus é o Terror e que a sua fonte de inspiração é o Anticristo pode proferir tal blasfémia imunda contra a Paternidade Divina.

Jesus Cristo veio mostrar-nos, na Sua Pessoa, esse Pai de Amor Infinito pelos Seus filhos, vivendo com o Coração traspassado pela Injustiça que a Sua Criação está a sofrer,

mas contra a qual não pode fazer senão o que faz, olhando para o Futuro da Eternidade de todos os seus filhos. Esse Amor penetrou tão profundamente no Mundo Apostólico que transformou as lágrimas de dor em lágrimas de alegria e, do sofrimento, a raiz de todas as Virtudes do Homem. O Amor a Deus superou o Temor de Deus; pelo Amor, o Temor tornou-se perfeito.

Este Confessor, tal como todos os seus irmãos *na Nova Boa Nova*, ficou preso ao Temor na sua forma de Terror e desprezou o Amor «ao Próximo como a ti mesmo». A partir do momento em que o Protestantismo se tornou calvinista, esse Amor transformou-se em Ódio e, na prática, o cristão tornou-se anticristão.

Quando se diz que Deus destina uns ao Céu e outros ao Inferno, está-se a cometer um pecado contra a Majestade Infinita de Deus Pai e Filho.

Tudo o que este Confessor possa acrescentar em defesa deste Artigo é dar ouvidos ao próprio Diabo.

CONCLUSÃO

O Sínodo de Dort, realizado no primeiro ano da Guerra dos Trinta Anos, não foi um Concílio Universal da Igreja, mas sim uma manifestação anticristã a favor da continuação da guerra antecatólica até à vitória total das forças protestantes unidas numa liga fratricida. O apelo era claro e firme: todos os protestantes tinham o dever, na qualidade de eleitos pela predestinação para a vida eterna, de pegar em armas e sacrificar as suas vidas pela causa da destruição da Igreja Católica, sendo o martírio a chave que lhes abria as portas do Paraíso.

A pedra angular deste Sínodo foi o Deus Oculto de Lutero, que retirou a máscara em Calvino e se revelou como Poder Infinito, perante o qual nada nem ninguém pode resistir, e, tendo decretado a destruição da fé católica, quem resistisse ao martírio conheceria a Sua ira e compreenderia, no tormento dos infernos, o que acontece quando o amor se transfigura em terror.

Todos os artigos desta Confissão, disfarçados numa resposta universal do calvinismo fundamentalista à dissidência pontual arminiana, tinham como objetivo manter viva a Declaração de Guerra Santa Protestante, convocando ao martírio milhões de camponeses e príncipes de todas as nações da Liga.

EPÍLOGO ESPECIAL

Visto que a Ignorância foi a raiz do problema, falando entre irmãos, e porque houve Ignorância houve Redenção, onde vemos que se cumpre o ditado anterior, e, portanto, a ignorância sobre aquelas coisas das quais o Filho de Deus disse que, se não se compreendessem as coisas da Terra, menos ainda se compreenderiam as do Céu, razão pela qual, obedecendo ao seu Pai, manteve o silêncio sobre ambas as coisas, as do Céu e as da Terra, que hoje já estão escritas e descritas na HISTÓRIA DIVINA DE JESUS CRISTO, e porque o Silêncio de Deus, na sequência da Queda, se tem mantido apesar do Seu Amor, mas em virtude da Sua Sabedoria em prol da Salvação Universal, cujos pressupostos não incluíam exclusivamente a Vida do Homem, mas a de toda a Sua criação, e porque esse silêncio foi mantido tanto pelo Filho como pelo Espírito Santo, vemos que o mundo continuou a mover-se sob a Lei da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, cujo fruto, a guerra, todas as nações têm provado até aos nossos dias.

Compreende-se que, conhecendo a Preocupação do seu Pai pelo Futuro da Criação, o nosso Rei, Jesus Cristo, consciente da perpetuação desse Silêncio até ao Dia em que a Liberdade dos filhos de Deus despertaria no Homem, visse a Divisão das igrejas ainda antes de estas se lançarem na estrada dos séculos. Tanto na parábola do joio como na das virgens, vemos essa Sua Preocupação, sobre a qual Ele não deixou de falar aos Seus irmãos, os apóstolos, para que as Suas palavras chegassem aos Seus servos, os bispos, e estes se mantivessem alertas e vigilantes contra a sementeira do joio maligno da divisão. A este respeito, uma vez restaurado na Sua Glória, comunicou ao Seu irmão São João o acontecimento ordenado por Deus no Primeiro Juízo contra o Mundo Antigo e os rebeldes, que não são deste mundo, da prisão e libertação do Diabo; revelando assim que o Maligno, uma vez libertado, daria início à sua sementeira de divisão entre as igrejas. Mais uma razão para estarmos atentos e vigilantes e não adormecermos na glória dos louros da Vitória sobre todos os inimigos que a Morte suscitaria à Igreja Católica.

No início do Segundo Milénio, a Vitória da Igreja era absoluta. Ninguém na Civilização, com exceção da nação alemã, se atrevia a levantar-se contra o Episcopado Católico e a transformá-lo no seu servo ao serviço do seu Império. Deus levantou Gregório VII para acalmar as águas. Mas isso não impede que o Cisma do Oriente se tivesse consumado e, com ele, a Queda do Império, que se separou da Civilização Europeia para seguir o seu caminho e preferiu viver sob o jugo do Islão a partilhar os males e os bens com a sua irmã católica. E, como foi isso que os gregos escolheram, foi isso que tiveram: a escravidão sob o jugo do Islão.

O Espírito de Jesus é o espírito da Profecia. Está escrito. Mesmo que tivessem passado mil anos e passassem outros quinhentos, a Grande Semeadura da divisão das igrejas pelo Anticristo teria lugar. Apesar de tudo e sabendo São Pedro que a Fé sem o

conhecimento de todas as coisas se corrompe — como de facto aconteceu e se pode ver nas diferentes etapas da «Noite dos Bispos» —, no início do século XVI essa corrupção voltou a manifestar-se de forma virulenta e escandalosa, a que, embora clamasse ao Céu, e foram muitos os santos e santas que pediram reformas nos costumes e condutas, o Papado, os bispos e os cardeais fizeram ouvidos moucos.

É verdade que Savonarola foi longe demais, mas nunca tão longe quanto os crimes daqueles contra quem a sua Voz se fez ouvir chegaram perante o Senhor. Os inúmeros crimes que o Papado do século XV colocou aos pés de Deus justificam Savonarola perante o Juiz do Universo. O homem nunca procurou a destruição da Igreja nem a renovação da Doutrina, pois, no que Deus escreveu, a mera ideia de a interpretar de acordo com a mentalidade dos séculos é coisa do Anticristo. Deus diz e assim se faz; Deus fala e todos ouvem. Ponto final. Qualquer palavra que pretenda corrigir Deus é rebelião; não porque, se a injustiça viesse de Deus, o homem devesse dobrar os joelhos por temor a Deus, mas porque, sabendo que Deus é Amor, o Seu Sopro é de Vida. E a mera ideia de fazer com que esse Sopro passe pelo filtro da interpretação é obra do Maligno, e o Maligno é o Anticristo.

Ninguém pode julgar os seus semelhantes. O julgamento é da competência de Deus, e Deus colocou-o nas mãos do Seu Filho para que, sendo este Filho a Origem do nosso amor a Deus, nos apresentemos perante Ele com a confiança de quem, tendo Nele um Pai Maravilhoso, confia que o Seu Julgamento será de Bondade e Misericórdia para um Mundo que, entregue à Lei da Guerra desde a sua Infância, foi apanhado nas redes da Morte e conduzido à sua Destruição por quem preferiu ser Príncipe das Trevas a filho da Luz.

No seu Amor pela sua Criação, o Criador e Pai de Jesus Cristo, que, não podendo romper o seu Silêncio devido à Necessidade da Morte do seu Cordeiro, quis estabelecer um Dia em que esse Silêncio cessasse e o seu Espírito de Inteligência se abrisse a todas as igrejas e à Plenitude das nações, de modo que, sendo absoluta a Semeadura do Joio, as Virgens tivessem alguém que, saindo em sua busca, carregado do Óleo do Conhecimento da verdade de todas as coisas, as do Céu e as da Terra, lhes oferecesse às Insensatas para que não fossem comprar o que lhes seria dado de graça, e, seguindo as suas irmãs Prudentes, todas entrassem na Casa do Senhor, após o que, fechadas as portas, o Anticristo não voltaria a entrar nos seus pensamentos e mentes.

Esse Dia já chegou. É a Obra Maravilhosa daquele Deus que, por Amor à sua Criação, sofreu no seu Ser a Cruz dos seus filhos.

Escrita A HISTÓRIA DIVINA DE JESUS CRISTO e chamadas as Tolas à Prudência com este CONTRA O ANTICRISTO, esse Dia manifesta-se para a Salvação de todas as igrejas e da Plenitude das nações do Género Humano.

Que o Leitor não considere, pois, que, no zelo pela verdade, as minhas palavras tenham sido duras. O metal que choca contra o metal em plena Batalha Final soa duro. NÃO poderia ser de outra forma. Não é a imperfeição do homem que conta, mas o Amor de Deus que, na

fraqueza da sua Criação se manifesta para chamar todas as igrejas à Unidade, quebrada pelo Anticristo.

A MINHA esperança é a esperança do meu Criador, de que todas as igrejas cumpram a Vontade de Deus, e a esperança do Anticristo, de que a Divisão se consuma na Destruição da Casa do Senhor na Terra. Esperança demencial. A Palavra de Deus é todo-poderosa: a igreja que não obedecer permanecerá de fora, nas trevas.

A virgem insensata que não aceitar o óleo que o Filho do seu Senhor lhe oferece em nome de Jesus Cristo perder-se-á nas trevas e deixará de existir no século vindouro e pelos séculos dos séculos.

Além disso, tenho a Palavra do meu Deus e Pai, e ELE disse-me: «EU SOU A RESPOSTA», por isso, quem quiser saber se falo segundo o que ELE me deu para falar ou se falo por mim próprio, que se dirija a ELE e ELE responder-lhe-á. Ele responde pelo seu Filho. Eu sou apenas a sua Criação. Em fazer a sua Vontade está a Salvação de todos, mas também a de cada um.

Pois, para além do que cada UM DE NÓS É, TODOS SOMOS cidadãos do Seu Reino; não há ninguém mais ESPECIAL do que outro, nem outro mais COMUM; todos somos UM, o HOMEM. A Lei é a mesma para todos.

E esta Lei é a Palavra de Deus

«QUE TODAS AS IGREJAS SE UNAM NUMA ÚNICA E EXCLUSIVA»

27/11/2020

ZARAGOZA

C.R. Y&S